

José Ricardo Ramalho  
Organizador

# Uma presença no tempo

A vida de  
Jether Ramalho

2<sup>a</sup> edição  
E-book



Jether Ramalho sempre apresentou, desde que o conheci, um perfil aberto para leitura dos mais variados autores e linhas de reflexão. Preocupado que sempre foi com as condições de vida das camadas populares e, particularmente, com o drama e a dificuldade da educação, manteve-se atento ao ensino dos clássicos das Ciências Sociais. Há que se destacar sua permanente e saudável visão interdisciplinar. Embora fosse, claramente, um cidadão engajado na luta contra os regimes autoritários e portador de ideais progressistas, jamais assumiu posturas dogmáticas, militantes e intolerantes na sua atuação como professor e pesquisador.

#### GILBERTO VELHO

Reconhecido internacionalmente por seu compromisso com a proposta ecumênica, especialmente aquela articulada a partir do Conselho Mundial de Igrejas, Jether tornou-se uma referência obrigatória no âmbito do movimento ecumênico no Brasil e na América Latina. O filho de um importante pastor da Igreja Congregacional brasileira veio a tornar-se uma referência ecumênica significativa para um destacado setor da Igreja Católica Romana, tanto no âmbito do clero e dos leigos das comunidades como entre numerosos membros da alta hierarquia dessa igreja.

#### ZWINGLIO M. DIAS

É notável a força ecumênica do Jether. Ecumenismo para ele não foi um discurso, foi um modo de ser que se manifesta de várias formas, desde as relações mais pessoais até as práticas mais formalizadas. Não existe nele qualquer fundamentalismo: nem político, nem ideológico, nem religioso.

#### BEATRIZ COSTA

Segundo conta Elio Gaspari em um de seus livros sobre os anos de ditadura, foi Jether quem levou aos Estados Unidos e ao Senador Church, presidente da Comissão de Assuntos Exteriores do senado norte-americano, um dossiê sobre a repressão em nosso país. Realizou incontáveis ações de ajuda, ocultando companheiros, apoiando, encaminhando-os para o exterior. Tudo na maior discrição e cuidado, quase sem fazer ruído. Muitas dessas ações não são conhecidas ainda hoje.

#### LUIZ ALBERTO GÓMEZ DE SOUZA

A experiência de vida e de fé de Jether Ramalho (...) foi um testemunho de um pastor da unidade, que (...) firmou o compromisso de empenhar-se na causa da unidade, justiça, paz e integridade da Criação. (...) É fonte de inspiração para amar, resistir e sonhar; e acreditar que (...) um outro mundo é possível.

#### MAGALI DO NASCIMENTO CUNHA

UMA PRESENÇA NO TEMPO  
A vida de Jether Ramalho

# Uma presença no tempo

## A vida de Jether Ramalho

**José Ricardo Ramalho**  
Organizador

**2ª edição - E-book**



São Leopoldo  
2021

Copyright © 2021 José Ricardo Ramalho

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 Bairro Scharlau  
93120-020 São Leopoldo RS  
Tel. (51) 3568-2848 Fax 3568-7965  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

EDIÇÃO DE TEXTO  
José Ricardo Ramalho

PROGRAMAÇÃO VISUAL  
Anita Slade

REVISÃO  
Paulo Roberto Salles Garcia

FOTOS  
Arquivos da família de Jether Ramalho e  
dos autores dos depoimentos

Catálogo na Publicação  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil CRB 10/1184

---

P928 Uma presença no tempo a vida de Jether Ramalho / 2. ed. [E-book].  
Organizador José Ricardo Ramalho. São Leopoldo :  
Oikos, 2021  
288 p. : il. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5974-014-7

1. Autobiografia Ramalho, Jether. 2. Jether Ramalho  
Vida e obra. 3. Evangelização popular. 4. Justiça social.  
I. Ramalho, José Ricardo.

---

CDU 929 RAMALHO, JETHER

---

# SUMÁRIO

Uma história para ser contada <i>José Ricardo Ramalho</i>	7
Histórias de vidas entrelaçadas – trajetória de Jether, presença de Lucilia	13
Amigos e parceiros	
FOTOGRAFIAS <i>Rubem Alves</i>	53
JETHER RAMALHO: ANCIÃO BÍBLICO, MESTRE, COMPANHEIRO <i>Leonardo Boff</i>	73
PRESENÇA NO TEMPO <i>Julio de Santa Ana</i>	79
ENTRE O CERRADO E OS ANDES <i>Carlos Rodrigues Brandão</i>	97
JETHER, COMPANHEIRO DE MUITAS ANDANÇAS, ATÉ HOJE! <i>Beatriz Costa</i>	109
O JETHER, SEMPRE PRESENTE! <i>Tomiko Born</i>	115
SOBRE UM ARTICULADOR DE SONHOS... <i>Zwinglio M. Dias</i>	123
JETHER, A COERÊNCIA E O COMPROMISSO <i>Luiz Alberto Gómez de Souza</i>	127
JETHER, FIEL AMIGO E COMPANHEIRO DO CESEP <i>José Oscar Beozzo</i>	133
UMA CARTA SOBRE JETHER <i>Carlos Mesters</i>	139

JETHER, AMIGO, PAI E IRMÃO <i>Tereza Cavalcanti</i>	145
JETHER, UMA PESSOA FRATERNA E PROTAGONISTA! <i>Luiz Eduardo W. Wanderley</i>	151
CIÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA <i>Gilberto Velho</i>	155
O PERSONAGEM, O AMIGO QUERIDO, O PASTOR DA ESPERANÇA: JETHER PEREIRA RAMALHO <i>Maria Helena Arrochellas</i>	161
JETHER RAMALHO: MELHOR É SER PONTE QUE SER PONTO <i>Edson Fernando de Almeida</i>	165
JETHER PEREIRA RAMALHO E A DENOMINAÇÃO CONGREGACIONAL <i>Manoel Bernardino de Santana Filho</i>	173

### Ideias e publicações

ORGANISMOS ECUMÊNICOS, IGREJAS E MOVIMENTOS POPULARES	183
AS CARACTERÍSTICAS PEDAGÓGICAS DOS COLÉGIOS PROTESTANTES E AS CATEGORIAS IDEOLÓGICAS DO LIBERALISMO	207
MEIO SÉCULO DE COMPROMISSO ECUMÊNICO	221
ECUMENISMO BROTANDO DA BASE	229
ECUMENISMO – FONTE DE ESPERANÇA	235
SINAIS DE ESPERANÇA E DE JUSTIÇA	245
ALGUMAS NOTAS SOBRE DUAS PERSPECTIVAS DE PASTORAL POPULAR: A DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E A DOS GRUPOS EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS	253
HÁ OUTROS COMPANHEIROS NESTA CAMINHADA	267
O PAPEL DOS “MALDITOS DA TERRA”	273
A MARCHA SILENCIOSA DOS POBRES EM BUSCA DE TRABALHO: MIGRAÇÕES NA AMÉRICA LATINA E A PARTICIPAÇÃO DA IGREJA	279

# UMA HISTÓRIA PARA SER CONTADA

*José Ricardo Ramalho*

---

Professor e pesquisador do Instituto de Filosofia  
e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro – UFRJ

A trajetória de uma vida leva as marcas do convívio em sociedade, ao mesmo tempo em que pode revelar a força da ação individual em processos mais amplos de mudança social. É o que se expressa neste livro sobre Jether Ramalho. O relato autobiográfico seria suficiente para mostrar àqueles que não o conhecem um caso exemplar de história pessoal que junta, em um só personagem, as características de indivíduos que não se omitem diante dos desafios da vida pública, que se engajam nas melhores lutas em prol do bem comum e que têm a capacidade de deixar seguidores e admiradores tanto em sua própria família como na legião de amigos que se reúnem a sua volta.

Este livro, no entanto, tem como propósito mostrar não só uma autobiografia, mas também os vários contextos sociais que marcaram a história recente do Brasil e da América Latina em que o personagem se fez presente. Por essa razão, parceiros de todas as horas foram chamados a compor essa narrativa e o fizeram em depoimentos sobre os diferentes momentos históricos em que a relação de trabalho e cumplicidade se deu. Já a seleção de textos escritos pelo próprio Jether, na parte final do livro, agrega ao trabalho da memória as manifestações de uma atuação intelectual como reflexo das diversas formas de intervenção social que tem marcado a sua vida.

Organizar um livro sobre o próprio pai pode parecer uma tarefa fácil, mas não é. Ainda mais quando o personagem principal, aos seus 87 anos, continua tomando parte nas atividades por meio das quais sua presença foi notada ao longo dos anos. Coube a mim, talvez pelo fato de ser o primogênito, a responsabilidade de juntar esforços para registrar a história cujo significado ultrapassa muito a esfera das relações familiares. As diversas fases de sua vida plena de realizações revelam características de uma pessoa especial, que, além de cumprir suas atribuições de pai, marido e cidadão, também faz a diferença nos campos sociais em que atua,



mediante sua incansável dedicação às boas causas coletivas que visam acima de tudo a busca da justiça social, a reparação das desigualdades sociais, o culto à tolerância religiosa aliado ao engajamento político a favor dos pobres, a luta pelo respeito à liberdade nas suas mais variadas manifestações e a resistência ao autoritarismo político que virou a marca de muitas experiências tristes no Brasil e na América Latina.

Em conjunturas adversas fica registrada a maior parte de uma trajetória que associou por um tempo a profissionalização assumida em virtude da estratégia da família nuclear de origem com o engajamento permanente e apaixonado nas atividades da igreja protestante desde a juventude, e foi se atualizando em fases distintas, acompanhando suas mudanças de concepção sobre o mundo e a religião. A herança familiar decisiva foi a dedicação e o envolvimento dos pais com o trabalho voltado à ação social da igreja (protestante), que deixou como marca o espírito de uma liderança preocupada com as causas coletivas.

As iniciativas voltadas para a vida pública a serviço dos mais necessitados aparecem em várias ocasiões, no relato de Jether, e vão desde a atuação entre os jovens das igrejas, passando por uma rápida – porém inspirada – passagem pelo Exército, quando graças a um arranjo criativo se pôs a ensinar soldados vindos do interior as primeiras letras. Tais iniciativas alcançam ainda a gestão, durante anos, de um orfanato de crianças pobres, que para as igrejas protestantes associou 21 de abril a outro significado: o dia da festa que a cada ano reunia milhares de pessoas de todo o estado do Rio de Janeiro na tarefa de arrecadar fundos para a instituição e celebrar aquele momento raro de união de diferentes vertentes dentro da cena protestante.

Toda essa história pessoal passou a contar, a partir do final dos anos 1940, com a participação decisiva de Lucilia Garcia Ramalho, esposa desde então, formando uma dupla afinada e sintonizada no cuidar dos filhos e da casa e na participação na vida pública. O empenho de Lucilia era digno de admiração e anunciava a vocação para o trabalho social que continuou depois com o Centro de Recuperação Infantil da Igreja de Ipanema. O entrelaçamento das vidas tem sido de tal ordem que não se poderia deixar de incluir no livro trechos do relato de Lucilia gravado recentemente, lembrando outros aspectos relevantes da história de vida de Jether e da família, que ela teve a sensibilidade de guardar nos arquivos de sua memória.

O envolvimento de Jether nas atividades da igreja protestante nos anos 1950/1960, como componente do grupo de jovens que já testava os limites políticos da ação da igreja na perspectiva do ecumenismo e das demandas da conjuntura nacional conflituosa da época, o tornou um entusiasta da iniciativa conhecida como “Conferência do Nordeste”, realizada em Recife, em plena ebulição do início dos anos 1960. No evento, de grande repercussão local, os protestantes juntaram-se a outras forças políticas para reivindicar reformas econômicas e mudanças urgentes no país com graves problemas de desigualdade social. Mais relevante, como enfatizado por Jether em seu relato, o fato de esse evento ter sido o prenúncio de ajustes mais profundos na ação pastoral e teológica de um grupo de importantes igrejas protestantes, antecipando a “opção pelos pobres”, da Igreja Católica, expressa no documento de Medellín em 1968.

A coragem de mudar os caminhos da vida em plena carreira profissional de sucesso – uma clínica odontológica de numerosa clientela – foi demonstrada por Jether quando, após o golpe militar de 1964, o trabalho político que realizava com outros colegas, por meio das instituições da igreja (protestante), se tornou incompatível com os tempos sombrios trazidos pelos militares. Nesse contexto foi estudar Ciências Sociais na antiga FNF da Universidade do Brasil. No meio de uma turma de jovens disposta a contestar o regime, foi aluno diferente, mas com liderança explicitada no calor dos embates com figuras autoritárias que pontificavam na universidade naquela época. E tornou-se professor dedicado, formou algumas gerações de cientistas sociais ao longo dos anos 1970 e 1980 em seus cursos de “Introdução à Sociologia”, com sua insistência na leitura e discussão de A imaginação sociológica de Wright Mills. Aulas às sete horas da manhã, tudo tinha que ser fichado, e os alunos aceitavam as regras como mais uma prova de seriedade do professor.

Recentemente estive em uma comemoração anual de ex-alunos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, comentei que estava organizando um livro sobre Jether e que tinha separado uma seção para relatos e testemunhos de pessoas que com ele haviam convivido. Os que haviam sido seus alunos logo se prontificaram a falar também sobre a importância de tê-lo como professor. Fica, pois, mais esse registro da sua vida profissional, o da atuação acadêmica.

A combinação entre o trabalho acadêmico e o exercício político por intermédio da igreja fortaleceu as atividades às quais se dedicou na

maior parte da sua vida, buscando permanentemente integração entre diferentes credos religiosos e entre diferentes igrejas em torno de uma ação pastoral ecumênica voltada para a transformação da realidade social do Brasil e da América Latina. Nessa perspectiva tornou-se um dos principais articuladores do CEI (Centro Ecumênico de Informação) nos anos 1960 e nos anos 1970 e um dos fundadores do Cedi (Centro Ecumênico de Documentação e Informação). O protagonismo exercido durante a existência dessas instituições, principalmente do Cedi (que se rearticulou em quatro novas instituições em 1993), fica evidente quando se faz um balanço das atividades políticas e ecumênicas realizadas durante os vinte anos de existência da instituição. Como parte do coletivo que se organizou e trabalhou com ações de formação política, documentação, divulgação e reflexão teológica, a presença de Jether teve a liderança e a legitimidade que lhe conferiam o compromisso com uma igreja que fosse voltada para o respeito aos direitos humanos, ao apoio aos movimentos populares e à solidariedade com os mais pobres da nossa sociedade. O ecumenismo, principal bandeira empunhada nesse campo, foi portanto marcado pelo compromisso social.

Parte importante do trabalho de Jether no Cedi se fez como editor da Revista Tempo e Presença. A publicação ganhou um perfil peculiar ao reunir sempre matérias sobre a realidade social e sobre novos caminhos da reflexão teológica, colocando permanentemente em diálogo autores vindos de diferentes origens institucionais e profissionais, tendo em comum a perspectiva de contribuir para esclarecer e fazer pensar sobre os principais problemas sociais do Brasil e do continente. Milhares de revistas sempre chegavam para um público, principalmente engajado, em trabalhos de base e comunidades religiosas e também em sindicatos e organizações políticas.

O contexto econômico e político brasileiro se confundia com o contexto latino-americano nos anos 1970 e 1980. Na era das ditaduras, o papel desempenhado pelos setores progressistas das igrejas, no combate à injustiça e na crítica às desigualdades sociais foi fundamental, o que também exigiu uma postura de reunião de esforços e maior compreensão com relação às diferenças de rito e de interpretação teológica. O movimento ecumênico internacional, portanto, tornou-se um instrumento decisivo de contestação política e de atuação entre os perseguidos políticos – trabalhadores, intelectuais, populações inteiras marginalizadas

pelas políticas econômicas e pela repressão policial e militar. Aqui possivelmente esteja um dos pontos mais destacados da trajetória que vimos descrevendo: uma importante combinação de fatores sociais e pessoais que permitiram uma atuação firme e corajosa em escala continental por meio dos Programas do Conselho Mundial de Igrejas, associando-o a uma brilhante geração de teólogos, cientistas sociais e educadores, originários de vários países da América Latina, que formaram um verdadeiro time de formuladores e estimuladores de uma ação conjunta das igrejas a favor de transformações estruturais na América Latina e que tiveram um papel político de influência na construção da crítica ao autoritarismo e na assessoria aos movimentos populares. Esse trabalho de “disseminar a palavra” realizou-se também no Brasil e Jether contribuiu para a formação de várias outras instituições católicas e protestantes que preservaram o espírito ecumênico.

Sempre presente nos eventos sociais de sua época, uma vida marcada pela coerência das atitudes políticas manifestadas em defesa dos mais despossuídos, na firmada liderança e na certeza de estar lutando pelas boas causas, no valor da tolerância religiosa, na coragem de enfrentar o autoritarismo, nos cuidados permanentes de um bom pai, esposo e amigo. Eis uma vida especial, que merece um livro.

Anita Slade e Paulo Roberto Salles Garcia foram fundamentais para a realização deste livro. A eles quero deixar um agradecimento especial.



**Histórias de vidas  
entrelaçadas –  
trajetória de Jether,  
presença de Lucilia**



## **FAMÍLIA E INFÂNCIA**

É impossível falar de minha trajetória de vida sem me referir à influência da família. Eu tive a bênção de ter pai e mãe (José Barbosa Ramalho e Judith Pereira Ramalho) que foram realmente formadores de um caráter, de um compromisso, de uma forma de vida. E me orgulho muito disso. Meu pai era uma pessoa simples, um lavrador. Ele cuidava da roça em um lugarejo do estado do Rio de Janeiro chamado Cacaria. Foi trabalhador braçal durante alguns anos da sua infância e adolescência, mudou-se depois para uma pequena cidade chamada hoje Paracambi e lá levado por amigos para uma igreja evangélica – Igreja Evangélica Congregacional de Paracambi. De lavrador passou a operário e trabalhou na Fábrica de Tecidos Tupi na mesma localidade.

A partir do que era o protestantismo naquela época, foi muito rigoroso com referência à ética e aos compromissos assumidos, não só com o trabalho mas com a própria fé. Para os evangélicos, não trabalhar aos domingos era um princípio muito forte. Quando meu pai foi admitido na fábrica, escalaram-no justamente para esse dia. Teve que optar entre manter-se no emprego ou se demitir. Ele resolveu obedecer a um critério mais de fé e abandonou a fábrica de tecidos. Depois se empregou em uma fábrica de doces em Bangu, bairro da cidade do Rio de Janeiro, que não exigia jornada nos fins de semana.

Em Bangu, continuou na igreja evangélica. Os pastores e as lideranças da igreja começaram a observar uma potencialidade muito grande nele em se tornar pastor. Mas não havia recursos para fazer essa passagem. Não só recursos, como também a sua preparação não era tão sólida, apesar de sua inteligência e vivacidade. Quando começou a estudar no Seminário Teológico Unido do Rio de Janeiro (surgido em 1914), foi sustentado fi-



nanceiramente pela Igreja Evangélica Fluminense. Destaca-se aí a família Fernandes Braga. Isso possibilitou que ele fizesse parte, junto com uma turma de pastores de diversas igrejas, da primeira turma de pastores formados pelo seminário em 1917.

Foi ordenado pastor e desenvolveu atividades pastorais principalmente nos setores pobres do Rio de Janeiro. Foi pastor da zona rural. Eu lembro do meu pai como pastor de Pedra de Guaratiba, Mato Alto, Santa Clara, Mangaratiba, Sepetiba, Quebra Carros, que hoje até já tem outro nome. Eu e meus irmãos fomos frutos de todo esse processo, algo que nos marcou muito. Sempre acompanhei meu pai em muitos desses lugares. Muitas vezes íamos de canoa, da Pedra de Guaratiba para Sepetiba, para o culto da noite e nós, eu, o pai e dois presbíteros da Igreja da Pedra de Guaratiba, dormíamos dentro do templo da Igreja de Sepetiba, porque a canoa não podia voltar à noite.

Meu pai se casou com uma professora primária da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Meu avô era alfaiate e tinha uma loja que se chamava Alfaiataria Parisiense, no centro do Rio de Janeiro. Nesse período do casamento, meu pai já havia sido encaminhado pela Igreja Congregacional para o seminário teológico. Seus sermões eram verdadeiramente aulas de Bíblia. Acredito que a minha militância pela causa ecumênica teve influência do meu pai. Naquele tempo criou-se um seminário, fruto do esforço de poucas igrejas evangélicas do Rio de Janeiro, que recebeu o nome de Seminário Evangélico Unido. Foi uma primeira proposta ecumênica no sentido de que era possível que se fizesse a formação de pastores com uma base comum, respeitando as diferenças denominacionais que existem entre os evangélicos. Naturalmente era um ecumenismo de cordialidade entre as pessoas, e entre igrejas, um ecumenismo só evangélico.

Meu pai construiu mais de vinte templos, e nunca escreveu na frente do templo – Igreja Congregacional. Perguntei a ele: “Por que o senhor não põe o nome da denominação?”. Ele respondeu: “Não, meu filho, o importante não é destacar congregacional, batista, presbiteriana. O importante é que aqui existe um templo evangélico”. Minha mãe tinha uma personalidade muito forte e era muito sábia. Cuidava bem do lar e era muito rigorosa com tudo o que fazia. Eu e meus irmãos nascemos dentro dessa atmosfera, em primeiro lugar evangélica e, em segundo, de responsabilidade nas nossas tarefas.

A nossa família enriqueceu-se com três filhos. Primeiro foi Jair, meu irmão mais velho, que estudou medicina, tornou-se médico ilustre e tam-

bém muito relacionado com a igreja evangélica. Acompanhou a tradição da família da mãe e tornou-se presbiteriano. Eu acompanhei a tradição da família do pai, na Igreja Congregacional. Os nossos primeiros anos foram de uma vida muito modesta, dependente de favores de pessoas da principal Igreja Congregacional, que era a Igreja Fluminense. Além de mim e do Jair, houve um terceiro filho, o Jairo, que faleceu com sete dias de vida por causa de tétano de umbigo.

Nesse período, passamos por uma experiência muito marcante. Eu tinha cinco anos e o Jair sete. O pai, que era muito ativo e pregador muito talentoso, foi convidado pelas Igrejas Congregacionais de Portugal a ir àquele país reanimar as igrejas. Fico até emocionado quando me lembro de certos detalhes da viagem. Ao falar sobre isso é como se hoje eu estivesse viajando. Lembro-me que uma Igreja Evangélica alugou uma lancha para ir acompanhando a nossa saída da Baía da Guanabara. Recordo-me dos hinos que cantavam, da passagem do navio pela Linha do Equador e da chegada em Portugal. Essa viagem foi um choque muito forte na vida da mãe, principalmente. Ela havia perdido um filho e em seguida fez a viagem em condições precárias. A igreja em Portugal era muito fraca, com outra mentalidade. Houve resistência à chegada do pai. Na minha memória ficou o local onde morávamos, as brincadeiras, o frio, um inverno muito rigoroso. Passados dois anos, meus pais consideraram que a missão para a qual eles tinham sido enviados já estava cumprida. Meu pai refez igrejas, visitou, construiu novos templos e restabeleceu a presença da Igreja Evangélica Congregacional em Portugal. E deve ser mencionado que naquela época, a perseguição ao evangelismo era muito grande.

Na volta ao Brasil, fomos morar em Piedade (bairro do Rio de Janeiro), na casa de um tio. Nossos tios, irmãos de minha mãe, investiram no comércio e começaram a ter mais sucesso econômico – não abastados, mas com mais recursos. Fomos estudar em escola pública, o que me marcou fortemente, tanto que todos os meus filhos estudaram em escolas públicas. Quando fomos a Portugal, éramos dois irmãos, eu e Jair. Mais tarde, já de volta ao Brasil, nasceu a irmã, Jadir (que posteriormente tornou-se professora, exerceu o magistério público por muitos anos, formou-se em teologia pelo Seminário Betel e hoje é membro atuante em uma igreja evangélica). Fiz uma parte do ginásio no Colégio Pedro II e outra em um colégio batista chamado Colégio Souza Marques. Tínhamos educação gratuita, porque o pai não podia pagar – até mesmo o uniforme ganhávamos de outras pes-

soas. Em Piedade, morávamos em casa cedida, mas meu pai sempre dizia que iríamos ter a nossa. Comprou um terreno em Bento Ribeiro (bairro do Rio de Janeiro) com o auxílio de outros e com muito trabalho. Ele pastoreava três, quatro, cinco igrejas. Lembro-me muito desse período, da construção da casa. Foi a segunda fase da minha infância... estudando no Colégio Souza Marques e morando em Bento Ribeiro. Passei a frequentar a Igreja Congregacional de Bento Ribeiro, templo que meu pai era pastor e tinha sido construtor.

A Pedra de Guaratiba (bairro do Rio de Janeiro) foi outro lugar que marcou a minha infância. Meu pai construiu um quarto nos fundos da Igreja e nós pudemos acompanhar o trabalho que realizava. A mãe sempre junto. Era de uma fidelidade fantástica. Meu pai era mais simples, mais simplório até na maneira de andar, de vestir, de comprar. Sempre muito marcado pela pobreza, fazia economia de tudo. Foi pastor também em Sepetiba, e em toda aquela região do oeste fluminense. Tornou-se um dos sustentáculos da formação para a ação social da igreja que naquela época tinha feições assistencialistas. Foi o que ele fez. Fundou um orfanato chamado Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba. Ainda não se tinha uma visão de responsabilidade social da igreja, com viés político e teológico mais efetivo.

### *Lucilia*

Minha família sempre foi de pessoas simples, e começou com Maria e José, ambos espanhóis, que chegaram ao Brasil em dias e meses diferentes. Conheceram-se em Santos, em seguida se casaram e constituíram família. Aí vieram os filhos. Foram cinco: quatro mulheres e um homem. Mamãe sempre foi uma pessoa muito trabalhadora e eficiente na educação dos filhos. Ela era analfabeta quando chegou aqui, mas fez um esforço muito grande para aprender, foi autodidata. Perguntava a um e a outro como se formavam as palavras e lia, mexendo e fazendo barulhinho com os lábios. A gente passava por perto e se afastava para não incomodar a leitura.

Levamos uma vida muito contida no início, porque meu pai naquela época era garçom e ganhava pouco. Mas sempre tivemos

o nosso alimento, tudo feito com muito carinho. Recentemente, conversando com uma nutricionista, me dei conta de que minha mãe era uma sábia, pela combinação que fazia com os alimentos, sobre o valor deles. Os filhos tinham que estudar, mas o dinheiro era pouco. Ela sempre sonhou que Marina estudasse medicina, que fosse médica. Mas a dificuldade financeira impediu que isso ocorresse. Eu fui a que tive mais chance de estudar por ser a caçula.

Em Santos, nasceram os quatro primeiros filhos. Depois, viemos para o Rio. Eu nasci em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. Meu tio, irmão de papai, nos convidou para viver um tempo por lá. Em Santos, meu pai tinha um status de vida razoável. Conseguiu ter uma casa de secos e molhados. Nesse período, ele ficou bem financeiramente e foi até à Espanha para visitar a família. Quando voltou, não tinha mais nada. O sócio que ele deixou aqui vendeu tudo. Aí começou uma *via crucis*. No Rio, ele teve que trabalhar no que aparecia e por isso foi ser garçom, dependente de gorjetas e tudo o mais.

A vida ficou dura. Eu tinha um desejo enorme de estudar inglês e piano. Tinha uma vizinha nossa que tocava piano e dava aulas. Minha mãe fez um grande esforço para comprar um piano, pagando à prestação. E me matriculou na Cultura Inglesa. O fato é que meu pai disse: “Você não pode botar a Lucilia para estudar porque nós não temos dinheiro para pagar essa mensalidade”. Aí ela disse: “Tem sim. Pode colocar que eu arranjo”. Então ela guardava todo dia uma moedinha de um tostão que equivalia a 45 tostões para pagar meu curso. Ficava de tarde lá no bar que meu pai tinha, sentada em um banquinho vendendo bala. Vendia bala, vendia um cigarro, vendia alguma coisa assim e guardava o tostão. Eu fiz cinco anos de Cultura Inglesa. Estudei piano até o sétimo ano na Escola Nacional de Música. Fiz teoria musical, harmonia, aprendi a fazer acompanhamento... Fui aluna de José Siqueira, um grande maestro. Tenho o autógrafo de Villa Lobos. Foi uma glória pra mim ter esse autógrafo. Quando casei com 19 anos, parei os estudos todos. Era a mentalidade daquela época. Ser mulher era para a casa. Minha mãe dizia sempre: “Estude o que estudar, você tem que ser dona de casa, mãe dos seus filhos.

Não vai botar na mão de qualquer um não”. Era uma palavra dela muito firme.

A vida foi correndo, os casamentos, os netos, até que ficou doente: uma leucemia fulminante acabou com a vida dela aos 68 anos. Papai morou comigo e com a minha irmã Neli. Não incomodava ninguém, ficava no cantinho dele. Tinha um carinho muito grande com os netos. Em Niterói, na casa da Neli, ele gostava de ir à praia e catar mariscos. Todo sábado e domingo almoçávamos mariscos. Minha irmã Marina, excelente costureira, nos vestiu a vida inteira. No meu casamento, por exemplo, ela fez um enxoval de rico, vamos dizer assim: pagou dez meses de prestação de uma toalha da Ilha da Madeira toda bordada que eu tenho até hoje. Um espetáculo de trabalho. E tudo isso ela pagou com a costura que fazia pra fora. Foi sempre assim, muito amorosa.

Em Cachoeiro de Itapemirim, meu pai foi trabalhar numa casa de materiais de construção. Eu eu ia para lá nas férias, passava um mês e pouco. E mamãe lidando sempre, aquela luta dela com os filhos, lavava roupa, passava roupa. Eu não sei como nós morávamos em uma casa com dois quartos e morávamos todos juntos. Não sei como cabia todo mundo lá dentro. A cozinha era mínima.

Eu me lembro de brigas de mamãe porque queria que a gente estudasse: “Larga o que estão fazendo e vão estudar, gente! Ninguém na cozinha, deixa comigo!” Estava a gente estudando, ela estava feliz. E as tardes que tinha um programa na rádio sobre música espanhola, eu via minha mãe dançando com castanhola. Era uma coisa fantástica e eu peguei o jeito dela. Bem que eu gostaria de dançar com uma castanhola, mas não deu. E ela dançava com a castanhola e tinha um jeito, embora tivesse um corpo bem robusto, mas ela sacudia aquele corpo todo com a castanhola na mão e ia em frente.

## PROFISSIONALIZAÇÃO

Quando terminei o ginásio no Colégio Pedro II e meu irmão no Colégio Batista, tivemos um momento de definição de profissão. Meu irmão encaminhou-se para o curso de medicina. Quando chegou o momento da minha decisão, houve uma insistência maior por parte de meu pai, já que meu irmão estava fazendo medicina, para que eu fizesse uma carreira mais curta para poder ajudar em casa. Mais curta que tinha na época era odontologia. Então virei dentista. Ele foi comigo até a faculdade para fazer matrícula na Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Naquela época, as aulas da faculdade eram à tarde e à noite. A carreira médica era muito mais longa, cinco para seis anos. A odontologia era de três anos. Ia me formar muito mais rápido. O pai dizia para mim: “Olha, você vai se formar antes dele, e vai ter que ajudar seu irmão a se formar”. Minha mãe não opinou sobre isso. O pai teve um predomínio. Talvez ela tivesse até concordado.

Em seguida, minha família inaugurou um colégio primário, o Instituto Pereira Ramalho. Compramos uma casa ao lado da nossa, em Bento Ribeiro, e construímos umas salas. O Instituto Pereira Ramalho virou Ginásio Pereira Ramalho. E eu comecei a ser professor, professor primário. Todo mundo conhecia o Instituto Pereira Ramalho e eu fiquei conhecido em Bento Ribeiro porque era um dos professores. Era um jovem muito sério, não frequentava botequins, não bebia, não jogava... Durante o curso na faculdade era muito cuidadoso com os meus deveres, influenciado por essa formação de berço muito rigorosa de compromisso de estudo e de horário. Comecei a me destacar na própria faculdade e quando terminamos o curso em três anos, fiz mais um curso de especialização em radiologia. Na formatura fui o orador da turma. Tenho até hoje o discurso, que foi publicado em quase uma página inteira do jornal. Tinha 20 anos e a formatura foi na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro.

O meu começo como dentista foi uma temeridade. Era tão jovem, iniciando minha clínica em um consultório que não tinha radiologia ou nenhum dentista perto para pedir opinião ou ajuda. É verdade que durante a minha formação fui estagiar no Hospital Carlos Chagas, onde ganhei experiência nos dois anos que passei trabalhando lá, tendo contato com outros dentistas da região. Montei o consultório no quarto da frente da casa. Uma porta do consultório era na varanda e a outra porta dava para a sala de jantar. E eu comecei sozinho a aventura de ser dentista. Quando

tinha um problema que não conseguia resolver, recorria aos colegas do Hospital Carlos Chagas. Às vezes, eu ficava atrapalhado, uma extração ou operação complicada e a minha mãe me acompanhava pela porta do consultório fazendo oração enquanto eu lutava lá dentro tentando resolver o problema. Confesso que nunca fui muito entusiasta da odontologia, mas tive um êxito surpreendente, por duas razões: primeiro, porque eu era muito sério nas coisas, no preço e no trabalho que fazia; e segundo, porque eu era membro efetivo e líder da Igreja Evangélica Congregacional, que era uma igreja grande, o que me dava uma clientela potencial. O meu consultório enchia. Trabalhava de 7 horas da manhã até 9 horas da noite.

Passei a ajudar o Jair no curso de medicina e na manutenção da casa. E a minha clínica foi aumentando. Nessa altura Jair se formou em medicina e montou consultório em Bento Ribeiro, com uma clientela também grande, porque era muito competente e médico excepcional. Alugamos um sobrado, Jair ocupou um consultório e eu o outro. Na loja embaixo fundou-se uma farmácia. Ao mudar o local do meu consultório, tive uma das grandes sortes da minha vida: encontrei a Lucilia. Ela foi tratar dos dentes comigo. Lucilia era católica, eu era evangélico. Ela resistiu um pouco, mas depois... Ela estudava piano, ficava tocando piano a manhã inteira e eu ouvindo lá do consultório. De vez em quando eu olhava para lá, ela parava um pouquinho e ficávamos em um namorinho na janela. Tive muito êxito no consultório, inclusive financeiro. Com muitos clientes, recebia uma boa remuneração, o que me possibilitou ter automóvel, comprar um lote de terreno na mesma rua onde moravam meus pais, e começar a juntar recursos pra casar e construir uma casa.

Quando já trabalhava no novo consultório, estourou a II Guerra Mundial. Eu havia feito o Centro de Preparação para Oficiais de Reserva, o CPOR. Era isso que geralmente os universitários faziam. Com a guerra, fui convocado para a FEB (Força Expedicionária Brasileira) e para a Vila Militar. O Segundo Regimento de Infantaria era considerado a grande base de apoio de Getúlio Vargas. Acabava o expediente, eu vinha correndo para atender alguns clientes ainda à noite. Fui colocado no Centro de Reacomodamento da FEB. Como a guerra estava na parte final, na medida em que na Itália morria um oficial do exército brasileiro, era preciso recompletar. Nós éramos o celeiro onde se buscavam os oficiais que iam substituir os mortos. Depois me transferiram para o Segundo Regimento de Infantaria e eu continuei mantendo meu consultório. O comandante era um coronel muito exigente.

Desse período guardo algumas lembranças e algumas histórias. No quartel, uma vez, chegou uma turma nova de recrutas, do norte fluminense, Itaperuna... Gente muito boa, lavradores, rapazes ótimos. Eles faziam os exercícios pela manhã e limpavam os equipamentos à tarde. Percebi que muitos jovens eram pouco instruídos, quase analfabetos. Ficavam a tarde toda livre. Eu, que tinha sido professor, tendência muito forte na minha vida, juntei todos e criei uma classe, uma escola no próprio quartel. Dava aulas na parte da tarde. O coronel começou a ficar impressionado e o capitão vinha muitas vezes por detrás das janelas para ver o que estava acontecendo, se não era uma subversão. Passado um tempo recebi um memorando: Coronel Rubens solicita ao aspirante Jether o comparecimento no seu gabinete – naquela época não era tenente ainda... Apresentei-me ao coronel e ele disse: “Observei que o senhor anda fazendo umas reuniões na 4ª Companhia. Fui lá ouvir o que senhor estava dizendo e gostei muito. Quero lhe fazer uma proposta: que estenda essas aulas a todas as companhias”.

Diante da impossibilidade de realizar aquilo sozinho, pensei em uma alternativa. Passados uns dois ou três dias voltei com uma contraproposta: “Vou entrar em contato com a escola pública, e vamos criar um curso noturno primário para todos os soldados do Regimento. Vamos fazer as classes lá”. Ele respondeu: “Excelente”. Evidentemente isso mudava a estrutura da escola e não podia ser feito de uma hora para outra, mas a diretora achou a idéia interessante e se entendeu com o coronel. Acabou a guerra e saiu um decreto dizendo que os oficiais da reserva que tinham sido convocados para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) poderiam passar para o quadro de oficiais da ativa do Exército. O Coronel Rubens ficou feliz, me chamou e disse que eu seria um dos escolhidos. Voltei no dia seguinte com outra decisão tomada: “Coronel, lamento decepcioná-lo, mas prefiro voltar para a minha vida civil. Tenho consultório, uma clínica e quero ser dispensado”.

## **CASAMENTO**

Depois veio o casamento. Fiz uma casa bonita lá em Bento Ribeiro, uma casa grande, e começaram a aparecer os filhos a partir dos anos de 1950. A mãe de Lucilia, Dona Maria, era muito crítica à Igreja Católica. Tanto



Lucilia como o pai, José Garcia, passaram a fazer parte da Igreja Evangélica. Com a morte de Dona Maria, seu Garcia veio morar conosco. Ele era uma figura extraordinária de pessoa, de habilidade, de respeito. Era pessoa exemplar, um espanhol que nunca aprendeu a falar bem o português, mas muito inteligente e capaz. O casamento com a Lucilia foi na Igreja Fluminense, 16 e 17 de setembro de 1949, e a festa foi na casa dela. Depois nossa casa estava pronta e fomos inaugurá-la. Passamos a lua-de-mel em Petrópolis.

### *Lucilia*

Eu estava com uma dor de dente danada e era feriado. Não tinha ninguém que pudesse cuidar e me informaram que na Rua Teresa Santos tinha um consultório dentário. Fui lá, batemos palma. Jether disse que olhou para mim e resolveu me atender. Botou remédio e tudo o mais. Eu quis continuar o tratamento. Minha irmã Marina veio de São Paulo, onde morava, e queria pagar o tratamento dos meus dentes. Eu tocava e estudava piano em uma casa bem embaixo do consultório. Ele tinha que escutar desde o primeiro dó até a última nota. Ficava da janela olhando para ver se eu aparecia. Então começou o convite: “Quer ir à igreja?” (...) Na Igreja Evangélica, Congregacional de Bento Ribeiro, me encontrei, porque as pessoas vinham falar comigo, as pessoas me tratavam bem. Era uma igreja de subúrbio, simples, mas muito gostosa de a gente frequentar. Meu pai, que era católico, se tornou evangélico. Minha mãe morreu também com a Bíblia do lado. Foi batizada, comungou. Nós passamos a partir daí a trabalhar muito na igreja. Depois que eu me casei e tudo, era muito trabalho. Fui organista durante anos, responsável pelo departamento de crianças.

Lucilia introduziu outro elemento em minha vida por sua origem católica. Tem sido a companheira presente durante esses anos todos, nessa jornada toda, inclusive no período em que fui presidente do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba, um orfanato. Naquela época construímos um edifício enorme, que deu outra relevância à instituição. Outro fato importante era a

festa anual do dia 21 de abril. Convocavam-se todas as igrejas e a frequência à festa variava entre dez mil e vinte mil pessoas. Transformou-se em evento do calendário das igrejas congregacionais.

### *Lucília*

Nesse período, Jether presidia o Abrigo (Evangélico da Pedra de Guaratiba). Ficou 14 anos como presidente. A Igreja de Bento Ribeiro era a ajudante principal em uma festividade que tínhamos todo ano no dia 21 de abril. A verdade era que mantínhamos esse orfanato com 70 crianças e o dinheiro sempre faltava. Seu Ramalho, pai do Jether, foi o maior incentivador. (...) Tínhamos que dar conta da alimentação das crianças e tudo o mais. Como o início do trabalho se deu no dia 21 de abril, que era sempre um feriado, nós passamos a fazer dessa data uma coisa simbólica, mas ao mesmo tempo conseguir sustento para as crianças. Cabiam às igrejas congregacionais a organização e toda a responsabilidade sobre a festa.

As uniões femininas se reuniam uma vez por mês e eu participava. Fazíamos todo mês uma reunião para arrecadar os recursos dos mantenedores da igreja, pessoas que contribuía com uma mensalidade. Nessas reuniões avaliávamos as necessidades da festa e o que era preciso fazer para que o trabalho não parasse. As igrejas então compareciam com suas barracas de artesanatos, roupas usadas, caldo de cana... Cada barraca tinha uma maquina para fazer caldo de cana e eram milhares de pessoas se divertindo o dia inteiro. Ônibus, uns cinquenta chegavam lá. Mudava completamente a geografia do lugar, porque o pessoal vinha de fora do Rio, de todo o estado do Rio. Os ônibus começavam a encostar às seis e meia da manhã e saltava gente. As barracas tinham café da manhã, outras já tinham cachorro quente, outras já tinham pastel.

O povo aparecia e trabalhava. Basta dizer que a nossa igreja, durante mais de vinte anos, foi organizadora do restaurante, que ficava sob minha responsabilidade. Eu dirigia esse restaurante com o grupo das senhoras e ficávamos a noite inteira preparando a comida.

Servíamos umas mil e duzentas, mil e quinhentas refeições. Para a sobremesa fazíamos uns quarenta quilos de doce de abóbora, vinte caixas de banana caramelada... Enfim, era um fazer que não acabava mais. E as senhoras ali firmes comigo sob o meu comando: “O que eu descasco agora?”, “O que eu faço agora?”. E assim ficávamos a noite inteira: “Agora para isso, isso não pode ficar fora”. Era assim, uma alegria só. O Abrigo começou a funcionar graças à insistência com que Jether desafiava as igrejas a terem uma atenção mais permanente junto às crianças pobres e desamparadas.

Quando nos mudamos de Bento Ribeiro para Laranjeiras, passamos a frequentar a Igreja Cristã de Ipanema. Foi aí que tomei conhecimento do trabalho que a Igreja realizava no campo social. O desejo de servir ao próximo se manifestou de uma forma concreta, quando uma série de temporais e enchentes afetou de forma impiedosa a população pobre de nossa cidade. Famílias inteiras desciam dos morros que circundavam a Igreja para se abrigarem nas marquises e pequenos espaços cobertos. Nesse período a Igreja de Ipanema se envolveu concretamente com essa realidade e decidiu fazer algo mais efetivo para ajudar a tantos que necessitavam. Contamos com a colaboração da comunidade e a orientação da dra. Lieselotti Hoesthl Ornellas, nutricionista que idealizou uma dieta com os elementos essenciais para um crescimento saudável, já que as crianças estavam abaixo do peso e altura e numa fase de crescimento. A dieta feita cientificamente proporcionou a cobertura de todas as necessidades do dia. A sopa era o principal elemento, por sua força proteica. Os legumes (sempre utilizando os da estação, por isso mais em conta) e sucos, os mais variados, eram consumidos todos os dias para suprir as vitaminas necessárias. Assim nasceu o Crei – Centro de Recuperação Infantil, com a total colaboração da comunidade. Isso aconteceu 44 anos atrás. Temos muitos fundadores que ainda prestam sua colaboração durante esses anos e nunca se deixou de realizar o atendimento necessário. Eu me orgulho de pertencer há 42 anos a essa Igreja e a colaborar efetivamente nesse trabalho. Atualmente sou presidente do Conselho por

onde passam os problemas que sempre surgem no decorrer da vida de uma entidade com 70 crianças que passam o dia sendo atendidas, com o alimento e recreação sadias.

## **NA POLÍTICA PARTIDÁRIA**

Nos anos de 1950, houve muitas mudanças na política brasileira. Caiu o presidente Getúlio Vargas, fruto de um grande movimento de oposição dirigido por Carlos Lacerda e por políticos conservadores. Nesse período, passei a ser amigo de um político mineiro. Eu já tinha uma vida política mais intensa, porque o diretor do colégio onde estudei, Souza Marques, batista, se candidatou a deputado e entrei na campanha pela eleição dele. A ideia era que tivéssemos evangélicos na política. Depois veio a transformação do estado da Guanabara, e quando houve eleições para a Câmara Municipal, que se transformaria na primeira assembléia legislativa do novo estado, resolvi ingressar na vida partidária. Isso foi nos anos de 1960. Entrei para o Partido Socialista Brasileiro, e o meu líder era Breno da Silveira, um nordestino que foi deputado durante muito tempo. Escolhi o PSB pela aproximação com os estudantes e também porque o Breno tinha Bento Ribeiro como sua base eleitoral. Ele me convidou para ser candidato a vereador que se transformaria depois em deputado.

Comecei a campanha para deputado e privilegiava três argumentos. O primeiro, com as Igrejas Evangélicas, era a necessidade de ter um evangélico envolvido na política. Visitar as igrejas para falar sobre política partidária era um problema muito sério, precisava muita coragem para enfrentar os preconceitos: “Quem se mete na política vai se perder”, “evangélico não entra nisso” e coisa e tal. Mas levado por Souza Marques, que foi uma pessoa simbólica na vida da gente, resolvi enfrentar esse desafio. O segundo argumento era querer representar os bairros de Bento Ribeiro e de Marechal Hermes, aquela região onde eu era mais conhecido porque atuava em colégio, igreja e no consultório como dentista.

Foi uma experiência realmente interessante, porque me envolvi pela primeira vez em uma luta política partidária. Participava de assembléias, reuniões, além de campanha de rua. Fazia comícios sem dinheiro e sem prática nenhuma dessa dinâmica própria da política partidária. Fomos para a eleição, e na contagem final perdi por 54 votos, ficando como su-

plente. Não cheguei a exercer mandato, mas conheci de perto o gosto de um envolvimento político partidário.

## **MUDANÇA DE RUMOS**

Iniciou-se então um período de minha vida em que Bento Ribeiro pareceu pequeno para mim. Nessa época, anos de 1960, tive uma influência grande dos meus filhos. Devo muito a eles, pois começaram a participar do movimento estudantil do Colégio Pedro II, a trabalhar politicamente e eu acompanhava assustado as coisas que estavam acontecendo. A partir daí tomei uma atitude arriscada e – diria – corajosa, que foi fundamental para minha vida. Eu era professor de ciências naturais e dentista. Era bom profissional, que entrava no consultório às sete horas da manhã. Cheguei um momento em 1964, em que tive uma longa conversa com a Lucília e manifestei minha infelicidade: “Ganho muito dinheiro, mas não é isso o que eu quero. Estou com dor de estômago, crio artifícios psicológicos para não trabalhar – ‘tomara que acabe a luz’, ‘espero que não haja água’”. Até que chegou um momento em que decidi contratar um colega para terminar o trabalho com meus clientes e prestei vestibular para o curso de Ciências Sociais. Preparei-me sozinho, fiz o vestibular para a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e fui aprovado entre os primeiros lugares.

### *Lucília*

Quando o Jether quis deixar de ser dentista, ficou com receio do que poderia ocorrer. Eu não fiquei. Sempre pautei a minha vida de casada, de esposa, de companheira, como compreendendo o que o companheiro gostasse mais de fazer. Disse para ele: “Custe o que custar, você vai fazer o que você quer. É muito importante você fazer aquilo que está dentro do seu coração”. A partir daí, ele começou a trabalhar com a Confederação Evangélica do Brasil, na parte da assistência social. Ele fazia aquilo com gosto, com fé, com vontade de mudar as coisas. Desde o nosso casamento Jether já ajudava as igrejas que tinham desejos de servir aos mais

necessitados. Quando pensou em largar o trabalho de dentista, ele disse pra mim: “Olha, estou pensando em fazer novamente isso, mas você aqui em casa vai ter que cortar um bocado do nosso bem-estar.” A gente tinha que cortar porque ia diminuir muito o salário dele. Eu então respondi: “Vai ver, vai fazer.” Acompanhei o tempo todo quando resolveu fazer vestibular para Ciências Sociais. Era uma alegria, uma felicidade só. Jether estava fazendo uma coisa que gostava. Os filhos continuaram a ter um pai zeloso, um pai muito ciente de sua responsabilidade como pai.

José e Luiz iam de trem para o Colégio Pedro II. Pegavam o trem às cinco e dez da manhã. Nos primeiros meses, eu levava os dois todo dia na estação e os empurrava para dentro de um trem de operários. Na Central do Brasil, os meninos iam a pé até o colégio. Queríamos que os filhos aprendessem inglês e só tinha Cultura Inglesa no Méier, longe de Bento Ribeiro. Eu não deixava os meninos irem sozinhos. Eles chegavam em casa no final da manhã, se jogavam na cama cansados e depois do almoço íamos para a aula de piano em Engenho Novo. Era trem outra vez, às vezes ônibus. Depois ainda andávamos quatro, cinco, seis ruas. Não me importava de ir para aqui, para lá, de cá para lá, contanto que os filhos estudassem. (...) Depois entrou o francês. Os meninos ficavam a semana inteira na rua. Hoje fico pensando, meu Deus do céu, no esforço grande que foi aquilo. Mas a gente era jovem, ia e voltava, voltava no dia seguinte, levava outra vez e todos estudavam piano. Não iam com muito gosto não, era mais o gosto da mãe, mas de qualquer maneira todos aprenderam a apreciar música.

Estávamos em plena efervescência da luta contra a ditadura. Ia para aula de paletó e gravata, porque fazia parte da minha indumentária. Os alunos, muitos do movimento estudantil, perguntavam “O que esse cara está fazendo aqui?”, e eu ficava quieto. Conheci o Gilberto (Velho), ficamos amigos, isso eu com 42 anos, quatro filhos e uma esposa maravilhosa que me apoiou o tempo todo. Desde a primeira semana de aula havia uma crise na universidade. Briga entre aluno e professor, greve. Houve então um confronto muito forte com uma professora de sociologia, Vanda Torok. Quando os

alunos questionavam... Afinal era um momento de questionamento geral... Ela não resistiu e criou uma polêmica afirmando que os alunos estavam com prevenção contra ela, eram de uma formação comunista, faziam parte da esquerda e ela não aceitava isso. Ela começou o curso com Durkheim, e o pessoal reclamou dizendo que não era para começar com Durkheim. As aulas transformaram-se em um pelourinho, colegas olhando desconfiados para mim. Até que chegou um momento em que a coisa estava muito acesa, levantei a mão, e por ser mais velho, estar de paletó, a professora achou que eu fosse apoiá-la, e me passou imediatamente a palavra. Disse então que estava admirado com a incompreensão dela em relação ao que estava acontecendo em sala de aula e disse: “A senhora está acusando os alunos desde que entrei. Não sei quem é a senhora, nunca ouvi falar do seu trabalho, não fiz cursinho e quero protestar contra essa forma com que está tratando os alunos. Lanço o meu protesto publicamente”. Não preciso nem dizer que daquele dia em diante ganhei o apoio da classe.

Minha casa em Bento Ribeiro virou um pequeno centro de estudos onde vários colegas passaram a estudar e a conviver comigo. Foi um processo de formação política intenso. Perdemos o semestre, não fizemos o curso, mas tiramos a professora. Também fui aluno de Evaristo de Moraes Filho, célebre sociólogo do trabalho. Quando estava no final desse curso, apareceu uma vaga de professor de sociologia no curso de filosofia e o professor Evaristo me convidou para ser seu assistente e assumir as aulas. Eu estava no último ano (portanto não era formado). Depois de formado, abriu concurso público para a UFRJ e fui aprovado. Então a odontologia ficou para trás junto com Bento Ribeiro. Mudamos para a Lapa e meus filhos cresceram, envolveram-se em um processo político bastante intenso. Liderados por Vladimir Palmeira e Luis Travassos nas passeatas estudantis de 1968, um deles foi baleado pela polícia e quase perdeu a perna. Foi levado para o Hospital Miguel Couto. O *Jornal do Brasil* fez uma reportagem sobre isso e foi lá em casa. Perguntaram se tínhamos dado permissão para ele participar da passeata. Dissemos que sim e saiu publicado.

### *Lucilia*

A nossa casa era sempre escolhida pelos colegas do Jether e pelos colegas dos filhos para estudar. Tornou-se um verdadeiro centro

de estudos. Muitos deles até ficavam para dormir. Houve ocasiões em que os cômodos da casa eram ocupados por grupos distintos. Eu observava com alegria todo esse movimento e pensava de que forma poderia ajudar mais e melhor a vida dos filhos. Ao mesmo tempo criei coragem e resolvi também fazer um curso superior. Escolhi a carreira de biblioteconomia. Fiz vestibular e fui aprovada. Foi uma surpresa agradável para os filhos e amigos. Nessa mesma época, meu filho Jair Felipe fez vestibular para agronomia e obteve excelente colocação. Hoje ele é diretor de um centro de pesquisas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Depois disso foi a vez da Maria Judith que fez fonoaudiologia e hoje trabalha na Funlar, da Prefeitura do Rio de Janeiro.

### **A LIGAÇÃO E A MILITÂNCIA COM A IGREJA**

Um dos elementos marcantes da minha vida e da minha personalidade foi a ligação com a Igreja. Essa ligação veio do berço, na medida em que meus pais eram ativos na Igreja Evangélica. E foi influenciando toda a minha juventude, quando comecei a assumir outras responsabilidades como a formação dos adolescentes da igreja. Para começar mudei o nome da classe para Umuarama, que significa o local onde os amigos se encontram. A classe estava sempre cheia e daí surgiram muitos pastores. Um deles, por exemplo, filho de Remígio Braga, disse no dia de sua posse como pastor que sua decisão tinha sido influenciada pela minha maneira de conduzir e discutir as questões da fé, as questões da religião. Essa liderança na igreja fez com que eu fosse eleito presidente da União da Mocidade da Igreja e comecei a frequentar o que se chamava Grupo de Confraternização da Mocidade Evangélica. Todo mês as mocidades evangélicas, das diversas denominações, se reuniam em uma das igrejas para uma palestra, cânticos e depois uma festa, o que me permitiu entrar em contato com jovens das outras igrejas – Presbiteriana, Metodista, Batista – e manter uma convivência que incluía até o esporte, como por exemplo, jogo de vôlei entre as igrejas de Copacabana e de Bento Ribeiro. Na Igreja de Copacabana estavam Lysâneas Maciel, Roberto Villaça, Amaury Costa. Depois fazíamos uma festa na quadra do colégio, Instituto Pereira Ramalho, e na igreja local.



Com dezoito anos mais ou menos dei um salto para a parte regional e fiquei encarregado de organizar a Federação da Mocidade das Igrejas Congregacionais do Rio de Janeiro. Depois fui presidente das organizações da mocidade da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, a UIECB. Isso foi abrindo meu campo de ação na igreja e com isso descobri que não era possível continuar com uma concorrência das igrejas evangélicas entre si, sem um contato, sem uma intermediação maior, sem uma troca maior. Naquela época nem se chamava ecumênico. “Ecumênico” era um termo proibido pelas nossas igrejas, tanto que a gente chamava de uma solidariedade, de uma confraternização. Com isso, convoquei uma Primeira Convenção da Mocidade Evangélica Congregacional do Rio, realizada na principal Igreja Congregacional do Brasil, a Igreja Evangélica Fluminense. Os pastores todos vieram, e eu fui tomar posse e fiz o discurso inaugural. Foi um acontecimento que motivou a igreja a me convidar para fazer isso em âmbito nacional. Então, parti para organizar as mocidades nas outras regiões do País.

### *PENSE NO PRÓXIMO*

*Jether Pereira Ramalho*

Conta-nos S. Lucas que, por ocasião da parábola do Bom Samaritano contada por Jesus, um certo intérprete da lei, resumiu a Lei Mosaica da seguinte forma, com a aprovação do Mestre: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”.

Uma coisa muito impressionante é que na segunda parte do seu resumo há a ordem para amarmos o nosso próximo de uma forma igual como nos amamos. Jesus, conhecendo o coração humano e sabedor do cuidado que temos conosco mesmo, deu-nos o padrão de como devíamos amar ao nosso semelhante. Infelizmente isso não tem acontecido, mesmo com os que se dizem cristãos. Estamos tão absorvidos com os nossos planos, problemas e ambições que não temos aproveitado as oportunidades para amar ao nosso próximo. Só nos preocupamos com o nosso “eu”; a vida se resume em os nossos interesses. Não temos nada a ver com os problemas dos outros, dizem muitos. Não é esse, entretanto, o mandamento do nosso Mestre e Senhor.

Cremos que o que está faltando, é, exatamente, o desenvolvimento desse mandamento de Jesus. Quando o homem esquece-se um pouco de si mesmo e volve os seus sentimentos bons em favor de seus semelhantes, podemos afirmar que ele começa a se aproximar de Deus. O cristianismo não é uma religião teórica, egoística, balofa. É ao contrário, prática, vivida, altruística. Jesus não ordenou aos seus discípulos que retivessem para si as dádivas que adquiriram, mas a sua ordem expressa foi a de que entregassem aos seus semelhantes aquilo que tinham recebido.

Os sinais característicos dos verdadeiros crentes não se manifestam apenas nas Igrejas e atividades espirituais. Eles têm que se projetar na vida prática, em relação ao seu próximo. Não entendemos certa religiosidade que não se manifeste em demonstração de interesse pelo seu semelhante.

Lançamos um apelo para que coloquemos em prática, com mais ênfase, mais objetividade o mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

E há tantas oportunidades de amar ao próximo! Todos os dias, de tão variadas formas elas se nos oferecem. Não há uma só pessoa que não tenha condições de cumprir essa ordenança, qualquer que seja sua condição social. Ficamos, às vezes, surpresos como alguns corações são indiferentes aos seus semelhantes e tão zelosos consigo mesmos com sua religiosidade.

Aproveitemos o início de um novo ano, para que, revisando o que deixamos de fazer, lancemo-nos em busca do ideal divino: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

(Fonte: *O Exemplo – Órgão da Mocidade Cristã Congregacional do Brasil, 1960*)

Naquela conjuntura percebi que não adiantava ficar só conversando. Era preciso um compromisso com a situação do povo. E desandei a escrever no jornal. Criou-se uma polêmica porque comecei a desafiar a igreja a entrar na questão social. Fazíamos retiros no carnaval, cursos bíblicos intensivos discutindo que era preciso que a igreja desse testemunho perante o mundo, de que não vivia só em torno de si mesma. Isso, fruto de uma perspectiva teológica ainda meio primária pois não tinha conhecimentos

mais profundos. Em agosto de 1946, pós-guerra, abertura democrática, fui para o Nordeste – Campina Grande, Caruaru, Recife, etc. – e incentivei a organização da Mocidade Evangélica Congregacional no nordeste do Brasil. Como esse fenômeno estava acontecendo nas outras igrejas, a Confederação Evangélica do Brasil, com a qual eu tinha uma relação muito forte, resolveu convocar um Congresso Nacional das Mocidades Evangélicas. A Confederação Evangélica do Brasil reunia quase todas as Igrejas Evangélicas. Quem incentivava mais essa abertura eram os presbiterianos. Existia amizade e relacionamento forte com Waldo César, que estava fazendo o mesmo trabalho com a mocidade presbiteriana. O segundo Congresso da Mocidade Evangélica do Brasil encerrou-se em um teatro. Fui o presidente desse congresso.

### **DE UM ECUMENISMO DE CORDIALIDADE PARA UM ECUMENISMO DE COMPROMISSO SOCIAL**

Continuei minha luta com referência à responsabilidade social das igrejas. Escrevi um artigo que causou muita polêmica porque estava convicto da necessidade da aproximação das igrejas. As críticas foram crescendo até virar uma crise, porque muitos pastores achavam que eu estava avançando muito na questão da unidade. Começou então a aparecer o tema do ecumenismo. O Conselho Mundial de Igrejas já tinha sido formado. Eu e o Waldo resolvemos então fazer uma coisa inédita. Eu era responsável pelo jornal da Mocidade Congregacional e o Waldo pelo jornal da Mocidade Presbiteriana. Então, combinamos fazer uma experiência comum. Vamos fazer um congresso juntos, com a participação da Mocidade Congregacional e a da Igreja Presbiteriana. Aí foi o escândalo... Aqui os católicos não estavam envolvidos com a experiência. Minha vida, nesse período, era uma vida protestante. Com a perspectiva que defendia, perdi o meu mandato na Igreja Congregacional. Não fui reeleito. Houve um movimento de reação a essas minhas idéias. O mote da minha vida nesse período da igreja foi o de um ecumenismo de cordialidade, para um ecumenismo de compromisso social. Ecumenismo não podia ser só uma reunião de pessoas agradáveis.

Aí o que aconteceu foi que minha atuação passou a ser muito conhecida nas outras igrejas, e a Confederação Evangélica do Brasil, que reunia as

diversas igrejas e que tinha um departamento de mocidade, me convidou para ser o diretor desse departamento. No início dos anos de 1950, passei a ser o secretário do departamento. Não se falava somente em ecumenismo institucional. Isso me abriu uma nova visão da responsabilidade social da igreja, com o apoio e influências do ecumenismo internacional, Conselho Mundial de Igrejas, e de figuras teológicas como Richard Shaull, mais tarde Rubem Alves e tantos outros. Atuação política era muito difícil porque os evangélicos resistiam muito a entrar na política. Então, organizamos um programa que incluía cursos para dirigentes de orfanato, cursos para pessoas que trabalhavam com a velhice, o significado de ação social e não de assistência social. Havia auxiliares muito competentes, até me questionavam por que eu ainda tinha toda a minha herança assistencialista, herança conservadora, de uma igreja conservadora. Essa herança começou a ser desmanchada no momento em que entrei em contato com o Conselho, com uma nova perspectiva teológica. O ecumenismo ainda era uma palavra rejeitada. Havia duas acusações: a política, de que era um grupo mais relacionado com a esquerda; e depois que se filiaram as igrejas ortodoxas, diziam que tínhamos o ouro de Moscou. Ecumenismo e comunismo viraram quase sinônimos, ligados à diminuição da fé e da crença nas Escrituras com posturas críticas com relação à Bíblia.

Nós que nos envolvemos com a Confederação Evangélica do Brasil, tivemos um epílogo muito triste em 1964. A Confederação tinha deixado de ser simplesmente a representação oficial do evangelismo perante as autoridades e passou a ter uma perspectiva mais ampla, com a criação de diversos departamentos: o da Juventude, coordenado por um pastor presbiteriano, Francisco da Silva; Educação Religiosa, com a direção de Domício de Mattos; Responsabilidade Social da Igreja, com Waldo César; e Ação Social, coordenado por mim. Nós formamos um grupo de pensamento e de ação que fez com que a Confederação de três salas passasse a ter quatorze. Isso levou a que a preparação das reuniões que antecederam a conhecida Conferência do Nordeste, em Recife – cujo tema era *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro* –, se espalhasse, ao mesmo tempo em que o País discutia as reformas de base e também ideias de revolução. O cartaz, que tinha uma foice, uma enxada e um trabalhador rural todo em vermelho, foi distribuído por toda a Recife.

## CONFERÊNCIA DO NORDESTE: MARCO DO EVANGELISMO BRASILEIRO

*Jether Pereira Ramalho*

Na história das igrejas evangélicas no Brasil, entre muitos acontecimentos marcantes destaca-se a chamada Conferência do Nordeste, realizada em Recife (PE), de 22 a 29 de julho de 1962. Foi uma realização sem precedentes na vida do protestantismo brasileiro, não só pela representatividade dos participantes, competência dos assessores, mas especialmente pela ousadia, atualidade e significação da temática em debate. O próprio lema da Conferência, “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”, assim como o local do evento – Recife – eram indicativos da oportunidade da reunião.

(...)

### *Representatividade*

Nas igrejas evangélicas o momento era muito criativo e estimulante. Na América Latina as igrejas, num lindo acordo comum, fundaram a Junta Latinoamericana de Igreja e Sociedade, em 1961, que veio a se consubstanciar no movimento “Igreja e Sociedade na América Latina” – Isal. Esse movimento teve atuação em muitos países. Inspirou importantes iniciativas no campo da educação popular, em seminários de análise da realidade, nas pesquisas dos movimentos sociais, e foi, sem dúvida, um centro de elaboração da reflexão bíblica e teológica sobre a responsabilidade social das Igrejas, considerando um dos mais importantes do continente.

No Brasil, vivia-se também um grande momento na Confederação Evangélica do Brasil, CEB, organismo fundado em 1934, resultado de um rico processo de reflexão sobre a imperiosa necessidade de um organismo de serviço e representatividade das igrejas evangélicas do Brasil. (...).

A Conferência do Nordeste não foi um acontecimento isolado. Fazia parte de um programa de estudos do Setor de Responsabilidade Social da Igreja da CEB, que já havia realizado três importantes conferências abordando aspectos da participação das Igrejas na conjuntura do país. A primeira, em 1955, aprofundou o tema “Responsabilidade Social da Igreja”, com ênfase nas bases bíblicas e teológicas. A segunda, em 1957, estudou a questão “A Igreja e Rápidas Transformações Sociais do Brasil”, que ressaltou a análise da conjuntura sociopolítica e a compreensão do processo de transformação que estava ocorrendo no País. A terceira

aconteceu em São Paulo, em 1960, com representação de muitos lugares do Brasil e o do exterior e se debruçou sobre o tema “A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade”, justamente no apogeu do desenvolvimentismo, representado no Brasil pela era Juscelino Kubistchek.

Em 1962, a situação brasileira era ainda mais desafiante. Os problemas se agudizavam, a consciência popular exigindo mudanças sociais se tornava mais evidente, a CEB já estava mais consolidada e estruturada em vários departamentos, com atividades em todo o Brasil. Era o momento dos evangélicos e de suas igrejas apresentarem sua posição e sua contribuição frente à conjuntura tão explosiva.

#### *Conferência do Nordeste*

Depois de muitos estudos e reflexão tomou-se a resolução de convocar uma expressiva e representativa Conferência para refletir sobre a situação, tomando como tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”. Era o momento de aprofundar a compreensão da realidade que se vivia, através de análises dos mais competentes cientistas sociais do país, assim como reforçar bíblica e teologicamente a responsabilidade da atuação das igrejas em momento de crise aguda.

Foi surpreendente a resposta das igrejas evangélicas e da sociedade ao desafio que se lhes apresentava. Inscreveram-se 167 participantes, representando 14 denominações evangélicas. Os mais destacados analistas sociais se ofereceram para refletir junto com as Igrejas e a problemática do País. E assim colaboraram com a Conferência, entre outros, Celso Furtado, Gilberto Freire, Juarez Brandão Lopes e Paulo Singer. Na parte bíblica teológica estavam bispo Almir dos Santos, Joaquim Beato, Sebastião Gomes Moreira, João Dias de Araújo, Curt Kliman, Rubem Alves, Richard Shaull, além de autoridades eclesásticas de diversas igrejas. Também artistas estiveram presentes, com a expressiva exposição de quadros e esculturas intitulada “O Artista – Servo da Humanidade”. Houve uma representação da peça do Augusto Boal, “Julgamento em Novo Sol”, sob a direção do conhecido artista Nelson Xavier. O Teatro Santa Izabel, local do espetáculo, ficou superlotado com a participação do povo das Igrejas do Recife.

(...)

Fonte: *Jornal Avante – Publicação mensal da Igreja Metodista 1ª Região, Ano XXIX, nº 6, julho de 2001, Suplemento Fé e Nexo, p.5, RJ.*

Em 1964, instalou-se um processo no Exército contra a Confederação Evangélica do Brasil. Com o Ato Institucional, foi criada uma comissão de inquérito na Confederação. Cada um de nós foi chamado pela comissão. A mesa era formada por cinco pessoas que faziam o interrogatório. O presidente, da Igreja Presbiteriana do Rio, quando chegou a vez dele me arguir, disse: “Não, não quero lhe arguir não. Eu sei tudo o que você fez, já estou com o juízo formado”. Quando estávamos no meio desse interrogatório aconteceu um fato curioso. Chegou a notícia de que um grupo de coronéis do Exército estava subindo pelo elevador para vasculhar a Confederação e prender os que estavam lá. Foi aquela correria dos interrogadores. Todo mundo saiu correndo, e descendo pela escada para não coincidir no elevador... No final, fomos demitidos.

A Confederação fechou, os arquivos desapareceram. Lembro que fui conversar com o reverendo Rodolfo Anders e ele disse: “Quero que você esvazie sua estante hoje e se retire daqui agora, porque estamos sob suspeita”. Achei uma incoerência, pois ele apoiou tudo o que fizemos, mas não teve jeito. Fui falar com a minha Igreja Congregacional. A direção ficou ambígua, talvez concordassem com ele. Perdi meus cargos de direção (eram sete) na denominação. Mas uma coisa me deixou muito alegre: como no regime da Igreja Congregacional quem tem poder é a congregação local, quando essa história chegou à minha congregação, eles me mantiveram dirigindo a escola dominical e pregando todo segundo domingo. Tive o apoio da igreja local. O grupo de demitidos contratou os serviços do advogado Lysâneas Maciel (posteriormente deputado dos mais atuantes contra a ditadura). Então fomos indenizados e cada um começou a “tomar conta da sua vida”. Outra pessoa que nos ajudou muito foi Jaime Wright, presbiteriano. Trouxe da Missão Brasil Central um envelope que entregou a cada um de nós para termos algum recurso em dinheiro depois da demissão. Ninguém sabia disso.

### **O CENTRO EVANGÉLICO DE INFORMAÇÃO (CEI)**

### **E O CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI)**

Quando saímos da Confederação Evangélica do Brasil, o grupo ficou sem apoio institucional. A instituição nos dava uma força enorme, viajávamos, fazíamos conferências, contatos e reuniões com diversos tipos de pessoas.

A saída nos deixou sem suporte porque as nossas igrejas ficaram muito receosas da questão política e tomaram atitudes bastante semelhantes às do governo. Por exemplo, nos seminários evangélicos, um grupo grande foi excluído por causa de posições políticas. Resolvemos então que não podíamos ficar isolados e que precisávamos manter um grupo de reflexão. Foi nesse contexto que criamos o Centro Evangélico de Informação (CEI), em 1964/65. Os católicos ainda não faziam parte do grupo. Passamos a nos reunir toda segunda-feira, na igreja do reverendo Domício Pereira de Mattos, na Praia de Botafogo, 430. Ele nos deu cobertura total. Fazíamos análise da realidade e dos acontecimentos no campo internacional, acompanhando as ações do Conselho Mundial de Igrejas. Após algumas reuniões, resolvemos dar mais visibilidade ao que estávamos fazendo, ter coragem de botar a cara na rua. Então, decidimos fazer uma releitura política dos acontecimentos que saíam na imprensa. Criamos o *Boletim CEI*. Fizemos uma relação de pessoas do Brasil para enviar o boletim, que passou a ser impresso... Era um perigo. Isso foi em 1966. O grupo era formado inicialmente por mim, Waldo César, Francisco de Paula Pereira de Souza, Domício Pereira de Mattos, Zwinglio Mota Dias, Breno Schumann, Carlos Cunha e outros. Éramos uns vinte. Começamos também a produzir estudos bíblicos. O Breno Schumann ajudou muito, o Carlos Cunha também foi uma figura importante nesse momento. E esse trabalho foi ganhando projeção.

Lembro-me de dois acontecimentos ligados ao boletim. Um foi na reunião geral da Igreja Congregacional. Um missionário britânico levantou-se, mostrou o nosso boletim e disse: “Nós temos aqui um dos dirigentes desse boletim subversivo que é contra os nossos princípios de fé” e coisa e tal. Eu evidentemente me defendi, mas já estava começando a ser aliado dos cargos da denominação. O outro acontecimento aconteceu no *Jornal Nacional*, da TV Globo, que em uma das suas edições colocou o locutor com o boletim seguido das seguintes palavras: “Está circulando um boletim subversivo, fazendo ataques ao governo, fazendo interpretações diferentes dos acontecimentos”. Levamos um grande susto. O jornalzinho já estava na televisão.

Resolvemos continuar e o CEI começou a ser um sucesso. Em 1968, ganhamos o reforço dos católicos. Medellín foi muito importante. Veio Luiz Eduardo Wanderley, Luiz Alberto Gómez de Souza, Beatriz Costa, os padres Eliseu Lopes e Dario Nunes, Carlos Brandão, José Inácio Parente, José Peixoto, Diana Cunha. Com o grupo forte e maior esse núcleo passou a



se chamar Centro Ecumênico de Informações. O processo político também dava outras oportunidades e resolvemos nos institucionalizar. Saímos da igreja do Domício, alugamos um escritório em Copacabana e criamos uma editora que se chamou “Tempo e Presença”. A formação oficial do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi) ocorreu no Cenáculo, ali na Rua das Laranjeiras. A primeira assembleia realizou-se em 1974 e quem presidiu foi o bispo dom Tomás Balduino. Fui eleito o primeiro presidente do Cedi e Paulo Ayres Mattos o primeiro secretário-geral. Nós nos mudamos para o Colégio Sion, no Cosme Velho, e ficamos até 1998. No colégio as instalações eram alugadas, e a orientação das freiras da Ordem de Sion era a de um diálogo ecumênico. Depois compramos uma casa na Rua Santo Amaro, na Glória. Com o crescimento, fez-se uma filial em São Paulo, no Colégio Sion, de São Paulo.

Algo que fizemos com muito sucesso foi a formação pastoral e o ensino do método Paulo Freire. Chegávamos a reunir dentro do colégio cerca de cem pessoas para estudar o método, a Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire voltou ao Brasil. Tive a honra de hospedá-lo. A partir daí, começaram a surgir vários organismos ecumênicos, além do Cedi. Apareceu a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), que tinha o apoio oficial das igrejas, inclusive da CNBB, em Salvador. Outros grupos foram surgindo: o Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), formado em 1979 no Rio Grande do Sul; o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), também ecumênico, formado em 19 de agosto de 1982. Tive a honra de presidente do Cesep durante um bom tempo.

O Cedi foi uma experiência muito forte em minha vida e exerceu papel significativo não só na esfera ecumênica, mas em muitos outros setores da vida brasileira. Os seus diferentes projetos cresceram de forma acelerada e desencadearam mais liberdade e autonomia de ação. Em 1994, verificou-se a impossibilidade de se ter uma coordenação centralizada e em controle um espectro tão amplo de ações. Em memorável assembleia tomou-se a deliberação de voltar aos ideais da formação do Cedi e dar autonomia aos seus diversos departamentos. O lema foi dividir para crescer, sempre dentro dos princípios fundantes do Cedi. Foram organizadas quatro entidades: o Instituto Socioambiental (ISA), o Ação Educativa e o Núcleo de Estudos Trabalho e Sociedade (Nets), todos em São Paulo. No Rio de Janeiro, na antiga casa do Cedi, ficou Koinonia Presença Ecumênica e Serviço.

## *Lucilia*

Durante a ditadura, hospedamos muita gente aqui em casa. O Paulo Wright esteve conosco. Fomos os últimos a ver o irmão do Zwinglio, o Ivan. Uma semana depois ele estava morto. Eram também passagens extras para pessoas saírem do País. Um deles embarcou faltando cinco minutos para o avião fechar a porta. Chegaram correndo com a Beatriz e uma outra pessoa que eu não recordo o nome agora. Chegaram e não era possível entrar mais: “Por favor, é um termo de responsabilidade. São cinco minutos, não voou ainda, está pousado. Por favor, aqui os documentos todos em dia”. Abriram a porta do avião e a pessoa entrou e viajou. Foi embora se livrando de prisão, das torturas. Muitos participantes das igrejas foram muito torturados.

## **IGREJA E SOCIEDADE NA AMÉRICA LATINA (ISAL)**

O vento das ditaduras se espalhou pela América Latina nos anos de 1970 – Chile, Argentina, Uruguai, países com os quais mantínhamos relações. Isso fez com que buscássemos um encontro também com os latino-americanos. Criamos um movimento chamado Igreja e Sociedade na América Latina – Isal, financiado pelo Conselho Mundial de Igrejas, que teve uma importância extremamente forte e fez com que se abrisse um leque maior, não só no Brasil, mas na América Latina como um todo. Não tínhamos ligação oficial com o Conselho Mundial de Igrejas, mas sim oficiosa. Estávamos na reunião de 1966 do Conselho em Genebra e mantínhamos relações de trabalho com figuras como Julio de Santa Ana, Leopoldo Niilus, Mauricio López, Charles Harper, Israel Batista e outros. Na América Latina, Luis Odell, Valdo Gallardo, Emilio Castro, José Miguez Bonino, Federico Pagura, Oscar Bolioli, além do grupo de brasileiros. A reunião de fundação foi em Huampani, no Peru, com diversos movimentos de ação social de vários países da América Latina que tinham influência muito grande no Continente. Um marco de referência foi a Revolução Cubana, que exerceu um fascínio em toda a América Latina. Isal foi formada em 1961 e promoveu uma renovação teológica, com base na teologia da libertação. Na época, Rubem Alves era o secretário de estudos. Richard Shaull, Julio de

Santa Ana, Luiz Odell, Hiber Conteris foram figuras básicas no movimento, além de muitas outras. O Cedi passou a ser participante de Isal. Esse envolvimento exerceu influência muito grande na minha vida: crescimento político, religioso, intelectual, de visão de mundo.

Particpei em alguns dos programas do Conselho Mundial de Igrejas. A primeira atuação concreta foi a de coordenar uma pesquisa sobre Migrações Internas na América Latina. Como não era ainda sociólogo, contratamos Antônio Jordão, sociólogo de São Paulo, para assessorar o grupo constituído por Waldo César, Tomiko Tanaami e Breno Schumann, que cuidava da parte teológica. O projeto realizado em três países (Brasil, Bolívia e Peru) foi feito durante alguns anos, visitando todos os centros de migrações. Com Josué de Melo ajudamos a criar o Serviço de Integração de Migrantes (SIM) em Feira de Santana, na Bahia. Saíram publicações sobre o projeto, inclusive uma revista com o relatório final do qual fui o coordenador e secretário-executivo. Com isso, o meu contato com o Conselho Mundial de Igrejas começou a crescer. Em 1966, fui com Tomiko a uma reunião na Inglaterra apresentar o estudo e em seguida na Genebra onde houve a célebre reunião de igrejas sobre a revolução tecnológica onde participaram, entre outros, Richard Shaull, Pierre Furter e Candido Mendes. A partir daí, além de uma atividade muito intensa no Brasil, comecei a atuar em diversos departamentos do Conselho. Lembro da Comissão Igrejas e Sociedade, nos projetos para América Latina, os da Dívida Externa, Justiça, Paz e Integridade da Criação e principalmente no Centro de Participação das Igrejas no Desenvolvimento (CPID).

Em 1979, fui convidado a passar um período no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. O objetivo era o de ajudar a implementar a proposta da CPID, dirigida por Julio de Santa Ana, em um projeto chamado “Por uma igreja solidária com os pobres”. Entre outras ações, elaboramos uma publicação simples para ser distribuída nas igrejas europeias e demais regiões. Defendia-se uma fundamentação teológica de por que não era apenas uma opção pelos pobres, mas sim por uma igreja solidária com os pobres. Essa publicação saiu em inglês, espanhol, francês, alemão e português. Nesse período em que eu estive no CMI, coordenamos uma publicação que só saiu em inglês e alemão, chamada “Sinais de esperança e justiça”. Pouca gente no Brasil teve conhecimento dela.

O Cedi e outros organismos ecumênicos de diversos países passaram a fazer parte da Rede Latino-Americana da CPID – Comissão pela Participa-

ção das Igrejas no Desenvolvimento. Essa rede realizava reuniões periódicas e grandes encontros no continente latino-americano. Foram criadas três ênfases: bíblica (coordenada por Milton Schwantes), educação popular e questão rural. Sobre a dívida externa, fiquei como coordenador. Isso fez com que eu apressasse a minha saída da universidade, onde era professor, porque viajava muito. Tínhamos uma equipe que tratava da educação popular. O nome do programa era Educação Para Justiça Social (EPJS) do qual eu era o secretário-geral e Leopoldo Niilus o diretor.

Formamos uma equipe para fazer uma leitura do marxismo e dos textos de Paulo Freire. No campo da educação, Paulo Freire, e no campo da leitura da realidade, a influência da Revolução Cubana. O marxismo fornecia alguns elementos para a leitura da realidade. Realizamos cursos nessa América Latina toda. Tínhamos a assessoria do Paulo Freire que estava no Chile. Na época aconteceu o golpe contra Salvador Allende. Fomos encontrá-lo, conversei com ele sobre sua situação e perguntei se estudaria a possibilidade de trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas. Respondeu que sim, pois não podia mais ficar naquele país. Levamos essa sugestão ao Conselho. Então Paulo Freire, por influência do Claudius Ceccon, foi convidado para compor o Departamento de Educação. Foi atitude nobre e corajosa do Conselho porque, além de recebê-lo, ofereceu a coordenação das atividades e estudos referentes à educação, com liberdade para agir fora do Conselho. Essas pequenas coisas foram influência desse trabalho no Brasil. Eu estava no EPJS e começamos a dar cursos com Diana Cunha, Beatriz Costa, Elter Maciel, Carlos Brandão, José Peixoto, em diversos países da América Latina. Tínhamos relações com instituições nesses países que nos davam infra-estrutura e arrematamento de pessoas, além do apoio.

O Cedi também entrou nas áreas da educação, rural e bíblico-teológica. Isso frutificou até hoje. Houve nessa época grandes mudanças na Igreja Católica, diferente do período em que os católicos não liam a Bíblia. A Bíblia era leitura exclusiva de padres e de bispos. O leigo não lia a Bíblia. Era uma coisa muito difícil. Os protestantes sempre leram muito a Bíblia. Um dos aspectos da Reforma Protestante do século XVI era a Bíblia para o povo. Lutero traduziu a Bíblia para o alemão e a distribuiu a todos. Aqui tínhamos esse forte apego pela leitura bíblica. Houve uma redescoberta popular mundial da Bíblia.

Na reunião do Conselho Mundial de Igrejas em Vancouver, no Canadá, o lema foi “Justiça, Paz e Integridade da Criação”. Começava a crescer a

preocupação do movimento ecumênico mundial com essa ampla problemática. No momento em que se falava em justiça, aparecia a questão da dívida externa dos países pobres que passou a ser um dos ingredientes fundamentais do debate mundial. Realizou-se uma reunião mundial em Seul para discutir a questão. Muitas vezes fui ao Conselho para discutir sobre a dívida externa brasileira. Nesse período começou também a ocorrer uma explosão religiosa na América Latina. Trabalhei durante seis meses em Genebra, na CPID, e durante quatro anos fui o coordenador geral para a América Latina.

Conseguimos convocar uma reunião geral, que foi realizada no Equador (perto de Quito), com muitos organismos ecumênicos na América Latina que estavam comprometidos com a proposta de Justiça, Paz e Integridade da Criação. Foram 96 movimentos ecumênicos. Um evento que não mais se repetiu, pelas próprias divisões das igrejas e por mudanças também havidas nelas. Ganham força no novo cenário religioso latino-americano no campo do protestantismo e do catolicismo a chegada do chamado movimento *gospel*, movimentos de reavivamento espiritual, crescimento de igrejas independentes, fortalecimento das igrejas pentecostais e neopentecostais, atingindo a própria Igreja Católica. Isso significou desafio ao próprio movimento ecumênico.

### **REVISTA *TEMPO E PRESENÇA***

Outro momento especial foi quando assumi a editoria da revista *Tempo e Presença*. Esse foi um período muito rico e desafiador. A origem foi o *Boletim do CEI*, criado no período da ditadura. A conjuntura era muito desfavorável e optamos por um boletim de notícias extraídas da imprensa secular e eclesiástica. O que se fazia era denunciar os abusos, violências da ditadura; ele era distribuído a todos os lugares possíveis. Os ventos vindos da Conferência de Medellín em 1968, ao lado da perseguição que as organizações católicas (JUC, JOC, etc) estavam sofrendo, resultaram na adesão dos católicos ao boletim, que passou de evangélico a ecumênico.

Todavia, era preciso dar um salto de qualidade, até mesmo porque um boletim, como instrumento de comunicação, tinha força precária. Chegamos à conclusão de que havíamos esgotado aquele tipo de atuação – nesse momento, a situação política estava se modificando, a ditadura militar

entrava em deterioração. Era o momento de fazer essa mudança. Foi o chargista Claudius Ceccon, que havia trabalhado algum tempo na área de publicações do Conselho Mundial de Igrejas, que me procurou e propôs que criássemos uma revista, já que esse veículo abriria a possibilidade de ampliar o tipo de notícia e de reflexão.

A revista, portanto, não surgiu do nada, e sim o resultado de um processo longo que se foi formando a partir da motivação de relacionar fé e política, igreja e sociedade. Esses dois eixos deveriam estar na proposta editorial. Tanto isso é verdade que durante muitos anos a revista se manteve a partir de duas preocupações: oferecer uma nova forma de ver a teologia e relacioná-la a uma visão de sociedade, com o privilegiamento da participação popular. A eles, naturalmente, perpassava um elemento fundamental, que era o compromisso ecumênico.

*Tempo e Presença* chegou a ser considerada a melhor revista ecumênica da América Latina, especialmente porque sua reflexão não se circunscrevia aos limites confessionais – ultrapassava os limites das igrejas e abria-se para entender as novas formas de expressão religiosa. Aliás, uma grande vantagem dela era não depender da aprovação das estruturas eclesiais. Essa atitude não significava que não se tomava cuidado para não agir com agressividade em relação a elas, mantendo-se, entretanto, fiel à sua proposta editorial: uma postura bastante crítica em relação à conjuntura política do País e à responsabilidade social das igrejas. A esse propósito, a presença de Rubem Alves, que durante muitos anos colaborou com a revista, foi estratégica, na medida em que propôs uma leitura teológica do cotidiano, com todas as implicações, incluindo o significado da beleza, dos momentos de contemplação e de silêncio. Evidentemente havia certa utopia de que a proposta socialista consistia em uma forma mais humana de construir uma sociedade. Nesse sentido, a revista publicou denúncias do sistema capitalista, as situações de injustiça e todas as formas possíveis de cerceamento de liberdade, etc.

Se você passear por toda a coleção, vai perceber uma grande leitura da conjuntura presente nas temáticas propostas. Lembro-me especialmente da edição feita a partir da condenação do frei Leonardo Boff – esse número esgotou-se e foi necessário fazer uma reimpressão. *Tempo e Presença* foi, naquele momento, a única voz que teve coragem de fazer um pronunciamento público e completo com referência ao cerceamento da reflexão teológica e de outra leitura da realidade.

Outro caso foi uma edição dedicada a Paulo Freire, um excluído da vida política. Tivemos também o cuidado de acompanhar os grandes momentos do movimento ecumênico (conferências do Conselho Mundial de Igrejas e do Conselho Latino-Americano de Igrejas). Até mesmo no momento em que o ecumenismo encontrava uma série de restrições das próprias igrejas, tínhamos de indicar corajosamente o nosso compromisso. Aspecto importante a assinalar é que mostramos que o ecumenismo não se restringia ao seu aspecto institucional, sem negar-lhe o valor, mas que havia uma cultura ecumênica que se manifestava pela mudança de mentalidade das pessoas no relacionamento com outras expressões religiosas sem necessariamente passar por uma instância institucional. Sem orgulho ou jactância, *Tempo e Presença* era a mais importante revista no Brasil que fazia a conjunção de sociedade e igreja, fé e política, cultura e religião, sempre dentro de uma perspectiva ecumênica. Essa foi a marca da publicação. Não podemos esquecer de citar que a presença da revista nos encontros intereclesiais sempre foi muito forte, relatando e acompanhando os grandes encontros das CEBs.

A revista não tinha uma linha popular explícita, nem foi criada para atender às camadas mais simples das igrejas – o próprio linguajar e as reflexões não se adequavam a esse tipo de público. Mas ela foi usada por diversas vezes como subsídio para que alguns comunicadores mais hábeis e preparados a transformassem numa forma mais adaptada às camadas populares. O público escolhido era de agentes de pastoral, aquele grupo de pessoas das igrejas e da sociedade que com maiores possibilidades poderiam ser formadores de opinião; enfim, era um público intermediário: nem a academia/universidade (apesar de ser utilizada muito fortemente nesse âmbito), nem as classes populares. Outro dado descoberto foi o de que o grande público era formado por professores secundários, educadores de modo geral, de dentro e de fora das igrejas, sem falar na característica ecumênica de também parte dos leitores (católicos, evangélicos e não-cristãos). Isso se explica, entre outros fatores, pela temática não-eclesial proposta nos temas apresentados e pela diversidade de colaboradores. Em um levantamento feito há alguns anos descobriu-se que mais de quinhentos articulistas colaboraram com a revista.

Desde o CEI recolhíamos dos jornais as notícias e dávamos a elas tratamento que denotasse uma nova maneira de ver determinado fato. Isso ganhava força porque reuniam-se quinze, vinte fatos diferentes de diversas

“editorias” e montava-se a partir dali uma nova forma de ver a sociedade. Era uma contra-informação estabelecida com uma visão de conjunto. Isso foi feito durante muito tempo também em *Tempo e Presença*: a uma reflexão sobre determinado tema acrescentávamos *boxes* com fatos concretos que consubstanciavam a temática e davam-lhe o contexto necessário para maior compreensão. O fato de oferecer esses *boxes* contribuía para que a informação que eventualmente tivesse sido lida em outro veículo pudesse ser refletida em seu contexto mais completo.

Do ponto de vista da sociedade mais ampla, a revista não sofreu perseguição política ostensiva. No entanto, no campo religioso sempre houve restrições. Isso se explica por que a questão ecumênica ainda não era absorvida, nem muito conhecida, pelas nossas igrejas. Havia sempre desconfiança em relação ao ecumenismo. O movimento de renovação e de reavivamento aumentava muito em todo o mundo, com um vigor proselitista muito forte, que se sentia ameaçado pela postura ecumênica, cuja ênfase não era a de somente crescer numericamente. Isso sem falar que para esse movimento, os ecumênicos não indicavam compromisso muito forte com as suas igrejas. Nesse sentido, por agrupar pessoas com esse perfil, a revista sempre enfrentou resistências.

## **A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO ECUMÊNICO**

Minha trajetória de vida tem uma forte marca da postura ecumênica. Participei da discussão e da fundação do CEI/Cedi, do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese). Essa instituição ecumênica – católica e protestante – trabalha no campo da diaconia, ou seja, do serviço à sociedade apoiando projetos. Movimento muito grande, especialmente no Nordeste, razão por que resolveu-se que sua sede seria em Salvador, com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas.

Orgulho-me de dizer que fui um dos fundadores do Centro de Estudos Bíblicos (Cebi). Foi chamado de revolução bíblica, leitura popular da Bíblia, como é que o povo lê a Bíblia e como podem ser criados círculos bíblicos populares. Hoje existem cerca de cinco mil círculos bíblicos espalhados Brasil a fora. Até o ano passado fiz parte do Conselho Nacional, mas continuo colaborando. Também fui presidente por alguns anos do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), que é



um centro de formação de quadros para o trabalho pastoral e ecumênico. Uma figura central nessa instituição foi e é o padre Oscar Beozzo. Um dos secretários-gerais foi Julio de Santa Ana.

Outra instituição com a qual trabalhei foi o Nova – Pesquisa e Assessoria em Educação, com a Beatriz Costa. Outra experiência importante foi no Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), como coordenador das suas publicações. Tive ampla liberdade e muito apoio de todos. Considero um sinal de confiança e maturidade ecumênica entregar a um evangélico essa responsabilidade. Durante esse período publicamos cadernos especiais com temática teológica e bíblica, um ótimo livro sobre Direitos Humanos e vários relatórios. Particpei com o Betinho (Herbert de Souza) da formação do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Fui com ele a Genebra para obter recursos. Particpei de alguns movimentos como o Movimento Fé e Política, que se reúne a cada três anos, trabalhei no Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai). Tive liberdade como leigo de estar presente nas reuniões desse conselho e nunca escondi essa minha perspectiva ecumênica.

Atualmente, continuo participando ativamente das atividades da Igreja Cristã de Ipanema, que me outorgou a investidura de presbítero honorário, e também da Igreja Congregacional de Bento Ribeiro. Colaboro com o Centro Alceu de Amoroso Lima, principalmente nos seus seminários e cursos e na pastoral das classes médias. Sou um dos redatores do Boletim Rede. Além disso faço parte do grupo ecumênico Emaús, que há mais de 30 anos reúne teólogos, cientistas sociais, agentes de pastoral para analisar as conjunturas eclesiais católica e evangélica da realidade política e econômica e das principais questões teológicas e éticas que nos desafiam hoje.

Acho que o ecumenismo é um dos grandes movimentos do século XX, século em que ocorreram grandes mudanças tecnológicas e sociais. Às vezes confundimos movimento ecumênico somente com movimento institucional. Ele é maior que a instituição. Frequentemente queremos resumir o movimento ecumênico ao Conselho Mundial de Igrejas, ao Clai, ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic). Não acho que vivemos uma crise do ecumenismo, pois ele ganhou outra dimensão que não a institucional. Não se vê mais no católico alguém para se converter ou no candomblé um sinal do diabo. O ecumenismo não é só instituição, é uma nova cultura, um novo espírito de humildade enfrentando novos problemas como a ecologia, a desigualdade racial e social, o direito das mulheres, etc.

As religiões desempenham um papel muito importante hoje no mundo. Foi criada uma cultura ecumênica de mais tolerância. O cristianismo de maneira geral migrou dos países ricos para os continentes pobres, religião de pobre. Quem vai à África vê isso. Também na América Latina, a maioria das igrejas está na linha do espiritualismo carismático. Não sei como será o futuro desse ecumenismo institucional, mas acredito que a cultura ecumênica, o espírito ecumênico, o sentido de que as culturas se completam e se enriquecem vai permanecer e se fortificar.

Este texto é o resultado de uma série de entrevistas realizadas com Jether Ramalho por José Ricardo Ramalho em 20/11/2007, 9/1/2008 e 28/2/2008, e complementado por outras entrevistas realizadas com Jether por Paulo Roberto Salles Garcia (em “Tempos de presença: a importância da Revista Tempo e Presença no movimento ecumênico brasileiro e na América Latina” – dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001); Manoel Bernardino (em 29/11/2007); e pela equipe de Koinonia (em 12/9/2007). A entrevista com Lucilia Garcia Ramalho foi realizada por José Ricardo Ramalho em 1/6/2009.



## **Amigos e parceiros**



# Fotografias

*Rubem Alves*

---

Escritor de livros para adultos e crianças, educador  
e teólogo

Jether, amigo querido: “*Você se lembra...?*”

Ah! Esse verbo “lembrar”... É com ele que a amizade se faz. Os amigos são aqueles que têm memórias a compartilhar. Jesus sabia disso. Tanto assim que, ao distribuir o pão e o vinho, disse que aquilo deveria ser feito “*em memória de mim*”.

A memória é o lugar onde o tempo que se perdeu espera. Espera o quê? Espera ser trazido de novo à vida pela magia da lembrança. Lembrar é viver de novo a vida que espera. Por isso a lembrança é sempre acompanhada ou de riso ou de sorriso. É o espanto da ressurreição.

Uma vez eu escrevi que, nas minhas fantasias, eu via Deus como um pescador que lança as redes do amor no rio do tempo para salvar do esquecimento as coisas amadas que o tempo levou. Ver as coisas amadas se perderem no rio do tempo dói muito. É aquela dor que tem o nome de “saudade”. E a saudade dói mais à medida que vamos envelhecendo. “*Toda saudade é uma espécie de velhice*”, disse o Riobaldo. Por isso, Jether, temos muitas memórias e muitas saudades a compartilhar...

Os fazedores dos mitos diziam que *Chronos*, o deus do tempo, era um Deus terrível que devora os seus filhos. Quando ele passa vai com ele um pedaço da vida. O escritor sagrado sabia disso e escreveu: “*O que é, já foi. E o que vai ser também já foi.*” Assim é com o tempo que passou. Assim é também com o tempo que ainda não passou. Porque o tempo que não passou passará.... Mas aí vem o “porém” inesperado que anula o que ele havia acabado de escrever: “*Mas Deus fará voltar o que já passou*”. Deus é a esperança de que as coisas amadas perdidas guardadas na lembrança haverão de ressuscitar. Assim acredita também a Adélia, que escreveu: “*Nunca nada está morto. Eu sempre sonho que uma coisa gera, o que não parece vivo, aduba. O que parece estático, espera.*”

Bernardo Soares disse que não vemos o que vemos. Nós vemos o que somos. Isso vale também para os fotógrafos. Eles não sabem que ao fotografar uma cena eles estão fotografando o próprio rosto.

O Jether estava se exercitando como fotógrafo. Atrevi-me a dar um conselho: “*Fotografar, tudo bem. Mas não mostre as fotografias para os seus amigos...*” Ele observou: “*Não mostro nem para os filhos...*”

Cena: Estou visitando um casal de amigos que acaba de voltar de uma viagem. Aí um deles sai da sala e volta com uma caixa. Estremeço. Sei o que ela contém. Fotografias. Aí a pessoa portadora da caixa me informa: “*Vou mostrar para você as trezentas e trinta fotografias que tiramos na viagem...*”

Para aqueles que viajaram é delicioso. Cada fotografia é um pedaço de um passado vivido, memória de um momento feliz. Mas para aquele que não estava lá e para quem, portanto, as fotografias não são memórias, ser obrigado a ver as fotos com as devidas explicações é um suplício.

Eu uso palavras para fotografar. Assim, o que escrevo são fotografias. Fotografias que estão guardadas na minha memória. Minha memória é uma caixa de retratos. Tudo bagunçado. Instantâneos. Nacos de vida retirados do tempo e imobilizados. Uma coisa puxa outra, sem antes e nem depois. Faz sentido para quem esteve lá e viveu. Não sei se fará sentido para quem não viveu o momento. Mas é isso que posso fazer: oferecer fotografias escritas de momentos que vivemos.

Lugar bom pra se lembrar é uma cozinha – fogão de lenha aceso, o vermelho das chamas iluminando os rostos.

Era uma noite fria com fogão de lenha aceso. A Maria Alice, mulher do Brandão, olhando para o fogo entrou em êxtase: foi para outro lugar e outro tempo. Contou-me então de um negócio que propusera a Deus: ela lhe daria um ano inteiro de sua vida em troca de uma única noite na cozinha de sua casa, lá em Goiás. Toda noite era a mesma coisa. Fogão aceso, fora frio, dentro quente, e sua mãe dizia: “*Eu vou é lá fora apanhar umas folhas de laranja pra fazer um chá pra nós...*”. E o pai, grave, advertia: “*Mulher, você vai é ficar estuporada...*”. Ela nunca ficou.

Aí ela arrematou: “*Sabe, Rubem, eu acho que tem de haver um céu diferente pra cada pessoa, porque as memórias de felicidade de cada pessoa são diferentes. Pois o céu não é isso, fazer voltar o que se amou?*”

Em havendo “céus” diferentes para cada pessoa, o meu céu e o céu do Jether não são iguais. Mas eles se entrecortam em muitos lugares. Prova disso está no fato de que em nossas caixas de fotografias há muitas em que nós aparecemos juntos.

Viajar é um dos prazeres da vida. Mas viajar sozinho é triste. Ao se planejar uma viagem, assim, é tão importante escolher o itinerário, os lugares que se deseja visitar quanto escolher as pessoas com quem queremos conversar. Muitas amizades foram para o buraco por causa de uma viagem. Basta que um goste de acordar às seis da manhã e o outro goste de acordar às dez para que as relações fiquem azedas. Pois com o Jether e a Lucilia (quando eu falo sobre o Jether estou falando também sobre a Lucilia porque não posso imaginar um sem o outro...) nunca houve o menor desentendimento. Concordávamos em tudo, a partir da hora de levantar: seis da manhã... Houve só um desentendimento, bem pequeno, que logo se curou. E nem foi desentendimento entre os dois casais, um casal de um lado e o outro casal do outro. O desentendimento foi entre, de um lado, duas mulheres-esposas andarilhas esquecidas do mundo, fascinadas pela infinidade de objetos nas vitrines das lojas e, do outro, dois homens-maridos abandonados e esquecidos das mulheres assentados num café, olhando para o relógio, esperando e se perguntando “onde estarão elas?”. Foi esse pequeno desencontro que provocou um incidente a que a Lucilia deu o nome de “tarde do esporro”. Mas, como sempre, tudo terminou em risos.

Foi só falar em riso e me veio à memória um ataque de risos do Jether, tão convulsivo e tão prolongado que temi que ele viesse a enfartar. Na Itália nós, turistas inexperientes, ficávamos intrigados com um item que sempre aparecia nas contas dos restaurantes: “cubierto”. Por semelhança fonética entendemos que “cubierto” deveria ser “couvert”. Acontecia, entretanto, que em restaurante algum nos havia sido servido um “couvert”. Como “couvert” apenas uns pãezinhos murchos. Surgiu então a suspeita: “Será que nos estão fazendo de bobos?”

Chegamos em Siena. Uma linda pizzaria ao ar livre, pérgulas e parreiras, brisa fresca. Pedimos uma pizza e comentei, enquanto esperávamos, que na conta daquele restaurante não haveria o item “cubierto” porque



normalmente não se serve “couvert” quando se come pizza. Terminada a pizza, pedimos a conta e nela lá estava o onipresente “cubierto”. Sim, os italianos nos estavam fazendo de bobos. Indignado, levantei-me e fui puxar os bigodes do “maitre”, um homem de constituição imponente e severa. Não me intimidei. Misturando português, italiano e gesticulação eloqüente fiz a minha queixa. Ele me ouviu com um rosto sério, foi até uma mesa, pegou as pontas de uma toalha e, sacudindo-as, disse com vigor: “*Questo è cubierto!*” E para que não houvesse dúvidas repetiu: “*Questo è cubierto!*” Murchei, pus o rabo no meio das pernas e voltei, humilhado, para a mesa que me vira sair arrogante cinco minutos antes. O Jether, que tudo observara de longe, foi acometido de um ataque de riso convulsivo que não terminava. Pagamos a conta, saímos da pizzaria, caminhamos pela rua e ele ia, à frente, rindo tanto que o corpo inteiro sacudia...

O normal é que os jovens sejam os contestadores, iconoclastas, revolucionários. Os velhos, ao contrário, são os conservadores, assentados confortavelmente nas poltronas do tempo. Não querem saber de mudanças, querem o mundo do jeito como está.

Com o Jether aconteceu diferente. Ele começou quadrado, conservador, próspero profissional, terno e gravata, e à medida que o tempo passou aconteceu com ele o que aconteceu com Benjamin Button, do filme com o mesmo nome, com o Brad Pitt: nasceu ancião enrugado e morreu como criança recém-nascida.

Claro que isso é ficção, mas pode acontecer. Porque o corpo é uma dança da música que a alma toca. Se a alma toca a “Marcha Fúnebre”, o corpo caminha grave, solene, cadenciado, jaquetão. Mas se a alma toca o “Tico-tico no fubá”, o corpo vira “passarinho”, como disse o velho-menino chamado Mário Quintana.

Mas, para justificar o que disse sobre o Jether jovem ser quadrado apresento como prova o incidente que denominei de “blazer vermelho”, que foi tema de uma crônica que transcrevo, resumida:

“Amo a Tomiko. Ela é pura simplicidade e pureza nipônica. Pois no dia mesmo em que ingressei na idade do sexo, isto é, no dia em que me tornei sex-agenário, ela me telefonou com uma surpreendente informação. Disse-me que, no Japão, quando um homem faz 60 anos, ele compra um blazer vermelho. Somente com os 60 anos essa liberdade lhe é concedida. E mais:

quem tem permissão para usar o vermelho tem permissão para tudo. O sexagenário tem o direito de ser diferente dos outros.

Aqui é o contrário. À medida que envelhecemos, as cores devem ir ficando sóbrias e tristes. Esse costume, eu acho, tem a ver com a nossa ideia de que o velho está com um pé da cova, e que é bom ir deixando os vermelhos, azuis e amarelos para trás, assumindo a gravidade e a tristeza do momento. Em tempos não muito distantes, o pudor e o respeito exigiam que as senhoras, a partir dos 50 anos, usassem vestidos tipo tubinho, indo até os tornozelos, golinha fechada no pescoço, mangas compridas, azul com bolinhas brancas e birote. Também os homens de respeito tinham que andar sempre de paletó, colete e gravata, obrigatoriamente de cores sóbrias. Blazer vermelho só em bailes de carnaval...

Como tenho prazer em ver a cara espantada dos outros, resolvi comprar o tal blazer vermelho. Resolvi mas não cumpri. Faltou-me coragem. Fiquei com medo do que os outros iriam dizer. Aí fomos viajar, eu, minha mulher, o Jether e a Lucília.

O Jether, aos 70 anos, ninguém acreditava. Elegante, cabelo preto, pele lisa, topa tudo, sobe morro, desce morro, entra no mato, toma banho de cachoeira, faz sauna ecumênica pelado na companhia de uma dama, dona da sauna, também nua... Pois fomos a Berlim e ficamos hospedados na casa do filho deles, Luiz, que morava lá.

Numa bela manhã, para o café, aparece o Luiz com um lindo blazer, finíssimo, cor de vinho, *bordeaux*. A antiga decisão se acendeu dentro de mim. O Luiz me disse que comprara aquele blazer numa casa de roupas usadas. Terminamos o café e lá fomos atrás do blazer vermelho. Encontrei um lindo, novíssimo, baratíssimo. Desgraça, era um número menor que o meu. Entrava muito justo. Mas ficou perfeito para o Jether. Fiquei logo com inveja: ele com blazer, eu sem blazer. Mas aí veio o desapontamento: ele não comprou o blazer vermelho, embora achasse linda a cor de vinho. O adolescente que morava nele dizia: “Compra, Jether! O blazer é legal!” Mas o velho que morava nele sentenciou: “Não compra. Cor vinho não combina com a dignidade dos teus anos...”

Por isso eu disse que ele era meio quadrado. Queria revolucionar a sociedade capitalista mas não tinha coragem para um pequeno gesto de transgressão: trocar o jaquetão azul marinho capitalista por um blazer vermelho petista... Revolucionário em tudo, mas quadrado na moda.

Mas ele mudou. Prova disso é que numa de suas viagens ele comprou para uso próprio e público um suspensório, acessório ainda não assimilado pela modernidade e que só é usado por pessoas que não têm vergonha de transgredir a moda. E até me trouxe um suspensório de presente para tornar pública a nossa amizade: duas pessoas que usam suspensório só podem ser amigas. Mas preciso confessar: eu o guardo com muito carinho mas só uso em particular... Tenho vergonha. Olhando para o suspensório dependurado no guarda-roupas eu concluo: o quadrado sou eu...

Jether e Lucilia não perdem cinema. Veem todos os filmes bons que há para ver, especialmente os de arte. Foram eles que me aconselharam a ver “A lanterna vermelha”. Foram eles que pela primeira vez me contaram sobre “A Festa de Babette”. Não perdem concerto de música clássica, especialmente piano. E nem show de música popular. Adoram comer e beber. Lucilia é uma maravilhosa Babette cujos olhos brilham ao ver um doce. Não perdem chances de viajar: a vida é curta, “*tempus fugit*”, “*carpe diem*”. Já viraram o mundo de cabeça para baixo, sem nunca perder tempo indo a shopping centers para comprar quinquilharias para produzir inveja nos que não foram. Faz pouco tempo foram visitar os campos de tulipas na Holanda e as geleiras no sul do Chile onde o Jether tomou uísque de 12 anos com gelo azul da geleira de 30 mil anos. Além disso, o Jether é companheiro de banhos de cachoeira e mergulhos em lagos de água gelada, inverno, fim do mês de julho, uma nuvem de neblina paira sobre a superfície do lago, os adultos ajuizados e agasalhados não se atrevem, observam com olhos incrédulos aqueles dois velhos que se aproximam em calções de banho, apostam que não terão coragem, perdem a aposta, lá vamos, Jether e eu, para dentro do lago gelado... Os que observam fazem um reverente sinal da cruz, encomendando nossas almas...

Prova de que o Jether é adolescente está no fato de que ele gosta de brincar. Um dos seus brinquedos é ser torcedor do Botafogo, como eu. Futebol é brinquedo porque é atividade que não serve para nada, não produz nada. O que o futebol produz é emoção. Seu amor pelo Botafogo é tão grande que, numa viagem internacional que fizemos, no aeroporto de Miami ele

não descansou enquanto não encontrou um jornal que desse o resultado de Botafogo x Flamengo.

Vou contar uma brincadeira do Jether, molecagem que teve a Lucilia como cúmplice. Um dos seus filhos, o José Ricardo, esposa e dois netos, meninos de 9 e 7 anos, foram morar na Inglaterra. A Lucilia, cheia de saudades, ia encontrá-los. Era o tempo de Copa do Mundo. Saiu a lista dos jogadores convocados para a seleção, página inteira do jornal. Na coluna esquerda, as fotos dos jogadores, uma debaixo da outra. Ao lado de cada foto, um comentário técnico sobre o craque. O Jether teve uma ideia marota, brincadeira com os netos. Cortou a foto de um jogador. No seu lugar colou sua própria foto, devidamente encolhida. A seguir, o comentário, algo mais ou menos assim: *“Jether Pereira Ramalho, grande revelação do Botafogo. Dono de uma técnica impecável e de uma experiência única, vai ser o cérebro da seleção brasileira”*: tudo em letras idênticas às do jornal. A seguir fez uma cópia xerox e pediu que a esposa levasse a dita folha para os netos. Foi o que ela fez, sem nenhum comentário. Os garotos ficaram excitadíssimos com as notícias sobre a Copa do Mundo. Começaram a ler até que chegaram à notícia insólita que os deixou sem fala: *“Nossa! O vovô! O vovô foi convocado para a seleção!”* A avó engoliu o riso, se conteve. Passados alguns instantes, ela ouviu o comentário de um deles: *“Uê! Por que é que o vovô está de gravata e paletó?...”*

Há pessoas cuja simples lembrança do seu rosto nos faz sorrir. É o caso da Lucilia. Eu a defino: a Lucilia é um prazer de viver cercado de carne por todos os lados. Além do seu riso, uma de suas maiores virtudes é a de cozinheira maravilhosa! Mas ela tem outra qualidade: tem uma compulsão por ajudar os outros. Basta que veja alguém numa situação difícil que ela se movimenta. O que lhe tem dado muito prazer e muito riso. Pois ela e o Jether, amantes de viagens, estavam atravessando de Copenhague para Estocolmo, de navio. Pela manhã o navio chegou e atracou. Foi encostada no navio uma longa escada rolante para o desembarque confortável dos passageiros. À frente da Lucilia uma jovem mãe com um nenezinho no colo e um carrinho cheio de coisas. Lucilia pensou logo: *“Como é que essa mãezinha vai dar conta de bebê e carrinho? É muito difícil...”*. Dirigiu-se então à mãe e ofereceu-se para ajudar. A mãe ficou feliz mas fez-lhe uma pergunta: *“A senhora sabe o que fazer para tirar o carrinho da escada ro-*

*lante, lá em baixo, na chegada?*”. A Lucilia não sabia mas respondeu que sim. Assim, mãe à frente, Lucilia atrás, a seguir alguns elegantes homens de negócio impecavelmente vestidos, finalmente o Jether. Tudo transcorreu normalmente até o momento crucial quando o carrinho chegou ao fim da escada rolante. Hora de dar um empurrão forte no carrinho, rodas da frente levantadas. A Lucilia, que não sabia desse truque, não levantou as rodas do carrinho. O carrinho empacou. Mas a escada não parou. Continuou. A Lucília caiu em cima do carrinho. Os elegantes homens de negócio que vinham atrás caíram sobre ela. Formou-se um bolo. O Jether, apavorado, teve uma ideia brilhante: apoiou-se atleticamente nos corrimões deslizantes, levantou as pernas e passou por cima do bolo, saindo lampeiro em terra firme. Nesse momento foi dado o alarme. A escada parou. Os funcionários destravaram o carrinho e socorreram a Lucilia que se levantou cheia de desculpas e os elegantes homens de negócio, indignados, trataram de se recompor de suas ridículas posições, catando os chapéus espalhados pelo chão e alisando seus ternos amarrotados. Infelizmente não havia ninguém com câmera de vídeo para filmar.

O Jether e eu estávamos em São Paulo, num hotel, para mais uma reunião de “esquerda” que preparava verbalmente a eminente volta de Cristo, ou seja, a revolução socialista. Mas aí, ao nos levantarmos pela manhã, nos defrontamos com um espetáculo inesperado: o nosso hotel estava cheio de generais e coronéis, hospedados. Aterrorizados de medo e procurando mostrar naturalidade, fomos investigar o acontecido: o AI-5 havia acontecido!

Aí o medo tomou conta do corpo e dos pensamentos, a adrenalina esguichou nas veias, o sangue gelou, e lá fomos pela Avenida Ipiranga andando vagarosamente para não dar na vista, sem coragem para olhar para trás, certamente nossa conspiração havia sido descoberta e logo seríamos presos.

Não fomos. Mas tivemos muito medo. E então pensei que medo é sacramento: aqueles que juntos têm medo, juntos rirão, quando o medo se for...

Incisivos, caninos, molares, gengivas, línguas, epiglotes, cáries, tártaro, obturações, boticões, extrações, mau hálito, canais, brocas, anestésias: esses

eram alguns dos habitantes do mundo bucal que o Jether escolhera para ocupar seus olhos, sua inteligência e suas mãos pelo resto de sua vida. Era um dentista, um próspero dentista, casado, pai de três filhos e uma filha. Responsabilidades econômicas. De repente o mundo definido e perto do Jether sofreu um abalo sísmico, as coisas saíram dos seus lugares, as bocas e dentes que lhe eram tão familiares começaram a devorar sua alma, as viagens diárias até o consultório em Bento Ribeiro se encheram de interrogações e ele chegou a uma conclusão louca, começar tudo de novo, vender o consultório, fazer vestibular para ciências sociais – afinal de contas, que emprego se consegue com ciências sociais?

Mas uma decisão louca dessas, que envolvia mulher e filhos, não podia ser tomada sem o conhecimento e acordo de todos envolvidos – e foi isso que o Jether fez – e a família disse sim.

Disse que ele não teve coragem de trocar um jaquetão azul marinho por um blazer vermelho – mas foi capaz de trocar o certo da profissão pelo duvidoso da vocação...

**H**ouve uma vez, uma única vez em que o Jether ficou bravo comigo, em público, é bem verdade, porque em particular estamos sempre de acordo mesmo que discordemos.

Oxtepec, 1971 – não estou bem certo – México. Líderes protestantes ecumênicos de esquerda do mundo inteiro estavam reunidos. O objetivo da reunião: analisar a configuração estratégica das forças do capitalismo, de um lado, e das forças do socialismo, de outro. E os acontecimentos em Cuba criavam um clima de euforia. Quando os revolucionários se reúnem as certezas ficam maiores.

E eu era diretor de Estudos de Isal, Igreja e Sociedade na América Latina. Deveria apresentar uma das conferências principais. Com antecedência preparei a minha palestra, segundo o catecismo ortodoxo.

Aí me aconteceu algo na véspera. Minhas certezas “gelatinaram-se”. Na verdade eu nunca acreditara nelas mas não tinha coragem de confessar. Achei que seria desonesto ler a palestra ortodoxa que preparara. Em toda a minha vida nunca consegui ter certezas. Tomei então uma decisão: diria, diante da assembléia de participantes, que eu não acreditava... Tal decisão exigiu coragem porque eu sabia que seria um escândalo.

Comecei minha fala contando uma pequena história:

*“Aconteceu na comunidade cristã primitiva que se reunia nas catacumbas. Todos sabiam que Cristo voltaria dentro de pouco tempo para estabelecer o Reino de Deus. Questão de meses ou semanas... A certeza era tão grande que os membros da comunidade que tinham posses vendiam suas propriedades e distribuíam o dinheiro entre os pobres. Para que guardar dinheiro? No Reino de Deus não haveria dinheiro. Todas as coisas seriam livremente distribuídas por todos.*

*Foi nesse clima de certezas e alegre expectativa que um homem levantou a mão, pedindo a palavra. Fez-se silêncio e ele disse: ‘E se Cristo não voltar, o que é que vamos fazer?’*

Aí eu expliquei: *“Eu sou aquele homem. Se as nossas expectativas se frustrarem, se os militares da direita triunfarem, o que é que vamos fazer?”*

Até os amigos mais próximos se horrorizaram com o meu atrevimento. E o Jether também, que era um batalhador que sonhava com um mundo diferente. Ele ficou muito bravo com a minha fala ... Mas, como disse, a braveza durou pouco. Logo estávamos assentados ao redor de deliciosas “margueritas”...

Partilhamos de uma mesma tradição, embora ela só exista como memória e esperança. Somos protestantes. Mas é dessa tradição que nos vem um arrependimento comum. Não por pecados que tenhamos cometido. Mas por pecados que deveríamos ter cometido. Em tempos passados aprendemos na igreja (nisso católicos e protestantes são iguais) que Deus fez a fome, Deus fez a comida, e Deus deu a proibição. Segundo a teologia clássica, Deus gosta mesmo é de jejum e de fazer a gente sofrer. Se não fosse assim, não teria feito nem a fome e nem a comida. Felizmente acordamos a tempo do nosso erro: Deus é a grande Babette universal. Quer mesmo é ver o sorriso de criança da gente diante do grande banquete que é o mundo. Temos só tristeza pelo tempo perdido. E juramos não mais perder tempo. Comeremos de tudo o que é bom e bonito com fome insaciável.

Portugal, país católico, campo missionário para aqueles que se sentem chamados para pregar o evangelho, assim aconteceu com o pai do Jether, pastor da Igreja Congregacional, que resolveu deixar o Brasil, sua terra, e

atravessar o oceano com a família para levar o evangelho... Manhã cedo. No cais os irmãos aglomerados, as despedidas, os abraços, as lágrimas, o ferro enorme, o mar sem fim, quando é que se verão de novo?, será que vão se ver de novo?, na amurada do navio a família que parte, soa o apito rouco e triste, o navio vagorosamente se distancia do cais, bem disse Álvaro de Campos que “*todo cais é uma saudade de pedra*”, os braços e mãos acenando adeuses, os irmãos, no cais, começam a cantar, “Deus vos guarde pelo seu poder”, até que o canto não se ouve mais, das pessoas não mais se consegue distinguir os rostos, no navio é o ruído da quilha contra as ondas e o vento sopra a saudade até nos vermos outra vez... Um menino de calças curtas, sem entender o tamanho do mar e a distância da saudade, chora...

Jether, essas são algumas das fotografias em que nós dois aparecemos e que tenho guardadas na minha caixa de memória. Mas há muitas mais! Toda vez que eu as vir eu me lembrarei de você e repetirei que, dentre as coisas boas que me aconteceram, ser seu amigo e amigo da Lucilia foi uma das mais alegres.





Jether preparando a pauta de uma reunião do Cedi



Jether e Lucilia com José Ricardo



Jether e Lucilia

Jether falando na Igreja Fluminense, dando posse à primeira diretoria da Federação da Juventude Congregacional



Na Alemanha, examinando um noticiário sobre o Brasil



Jether dando posse a uma das Juventudes Congregacionais

Jether e  
Lucilia com  
os filhos nos  
anos 1960



Os filhos  
Luiz Augusto,  
Maria Judith,  
Jair Felipe e  
José Ricardo



Jether falando no curso  
de verão do Cesep, no  
Tuca-PUC/SP



Lucilia e Jether com o filho Luiz Augusto



Jether com a filha Maria Judith



Jether com o filho Jair Felipe



Lucilia e Jether em encontro no Equador nos anos 1990



Jether e Lucilia com os netos Emiliano, Max e Tomás



Lucilia com os netos André e Gabriel



Lucilia e Jether com a neta Carolina





A família de Jair Felipe – Gabriel, Carolina, Lisbeth e André



A família de Luiz Augusto – Bárbara e Max

Jether em encontro  
com o presidente Lula  
em 2009



A família de José Ricardo – Neide, o neto Pedro, Tomás e Emiliano



Leonardo Boff, Jether e Rubem Alves



Rubem Alves



Oscar Beozzo, Julio de Santa Ana e Israel Baptista, na Suíça



Luiz Alberto Gómez de Souza e Jether



Lucilia, Beatriz Costa e Jether



Jether e Zwinglio Dias



Jether, Lucilia e Tomiko Born em uma reunião na Inglaterra



Gilberto Velho



Luiz Eduardo Wanderley



Luis Odell – um dos líderes do movimento ecumênico na América Latina



Personagens históricos do ecumenismo no Brasil - Waldo César e Richard Shaull com Jether e Lucilia





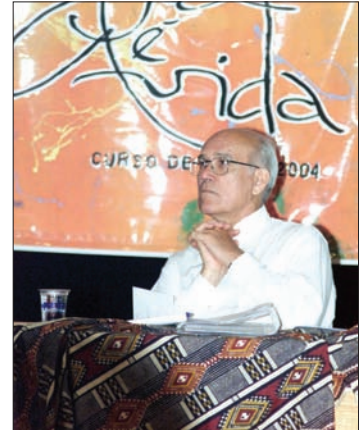
Maria Helena Arrochellas e Jether – a rede de cristãos de classe média



Carlos Brandão



Jether, Dom Paulo Evaristo Arns e Oscar Beozzo no curso de verão do Cesep em São Paulo



Oscar Beozzo no curso de verão do Cesep, em São Paulo



Jether, Lucilia, Irmã Agostinha e Carlos Mesters – os quatro fundadores do Cebi



Jether e Lucilia com o pastor Edson de Almeida





Grupo de teólogos Emaús do qual Jether e Lucilia são participantes desde a sua fundação



Jether e pastor Edson de Almeida em encontro com o presidente Lula



Tereza Cavalcanti



Jether na Assembléia do Clai



Marcia, Boff, Lucilia, Jether, Lucia e Luiz Alberto



Jether e Lucilia com o pastor congregacional Manoel Bernardino de Santana Filho, presidente da Associação de Teólogos Evangélicos do Brasil

# Jether Ramalho: ancião bíblico, mestre, companheiro

*Leonardo Boff*

---

Teólogo, professor e escritor. Foi um dos formuladores da Teologia da Libertação e co-redator da Carta da Terra

Não se pode pensar e escrever sobre Jether Ramalho e sua companheira inseparável Lucilia sem se lembrar de figuras bíblicas. Tal é a densidade da impregnação do espírito bíblico em sua vida. Vê-lo falar e opinar sobre o curso do mundo e das Igrejas nos remete aos sábios do Primeiro Testamento. Mas é na figura do ancião sábio que ele nos faz pensar. O ancião chegou à sabedoria não tanto pela idade mas pelo aprendizado que fez ao longo da vida, vida sempre filtrada pela Palavra da Revelação. Então se entende a força de convencimento e a irradiação que suas palavras ganham. Elas vêm lastreadas por larga meditação, oração, reflexão sobre os fatos sociais e eclesiais.

Tal sabedoria gera o mestre. Mais que ensinar, o verdadeiro mestre faz suscitar o Mestre escondido dentro de cada um. Para acordar o Mestre interior, a palavra do mestre tem que calar fundo e atingir o coração do outro. É o que ocorre com Jether. Próprio do ancião sábio e do mestre seminal é sentir as polaridades da vida e conservar a equidistância nos juízos. É poder pesar e sopesar os prós e os contras, ver os muitos lados do real e emitir um juízo justo. Assim evita polarizações que dilaceram o tecido comum.

Jether é um homem de síntese. Gente com essa capacidade não é frequente nos vários âmbitos da vida. É o resultado da sabedoria e da ponderação. Finalmente é um carisma, dom de Deus e fruto da conquista humana. Essa dimensão de síntese em Jether se nota especialmente no diálogo ecumênico. Foi dos primeiros intelectuais e pensadores brasileiros a lançar o movimento ecumênico no Brasil. Nas diferenças confessionais, sempre soube captar o tonus rectus, aquela ressonância evangélica que nunca se perdeu e que sempre triunfa na história das Igrejas.

Na política com tantas tendências, sempre soube identificar por onde passam os bens do Reino, lá onde os pobres recuperam a esperança, sua

vida sofredora ganha centralidade, seus direitos são realizados e onde se favorece a inclusão maior possível. Defende sempre com ardor aquelas políticas que beneficiam os marginalizados e oprimidos e que apontam para formas mais profundas de participação e de comunhão, quer dizer, que realizam o ideal democrático.

Nestes campos aparece a capacidade de síntese que enaltece as intervenções do ancião sábio, do mestre seminal que, então, se torna companheiro de caminhada, de tribulação e de esperança. É como se Jether nos repetisse as palavras de João no Apocalipse: “Eu Jether (João), vosso irmão e companheiro de tribulação, do Reino e da paciência em Jesus” (1,9), estou aqui no meio de vocês.

Poder contar em nossa própria peregrinação com a presença bem-aventurada de Jether e de Lucília nos enche o coração de agradecimento a Deus e a eles, nos fortalece em nossa opção e nos dá a certeza de que não temos andado em vão nem deixado o arado e olhado para trás. Continuamos com eles e, com a graça do Alto, temos perseverado no serviço ao Reino e aos irmãos e irmãs, especialmente, aos mais vulneráveis e invisíveis.

Seria largo contar nossa caminhada comum, nos encontros nacionais das comunidades eclesiais de base, na fundação e animação do Cesep, do Cebi que introduziu a leitura popular da Bíblia, no Movimento Fé e Política Nacional, nos encontros sempre esperados e celebrados do Grupo de Emaús, desde os longínquos anos de 1973.

Para mim ficou inesquecível a viagem que juntos fizemos, com todo um grupo de companheiros da Teologia da Libertação, pela antiga União Soviética. Como observava tudo, como comentava, como intervinha nos diálogos – seja com representantes da Igreja Ortodoxa, seja com autoridades políticas. Inolvidável foi seu comentário quando visitamos Riga, capital da Lituânia, cidade das mais belas do mundo. Era agosto; as mulheres passeavam com suas roupas típicas e traziam – pois esse é o costume deles – ramalhetes de flores nas mãos. Admirando aquela paisagem humana e cultural, Jether comentou: “Pena que a Lucília não esteja aqui, para também ver toda essa beleza e podermos comentar, posteriormente, juntos”.

Quando passei por minhas tribulações com as autoridades doutrinárias da Igreja Católica – tendo que me justificar no mesmo lugar onde Galileu Galilei, Giordano Bruno e tantos outros homens notáveis foram interrogados –, senti desde o primeiro momento a solidariedade cálida de Jether e de Lucília. Maior ainda foi a presença deles quando, face a novas investidas

de Roma, tive que tomar a difícil decisão de deixar o ministério presbiteral e minha condição de franciscano. Tratava-se de preservar a minha própria dignidade de homem, de cristão e de teólogo ao não aceitar novo “silêncio obsequioso”, dessa vez exilado ou para a Coreia ou para as Filipinas. Lá estavam Jether e Lucilia confortando-me e mostrando-se como verdadeiros irmãos que por motivo nenhum abandonam os companheiros de opção e de destino.

Deixando de lado tantos momentos vividos juntos, quero revelar – e o faço pela primeira vez – a importância de Jether Ramalho na formulação de minha teologia da libertação. Estávamos nos inícios dos anos 70 do século XX, creio que no ano de 1972. Em vários países surgia simultaneamente a Teologia da Libertação. Em muitos casos nem sabíamos uns dos outros. Eu, por exemplo, jamais ouvira falar de Gustavo Gutiérrez, Juan Luiz Segundo e Pablo Richard, primeiros formuladores desse tipo de teologia, quando escrevi durante o ano de 1971 meu *Jesus Cristo Libertador*. Sabemos que a Teologia da Libertação, além de sua inspiração fontal na teologia do êxodo, dos profetas e da mensagem e da prática de Jesus, supõe uma leitura crítica da realidade social. A opção pelos pobres contra a pobreza exige lucidez para que a ação seja realmente libertadora e não apenas funcional ao sistema imperante e assistencialista.

E é aqui que entra a contribuição, para mim, decisiva de Jether Ramalho. Ele fora convidado pelo Instituto de Teologia dos Franciscanos em Petrópolis, onde eu era professor de teologia sistemática e ecumênica, a dar uma palestra sobre as aporias e ilusões do desenvolvimento. Mostrou até com gráficos que retenho na memória até os dias de hoje as três interpretações que se davam então do desenvolvimento, respectivamente do subdesenvolvimento.

Partia-se da constatação de que havia países desenvolvidos, no hemisfério norte, e países subdesenvolvidos no hemisfério sul. Como fazer, por meio de um processo relativamente rápido, que os subdesenvolvidos cheguem ao nível dos desenvolvidos? E aqui Jether expunha três posições vigentes na época e que ainda guardam certa atualidade.

A primeira entendia o subdesenvolvimento como atraso e por isso como um problema técnico. Seria uma fase que, mediante investimentos, tecnologias e aceleração social, deveria ser superada e assim alcançar os países desenvolvidos. Atingido certo nível de renda per capita, de PIB, de número de hospitais, escolas, bibliotecas, carros e longevidade, o país subdesenvol-

vido deixaria de sê-lo e passaria a ser desenvolvido como os já existentes. Falava-se então de países em vias de desenvolvimento.

O segundo momento percebeu a ingenuidade da teoria das etapas e do aspecto meramente técnico. A questão é antes de tudo política. As etapas percorridas pelos europeus e pelos norte-americanos há duzentos anos não correspondem às nossas. Então, não havia a concorrência feroz que hoje reina, o monopólio de grandes conglomerados e as dependências que os subdesenvolvidos são obrigados a manter em relação aos desenvolvidos. Começou-se a entender que desenvolvimento e subdesenvolvimento são dois momentos de um mesmo e único sistema econômico, político e cultural. O lado desenvolvido deve, com pesados investimentos e com a presença de suas empresas e tecnologias, fazer-se presente no lado subdesenvolvido para tirá-lo do atraso e inseri-lo funcionalmente no grande sistema, reforçando as interdependências. A Aliança para o Progresso, vinda dos EUA e encampada pelos organismos como o BID, o Banco Mundial, o FMI e o Cepal, dava corpo a essa compreensão. Tais países foram chamados de subdesenvolvidos quando comparados com os considerados desenvolvidos. Deveriam desenvolver-se até para antecipar-se ao revolucionários e aos que contestavam o sistema global dualista.

A terceira interpretação nasceu de uma profunda frustração de que os países tidos como atrasados e subdesenvolvidos, ao invés de progredirem, ficaram ainda mais subdesenvolvidos. Os investimentos beneficiaram as elites dos países subdesenvolvidos, internalizando as relações de dependência. Enquanto as nações desenvolvidas tinham na década de 1960-70 aumentado em 50% sua riqueza, os países subdesenvolvidos continuavam de debatendo na miséria e no fracasso. A interdependência se mostrou como verdadeira dependência. O subdesenvolvimento é subproduto histórico do desenvolvimento dos países ricos. O que existe é um desenvolvimento do subdesenvolvimento. A dinâmica do sistema capitalista leva a estabelecer um centro e uma periferia, gerando muita riqueza para poucos (no nível interno e externo) e pobreza e tensões políticas para muitos. As relações entre centro e periferia são de dependência. Os países subdesenvolvidos são mantidos no subdesenvolvimento para continuarem dentro do sistema capitalista que se contrapunha ao sistema socialista.

Essa dependência forçada era sentida como opressão e dominação. Se um país quiser superar os níveis de pobreza-opressão, deve quebrar esses laços de dependência e construir seu caminho de independência. O que se

opõe à opressão é a libertação. Esta deve ser fruto de ações pedagógicas, econômicas, políticas, culturais religiosas que vão criando espaços de liberdade.

Em que medida os cristãos, a partir de seu capital religioso e evangélico, ajudam neste processo de libertação? Aqui nascia a Teologia da Libertação como resposta a essa indagação que acoitava as consciências das Igrejas desde o momento em que perceberam a dinâmica das dependências e das opressões que possuem caráter sistêmico. Os países pobres são oprimidos com um desenvolvimento dependente e associado ao desenvolvimento dos países opulentos.

Essa foi, em resumo, assim como guardei na memória, a palestra de Jether Ramalho. Ele me abriu os olhos para a base analítica e social da libertação integral. Ela tem um pé na Palavra da Revelação, pois aí se inspira, e um pé na realidade, descodificada analiticamente de forma que ajuda a fé a ser autenticamente libertadora e não apenas progressista e assistencialista.

Articular o discurso da fé libertadora com o discurso da pobreza entendida como opressão é o desafio perene da Teologia da Libertação. Em qualquer situação em que se encontra, pode e deve suscitar a pergunta: onde há aqui opressões (de todo tipo, até aquelas escondidas no coração)? Aí a fé cristã tem uma palavra e uma prática de libertação a apresentar.

Ter-me feito entender essa dinâmica e melhorar meu discurso teológico sobre a libertação dos oprimidos foi mérito do ancião, mestre e companheiro Jether Ramalho. E ser-lhe-ei sempre reconhecido e grato por essa contribuição de lucidez.

É bonito vê-lo já ancião sábio, participando dos debates, reciclando seus conhecimentos e sempre aberto a aprender e a suscitar novas perspectivas dos problemas apresentados. É a perene juventude que nasce da experiência da graça e da continuada frequentação da Palavra de Deus.



# Presença no tempo

*Julio de Santa Ana*

---

Teólogo, cientista social, secretário-geral de Isal (Igreja e Sociedade na América Latina). No Conselho Mundial de Igrejas dirigiu a Comissão pela Participação das Igrejas no Desenvolvimento. Fundador do Cesep e professor de Ética Social do Instituto Ecumênico de Bossey. O texto foi traduzido do espanhol por Maria Candida Rocha Diaz Bordenave

Uma das características constantes na história dos povos é o surgimento de movimentos que contribuem para a renovação de estruturas, instituições, valores e crenças coletivas. Essas correntes que, em certos casos, abriram caminho e conseguiram plasmar algumas ideias, se multiplicaram a partir do momento em que o processo de modernização ocidental foi ganhando força. Desde o período de declínio da Idade Média, em que os povos ocidentais começaram a impor seus interesses, diversos movimentos tentaram repetidamente sacudir as cadeias da tradição e propor novas formas de vida. Desde o final do século XVII até a atualidade, o dinamismo dos acontecimentos ganhou intensidade. Por exemplo, a crescente força demonstrada pelos movimentos que promovem e defendem os direitos humanos é um dos principais fatores que consegue fazer avançar diversas formas de vida democrática.

É importante levar em conta que as mudanças produzidas seguem trajetórias que, embora tenham um sentido semelhante, possuem aspectos que os diferenciam. Se os diversos movimentos feministas forem analisados, poderemos compreender aquilo a que nos referimos; do mesmo modo, os que se mobilizam contra o racismo. Os exemplos desses movimentos são abundantes e não precisamos nos estender sobre eles.

Os dois últimos séculos foram sacudidos pelos que buscavam transformações revolucionárias. Karl Marx argumentou de maneira conclusiva que a burguesia ocidental promoveu mudanças revolucionárias em diversos planos: social, econômico, político, cultural, etc. As convulsões históricas que geraram não terminaram. A revolução capitalista não criou um mundo paradisíaco; é por isso que os povos continuam construindo novas utopias e afirmam que “é possível um mundo melhor”.



Esses projetos de transformação histórica também são formulados para outras áreas da vida. De maneira concreta, penso no viés que o ecumenismo conseguiu dar ao cristianismo e a outros movimentos religiosos. Trata-se de um impulso que, por um lado, busca corrigir dogmatismos e fanatismos que conduziram (e, em algumas situações, ainda conduzem) a enfrentamentos árduos e a inimizades, e, por outro lado, propõe chegar a plasmar relações diferentes entre os que são conscientes de suas identidades particulares e desejam viver em paz, respeitando-se mutuamente. O movimento ecumênico estava em estado latente nas culturas e religiões dos povos, embora durante muito tempo, inclusive no presente, se tenha dado mais ênfase a posições singulares. O espírito ecumênico foi iluminando progressivamente as consciências, levando-as a adotar atitudes que afirmam a importância de os seres de nosso planeta se encontrarem, dialogarem e formarem comunidades nas quais, apesar de suas diferenças, seja possível forjar relações que ajudem a sua convivência e o seu entendimento.

Há um vínculo claro entre os movimentos de renovação secular e os que tentam dar um sentido de unidade à ação das instituições religiosas. Esse vínculo significa que, quando se alude ao movimento ecumênico, se leva em conta tanto sua significação secular, que se refere a todo processo ocorrido na história, quanto o seu sentido religioso (que envolve todas as crenças). É importante ter presente que o ecumenismo tem a ver com *oikoumene*, palavra grega que é traduzida como “*todo o mundo habitado*”. Neste, convivem os povos que são diferentes. O relato, transmitido no capítulo 11 do livro do Gênesis, nos dá a entender que a uniformidade das formas de vida não é o que Deus queria, e que por isso confundiu a linguagem dos seres humanos. Há uma diferença fundamental entre uma sociedade onde pode ter reinado a uniformidade e outra, na qual homens e mulheres buscam a compreensão mútua ao mesmo tempo em que afirmam os traços que os diferenciam.

A “missão de Deus” está orientada para a *oikoumene*, para todo o mundo habitado. Deus quer que vivamos de acordo com a nossa situação, de acordo com a nossa idiossincrasia. Nessas situações particulares, homens e mulheres, jovens e adultos, sentimos a vocação de formar comunidades muito diversas. Por meio dessas formas de vida temos a oportunidade de colaborar com Deus (seja qual for o nome que cada povo de crentes lhe dê), para plasmar um mundo onde haja paz, justiça e liberdade. Esse é o sentido da missão da Igreja (*ekklesia*, tradução do hebreu *q’ahal*, que significa co-

munidade), que é parte da missão de Deus, da *missio Dei*. Os crentes dão continuidade à ação de Deus; por isso prolongam a intenção divina através da história. Nas palavras do autor da Epístola aos Efésios, ao referir-se à relação entre judeus e gentios à luz da ação de Jesus, o Messias:

“Assim, recordai como em outro tempo vós, os gentios segundo a carne, chamados incircuncisos pela chamada circuncisão – por uma operação praticada na carne – estivestes naquela época longe de Cristo, excluídos da cidadania de Israel e estranhos às alianças da Promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. Mas agora, no Messias (Cristo) Jesus, vós, os que em um tempo estivestes longe, chegastes a estar perto pelo sangue de Cristo.”

“Porque ele é a nossa paz: aquele que, de dois povos, fez um, derrubando o muro que os separava, a inimizade, anulando em sua carne a Lei dos mandamentos com seus preceitos, para criar em si mesmo, dos dois, um só Homem Novo, construindo a paz. E reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo, por meio da cruz, dando em si mesmo morte à Inimizade. Veio anunciar a paz: *paz a vós que estivestes longe e paz aos que estavam perto*. Pois por ele, uns e outros temos livre acesso ao Pai em um mesmo Espírito. Assim pois, já não sois mais estranhos nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus, edificados sobre o cimento dos apóstolos e profetas, sendo Cristo a própria pedra angular, em quem toda edificação bem alicerçada se eleva até formar um templo santo no Senhor, em quem vós também estais sendo justamente edificados, até ser morada de Deus no Espírito.” (Efésios 2: 11-22).

O movimento ecumênico moderno foi construído a partir de fundamentos como os citados. Assentado neles, teve o privilégio de ser animado por grandes personalidades. Alguns foram cristãos, outros tinham outras crenças. Entre estes, Gandhi é um exemplo. Também houve os que eram animados por uma fé secular, antropológica, como diria Juan Luis Segundo. Entre os cristãos, há alguns que se sobressaem: John R. Mott, Wilhelm A. Visser't Hooft, Martin Luther King, Philip Potter, Desmond Tutu. Na América Latina há pessoas que foram e são figuras de grande relevo, entre as quais menciono Luis E. Odell, Valdo Galland, Mauricio López, Emilio Castro, José Miguez Bonino, Federico Pagura, Óscar Bolioli, Waldo César... Entre estes, verdadeiros mentores do movimento ecumênico na América Latina, deve-se mencionar, de maneira muito especial, Jether Pereira Ramalho, verdadeiro operário fiel ao serviço de Deus em Cristo, ativo em primeira linha do cumprimento da *missio Dei*. Jether é um testemunho

probo, verdadeiro, disposto a acolher os que chegam a ele, a se abrir ao outro/outra e dar-lhe a devida atenção, a dialogar juntos e a atuar juntos, sempre buscando um mundo melhor. É integrante do povo que, dando testemunho do espírito missionário dos crentes, faz parte da nuvem de testemunhas de Deus, que segue o Messias Jesus, participa de sua vocação messiânica e a prolonga.

Neste artigo faço referência a algumas situações e processos nos quais tive a graça de poder conviver com Jether e a aprender com sua vida. No entanto, o texto não é suficiente e será curto: é muito o que recebi de seu magistério fraternal, de seu caráter. Espero que o espírito de sua pessoa se revele nestas lembranças.

## Brasil

A presença do cristianismo na América Latina é ainda bastante jovem: apenas supera cinco séculos. A pregação cristã foi um dos instrumentos da dominação colonial a partir do final do século XV. A Inquisição, com seus métodos, contribuiu para que as religiões dos povos indígenas fossem mantidas solapadas e para que prevalecessem as crenças impostas pela Igreja Católica Romana. A situação continuou sendo a mesma praticamente até o século XX. O protestantismo fez sua aparição na história dos povos latino-americanos a partir de meados do século XIX, mas as denominações protestantes não tiveram muitas adesões. Foi necessário esperar até a segunda metade do século passado para que o cristianismo evangélico e, principalmente, as igrejas pentecostais tivessem um eco positivo em seus esforços para conquistar os crentes.

O movimento missionário, de clara orientação ecumênica, se fez notar desde o início do século passado. O Congresso do Panamá (1916) foi uma tentativa notável de organização das diversas missões evangélicas que trabalhavam nestas terras. Uma das iniciativas que teve um êxito relativo foi a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), em cuja organização despontou a personalidade de Erasmo Braga. A influência de alguns leigos, que foi sendo conquistada desde as organizações juvenis da CEB, é um dos seus traços mais relevantes. Pode-se dizer que eram leigos “renovados”, no sentido que o apóstolo Paulo dá a esse conceito na Epístola aos Romanos 12:2; ou seja, eles não se ajustavam às estruturas deste mundo, embora as conhecessem bem. Melhor dizendo, buscavam a renovação do pensamento mediante a adesão plena à vontade de Deus.

Jether Pereira Ramalho foi um desses leigos. Waldo César foi outro. Ambos, orientados por Richard Shaull, desempenharam um papel de enorme importância no processo que buscou uma presença protestante que correspondesse à situação que a sociedade brasileira experimentava na segunda metade da década de 1950. Era um período em que tiveram lugar mudanças sociais piores de promessas: depois do suicídio de Getúlio Vargas (1954), durante a presidência de Juscelino Kubitschek, ocorreram mudanças sociais que tiveram como emblema a construção de Brasília. Esta foi edificada em poucos anos. O protestantismo brasileiro tinha que superar a prática religiosa individualista que foi sua marca representativa desde o século XIX e seu apoio na sociedade burguesa tradicional. Impunha-se uma renovação teológica.

Em 1954 o Conselho Mundial de Igrejas realizou sua segunda Assembléia Geral em Evanston, EUA. O tema do impacto das transformações sociais na vida das igrejas teve um enorme efeito no movimento ecumênico. O Departamento de Igreja e Sociedade organizou uma série de consultas ecumênicas internacionais. Foi quando várias correntes teológicas convergiram: por um lado, as que tentaram fundamentar a unidade das igrejas; por outro lado, as que fizeram propostas a favor de uma ação missionária ecumênica, baseadas na renovação bíblica das igrejas depois de terminada a 2ª Guerra Mundial: afirmou-se a pertinência da “presença cristã” nas sociedades modernas e a evangelização nos seis continentes da *oikoumene*.

O trabalho do Departamento de Igreja e Sociedade contribuiu para a convergência teológica que teve lugar nesse momento, dando destaque ao conceito de “sociedade responsável”, para cuja construção as igrejas foram chamadas a contribuir mediante uma participação ativa nos processos sociais. A noção de “sociedade responsável” foi proposta buscando superar o antagonismo que existia então, no contexto da Guerra Fria, entre o mundo “ocidental”, que defendia que a liberdade que interessava era a do mercado e o *laissez faire*, e os que propugnavam a existência necessária de uma sociedade socialista, orientada e planificada pelo Estado.

A posição assumida pelo Conselho Mundial das Igrejas inspirou os que procuravam fazer com que o protestantismo conquistasse uma presença significativa no Brasil. Durante esse período eu não tive a possibilidade de compartilhar dos esforços dos que, como Jether e outros, tentavam promover mudanças na sociedade e nas igrejas. Foi um grupo que se mobilizou contra a corrente, contra o pensamento tradicional, enfrentando o sentido

comum que prevalecia entre os evangélicos. A Conferência sobre “Cristo e o processo revolucionário no Brasil”, planejada por essa equipe para ser levada a cabo no Nordeste, despertou enormes resistências entre os que controlavam e dirigiam as rédeas da vida das igrejas evangélicas no Brasil. A resistência que a direção tradicional das Igrejas impôs aos que buscavam a renovação contrastou com o espírito de grande parte da juventude delas.

A tensão chegou a extremos dramáticos. A maioria dos setores sociais foi envolvida. As Igrejas não escaparam dessa situação. No final de março de 1964, as Forças Armadas deram o golpe militar, inaugurando uma ditadura que permaneceu até 1984. A minoria evangélica que tinha posições favoráveis às mudanças sociais foi expulsa da Confederação Evangélica do Brasil. A ação inspirada no pensamento ecumênico foi objeto de suspeita e perseguição. Algumas pessoas foram delatadas, presas, torturadas, hostilizadas. Outras conheceram o exílio. Nessas condições, tiveram que se reorganizar para subsistir. Foram criadas organizações *ad hoc*, entre as quais, sob a direção de Jether e alguns amigos, nasceu o Serviço Ecumênico de Informação (SEI), que ganhou força e importância ao longo dos anos. Foi uma etapa árdua, que exigiu muita fé e grande coragem dos que resistiram à barbárie militar.

### Igreja e Sociedade na América Latina

Como já disse, durante esse período não tive a oportunidade de conhecer Jether. Meu primeiro encontro com ele foi no Colégio Ward, no bairro de Ramos Mejía, em Buenos Aires. Foi no começo do mês de março de 1963, quando se realizou uma reunião com o objetivo de implementar algumas atividades da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade que havia sido fundada por ocasião da Primeira Consulta de Igreja e Sociedade de Huampaní, nas redondezas de Lima, Peru (1961). Luis E. Odell foi o primeiro secretário-geral. Infatigável, com um evidente senso de organização, foi o grande animador da equipe que lutou para que fosse dada a devida atenção à responsabilidade social dos cristãos e das igrejas. A Consulta de Huampaní foi fruto de uma preocupação compartilhada entre o Departamento de Igreja e Sociedade do CMI e os líderes ecumênicos da América Latina. Ao concluir essa reunião, decidiu-se formar a Junta Latino-Americana. A delegação brasileira, da qual Jether Pereira Ramalho foi integrante, teve um papel decisivo nas deliberações e na organização da nova entidade ecumênica. Essa medida contribuiu para que a reflexão teológica latino-

americana ganhasse em sistematização e, conseqüentemente, tivesse mais força. As posições de teólogos jovens, graças aos programas da Igreja e Sociedade na América Latina (Isal), foram compartilhadas e debatidas para além de suas respectivas denominações. Richard Shaull, Rubem Alves, José Miguez Bonino, Joaquim Beato, Hiber Conteris, Emilio Castro, Gonzalo Castillo, Mauricio López, Roberto Ríos, Joel Gajardo, Rafael Cepeda, Sergio Arce e outros participaram dessas discussões. Outros pensadores, interessados principalmente nas ciências sociais e na educação, deram contribuições críticas importantes: Jether é uma figura maior entre todos eles (lembro também de Néstor García Canclini, Leonardo Franco, Leopoldo Niilus, Waldo César, Julio Barreiro. Além deles, dois suíços que moravam na América Latina na década de 1960 devem ser citados: Christian Lalive d’Epinay e Pierre Furter. Alguns católicos participaram das reflexões que resultaram na formação desse pensamento: menciono Luiz Eduardo Wanderley, José Claudio Williman e Héctor Borrat). Luis Odell foi quem conduziu o movimento com mão firme e convicção ecumênica.

É necessário recordar que a América Latina viveu grandes turbulências durante esses anos. Do mesmo modo que no Brasil houve uma tentativa de transformações estruturais, outras nações latino-americanas foram sacudidas por um modo de ser que visava a produzir câmbios revolucionários. No rastro da entrada triunfal dos guerrilheiros cubanos em Havana, em janeiro de 1959, um rápido processo de mutações foi desencadeado na ilha caribenha, que logo inspirou muitas pessoas nos outros países ibero-americanos. Esse ambiente foi um caldo fértil de cultivo para o desenvolvimento de Isal. Se esse processo for levado em conta, pode-se entender facilmente o impacto do movimento sobre as igrejas evangélicas e a sociedade secular. O início do processo revolucionário cubano iluminou como um relâmpago a escuridão da noite e muitos tiveram a impressão de que as mudanças esperadas deixavam de ser ilusões e podiam chegar a ser realidade.

Alguns grupos de cristãos que tentavam construir sociedades mais justas se viram impulsionados, pela transição histórica que experimentavam, a participar de movimentos sociais radicais. Logo ficou evidente que a metamorfose desejada requeria algo mais do que crescimento econômico e desenvolvimento social. A meta era a libertação, o nascimento do “*hombre nuevo*”. Foi um acontecimento ecumênico (esses fatos ocorreram quando o Conselho Mundial de Igrejas era considerado a vanguarda do movimento pela unidade dos cristãos e quando se deu o Concílio Vaticano II da Igreja

Católica Romana). A libertação era o objetivo que a presença cristã na sociedade tentava alcançar.

Os fatos, que se amontoavam convulsos, traziam enormes desafios para Isal. Era urgente colocar o movimento em marcha. A reunião do Colégio Ward cumpriu esse papel. Jether fez parte do grupo que, dirigido por Odell, se encarregou da organização e dos aspectos materiais que permitiram levar adiante um programa mínimo; outros, tivemos a responsabilidade de planejar as publicações, alguns estudos (por exemplo *Fé e Ideologias*) e cursos de formação que tiveram como foco “a responsabilidade social do cristão”. Nessa reunião de trabalho encontrei o Jether pela primeira vez.

Pouco mais de um ano depois, os militares deram um golpe de estado no Brasil, que inaugurou um período de vinte anos de ditaduras militares na América Latina. Já foi mencionada a forma pela qual pequenas comunidades de cristãos resistiram à arbitrariedade das Forças Armadas, exercida em nome da “segurança nacional”. Como escreveu Aragón, o poeta francês, referindo-se aos que resistiram ao nazismo na França: “Aquele que acreditava em Deus, como o que não acreditava”, ambos participaram dessa luta através de um caminho cheio de perigos. Alguns cristãos, inspirados na vida e martírio de Dietrich Bonhoeffer, viveram a experiência daquilo que o teólogo alemão chamou de “*graça custosa*”, oposta à “*graça barata*”, que não exige esforços para seguir a Jesus. Jether Pereira Ramalho, com sua humildade proverbial, foi um gigante na resistência das comunidades à tirania militar.

Em dezembro de 1964 realizou-se outra reunião de Isal no Instituto Crandon, de Montevidéu. Jether fez uma colocação sobre o método de alfabetização e educação popular que Paulo Freire havia apresentado antes do golpe de estado dos militares. O governo militar brasileiro levou Freire à prisão e logo o deportou para a Bolívia, onde passou os primeiros meses de seu exílio. Como é do conhecimento de muitos, trata-se de um método que tem por objetivo que adultos analfabetos aprendam a ler e escrever, e ao mesmo tempo conscientizar-se por meio de debates feitos nos “círculos de cultura”.

Abro um parêntesis para me referir a alguns fatos que ocorreram poucos anos depois. Paulo Freire chegou a ser consultor permanente da seção do Conselho Mundial de Igrejas que tinha a responsabilidade de levar adiante a ação ecumênica no campo da educação. Em 1980, ao voltar para o Brasil do exílio que, passando por Bolívia, Chile e Estados Unidos, o levava a Gene-

bra, hospedou-se com sua esposa Elza na casa da família Pereira Ramalho. Jether entendeu como poucos a íntima relação que existe entre *missio Dei* e os programas de educação popular. Para alcançar essa compreensão, foi importante o trabalho que levou a cabo por meio da investigação sobre as migrações internas na América Latina, parte de um programa de estudos da Secretaria do CMI sobre Migrações. O programa, dirigido, coordenado e executado por Jether, levou-o a tomar consciência de como a carência de educação básica incide sobre a situação dos pobres. A análise das correntes migratórias internas na América Latina lhe permitiu compreender que os homens e as mulheres que migram são vítimas de uma violência social muitas vezes encoberta, mas que podem, por sua vez, chegar a ser artífices de uma nova sociedade; ou seja, quem é obrigado (ou obrigada) a abandonar a terra em que nasceu é uma pessoa que sofre violação de seus direitos humanos. Esse problema tem uma dimensão ecumênica: aponta para algo que afeta a todos, sejam crentes de diferentes confissões ou pessoas não-crentes. Essa situação pede uma ação de maneira responsável para ser remediada. Foi o que Jether fez.

O famoso verso de Antonio Machado diz que “o caminho se faz caminhando”, e Isal o foi fazendo. A aventura que começou em Huampaní, com o objetivo de provocar uma tomada de consciência da importância do testemunho social dos cristãos, deu frutos modestos, mas significativos. As contribuições de Isal não podem ser ignoradas pelas igrejas e pelo movimento ecumênico. Seus programas de reflexão e estudo, suas publicações (entre as quais se destaca a revista trimestral *Cristianismo e Sociedade*), permitiram que aqueles grupos de cristãos compreendessem que tinha chegado a hora da ação. Era imperativo que o compromisso individual dos integrantes de Isal fosse expresso em termos coletivos, comunitários. Jether teve papel principal, guiando o movimento latino-americano nessa transformação.

Um salto para frente: em busca de “um novo amanhã”

Em dezembro de 1967, quatro reuniões ecumênicas latino-americanas tiveram lugar ao mesmo tempo em Piriápolis, balneário situado a uma centena de quilômetros de Montevidéu: uma reunia as mulheres, outra os jovens e outra foi convocada pela Comissão pró-Unidade Evangélica Latino-Americana (Unelam), além de uma consulta por Isal. Nessa ocasião, embora tenha continuado exercendo sua liderança de maneira indiscutível,



Luis Odell deixou o cargo de secretário-geral e foi sucedido por Leopoldo Niilus. Nesse momento Jether apresentou o informe do estudo que tinha dirigido e coordenado sobre Migrações Internas na América Latina. Em Piriápolis se reproduziu a polarização ideológica que existia na região; grande parte dos assistentes manteve posição favorável à defesa do *status quo*, enquanto a maioria dos que participaram do encontro organizado por Isal se distinguiu por sua militância em diversos grupos de esquerda.

As ditaduras militares tinham se multiplicado depois que os militares brasileiros deram o golpe de estado no final de março de 1964. Bolívia, Argentina, Equador e Uruguai seguiram rumos similares. Além disso, os governos castrenses que já existiam no Paraguai, no Panamá e em outros países da região se fortaleceram. O movimento de Igreja e Sociedade se perguntava o que fazer. Como devia ser sua ação? Como viver a tensão inerente ao seu nome: Igreja e Sociedade? De que maneira ser fiel à “Igreja” e atuar de modo responsável na sociedade? Havia surgido pouco a pouco, em diversos lugares, a convicção de que não eram apenas as pessoas que tinham que atuar; o momento era adequado para que a militância individual dos crentes fosse sustentada por uma ação coletiva. Os membros da Isal pensaram que uma presença cristã significativa no processo revolucionário latino-americano tinha que ser não apenas individual, mas comunitária.

Na reunião de Piriápolis, três orientações deram novo impulso à vida de Isal. Com a saída de Odell da secretaria-geral, concluiu-se a primeira fase da trajetória do movimento. Foi proposto que Jether ocupasse a liderança, mas ele entendeu que não devia fazê-lo levando em conta seus compromissos no Brasil. Niilus assumiu o cargo, exercendo-o por pouco mais de um ano, já que em junho de 1969 passou a ser diretor da Comissão de Igrejas para os Assuntos Internacionais do CMI. No intervalo de tempo em que Niilus teve a responsabilidade de ser secretário-geral de Isal, o pensamento e a orientação de Jether foram de enorme importância, apontando a orientação dos programas que foram colocados em marcha no início de 1968. A primeira das orientações definidas na reunião de Piriápolis foi dar prioridade à ação popular e, principalmente, à educação popular. Tinha se passado pouco mais de um mês desde a realização da Consulta no Uruguai, quando Niilus e Jether Pereira Ramalho realizaram um giro por quase toda a América Latina, culminando em Santiago do Chile, onde se encontraram com Paulo Freire. O programa, organizado depois da visita aos grupos

nacionais e da reunião com Paulo Freire, foi designado Educação para a Justiça Social (EPJS).

A revista *Cristianismo e Sociedade* foi um instrumento primordial para dar destaque a essa linha de ação, do mesmo modo que uma série de oficinas e cursos de formação de animadores de círculos de cultura popular que seguiram as orientações de Paulo Freire. Jether compartilhou e levou para Isal a experiência que tinha adquirido no Brasil militando em grupos de ação popular. Em menos de dois anos, o programa conseguiu ter uma clara incidência nas práticas das esquerdas latino-americanas.

A segunda orientação se relacionou com a reflexão teológica: confirmou a teologia da libertação. Os debates realizados no campo da ação pastoral tinham alcançado muita intensidade desde o princípio da década de 1960. Católicos e evangélicos se interrogavam sobre como entender e fundamentar, a partir da sua fé, um tipo diferente de ação política. Era uma situação que se manifestava na juventude e entre os que se preocupavam com o testemunho cristão no contexto das mudanças sociais, econômicas, políticas e culturas que ocorriam. As situações inéditas exigem a renovação do pensamento. Os debates realizados em Isal foram muito animados: a responsabilidade social e a presença cristã na sociedade em pouco tempo deram origem a uma teologia da revolução que, logo depois, foi seguida por uma reflexão teológica a partir de uma práxis de libertação. Na reunião de Piriápolis, Rubem Alves apontou o caminho a seguir. Ele estava fazendo doutorado em Teologia em Princeton, Estados Unidos. Depois de haver terminado seus estudos de mestrado nesse país, tinha regressado ao Brasil logo após o golpe de estado militar. Foi denunciado às autoridades castrenses por seu pensamento e sua ação progressistas, o que o levou a continuar os estudos, mas já como exilado.

Rubem Alves foi o primeiro que formulou e sistematizou a teologia da libertação entre os protestantes. Ele já havia participado do programa de estudos de Isal quando foi convidado a fazer a principal apresentação teológica em Piriápolis. Seu pensamento corroborou os programas de educação popular que Jether animou em todo o Continente. Sua tese em Princeton foi registrada como *Por uma teologia da libertação*, nos mesmos anos em que essa corrente de renovação teológica surgia na América Latina, somando-se aos trabalhos que teólogos católicos como Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Hugo Assmann, José Comblin e outros a apresentavam. Naquela época, os circuitos teológicos dos Estados Unidos e da Europa

Ocidental estiveram muito influenciados pela publicação do livro *Teologia da Esperança*, de Jürgen Moltmann, o que motivou o editor da tese de Rubem Alves a sugerir que mudasse o título que, em inglês, passou a ser *Theology of Human Hope*. Foi traduzida para o espanhol e publicada em 1970 pela Editorial Tierra Nueva (a editora de Isal) com o título *Religión: Opio o Instrumento de Liberación*. Em português, a tradução ficou *Da Esperança* (Ed. Papyrus, 1987).

É importante mencionar que em diversos contextos nacionais da América Latina tal pensamento teológico ia simultaneamente tomando forma. Pode-se dizer que os que começaram a formulá-lo foram tomando consciência de que faziam parte de comunidades de fé que, motivadas pelo desejo de serem obedientes a Deus, tinham que responder às perguntas fundamentais da teologia a partir do ponto de vista daqueles que buscam a libertação e a justiça: *os pobres*.

Essa opção não foi aceita pela maioria dos cristãos, que apoiavam posições tradicionais. A hierarquia das instituições eclesásticas pronunciou anátemas contra esse tipo de reflexão que interroga sobre o ser de Deus, de Jesus, do Espírito Santo, a comunidade chamada Igreja de uma perspectiva que não é a que os cristãos têm comumente. Os programas de Educação para a Justiça Social foram instrumentos eficazes para divulgar essa nova consciência teológica, ou seja, falar de Deus e sua vontade a partir do lugar primordial dos pobres. A posição de Isal foi combatida e seus membros perseguidos. A resistência à tirania militar foi um testemunho de fé.

Essa situação contribuiu para a formulação de uma definição mais clara do papel de Isal. Foi a terceira orientação importante encaminhada pela reunião de Piriápolis. Qual o sentido adequado aos grupos que queriam estar presentes entre as forças renovadoras, libertadoras, das sociedades latino-americanas, ao mesmo tempo em que manifestavam sua fidelidade a Deus, a Jesus Cristo e à Igreja? Durante esse encontro foi tomando forma – e Jether teve o papel de mentor – a noção de que as comunidades de Igreja e Sociedade estavam sendo chamadas a desempenhar um papel de intermediação entre a sociedade e a igreja. Quer dizer, não tinham o caráter de vanguarda: estavam a serviço dos que militavam para fazer com que germinasse um “novo amanhã” nas sociedades que integravam, ao mesmo tempo em que tinham consciência de que lhes cabia a função de convocar as igrejas para que tomassem posição a favor da libertação. Tratava-se de ocupar o lugar dos que, como mosquitos que picam animais muito maiores

e mais pesados, têm que ser críticos irritantes das igrejas, mais comprometidos com o Evangelho do que com as instituições eclesíásticas.

A partir de 1968 Isal se fez presente de maneira cada vez mais notável em diversos lugares da América Latina. Uma das tarefas às quais Jether dedicou muito tempo foi a organização dos cursos de educação popular ocorridos com bastante frequência. Cada um deles pode acontecer porque havia um interesse determinado pelo tipo de formação necessária para desenvolver trabalhos por intermédio dos círculos de cultura indicados por Paulo Freire. Também, porque foi feito um estudo bastante rigoroso da situação dos movimentos populares no lugar onde depois se desenvolveu tal formação. E, além disso, porque para cumprir esse trabalho era necessária uma equipe competente e de alto nível que colaborasse com Jether nesse trabalho de formação de animadores.

Forjou-se um consenso implícito em torno dessa concepção, que logo, em 1971, chegou a dar uma orientação clara para a ação dos grupos de Isal: a partir dos acordos obtidos em Piriápolis entendiam-se a si próprios como grupos sociais de caráter intermediário, que pretendem oferecer serviços aos movimentos que lutam por plasmar a renovação social. A educação popular produz, em muitos casos, uma conscientização voltada para promover a justiça social. O nome dado a esse setor de trabalho de Isal expressa abertamente o que foi feito: Educação para a Justiça Social. O programa de educação e cultura popular foi o aríete mais importante no cumprimento desse objetivo. Jether foi decisivo para levar o trabalho adiante. O CEI, aquele modesto boletim criado com a intenção de aglutinar alguns cristãos militantes que resistiram à arbitrariedade das Forças Armadas, cresceu e chegou a dar à luz várias linhas de ação. Os anos passaram rapidamente e o boletim se transformou na revista *Tempo e Presença*, que transcendeu o âmbito das comunidades cristãs. Jether, com seu espírito nato de educador, com seu talento de pedagogo, abriu caminho para muitos jovens que hoje ocupam posições importantes na vida política, acadêmica, cultural e eclesíástica, da mesma forma que Gorgias, personagem imaginado pelo escritor uruguaio José Enrique Rodó a partir da memória do pensador da Antiguidade grega que diz que cumprimos nosso destino quando os que nos seguem atingem um saber maior e uma eficácia maior que a nossa. Ou seja, o Mestre ensina o caminho para que os continuadores possam ir mais longe; somos muitos os que têm que reconhecer que fomos agraciados pela generosidade de Jether.

Além disso, posso citar, como exemplo, entre muitos, desta graça e dom de Deus que Jether recebeu como educador, sua orientação, contribuição e apoio ao Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), até antes de ser fundado. Formado por um grupo de cristãos em 1982, já no ano seguinte passou a ser uma presença significativa que, irradiando de São Paulo para toda a América Latina, procura estar a serviço da libertação dos pobres. Jether Pereira Ramalho é um pilar do Cesep. José Oscar Beozzo e Luiz Eduardo Wanderley estão na linha de frente.

Assim, como nosso irmão, companheiro e amigo, ele tomou parte nessas empresas de interesse popular, há outras nas quais sua ação foi decisiva e que devem ser citadas. Entre elas se destaca o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (Cebi), que tanto contribuiu para fazer crescer o conhecimento das Escrituras e da cultura bíblica popular. Junto a alguns que se esforçam em fazer com que a Bíblia sirva aos pobres em suas lutas, como Carlos Messers, Milton Schwantes e outros, também nesse campo as contribuições de Jether são determinantes.

#### Participação no Conselho Mundial de Igrejas

Já mencionei a presença de Jether na vida do movimento ecumênico internacional. Sua contribuição para a prática da Seção Igreja e Sociedade do Conselho Mundial de Igrejas sempre foi muito destacada. No entanto, entre os diversos programas do CMI dos quais Jether participou, quero mencionar um no qual tive o privilégio de aproveitar o magistério e a orientação proverbiais de sua pessoa: trata-se de sua contribuição aos programas da Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento (CPID), na qual servi como secretário de Estudos e depois como diretor entre 1972 e 1982. As comunidades eclesiais que, em um primeiro período, conceberam seu testemunho como uma ação para o desenvolvimento, tiveram uma experiência semelhante à das comunidades latino-americanas. O “desenvolvimento”, entendido como um processo de crescimento econômico, justiça social e autodeterminação com participação popular, só pode ser um processo conclusivo para o progresso dos povos se os setores populares quiserem ser livres. Um dos fatores que sufocavam fortemente as intenções dos povos que desejavam avançar através da história era o peso das estruturas de dominação e dependência. Quando se pretende alcançar o “desenvolvimento” seguindo os esquemas de outros, aceita-se sua dominação. Uma dependência é negativa se os dominantes impõem condições e

formas subordinadas de atuação. É interessante observar que a linguagem utilizada enquanto perduram as estruturas de dominação e dependência é caracterizada principalmente por frases do tipo “*querer vencer a pobreza*”. No fundo, os *pobres* não importam. Quando são considerados dessa maneira, a referência a eles é abstrata.

A Comissão para a Participação das Igrejas no Desenvolvimento entendeu logo que a solidariedade com os pobres e oprimidos devia ser o ponto de partida de seu pensamento e de sua ação. A 5ª Assembleia Geral do CMI (Nairóbi, 1975) decidiu que fosse realizado um estudo sobre “A Igreja e os Pobres”, que três anos depois mudou para “Uma Igreja dos Pobres” até que, por último, depois de mediar um compromisso com as igrejas que de algum modo defendiam o *status quo*, foi intitulado “Por uma Igreja Solidária com os Pobres”. Esse processo de investigação convergiu com a preparação da Conferência Mundial de Missão que se realizou em Melbourne, Austrália (1980), sob o tema “Venha teu Reino”, entendendo-se que os pobres são os beneficiários da oração que repetimos no Pai Nosso.

Na CPID planejamos o trabalho em três etapas. A primeira consistiu de uma pesquisa bíblica e histórica sobre *O desafio dos pobres para a Igreja* (1976-1977); a segunda fase foi a atividade de um grupo que escreveu diversos ensaios sobre a relação entre os pobres e as igrejas durante a expansão colonial ocidental e o começo da revolução industrial. Os trabalhos realizados foram publicados sob o título *Separação sem esperança?*; e a terceira etapa consistiu de uma consulta ecumênica em Aiyia Napa (Chipre), realizada em setembro de 1978. Como responsável por essa linha programática, entendi que o assessoramento de Jether Pereira Ramalho era necessário e a CPID enviou-lhe um convite para participar da reunião de Chipre. Na hora de comunicar e divulgar os resultados de todo o processo de pesquisa, foram tomadas as providências necessárias para que Jether se deslocasse para Genebra, por um período de seis meses, para integrar a equipe da CPID. Nesse curto espaço de tempo, Jether e Lucília, sua esposa, levaram a cabo um trabalho muito eficaz em breve espaço de tempo. O documento que tinha sido elaborado em Aiyia Napa foi impresso de modo muito atraente em inglês, francês, alemão, espanhol, português, chinês, sueco, etc. O folheto, com cerca de 40 páginas, foi intitulado *Por uma Igreja solidária com os pobres*. Foi recolhido e publicado por várias revistas, tanto católicas como evangélicas. Ou seja, Jether conseguiu dar uma verdadeira dimensão ecumênica ao trabalho realizado pela CPID ao

longo de cinco anos. É importante também deixar registrado que as reflexões que vieram à luz em Chipre foram publicadas em forma de livro sob o título *Por uma Igreja solidária com os pobres*.

Na sessão do Comitê Central do CMI ocorrida em Genebra (agosto de 1980) foi apresentado e examinado o informe desse estudo da CPID. Foi aprovado por unanimidade, exceto uma abstenção. Como diretor da CPID durante esses anos, posso, sem dúvida, afirmar que Jether desempenhou um papel de grande importância para que o documento fosse ratificado pelos membros do Comitê Central do CMI.

Devido a isso, tornou-se conselheiro da Comissão das Igrejas para o Desenvolvimento. Como tal, participou da reunião que a CPID fez na Indonésia (1981) e no ano seguinte foi designado coordenador da Rede Latino-Americana da CPID. Em 1983 foi um dos assessores da 6ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas que se realizou em Vancouver. Durante os debates entabulados nesse encontro, insistiu em afirmar que há situações em nosso mundo que não podem nem devem ser esquecidas, como a dos que têm necessidades básicas que, se não forem satisfeitas, condenam ao sofrimento. Jether disse expressamente que essas situações, que afetam pessoas de várias regiões, culturas e religiões, indicam a existência de um problema ecumênico e que, portanto, cabe ao CMI denunciar essa injustiça e fazer algo por meio de seus programas de trabalho.

Atuou no cargo de coordenador da Rede Latino-Americana da CPID desde 1983 até o final de 1988, orientando a ação de movimentos e organismos cujas energias convergentes ajudaram a dar forma a programas muito valiosos que transcenderam o âmbito dos países latino-americanos. Foi um trabalho valiosíssimo. Culminou com uma consulta latino-americana de quase cem organismos, grupos e comunidades cristãs reunidos em Quito (julho de 1983). Nessa oportunidade tornou-se patente que o movimento ecumênico corresponde à história de todo o mundo habitado. Pode-se pensar que o que os cristãos chamamos de ecumenismo é uma maneira de responder ao desejo de construir a Torre de Babel, que está sempre vivo no mundo. Seja por meio da uniformidade cultural ou pelo processo de globalização do mercado financeiro, ou por qualquer outro meio, os comportamentos imperialistas e dominantes são visíveis. Infelizmente, desembocam no crescimento dos poderes desumanizantes. O ecumenismo não se limita ao plano de atuação das igrejas ou aos cristãos entre si. Tampouco se restringe ao campo religioso, onde judeus, muçulmanos, brâmanes,

budistas, confucionistas, animistas e cristãos têm comportamentos que podem ser favoráveis à paz mas que infelizmente às vezes desembocam em confrontos e inimizades. Desejo ser bem compreendido ao mencionar isto: esse tipo de ecumenismo inter-religioso é necessário, mas é apenas um complemento daquela ação que leva em conta a plenitude da *oikoumene*, todo o mundo habitado. Por isso, segundo as palavras de Philip Potter, “o movimento ecumênico deseja construir uma plataforma na qual as diversas culturas de todo o nosso mundo possam se encontrar e dialogar em pé de igualdade”.

### Presença no tempo - proximidade do Reino

Jether Pereira Ramalho tem consciência do caráter conflitivo da presença do Reino, o que era próprio de Jesus. Por isso, como Jesus em seu momento, buscou constantemente dar um sentido ao processo histórico. Como Jesus, também, sua vida dá testemunho de pertencer à linhagem daqueles que entendem que a fé bíblica não existe sem uma dimensão profética. A fé anda de mãos dadas com a esperança. Sua compreensão da missão não corresponde apenas à da Igreja; mais importante é a *missio Dei*, que perdura no tempo. Que é presença que permanece no tempo.

Loisy disse, provocativamente: “Jesus veio pregar o Reino de Deus e o que resultou foi a Igreja”. Jether faz parte dos que seguem Jesus de Nazaré, dos que fazem, através dos tempos, “o movimento de Jesus”, atentos à proximidade do Reino.

Ensinou-me a viver com a atitude dos que estão sempre alertas. Por isso sempre, desde que o conheço, tenho dito que é meu mentor, o irmão mais velho pelo qual dou graças a Deus.





# Entre o cerrado e os Andes

*Carlos Rodrigues Brandão*

---

Antropólogo, poeta, escritor e estudioso da Cultura Popular Brasileira

Sobre o que falo e o que narro aqui

Narro a história – ou estória – de um livro. Sim. De um livro!

Que ela me ajude a contar alguns momentos das estórias – ou histórias – do que vivi ao lado, junto, com ou mesmo através de Jether Ramalho, desde uma tarde carioca em 1969, há exatos quarenta anos, até hoje. Até sempre, espero. Que essas narrativas valham apenas como um depoimento, um “testemunho”, como gostávamos de dizer nos tempos um pouco anteriores quando, entre 1961 e 1965, eu fui “militante da Juventude Universitária Católica” e, por um par de anos, participante do Movimento de Educação de Base. Tempos em que Jether e outros ativos e inquietos cristãos de tradições protestantes e católicas ensaiavam rascunhos do que veio a ser entre nós o “movimento ecumênico”.

Lá, tão longe...

Estávamos – creio que era um dia de junho ou julho – em um ônibus precário, a meio caminho entre Quito e Riobamba. Atravessávamos os Andes. Essa estranha jornada “por caminhos nunca vistos” nos levava, Jether e eu, até o lugar onde deveria estar morando um bispo católico que conhecíamos apenas de nome: dom Leônidas Proaño. Aquele não era o nosso destino único de viagem. Havíamos vindo de Ñaña, uma casa de retiros, ou algo pelo estilo, no sopé da mesma Cordilheira dos Andes, mas agora no Peru. Elter Maciel, Jether e eu havíamos participado de mais um encontro entre leigos, padres e pastores que, aqui e ali, nos mais estranhos e, por vezes, escondidos lugares da América do Sul e da América Central, reuniam-se para esperar de nós um diálogo em que traríamos a eles algo sobre o que havíamos praticado antes no Brasil: as ideias e o método de alfabetização de Paulo Freire, a educação popular, alguns

embriões de pesquisa participante e trabalhos de base com comunidades cristãs populares.

Recordávamos algumas experiências brasileiras da aurora dos anos sessenta, depois fortemente reprimidas, entre mortes, torturas, exílios e outras formas de silenciar vozes e ações. E mal começávamos a experimentar como em colocar em prática pastorais renovadoras da vida de pessoas, de grupos e de comunidades, e já éramos chamados a partilhar com os nossos outros, América Latina afora, o que mal começávamos a descobrir como fazer.

Vínhamos de Ñaña. Subimos de avião a Quito e seguíamos entre os solavancos de um ônibus pelas alturas dos Andes, em busca de um bispo e de uma pequena comunidade ainda nossa desconhecida. Um tanto mais moço e um tanto mais aventureiro entre mares e montanhas, eu me imaginava bastante mais preparado para enfrentar a altura e a estrada precária do que Jether. Engano meu. Quando chegamos ao nosso destino, precisei ser levado, nauseado e sem ares, para uma cama, enquanto Jether mal parecia haver viajado de Laranjeiras, onde ele mora, e Copacabana, onde eu nasci.

Ficamos com pesar sabendo que dom Proaño estava viajando. Não nos pode esperar pois tinha encontros com comunidades indígenas e campesinas de sua diocese. Deixou em seu lugar um leigo encarregado de nos receber e mais uma pequena equipe de agentes de pastoral. Ainda meio recostado na cama e buscando nas alturas dos Andes um pouco mais de ar que me retornasse à vida, fizemos nossa reunião. Jether, como sempre, colocou sobre uma mesa a sua inseparável agenda e, mais ouvindo do que falando, anotou palavras e silêncios. Até hoje imagino que uma enorme parte importante da história recente do Brasil e da América Latina adormece entre o passar dos anos na sequência de suas precisas e detalhadas agendas de capa marrom.

No dia seguinte, já refeito e, creio, quase tão disposto quanto Jether, lembro-me de uma mínima lousa em que, diante de não mais do que umas dez pessoas, eu desfiava, uma a uma, as etapas do “Método Paulo Freire”, procurando colocar em um espanhol compreensível o que fora antes pensado para o nordeste do Brasil. Jether, como sempre, durante tantos anos, parecia ser o mais atento entre todos, mesmo que já houvesse ouvido e visto “aquilo” mais de sete vezes. Participava no círculo entre todos. Ouvia em silêncio, anotava tudo e mais que tudo. E quando tomava a palavra e dizia

alguma coisa, mesmo quando muito simples, uma nota, um adendo, o que ele falava era sempre essencial. Naquela vez como em outras tantas, ele aproveitava momentos entre-nós, não raro em viagem de um lugar para outro, para fazer comentários sobre o que eu dissera e fizera. Era parco em elogios. E por isso eles calavam fundo. Mas dizia sem pressa e sem temores as suas críticas, às vezes com uma riqueza enervante e sábia de detalhes.

Vivemos situações assim várias vezes, entre Goiás e terras mais distantes. Terminada a nossa “jornada equatoriana”, preparamo-nos para seguir viagem. Esperava-nos um encontro de teólogos e de agentes de pastorais ecumênicos em San José da Costa Rica.

### Uma manhã na Gávea, no Rio de Janeiro

No final de uma tarde do começo de 1969, José Inácio Parente, companheiro de JUC e psicólogo egresso já mesmo da PUC do Rio de Janeiro, à qual eu retornara para concluir tardiamente o meu curso de Psicologia, me avisou que na manhã seguinte viria até nós, ali no Instituto de Psicologia, onde eu estagiava, um amigo seu chamado Jether. Jether Pereira Ramalho. O que ele queria de nós, na verdade, de mim, eu ficaria sabendo na ocasião. Marcamos hora e lugar e eu, acostumado desde há vários anos a me ver entre pessoas e reuniões marcadas de última hora, imaginei que aquela seria apenas mais uma entre tantas.

Não era. E de alguma maneira mudou minha vida. Uma vida que em meu próprio retorno apressado ao Rio de Janeiro já havia saltado de seu trilho previsto, meses antes. Eu havia interrompido o curso de Formação de Psicólogos em dezembro de 1965. Casei com Maria Alice e de Goiás fui para o México, estudar educação comunitária em um instituto da Unesco. De volta ao Brasil, fomos trabalhar em Brasília, e logo em agosto de 1967 eu começava uma carreira de professor que me acompanha até hoje, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Mas em 1968, em pleno tempo de endurecimento de uma já opressiva ditadura, fomos para Goiânia e eu ingressei na Universidade Federal de Goiás.

Nesse mesmo ano Tomás Balduino foi indicado para bispo da Diocese de Goiás. Poucos meses depois de empossado, ele e o primeiro grupo de padres e leigos de sua equipe original me convocaram para um trabalho assessor. A partir de 1970 eu o vivi quase sempre como participante do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, o Cedi. Estive vinculado a ele e à dioceses de Comunidades Eclesiais de Base e de “igrejas do

evangelho”, desde então até por mais de vinte e cinco anos. Minha casa em Goiânia era um discreto “aparelho de Ação Popular” e desde os primeiros dias de minha vida de professor reiniciei a militância política dos tempos de estudante.

Em um dia do começo de dezembro desse mesmo 1968, o então reitor da “Federal de Goiás”, Farnese Dias Maciel, convocou ao seu gabinete três professores: o padre José Maria de Pereira, Elter Dias Maciel e eu. Sem meias palavras disse: “Suas cabeças estão a prêmio por aqui e eu quero que vocês sumam de Goiânia por pelo menos um ano”. Padre Pereira foi para Paris, Elter Maciel para São Paulo, cumprir antes do previsto o seu Doutorado em Ciências Sociais, e eu, apanhado de surpresa, anunciei que a minha única alternativa viável era retornar ao Rio de Janeiro e “completar o meu quinto ano do curso de Psicologia”. Assim se tramou, assim se acertou e nós três recebemos as primeiras licenças para estudos da Universidade Federal de Goiás.

“Subversivos” maiores, antes ou depois de presos, exilavam-se fora do Brasil. Outros, menores, naquele tempo bastava que sumissem do mapa do seu estado natal ou de trabalho. Assim foi comigo. E, por isso, um dia eu me vi em uma sala de trabalhos de atendimento clínico diante de Jether. Sem rodeios e pobre de retóricas laterais, o que sempre foi o seu estilo, ele me falou o estrito necessário sobre o CEI. Contou um projeto de expandir entre pessoas e grupos de países latino-americanos o que poderia ser proveitoso de nossas experiências brasileiras. E logo a seguir, quase sem pausa, convidou-me a participar da primeira viagem do novo projeto. Um par de encontros com pessoas ligadas a igrejas progressistas na Argentina. A ideia do convite era de José Inácio, que deveria ir a Buenos Aires nessa primeira “missão”, mas que por razões de trabalho e vida não seria possível.

Fiz poucas perguntas e agora devo me lembrar de que aceitei algo que mal conhecia junto a uma gente que acabara de conhecer, talvez mais devido à presença da pessoa que convidava do que às suas propostas. As mesmas que me levariam a trabalharmos juntos atravessando todos os longos anos da ditadura militar. Na verdade, das ditaduras militares, pois parte de nosso trabalho nos dividia entre países da América Latina ainda sob alguma forma de democracia e outros, já debaixo dos desmandos de militares de plantão.

Foram várias viagens. Sabíamos dos riscos, aqui e fora do Brasil. Nosso contido temor começava nos saguões dos aeroportos e ia até as salas onde se realizavam os encontros, em que antes de cada pequena reunião de equipe reservávamos um tempo para resolvermos “esquemas de segurança”, caso fôssemos surpreendidos por não-convidados “agentes policiais”.

Eu recebia seguidos convites meritoriamente falsos vindos do Uruguai, do Peru, da Costa Rica, para ministrar cursos de “Psicologia Pastoral”. Era com a apresentação deles junto às minhas autoridades universitárias que obtinha quatro, cinco, sete ou até mais “dias de licença” para ir ao exterior realizar atividades docentes que, mesmo curiosamente estranhas, “honravam o nome de nossa universidade”, como uma vez confessou-me uma então já desconfiada diretora de faculdade. E eu fui e voltei muitas vezes. As melhores delas acompanhado de Jether.

Eram às vezes, naqueles tempos, longas viagens entre trocas de aviões e estradas impraticáveis. Mas aqueles foram momentos de longos sonos, de longos silêncios e de longas conversas. Bem melhor do que eu, Jether combinava uma invejável qualidade que viu branquearem os seus cabelos (levou tempo!) e que ele preserva até hoje. Leitor de jornais, revistas e o melhor dos livros, era um conhecedor crítico, compreensivo e prático de tudo o que se passava, do teatro como arte (a que ia com invejável frequência) aos teatros das políticas nacionais, regionais e mundiais. Mando e persistente homem de ação e de levar os outros a agirem com ele, sabia passar da leitura pessoal “do que está acontecendo” para alguma proposta “do que nós podemos fazer agora, desde o nosso campo de ação”. Mais ainda. Sem nunca haver dito nada de suntuosamente teológico e sendo um bissexto escritor de textos de pastoral ou de espiritualidade, Jether sabia dizer a palavra de fé, a frase de esperança, a ideia de mais alguma ação possível e inevitável de um modo que sempre me tocou muito fundo.

Acho que bem mais do que o que ele dizia, o que nos ficava era a marca do coração inteiro posto no que ele falava. Faz muitos anos que gosto de saudá-lo, quando nos reencontramos, como um “Jether, meu pastor!”. Rimos sempre os dois, enquanto nos abraçamos. Mas quero crer que esse irmão protestante terá entre nós, companheiros de origem e de tradição católica, um grande e fiel “rebanho” de pessoas que se alegram e orgulham de tê-lo como um “meu pastor”.

Mas é de um livro que eu vim falar. Vamos a ele.

## De anotações andinas a um livro latino-americano

Tomamos em equipe – uma pequena, múltipla e corajosa equipe – a resolução de que eu escreveria pequenos artigos, rascunhos de nossas ideias, guias para estudo antes e depois de nossa estada com cada grupo de militantes com quem nos encontrávamos por um dia, um par de dias ou um pouco mais. Eu os escrevia em um precário espanhol, e logo percebemos que nossos escritos eram revistos para efeitos de uma leitura compreensível e em pouco tempo, mimeografados quase sempre em papel jornal, circulavam entre algum lugar próximo ao Rio da Prata e as alturas dos Andes.

O foco dos pequenos escritos era a educação popular e as propostas aprendidas com a pessoa e os estudos de Paulo Freire. Eram também o resultado de nossos diálogos no Brasil e entre companheiras e companheiros – alguns críticos e exigentes ao extremo – entre a Argentina e a Costa Rica. Foi de Jether a ideia de que poderíamos reunir os escritos esparsos, dar a eles uma sequência mais integrada, completá-los no que fosse necessário e útil e pensarmos em algo como uma apostila, um livro mesmo. Fui designado para a “tarefa política” de criar o que acabou sendo um pequeno livro. Os procedimentos foram todos realizados em equipe. E como ela foi o tempo todo coordenada por Jether, é de se imaginar o rigor com que trabalhávamos e a pontualidade com que conseguíamos tocar em frente um livro que, escrito por mim, era severamente revisto, linha por linha, entre letras, palavras e o teor pedagógico, político e pastoral das ideias, por Beatriz Bebiano Costa, Elter Dias Maciel e Jether Pereira Ramalho.

Rabiscados entre viagens para longe e para perto, os capítulos eram depois datilografados em minha pequena máquina de escrever Olivetti Lettera. Escritos, eram com cuidado enviados a Jether. Em um tempo anterior ao micro e à xerox, eles eram multiplicados e distribuídos aos integrantes de nossa pequena equipe. Algumas vezes no Rio de Janeiro, mas quase sempre em Goiânia, na “Chácara do Elter”, nós nos reuníamos ao ar livre ou na varanda, ao redor de uma mesa. E então o que eu havia escrito às pressas era revisto com um vagar e um cuidado capazes de quase desesperar o mais paciente co-autor. Cada palavra esquecida ou mal colocada, cada frase confusa ou teoricamente frágil eram submetidas a uma “discussão de texto” que me obrigava a longas (e humildes) anotações em um caderno de revisão a partir de cujas páginas eu reveria cada linha do que escrevera. Entre idas e vindas, entre esperas do trabalho de cada integrante de nossa impiedosa comissão de revisão, levamos na tarefa de rever e recriar o livro

bem mais tempo do que eu demorei para escrever todos os seus capítulos. É provável que naqueles tempos escuros, poucos livros tenham sido tão coletiva e criteriosamente construídos. Mas valeu a pena o resultado.

Quando o texto do que então já havia sido decidido que seria um livro e, não, uma apostila, ficou pronto, enfrentamos outra tarefa. Ela pareceria risível hoje, mas entre 1968 e 1972 no Brasil, se aplicava com cuidado e temor a cada livro que pudesse de algum modo ser classificado por agentes do poder militar como “subversivo”. E aquele “livro”, no momento ainda sem nome, certamente seria considerado mais do que isso. À testa de nossa equipe, e como o companheiro sem dúvida mais experiente entre nós, Jether decidiu por uma reunião fora do Brasil. Haveria então um pequeno encontro em Montevideú e nós aproveitaríamos a ocasião para decidirmos. Ficara desde antes resolvido que como os primeiros escritos foram feitos para equipes de movimentos e países de fala espanhola das Américas, uma primeira versão deles seria nessa língua.

Nunca esquecerei o encontro que reuniu à volta de uma insuspeita mesa de sorveteria no Uruguai uma pequena equipe dentre os nossos e pessoas do país e da Argentina. Lembro também que ele demorou o bastante para que lentamente, e entre silêncios de sabor e palavras sempre sábias, Jether conseguisse tomar com delícia e vagar pelo menos dois grandes sorvetes. Algo em que o Uruguai era especialista e algo que encontrava em Jether um de seus mais fervorosos praticantes.

Que um livro seria editado não tínhamos dúvidas há algum tempo, entre brasileiros e todos os outros. Mas, onde seria editado, em tempos em que vários dentre os países em que atuava *Iglesia y Sociedad* em América Latina estavam debaixo de ditaduras ou sob a ameaça próxima delas? E, mais ainda, em nome de quem sairia a publicação, já que as leis da maior parte dos países latino-americanos exigiam um autor real e reconhecido como firmante contratual de obras publicadas?

Resolvemos a primeira pendência com a indicação da Argentina, ainda livre (por pouco tempo) de militares. Tínhamos uma editora nossa lá e os trâmites seriam fáceis. Mais difícil foi encontrar um autor. Sugerí o nome de Manuel Rodrigues, um antigo guerrilheiro chileno, desafiador de outros caudilhos e cantado em verso e prosa até hoje. A ideia foi rejeitada por completo. Era preciso alguém vivo, guerrilheiro ou não. Julio Barreiro, um querido teólogo uruguaio, presente na reunião, aceitou que seu nome fosse colocado na capa do livro. Ele assumiria o risco e, numa introdução ao livro e, na sua



introdução, explicaria que o “seu livro” era, na verdade, uma obra escrita a várias mãos amigas. Lembro que o voto de Jether a favor foi decisivo.

De fato, na introdução de todas as edições está escrito, em um livro que veio a se chamar, afinal, *Educación popular y proceso de conscientización*:

Por último, poucas palabras más sobre los verdaderos autores de este libro. Fuimos todos, de una manera o de otra, em mayor o em menor grado, integrantes de Grupos de Base de Educación Popular, que trabajamos durante el tiempo que señalamos al comenzar esta presentación, em cinco países de América del Sur, em zonas urbanas, suburbanas, rurales y también com grupos marginales. Participaron em las diversas experiencias equipos interdisciplinarios formados por educadores, sociólogos, economistas, políticos, técnicos agrários, psicólogos, asistentes sociales, linguistas, expertos em el problema de migraciones internas, urbanistas y teólogos (Julio Barreiro, setiembre – 1973).

O livro saiu em Buenos Aires, em junho de 1974, em uma primeira edição de quatro mil exemplares. Já em setembro do mesmo ano conheceu a segunda edição, com três mil exemplares. Saiu não por nossa pequena editora Tierra Nueva, mas pela Siglo Veinteuno. Com o golpe militar na Argentina, o livro foi imediatamente proibido e passou a ser publicado pela mesma editora, agora no México. Guardo até hoje um exemplar da décima edição, de outubro de 1985. Anos mais tarde o livro passou a ser publicado pela mesma editora, mas agora do outro lado do Atlântico, na Espanha. Na última vez que soube dele, estava em sua décima quinta edição. Em 1978 foi publicado pela Livros Horizontes, em Lisboa. E em 1980, agora com o nome mais curto – *Educación popular e conscientización* – nosso livro a várias mãos e mentes foi publicado no Brasil pela Editora Vozes. Vários anos mais tarde uma segunda edição saiu em Porto Alegre pela Editora Sulina.

### A presença de Jether

Se conto esta história, conhecida de alguns, ignorada por muitos, não é para falar de um livro cuja “apresentação” já narra bastante dele. Narro para falar de sua parte mais presente e silenciosa. Em todas as diferentes edições de *Educación popular y conscientización*, o nome de Jether Pereira Ramalho não aparece. Ele não via razões para que tal acontecesse. E aquela não

seria nem a primeira e nem a última vez. Tal como outras ações essenciais, aqui no Brasil e fora, tal como no caso de outros livros e de outras revistas, o seu nome não aparecia a sós ou entre outros. E quando veio escrito em alguma página de rosto, seria por razões impositivamente editoriais, como quando editou por anos e anos a nossa *Tempo e Presença*.

O livro não teria sido imaginado sem Jether. Não teria sido construído sem a presença de sua criteriosa e silenciosa palavra. Não teria sido editado sem a perseverança de suas gestões. Co-escrito por ele, tal a força de suas ideias de revisor-criador crítico e criativo, ele ganhou o nome de um teólogo amigo que dele ficou sabendo quase às vésperas de sua publicação. E que, é preciso lembrar, correu, entre ditaduras vizinhas, o risco de ver seu nome na capa de tal edição, “naqueles tempos”.

Tal como em nosso livro, tal como nos outros tantos trabalhos, entre ações que depois são escritas, e escritos que antes foram ou depois serão ações emancipatórias, ecumênicas e esperançosas (os três “es” da vida de Jether) sinal da presença de Jether poderia ser lido em um entre os gestos inapagáveis dele em minha memória. O corpo aquietado sobre uma qualquer cadeira. Em geral uma das pernas cruzadas sobre a outra. O dorso ora curvado sobre a mesa, ora erguido para ouvir muito e falar pouco, o rosto atento para que palavra ou gesto algum lhe escapasse, os olhos espelhados em um par de óculos e as mãos com uma caneta sobre uma agenda que registrava apenas não menos do que tudo o que se dizia de essencial.

E depois a palavra, alegre e risonha demais para um calvinista, brincalhona e torcedora (do Botafogo) nas horas de intervalo. Uma palavra contida, sábia, às vezes polêmica e entusiasmada, e mesmo rigorosamente crítica quando necessário. Fui afortunada vítima dela várias vezes, nas mais diferentes ocasiões.

Ao longo de tantos e tantos anos enquanto eu escrevia muitos livros, Jether, que escreveu sempre muito pouco, semeava por toda a parte, num raro e exemplar espírito pan-cumênico, as difíceis condições para que os outros, como ele, pudessem viver entre todos, e a partir dos diversos povos do povo, as suas ações de busca sem-cessar de justiça e liberdade. De vivência cristã do amor, portanto. Ou para que outros pudessem, como eu, tomar um certo afastamento da “linha de frente” em que ele próprio se situava, para colocarem no papel as palavras escritas e as ideias pensadas e agidas que ele próprio não encontrava tempo para redigir. Ele, um

fecundo e detalhista registrador em agendas a mão das ideias de outros, para comparti-las com outros mais, ainda.

Ao contrário de outros dos nossos, até mesmo no momento de “dizer uma oração”, o que aconteceu muitas vezes quando nos reunimos, suas palavras eram poucas e nem sempre poéticas. Não era o caso. Nele não importava mesmo o que ele falava, mas o peso de amor dos gestos com que ele nos dizia, e a seu Deus, a sua fé, a sua inesgotável esperança e o seu entranhado amor.

Sabemos que dele não ficarão muitos “registros por escrito”. Como, “do lado católico”, hão de ficar tantos de Pedro Casaldáliga e tão poucos de Tomás Balduino, dois bispos que também aprenderam muito de Jether e que também têm nele um... “meu pastor” querido. Temo que as pessoas que não conviveram com ele poderão reconhecer dele apenas uma pequena parcela de um homem em quem o que menos importa é, justamente, “ser conhecido”.

Aprendi muito com ele. Aprendi que poderia ter ouvido bem mais e falado bem menos. Aprendi que poderia ter escrito bem menos e ter deixado que outros escrevessem através de mim, bem mais. Aprendi que poderia ser bem mais um autor de gestos de amor do que de palavras de sedução. Aprendi que poderia ter perseverado bem mais na minha fé entrecortada e em minha às vezes desesperançada esperança. Aprendi, entre tantos que “baixaram a guarda”, “desceram do barco”, e “tiraram a mão do arado” há muito tempo, que aquele velho e conhecido poema de Bertolt Brecht é verdadeiro. Não tenho o livro aqui e não o sei de cor. Você que me lê porventura saberá. Ele lembra que algumas pessoas lutam durante muito tempo. E elas são importantes. Mas outras lutam durante uma vida inteira. E estas são as indispensáveis.

Faz algum tempo dediquei um de meus livros, *Aprender o amor – sobre um afeto que se aprende a viver*, a quatro pessoas de quem me considero um perene aprendiz. Que eu transcreva parte da minha longa dedicatória aqui.

Não sei se eles ficariam aborrecidos se eu os chamasse: ‘os meus velhos queridos’. Creio que não, pelo tanto que os conheço, mesmo quando passamos anos e anos sem nos ver. O mais moço deles tem 75 anos e os mais velhos dobraram os 80, cheios de vida, cheios de amor, cheios de esperança. Quando penso em mim ou quando escrevo aqui neste livro palavras em que creio como uma escolha de vida em que acredito, não são grandes vultos da história e dos livros que me vêm à lembrança. São eles,

meus velhos mestres e companheiros queridos de vida e de tantas lutas, ao longo destes anos todos. São eles e são pessoas como eles, a quem dedico com muito carinho estes escritos: Miguel Soler Roca, Pedro Casaldáliga, Tomás Balduino e Jether Pereira Ramalho.

Posso concluir agora. Embora sobre Jether e o que vivemos juntos desde uma manhã de 1969 pudesse sugerir muitas outras páginas de lembranças e de testemunhos. Há uma passagem de uma escritora que leio e releio sempre, Marguerite Yourcenar. Lamento que ela esteja entre as páginas de um de seus livros que eu não saberia recordar agora. Nem sei a passagem de cor. Mas vou escrevê-la aqui como eu a recordo. E isto porque quando a lembro, é a pessoa e o nome de Jether, entre outras pessoas e outros nomes queridos, quem me vêm à mente e ao coração. Ela diz isto: *“Há seres humanos em nome de quem Deus me amou”*.

Que assim seja!

Rosa dos Ventos, outono de 2009 (40 anos depois)



# Jether, companheiro de muitas andanças, até hoje!

*Beatriz Costa*

---

Professora e pedagoga com experiência de trabalho em Educação Popular

As nossas andanças se cruzaram lá pelos idos de 1965, e desde então acertaram o passo. Eram tempos de ditadura. Jether trabalhava no Centro Ecumênico de Informação – CEI, que ocupava um conjunto de salas na Praia de Botafogo, 413. Foi ali que nos conhecemos, por intermédio de um amigo comum, e a partir daí o CEI tornou-se, para mim, um ponto de encontro muito precioso com pessoas que, de diferentes maneiras, buscavam colaborar na construção de um mundo melhor, de uma vida digna para todos.

O ecumenismo comprometido com a justiça social era a razão de ser do CEI e a linha-mestra de toda a sua atuação. As atividades eram diversas, entre elas um programa de Educação do qual participei mais.

Jether tinha um dom especial de convocar e incentivar as pessoas para, juntas, ele inclusive, criarem e realizarem atividades que correspondessem a indicações concretas da realidade de cada momento. Foi assim que nasceu esse programa de Educação.

Num primeiro momento, o trabalho voltou-se para a alfabetização de adultos na linha de Paulo Freire. Com a sua pedagogia da libertação, Paulo Freire era uma das grandes referências do CEI. Foram realizados diversos encontros nos quais a maioria dos participantes eram agentes de pastorais das igrejas cristãs, evangélicas e católica: padres e pastores, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Aproximadamente cinquenta pessoas em cada encontro.

Mas de onde veio essa ideia? O que levou a tal iniciativa? Na preocupação constante de que a atuação do CEI significasse a realização concreta de um ecumenismo comprometido com a justiça social e a transformação da realidade, Jether percebeu que o interesse e a preocupação dessas pessoas num trabalho de alfabetização de jovens e adultos, para ir adiante, neces-

sitavam contar com algum *processo de formação*. Mais precisamente, um processo de formação que se pautasse na pedagogia de Paulo Freire – na época, interdito pela ditadura. O que, por sua vez, carecia de um vínculo institucional capaz de não despertar a atenção dos órgãos da repressão. E esse foi o começo: o CEI se dispôs a oferecer uma atuação neste sentido.

Os encontros, ou melhor, o *processo de formação*, não se resumia à técnica de alfabetização. Incluía também, ainda que em linhas gerais, uma análise e discussão da realidade, da sua dinâmica de opressão e exploração, dos modos de viver do povo a quem se queria alfabetizar. Criava-se um ambiente de liberdade e de confiança uns nos outros que era como uma fonte de água fresca no meio da selva de perseguições e temores que marcaram aquela época. Sobretudo depois do AI-5, em 1968.

Os encontros se tornaram o lugar onde todos se sentiam seguros para falar abertamente das injustiças, das opressões, dos medos e resistências. Os *processos de formação* eram simultaneamente espaços de grande fraternidade.

Fazendo parte da equipe desses *processos de formação*, eu trazia uma experiência de “educação popular” desenvolvida na Sociedade de Escolas Tele Radiofônicas – Seter: era um trabalho de alfabetização de jovens e adultos que, por meio de um sistema cativo de rádios e de uma rede de monitores locais, desenvolveu-se no início dos anos de 1960 nas mais diversas comunidades do Rio de Janeiro (então estado da Guanabara): favelas, bairros ‘rurais’, presídios, sanatórios. Conscientização para a participação na transformação social: este era o grande objetivo do nosso trabalho. Com o golpe militar de 1964, a Seter foi forçada a fechar as portas e a equipe viu-se obrigada a se dispersar indo empregar-se em outras áreas. Os caminhos para uma atuação no campo da “educação popular” teriam que ser outros... em fins de semana ou nas horas vagas deixadas pelo emprego conseguido.

Assim, o convite do Jether para participar em atividades daquele programa de Educação do CEI foi, para mim, muito valioso. Ainda mais que as outras pessoas convidadas por ele para compor o grupo encarregado do *processo de formação* traziam consigo uma das experiências mais ricas no campo da educação entre os movimentos populares. Alguns tinham trabalhado no Movimento de Educação de Base – MEB de Goiás até o golpe militar (1964); outros tinham uma grande militância no movimento estudantil. Eurípedes, mais conhecida carinhosamente como Filhinha, José

Peixoto, José Inácio Parente, Carlos Brandão, Zilá Borges, Diana Cunha, Paulo Cesar...

À medida que o CEI ampliou a sua participação em cursos e encontros pastorais promovidos ou organizados pelas igrejas cristãs, o seu programa de Educação desdobrou-se num outro momento. Isso foi por volta de 1968. O Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín, o crescimento da Teologia da Libertação e a expansão da sua convocação ao compromisso com os pobres marcaram profundamente a prática dos cristãos e suas atividades pastorais. O que, para o CEI, trouxe a necessidade de acrescentar novas dimensões ao *processo de formação*.

Como dizia o Jether, “se queremos trabalhar com o povo, temos que entender melhor a realidade do povo. E para isso, precisa-se de elementos teóricos. Não adianta falar só que a realidade é opressiva e injusta; igualmente importante é o ‘como’ entendê-la: é necessário um método de análise da realidade. É necessário aprimorar o ver-julgar-agir”. Essa era a grande preocupação do Jether. Foi ela que o levou a impulsionar uma nova prioridade no programa de Educação do CEI: contribuir para o acesso dos agentes pastorais a um método dialético de análise da realidade que ajudasse a um entendimento maior do capitalismo e das suas estruturas de opressão e desigualdade social.

Foram muitos e diversos os grupos que solicitaram do CEI esse tipo de colaboração: dioceses, paróquias, institutos pastorais, grupos “informais”, etc. Sempre com a devida discrição, indispensável na época.

O CEI, como participante de Igreja e Sociedade na América Latina – Isal e do Conselho Mundial de Igrejas, tinha também uma vasta rede de relacionamento na América Latina. E logo nos primeiros anos de 1970, à medida que vários grupos ecumênicos de diferentes países latino-americanos começaram a conhecer melhor os *processos de formação* do CEI, passaram a solicitar a sua colaboração em alguns dos seus encontros. Foi quando o Jether, então, formalizou melhor a proposta desses *processos* e o sentido do programa de Educação do CEI, instituindo-os como Programa de Educação para a Justiça Social.

O CEI foi convidado a colaborar em não sei quantos encontros latino-americanos: no Uruguai, no Peru, no Chile, na República Dominicana e no México, entre muitos outros. Neles, Jether, Carlos Brandão e Diana eram os principais participantes pelo CEI; ou seja, o território de atuação



do Programa Educação para a Justiça Social era a América Latina, e não só o Brasil.

É notável a força ecumênica do Jether. Ecumenismo para ele não é um discurso, é um *modo de ser* que se manifesta de várias formas, desde as relações mais pessoais até as práticas mais formalizadas. Não existe nele qualquer fundamentalismo: nem político, nem ideológico, nem religioso.

Creio que o ecumenismo gera – e é gerado por – essa postura de abertura à história, ao outro, ao sopra. Acho que nisso a Lucília, sua esposa, tem uma grande cumplicidade: para os dois, o ecumenismo nasce de um profundo amor ao próximo, de um firme e inabalável compromisso com a justiça social. Um compromisso que, além do Programa de Educação para a Justiça Social, teve muitas outras dimensões. Entre todas, a dimensão de apoio aos perseguidos políticos que, na época, levou muitos de nós, conhecidos próximos e não tão próximos, a afirmar mais de uma vez: “Com o Jether podemos contar”. A imagem que me vem à memória é a do Jether com uma pasta de couro debaixo do braço, andando pelas ruas da cidade, entrando num prédio, saindo dali a um tempo, entrando em outro, saindo daí a pouco, sempre tranquilamente, cumprindo responsabilidades que em geral valiam a liberdade de alguém.

Essa era apenas a face visível de um extenuante trabalho subterrâneo que salvou tanta gente da cadeia, das torturas e até da morte; que abrigou tantos outros; consolou e aconselhou inúmeros parentes e amigos dos perseguidos; organizou e acompanhou não poucos até o difícil embarque final para fora do país... Sem falar na missão de pombo-correio dentro e fora do País. Enfim, atividades todas essas que exigiam coragem, calma, paciência, humildade, isto é, as qualidades do seu temperamento que ele colocou a serviço dos “irmãos perseguidos”. Durante os vinte anos da ditadura militar, sobretudo depois do AI-5, quando a repressão se abateu mais forte no País. De tudo isso, eu falo emocionada porque estou entre as muitas pessoas que contaram com a solidariedade ilimitada do Jether e da Lucília.

Por volta de 1974, o CEI deu origem ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação – Cedi, que levou adiante diversos trabalhos realizados até então pelo Programa de Educação para a Justiça Social do CEI, além de criar outros: pesquisas e assessorias com trabalhadores do campo e da cidade, seminários e estudos ecumênicos, publicações.

Eu não fiz parte do Cedi. Pouco antes, junto com outras pessoas que igualmente se propunham a contribuir para fortalecer a educação popular no País, fundamos o Nova – Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação. Como se pode imaginar, entre o Cedi e o Nova logo se estabeleceram as mais estreitas relações de troca e apoio mútuo, sobretudo no que se refere a publicações.

Aí é que está: no trabalho do Jether, quer no CEI, quer depois no Cedi, quer mais tarde no Ceris, a atividade editorial foi uma das suas mais notáveis contribuições. A ela, Jether dedicou um redobrado esmero. Numa época em que eram muito poucas as revistas que abriam suas páginas às produções voltadas para os trabalhadores e os movimentos sociais, o *Cadernos do Cedi* teve importância ímpar. Não apenas como meio técnico de comunicação num tempo em que ninguém sonhava com computador nem internet: não podemos esquecer que mimeógrafos, máquinas de datilografia e fotocópia eram o máximo de que dispúnhamos para divulgar e colocar em debate nossas práticas e pontos de vista, daí a importância de um meio impresso. Mas, como dizia, além da relevância técnica, *Cadernos do Cedi* foi dos primeiros a oferecer espaço para que outros grupos e instituições congêneres publicassem suas produções. Os quatro primeiros artigos elaborados pelo Nova foram publicados no *Cadernos do Cedi*, com o maior apoio da equipe e um notável entusiasmo do Jether!

Jether, companheiro de muitas andanças. Essas e muitas mais, até hoje!



# O Jether, sempre presente!

*Tomiko Born*

---

Assistente social e professora aposentada; continua atuando na área de Gerontologia Social; fundadora da Oportunidade: Associação de Apoio e Fomento a Iniciativas Emancipatórias em Caldas; mora em Caldas, sudeste mineiro, desde 2003

Início de julho de 1966, em Swanwick, Inglaterra

Havia passado um ano em Haia, Holanda, no *Institute of Social Studies*, para estudos de política social e pesquisa sobre trabalhadores portugueses. Era difícil pensar em voltar ao Brasil em pleno regime militar. Além disso, havia motivos afetivos que me prendiam à Europa. Mas, era preciso voltar. Iniciei minha viagem com uma parada em Swanwick, no Reino Unido, para participar de uma reunião de consulta sobre ajuda intereclesiástica, promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas. Encontrei várias pessoas do Brasil, mas de quem mais me lembro é do Jether e da Lucilia.

Como faz muito tempo, pouco me recordo da conferência, só daquelas coisas que tocaram profundamente o meu coração e dos contatos que mantive com algumas pessoas de igrejas europeias para discutir, com a ajuda do Jether e do Luis Carlos Weil, a possibilidade de permanecer mais tempo na Europa ou retornar para trabalhar em algum projeto social, quem sabe na França, com trabalhadores portugueses. Mas isso foi antes de eu ver um documentário que exibiram para apresentação do livro *Refúgio das Massas*, escrito por Christian Lalive D'Epinay, sociólogo suíço (hoje gerontólogo) sobre o Pentecostalismo na América Latina.

Ficara claro para mim que minha vontade de ficar na Europa mais tempo era como permanecer em férias prolongadas, uma vez que não tinha nem um projeto de pesquisa, nem de projeto social bem definido, em algum país europeu. Talvez, justificável fosse querer ficar distante do clima de opressão política que reinava no Brasil, embora, até então, não tivesse sido pessoalmente molestada pelo regime reinante.

Mas, o que fazer de volta ao Brasil? Eu havia pedido licença do meu emprego, do Departamento de Imigração e Colonização da Confederação Evangélica do Brasil e não via sentido em voltar para lá. Em Swanwick,

discuti esses problemas com o Jether e com o apoio de amigos do Conselho Mundial de Igrejas montamos uma pesquisa para estudar Migrações Internas no Brasil.

### Nas estradas mineiras

Eu havia voltado para São Paulo, onde morava a minha família, mas devo ter ido ao Rio de Janeiro para definir minhas funções na pesquisa de campo com o Jether e o Waldo César, assim como o roteiro de viagens, pois a ideia era percorrer algumas rotas de migrações e colher informações sobre as condições em que elas ocorriam. A primeira fase era viajar de ônibus de Belo Horizonte a Montes Claros. Algum tempo depois de deixar a capital mineira, já corriamos numa estrada de terra. Algumas cenas permaneceram gravadas. Em algum ponto, ainda não muito distante de Belo Horizonte, três senhores japoneses em terno azul marinho e camisa branca embarcaram. Em outro ponto entrou uma mulher com algumas galinhas. O ônibus já estava cheio, mas numa outra curva subiu uma mulher com criança no colo e ninguém deu sinais de dar-lhe lugar. Eu me levantei e cedi o meu lugar, mas a mulher não esboçou nem um sorriso, muito menos agradeceu. Quanto tempo havia viajado? No mapa, vejo que hoje foram 425 quilômetros, mas em 1966 deve ter sido mais. De toda forma foi uma longa viagem, devido à precariedade da estrada e das muitas paradas. Nas cidades o ônibus entrava buzinando, enquanto dava a volta na praça, quando muitas cabeças surgiam nas janelas e outras pessoas vinham pessoalmente pegar ou entregar alguma encomenda. Guardo ainda algumas fotografias que tirei durante a viagem: paisagens secas, rios secos, nenhuma plantação, crianças de dois, três anos nuas, barriga inchada, homens e mulheres parados, encostados numa parede ou de cócoras. Eu me pergunto do que vive essa população.

Impressões dessas viagens, contatos feitos, entrevistas com migrantes, tudo ficou registrado num relatório que preparei para apresentar num encontro do ISAL, Igreja e Sociedade na América Latina, em Piriápolis, Uruguai, posteriormente publicado no *Boletim CEI* que deu origem a *Tempo e Presença*, mas não o encontro mais. Possivelmente, perdeu-se numa das várias mudanças que eu fiz desde essa pesquisa. Essa viagem seria completada com a ida aos municípios de Salinas e a Monte Azul, esta a sete quilômetros da fronteira com a Bahia. Era ainda época em que se viajava de trem, embora a rota migratória já estivesse deslocando-se para

rodovias, criando os paus-de-arara, grupos de migrantes transportados em boléia de caminhões para o sul-maravilha. Os migrantes que entrevistei haviam viajado da Bahia para Minas Gerais e de lá pretendiam ir a São Paulo, e, descobri nas conversas que muitos iam em busca de tratamento médico.

#### Pela BR-116

A nova rota foi pela BR-116, sempre em ônibus: Governador Valadares, Teófilo Otoni, Vitória da Conquista, Salvador, Feira de Santana, Caruaru e Garanhuns. Em algumas cidades estabelecia contatos com pastores protestantes, discutindo o problema dos migrantes. Em Feira de Santana trabalhava Josué de Mello, pastor presbiteriano que fora meu colega no Acampamento de Trabalho de Estudantes, na Favela da Gamboa, em 1956. Esse contato levaria posteriormente à elaboração de um projeto para construção do SIM – Serviço de Integração de Migrantes.

#### Nova saída pela BR-116 com Jether e Aldo Schram

Desta vez seria de carro com Jether e um motorista auxiliar Aldo Schram, um homem alto e de tez bem morena, filho de pai alemão e mãe baiana, membro de uma igreja evangélica, provavelmente a igreja que o Jether frequentava na zona norte do Rio. A mobilidade proporcionada pela viagem de carro permitiu vários contatos com igrejas evangélicas e uma incrível oportunidade de fazer uma fotografia de uma família de migrantes que caminhava pela BR-116 em direção sul, enquanto nós viajavamos na direção norte. Uma família paupérrima: marido, mulher com uma criança de colo e outra maior, uma mala, a criança maior levando uma galinha. Não tenho como conferir a imagem que procuro nas minhas memórias com as fotografias que eu havia feito numa máquina japonesa bem simples, mas que resultara numa fotografia impressionante e fora mandada com negativo e tudo para o Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, onde durante vários anos podia ser vista nas paredes do departamento com o qual mantínhamos maior contato. Além de fotografar a família, também entrevistamos o chefe da família: “Para onde vão?”. “*Por aí, atrás de trabalho. Lá onde nois estava não tava dando...*”

Típico imigrante que sai de uma situação de miséria, sem destino certo, na esperança de encontrar trabalho num outro canto qualquer.

Os contatos que fizemos nessa viagem, somados àqueles que eu havia feito anteriormente, foram fortalecendo nossa convicção de que um serviço de orientação ao migrante num ponto estratégico poderia ser importante. Em Teófilo Otoni visitamos também um colégio mantido pela Igreja Luterana, onde nos falaram de seus alunos, filhos de imigrantes alemães que sofreram o processo de “caboclicização”, pelo distanciamento do convívio com alemães e vida num meio cultural pobre, sem oportunidades de educação. Parece que saímos do colégio luterano à tarde, mas devido a algum problema no carro do Jether, fomos obrigados a retornar e, dentro da propriedade do colégio, já escuro, conversamos com um cônsul alemão que visitava a instituição, o nosso companheiro Aldo Schram, em alemão. Dentro do colégio, com as luzes acesas, o espanto do cônsul ao ver a figura do Aldo...

Prosseguindo, chegamos a Feira de Santana, onde mantivemos um contato prolongado com o pastor Josué de Mello, com quem fizemos um esboço do Serviço de Integração de Migrantes – SIM. De volta ao Rio, Jether terminou de elaborar o projeto e o enviou à Secretaria de Migrações do Conselho Mundial de Igrejas, onde seria aprovada a verba para construção e manutenção do Serviço, que tinha como objetivos: acolhimento provisório ao migrante; assistência médica; providenciar documentos pessoais; proporcionar orientações de ordem geral para a vida nas grandes cidades. Após a montagem do projeto no qual estavam previstos, entre outros, a construção do prédio para hospedagem do migrante, cozinha e refeitório e todo o conjunto de serviços, o SIM passou a ser administrado pelo Departamento de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Feira de Santana.

Minha participação nessa pesquisa praticamente se encerrava.

Eu já conhecia o Jether desde que voltei dos Estados Unidos em 1958, quando algumas vezes ele me convidara para falar sobre desenvolvimento de comunidade em reuniões ecumênicas. Mas, contato maior se deu entre agosto ou setembro de 1966 a fevereiro de 1967, quando firmou-se em mim a imagem de uma pessoa sempre presente, uma pessoa em quem se podia confiar, modesto, organizado, amigo.

Nesse meio tempo, recebi um convite da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, que se apresentava como uma proposta revolucionária para a reeducação do menor infrator e de assistência ao menor carente, com um projeto que fora formulado com a participação de intelectuais identificados com o antigo Partido Democrata Cristão. Discuti com o Jether e decidi aceitar o convite para ir trabalhar numa das diretorias, no Rio de Janeiro.

Mas a questão das migrações internas não foi abandonada e até mesmo para a Funabem levamo-la sem saber em que ninho de cobras estávamos nos adentrando. Possivelmente, essa discussão, juntamente com algumas viagens internacionais que fizera para participar de reuniões ecumênicas, foram suficientes para eu ser acusada de ser agente de um movimento subversivo às vésperas de uma viagem a Genebra e posterior demissão de um serviço público federal. Eu me lembro bem da presença do Jether e da Lucília no Aeroporto do Galeão dando cobertura ao meu embarque.

### Volta a São Paulo

Em maio de 1972, casei-me no Rio com Hans Aloysius Born, sem convidar minha família, como convinha a uma mulher supostamente “independente”. Jether e Lucilia foram nossa família, testemunhas e tudo o mais. Lucilia preparou aquele almoço maravilhoso regado com fios de ovos. Embora enfrentando novamente problemas com o Dops ao obter o visto de saída, consegui viajar com o Hans para a Alemanha a fim de conhecer sua família e, ao retornar, passei a morar em São Paulo.

### Os contatos continuam

Jether era mestre em fazer e manter contatos. Pertencíamos à família ecumênica e além do mais ele e a Lucilia eram agora nossos padrinhos de casamento. Mesmo retornando a São Paulo, mantivemo-nos em contato.

Primeiro, convidou-nos para fazer parte de Pedra Sonora, em Serrinha, município de Resende, comprando a cota do Waldo César que estava deixando o “condomínio” e assim usufruímos o que me lembro como Dias de Sol em Pedra Sonora.

Durante alguns anos fomos com regularidade a Pedra Sonora para passar feriados prolongados, e especialmente para a virada do ano, usufruindo a companhia de um grupo de amigos e de seus filhos e mais os amigos dos filhos. Eles já se conheciam havia muitos anos, desde os tempos de mocidade evangélica: Jether e Lucilia, Moysés e Layse, Roberto e Gedra, Lysâneas e Regina, Amaury e Elisabeth. Lysaneas e Amaury quase já não participavam e Waldo e Maria Luisa haviam deixado o “condomínio” e moravam num sítio bem próximo, mas vinham de vez em quando nos visitar. Desse grupo, muitos já faleceram: Moysés, Roberto, Lysâneas, Waldo e Maria Luisa. O programa diário era: depois do café, jogos de vôlei. Nos times havia sempre muitas “estrelas” e estilos pessoais como o saque sumô do



Roberto e a “jornada nas estrelas”. Até hoje soa nos meus ouvidos a voz entusiasmada do Jether: “Agora vamos ganhar”. Depois, havia o banho nas águas geladas da piscina de água corrente, precedido de caipirinha e torradinhas com patê que o Roberto era mestre em fazer. As refeições eram simples mas saborosas, sob a supervisão da Lucilia e de outras mulheres, mas já adiantadas pelos caseiros. Quem pode se esquecer da couve que o *seu* Osório cortava fininho na mão, com a faca bem afiada e as folhas enroladas? Havia também longas caminhadas, a sauna em Penedo e até mesmo sessão de cinema em Resende. Mas, um dia aquelas viagens começaram a ficar pesadas para nós, tanto pela quilometragem e aumento do combustível, como pelo perigo que a Via Dutra oferecia e tivemos de optar pela venda de nossa cota.

#### Participação em reuniões internacionais por indicação do Jether

Por indicação do Jether fui a um encontro em Berlim, substituindo Diana Cunha, que, na última hora, teve algum impedimento, para um consulta preparatória do Ano Internacional da Mulher. O relatório que escrevi sobre esse encontro saiu publicado no CEI. Depois, fui convidada pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) para uma reunião de consulta, preparatória do Ano Internacional da Criança proclamado pela ONU para 1979. E, por solicitação do CMI, organizei em São Paulo o Seminário Ecumênico sobre os Menores Carentes e Marginalizados, o qual contou, entre outros, com a participação do hoje padre Julio Lancelotti, então seminarista, mas já com profundas preocupações em relação ao menor marginalizado e com fortes críticas sobre a política do Estado em relação a essa população. Jether, sempre atuante como editor ou membro do Conselho Editorial de *Tempo e Presença*, convidou-me para escrever sobre a Política do Menor que sairia publicado no numero 208 de maio de 1986, o segundo número dedicado ao menor marginalizado.

#### O envelhecimento no Brasil entra na pauta de *Tempo e Presença*

Alguns anos mais tarde, quando eu já passara a estudar questões do envelhecimento e lecionava no Curso de Gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo), saiu um número de *Tempo e Presença* dedicado ao envelhecimento (nº 264, ano 14), para o qual Jether pediu minha

assessoria e um artigo publicado com o título “A Dignidade Humana na Terceira Idade”.

### Atravessando os anos de sombras

Vivíamos os anos de ditadura. Pessoas amigas haviam sido presas, outras viviam na clandestinidade. Várias tiveram de ir para o exílio. Sabíamos que Jether tinha notícias de muitas delas e exercia importante função, para a rápida saída delas rumo ao exterior. Mas, esse papel era exercido por ele com a maior discrição e modéstia. Numa das minhas viagens ao Conselho Mundial de Igrejas, fui encarregada de contatar Henriane de Chaponay (temida por agentes da repressão como a princesa real), do Comité Cato-lique, em função desse trabalho.

### A fundação do Cesep

Quando foi fundado em São Paulo o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização Popular (Cesep), Jether teve um papel ativo e passou a vir a São Paulo com frequência, quando, muitas vezes hospedou-se em nossa casa. Era sempre um prazer encontrá-lo para saber dos amigos, da família, de cinema e de leituras.

### Mudanças no relacionamento com a família

Acompanhei as grandes mudanças que se operaram no seu relacionamento com os filhos e foi com grande emoção que participei, juntamente com o Hans, das suas Bodas de Ouro com todos os filhos e netos presentes.

### Amigo leal

Sempre se dedicou muito aos amigos, valorizando suas contribuições e preocupando-se com sua saúde e bem-estar. Telefonou-me um dia, há anos, para avisar que Rubem Alves havia sido internado com uma hemorragia intestinal e sugeriu que eu entrasse em contato com ele. Em duas outras ocasiões telefonou-nos para falar de dois amigos que deveriam ser operados e necessitavam de ajuda para cobrir despesas médicas. No ano passado, quando Rubem passou por uma profunda crise, fez questão de empreender, juntamente com a Lucília, uma viagem de ônibus do Rio a Campinas, para lhe manifestar seu apoio.

Morando nesta pequena cidade de Caldas, MG, a ida ao Rio tornou-se mais difícil para mim. Enquanto o Rubem tinha um chalé em Pocinhos do

Rio Verde (Caldas), Jether e Lucilia vieram algumas vezes a esse município incrustado na Mantiqueira e nos visitaram na casa velha para onde nos mudamos em 2003. Antes da nossa decisão, Jether havia manifestado sua preocupação conosco e nos desaconselhou de mudar para “esta cidade parada no tempo”. Nos anos recentes encontramos-nos muito pouco. A última vez foi em 2008, para participar do culto em memória do Waldo César, na Igreja Luterana em Ipanema, quando me hospedei em sua casa. Fora disso, o jeito é o contato telefônico.

Quanto mais envelheço, mais acho que ter amigos é um privilégio. Considero um privilégio especial poder usufruir a amizade de Jether e Lucilia durante tão longo tempo.

Caldas, 5 de maio de 2009

# Sobre um articulador de sonhos...

*Zwinglio M. Dias*

---

Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Minas Gerais; pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil; editor da revista eletrônica *Tempo e Presença*

*Porque a vida é de ferro e não se acaba nunca.*

Adélia Prado

*A vida só é possível reinventada.*

Cecília Meireles

Foi com satisfação e alegria que acolhi o convite para participar desta obra coletiva. Mais do que uma justa homenagem à vida e ao trabalho desenvolvido pelo Jether, é uma afirmação e um testemunho da força agregadora gerada pelos empenhos ecumênicos de tantas vidas que têm se encontrado e se envolvido num projeto comum.

Como acostumava afirmar o teólogo *Wisser't Hooft* (o primeiro e, por longos anos, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas), o movimento ecumênico é, acima de tudo, um movimento de pessoas antes que de instituições eclesiásticas. Pessoas inconformadas com os estreitos limites do individualismo e sensibilizadas pela utopia da solidariedade evangélica. Pessoas que mutuamente se acolhem, movidas pelo desejo de estabelecer vínculos estáveis e profundos, capazes de enlaçá-las numa experiência de vivência comunitária que extrapola as mais diferentes fronteiras que dividem os humanos. Pessoas que dão forma a uma comunidade de destino e que vivem embaladas pelo sonho da unidade que nasce do reconhecimento da igualdade de todos, respeitados em suas diferenças e acolhidos em nome da singular beleza e dignidade que representa a existência de cada ser humano.

Convivi e trabalhei com o Jether por longos anos. Hoje somos mais que antigos companheiros, somos irmãos de uma mesma família ecumênica, e continuamos a sonhar os mesmos sonhos e a experimentar a mesma perplexidade diante da força destruidora da vida que o nosso sistema

de (des)organização social nos apresenta. Com muitos outros amigos e irmãos, amigas e irmãs, estivemos e continuamos juntos, pelos mais variados caminhos, no esforço de promover, organizar e consolidar grupos, comunidades e entidades ecumênicas. Ou seja, organizações que reuniam, e ainda reúnem, pessoas sensibilizadas e interessadas em contribuir para a superação de inimizades, discordâncias, concorrências e autoavaliações hiperatrofiadas de igrejas, denominações, lideranças eclesiais, sindicais e políticas voltadas sobre si mesmas e avessas ao reconhecimento do valor da alteridade e da diversidade. Nessas iniciativas Jether demonstrou sempre ser um exímio mobilizador e articulador de vontades e de sonhos dispersos, fomentando e inspirando a criação de organismos capazes de ajudar na materialização histórica dos ideais ecumênicos como CEI, Cedi, Cesep, Cebi e Agen, para nomear alguns.

Reconhecido internacionalmente por seu compromisso com a proposta ecumênica, especialmente aquela articulada a partir do Conselho Mundial de Igrejas, Jether tornou-se uma referência obrigatória no âmbito do movimento ecumênico no Brasil e na América Latina. O filho de um importante pastor da Igreja Congregacional brasileira veio a tornar-se uma referência ecumênica significativa para um destacado setor da Igreja Católica Romana, tanto no âmbito do clero e dos leigos das comunidades como entre numerosos membros da alta hierarquia dessa igreja! Seu comprometimento com os esforços em favor da unidade dos cristãos o levou a perceber, muito cedo, a dimensão política da inflexão da comunidade de fé na vida da sociedade.

Essa consciência da responsabilidade social das comunidades cristãs nos destinos da sociedade o transformou num dos líderes do processo de mudanças de ênfase experimentado pela Confederação Evangélica do Brasil (CEB) a partir de meados da década de 1950, quando exercia o cargo de diretor do Departamento de Ação Social. Pagou caro por isso: foi demitido da CEB, junto com outros colegas, no auge da polarização política que agitava o Brasil na época e que culminou com o golpe militar de 1964. A partir dessa experiência dura, amarga e heroica ao mesmo tempo, seu compromisso com a utopia ecumênica e sua consciência da importância da política para tornar a vida abundante para todos tornaram-se marcas definitivas de sua vivência cotidiana até hoje.

Mas, escrever sobre o Jether implica, necessariamente, destacar a personalidade daquela que por tantas décadas tem sido a sua esposa e

companheira: Lucília. Sempre presente em todas as suas iniciativas, interlocutora atenta e independente, ela fez da militância ecumênica do Jether o seu ministério de vida e tem contribuído de forma continuada para o permanente processo experimentado por ambos de auto-superação e renovação da vida.

Por longos anos atuamos juntos no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi). Como o primeiro secretário-geral dessa entidade, Jether assumiu, seguidamente, diferentes responsabilidades de assessoria a variadas iniciativas eclesiais, tanto protestantes como católicas. Por anos atuou como consultor de algumas pastorais sociais da Igreja Católica e acompanhou, desde seus inícios, o vertiginoso desenvolvimento das experiências das Comunidades Eclesiais de Base. No plano internacional, foi um dos destacados dirigentes, na América Latina, do Programa do Conselho Mundial de Igrejas “Participação das Igrejas no Desenvolvimento”, representando, por longo tempo, o Cedi.

A consolidação e consequente inflexão do Cedi no nascente universo das organizações da sociedade civil e da reorganização político-partidária do País, particularmente, na segunda metade da década de 1980 e até o encerramento de suas atividades em 1994, encontrou na decidida militância do Jether um dirigente perspicaz, prudente e, também, ousado! Sociólogo, docente universitário, soube articular o instrumental teórico das Ciências Sociais com a realidade concreta dos movimentos sociais, contribuindo para a elaboração das perspectivas de análise da realidade sociopolítica brasileira desse organismo ecumênico. Considerando, agora a distância no tempo, a efervescência sociopolítica dos anos de 1980, lembro-me bem de sua insistência na inclusão da dimensão cultural-religiosa em nossas análises conjunturais para a definição dos modos de atuação dos diferentes programas do Cedi. Nesse particular, Jether destacou-se, ao lado de outros, no esforço para dar concretude àquelas perspectivas teóricas na prática do dia-a-dia da instituição por meio do diálogo e da cooperação via assessorias, cursos e consultorias a sindicatos, pastorais e articulações políticas de variado tipo.

Uma de suas contribuições mais importantes e mais visíveis para o movimento ecumênico, por meio da ação dinamizadora do Cedi foi, sem dúvida, o seu trabalho na produção sistemática da revista *Tempo e Presença* que, aliás, completa 30 anos de existência ininterrupta em 2009. Na condição de seu editor, por vários anos, Jether conseguiu consolidar um

público fiel e torná-la uma publicação ímpar, única no gênero no Brasil. Com seu trabalho, fez da revista um espelho da militância do Cedi, trazendo para as suas páginas as grandes questões nacionais, internacionais e eclesiais ao lado daquelas vivenciadas cotidianamente pelos movimentos populares, comunidades de base, igrejas evangélicas e ativistas sindicais e partidos políticos comprometidos com as lutas populares. Com a finalização das atividades do Cedi a revista passou a ser editada por Koinonia Presença Ecumênica e Serviço e transformada em formato eletrônico, mas que continua a receber a atenção crítica colaborativa daquele que foi um de seus principais editores.

Agora que nos aproximamos das horas crepusculares da vida (o Jether caminha um pouco mais a minha frente...), embora saibamos, como nos recorda poeticamente Mario Quintana, “que todas as horas são horas extremas...”, dou-me conta do papel formativo e das manifestações concretas de solidariedade – que nem sempre fomos capazes de perceber quando aconteciam – que Jether significou para mim e para tantos outros que embarcaram na aventura ecumênica, aprendendo a sonhar com ele com um novo mundo e um novo tempo...

Salve, Jether! A luta continua...

# Jether, a coerência e o compromisso

*Luiz Alberto Gómez de Souza*

---

Sociólogo, diretor do Programa de Estudos  
Avançados em Ciência e Religião da Universidade  
Candido Mendes

Vendo o longo e fecundo percurso de Jether Pereira Ramalho, não posso deixar de pensar no título do livro de memórias de Pablo Neruda, *Confesso que vivi*. Só que é uma caminhada de muitas décadas ainda em aberto e com tarefas a cumprir. Fecundo em tantas áreas, da pessoal, familiar, eclesial até a social e a política. Acompanhei alguns desses processos e espero continuar a ter pela frente outras parcerias com ele.

Das pessoas que conheço é quem tem mais interiorizadas as dimensões ecumênicas. Lembro-me dos anos sessenta, quando falávamos de ecumenismo na base, na ação em comum de evangélicos e de católicos, onde nossa diversidade religiosa se dissolvia nas mesmas cumplicidades. O espaço de ação não se limitava ao Brasil e se abria a toda a América Latina, no Isal (Igreja e Sociedade na América Latina), com companheiros do Uruguai (Julio de Santa Ana, Iber Conteris, Julio Barreiro), da Argentina, do Chile... No Brasil, a Juventude Evangélica e a Juventude Universitária Católica estavam juntas na política estudantil do País e, depois, nos tempos duros da clandestinidade. Jether já era um veterano nessas lides. Outros testemunhos mostrarão sua presença no Conselho Mundial de Igrejas.

No plano eclesial, às vezes os amigos brincamos que ele em certo sentido é o mais católico de todos nós, por sua abertura e interesse permanente pelo que ocorre na Igreja romana. Trata com muito cuidado do que chama a enorme diversidade do mundo evangélico, um caleidoscópio de situações, como indicou em uma palestra. Sempre quis fugir de generalizações equivocadas ou de preconceitos, tratando de entender com cuidado os fenômenos recentes do pentecostalismo e do neopentecostalismo. Numa dimensão pluridenominacional, divide seu tempo entre a Igreja Congregacional, onde seu pai foi pastor, em Bento Ribeiro, e a Igreja Cristã de Ipanema, em dois Rios tão diferenciados, nesta “cidade partida”.



Segundo conta Elio Gaspari num de seus livros sobre os anos de ditadura, foi Jether quem levou aos Estados Unidos e ao Senador Church, presidente da Comissão de Assuntos Exteriores do senado norte-americano, um dossiê sobre a repressão em nosso país. Realizou incontáveis ações de ajuda, ocultando companheiros, apoiando, encaminhando-os para o exterior. Tudo na maior discrição e cuidado, quase sem fazer ruído. Muitas dessas ações não são conhecidas ainda hoje.

Pude também acompanhar de perto seu trabalho meticuloso como editor. A revista *Tempo e Presença*, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), era lançada com perfeita periodicidade e passava por uma revisão cuidadosa. Muitas vezes recusei pedidos para algumas publicações, por falta de tempo ou por dificuldade de enfrentar certos temas que escapavam à minha competência. Tratando-se de um pedido de Jether, entretanto, nunca recusei colaboração. Sua solicitação era ao mesmo tempo cuidadosa porém firme. Quantos de nós abrimos espaço em nossas agendas para os textos com tamanho prefixado, o que obrigava a ser claros e exatos, numa linguagem acessível aos setores populares, aos membros das diversas igrejas e aos militantes espalhados por todo o País.

Mas foi no Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), que dirigi de 1997 a 2005, onde senti bem de perto a enorme capacidade de Jether. Convidei-o para coordenar o trabalho editorial. Saíram quatro primorosos *Cadernos Ceris*, perfeitos, belos e sem falhas. Com que minúcia e precisão ele preparava as reuniões editoriais, sem esquecer dos mínimos detalhes, propondo matérias, coordenando a formatação, o equilíbrio das páginas, os resumos que acompanhavam e iluminavam os textos. Lembro de um conjunto de documentos sobre direitos humanos que nos chegaram com redação defeituosa, alguns parecendo apenas relatórios de atividades. Jether e a equipe editorial do Ceris, com sua supervisão, os transformaram num livro legível e bem equilibrado, com cuidadosa edição.

Há um aspecto que mostra Jether de corpo inteiro: sua militância política. Esteve no Partido dos Trabalhadores desde sua criação em 1980. Seu nome, até mesmo, ao que consta, chegou a ser mencionado para fazer parte da executiva nacional. Não aceitou a indicação preliminar, depois que seus colegas de trabalho no Cedi julgaram melhor não confundir os dois aspectos de uma militância: a pastoral e a política. Olhando agora, me pergunto se não foi um excesso de precaução ou uma falta de visão a longo prazo de seus companheiros de ação ecumênica. Sua presença em

postos do partido poderia ter contribuído para manter o PT mais firme nos caminhos de uma ética na política. Seria uma voz importante para evitar distorções e desvios penosos. Mas, em todo o caso, lá estava ele no partido, sempre presente, no momento das eleições, nas reuniões de base e nos debates, inquieto, cheio de ideias e de sugestões.

Pude acompanhá-lo bem de perto quando, no segundo turno eleitoral que levaria Lula à Presidência, resolvemos juntos lançar um manifesto de profissionais e universitários em favor de nosso candidato. Alguns foram céticos: um manifesto com menos de cem assinaturas e sem nomes de prestígio poderia ser até negativo. Passaram de quinhentos os que aderiram e a lista era encabeçada por nomes da maior relevância. Outros perguntaram: por que não abri-lo a setores populares? Estes já tinham optado claramente por Lula. Tratava-se agora de mostrar o apoio de setores médios da sociedade. Foi de sua redação um texto significativo no primeiro parágrafo introdutório. Ali se afirmou que estávamos “somando-nos aos setores populares que já fizeram sua escolha pelo país afora, como indicam as pesquisas”. E continuava o manifesto: “Estes últimos sentem concretamente as melhorias em sua vida e em suas famílias”. O trabalho de preparação desse manifesto e de sua difusão para colher assinaturas foi desenvolvido com enorme entusiasmo e as frases escritas, reescritas e corrigidas a partir de sugestões passavam pelo crivo cuidadoso do Jether e outros de nós. Fomos os dois a São Paulo onde, em reunião com intelectuais, foi lido e entregue o manifesto a Lula.

Nestes últimos anos temos conversado permanentemente sobre o panorama político e coincidido em praticamente todos os pontos. Antes de tudo, apoio ao governo Lula, sabendo que as decisões têm de ser feitas nos parâmetros estreitos e realistas do possível.

Vamos apostando, por muitos anos, nos movimentos sociais e na ação na base da sociedade. Ali ocorrem as ações mais profundas e radicais. A revista *Tempo e Presença*, sob a direção de Jether, foi revelando todo esse dinamismo. Mas, por outro lado, ele vê a esfera da sociedade política como um espaço privilegiado que permite e pode impulsionar avanços na base mais ampla da sociedade civil. E, ao mesmo tempo, se dá conta dos limites que tem um governo, diante do poder real de forças hegemônicas de resistência a mudanças no País e vindas do exterior. Quando companheiros se desiludem ou fazem análises ácidas, vendo uma caminhada mais lenta do que gostariam, Jether, sem perder o sentido crítico sempre alerta, se alegra

com cada movimento positivo, mesmo pequeno, num processo histórico cheio de tensões e de contradições.

Ele sabe descobrir, pelo país tão diversificado e múltiplo, tudo o que se caminhou de 2003 até agora, especialmente entre os setores mais pobres, fixando-se no real concreto e não ficando prisioneiro de preconceitos ideológicos abstratos. Sua sensibilidade de sociólogo e seu olhar de Fé iluminam observações lúcidas e realistas. Quantas vezes temos refletido juntos sobre a necessidade de fazer análises com dados objetivos, em situações precisas no meio popular e no cenário político mais amplo. Aliás, parece dar-lhe razão o fato de que o povo sente e sabe o que tem ganhado, e a prova é o alto índice de aprovação a Lula e ao governo que crescem sempre mais. No momento em que escrevo este texto uma pesquisa indica que 80% dos brasileiros apoiam o presidente. Cada vez que ocorre um desses resultados é ocasião de comemoração de Jether com um amplo grupo de companheiros.

Ele tem sinalizado que estamos ainda no começo de um processo que precisa ter continuidade num próximo quadriênio, para solidificar o adquirido e dar novos impulsos à ação, produzindo outras transformações. Quem observou com tanta acuidade décadas de retrocesso e de avanços, de desilusões, inquietudes e de vitórias, não perde a esperança em novos horizontes. Eis um sinal de experiência acumulada e de sabedoria interiorizada. Assim, Jether se prepara para os embates eleitorais de 2010, com entusiasmo e vigor.

Um ponto tem retido sua atenção e impaciência diante da parcialidade de uma boa parte da mídia em relação ao governo. Acompanha no detalhe o que publicam jornais e revistas ou difundem televisão e rádio. Em muitos desses órgãos, com a ambição e mesmo a petulância de achar que fazem a opinião pública, frequentemente ali se destila má-fé ou se desvia a atenção para aspectos secundários ou mal enfocados. Muitas vezes tenho visto Jether indignar-se com manchetes de primeira página em contradição com a matéria a que se referem; ou então dizendo meias-verdades que por isso mesmo são enganosas. Para quem foi editor e sabe como se constroem textos e notícias, ele é implacável e certo em sua crítica diante de comentaristas parciais que se proclamam objetivos. Muitas vezes nos comunicamos depois de notícias deturpadas, para compartilhar desagrado ou, por outro lado, para alegrar-nos diante de elementos políticos positivos que não podem deixar de vir à tona, apesar da má vontade de alguns que são obrigados a noticiá-los.

Podemos então dizer que, no espaço público, são vários os níveis das apostas de Jether: na sociedade civil em ebulição, numa sociedade política agora a serviço dos setores populares e numa ação ecumênica que encaminha à unidade da Fé, por meio da Esperança e da vivência da Caridade. Seu itinerário múltiplo e sempre em movimento, para além das necessárias mudanças, mantém uma coerência profunda e um sentido de serviço e de compromisso incansável, como cidadão e como homem impregnado de espiritualidade.

Para finalizar este testemunho, lembro que não se pode falar de Jether sem mencionar Lucília, sua companheira de toda a vida. Caminhando juntos, olhando juntos para adiante, construindo juntos uma bela família e uma enorme rede de companheiros e companheiras de caminhada. Sólidos e fraternos com tantos amigos, firmes e carregados de ternura.



# Jether, fiel amigo e companheiro do Cesep

*José Oscar Beozzo*

---

Formado em filosofia, teologia, ciências sociais e história social, é vigário da paróquia São Benedito em Lins/SP e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep)

Peço licença para retomar algo do que escrevi ao Jether, em 1999, na celebração dos cinquenta anos de casamento com a Lucilia, ao prepará-lhes aqui no Cesep um caderninho-surpresa com palavras de seus amigos e amigas do grupo de Emaús:

“Jether e Lucilia,  
Muito queridos,

Neste caderninho, estão entrelaçadas as bodas de ouro de sua aliança matrimonial e as bodas de prata desta outra aliança que vocês ajudaram a fundar e a construir, a do grupo Emaús.

Vocês não se contentaram em fundar uma única família, mas estiveram associados ao nascimento de tantas outras, sempre num sentido de serviço solidário e ecumênico. Do lado da Lucilia, a da Creche, com a qual ela colabora com tanto desvelo, e a do grupo de oração, ao qual ela se junta há três décadas. Do seu lado, Jether, a família de Isal (Igreja e Sociedade na América Latina), a do CEI (Centro Ecumênico de Informação), que virou depois Cedi (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) que, por sua vez, se desdobrou, em 1994, em Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, ISA (Instituto Socioambiental), Ação Educativa; a da Revista *Tempo e Presença*, que sob sua batuta, se transformou num marco no panorama editorial sociorreligioso do Brasil; a do Clai (Conselho Latino-Americano de Igrejas); a do *Boletim Rede*; a do Ceris (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais); a do Cebi (Centro de Estudos Bíblicos), às quais, você empresta o entusiasmo do seu coração e o brilho de sua inteligência sensível e prática”.

A outras iniciativas e instituições você prestou, Jether, generosa colaboração, como ao Conselho Mundial de Igrejas – CMI e às Comunidades

Eclesiais de Base – CEBs. Desde seu primeiro encontro, em Vitória, no Espírito Santo, em julho de 1975, junto com a comunidade de Taizé e a Igreja Presbiteriana Unida, você contribuiu para o compromisso ecumênico daquela caminhada. Em encontros seguintes, você conseguiu que experiências populares comunitárias de várias igrejas evangélicas enviassem mais de uma centena de delegados aos Intereclesiais, assumindo responsabilidades por grupos e celebrações. Você ficou encarregado de um dos grandes plenários, no VI Intereclesial, em Trindade em Goiás, em 1986, e, para o encontro seguinte, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, com dom Mauro Morelli, você associou os evangélicos à preparação e realização daquele Intereclesial, tornando permanente a presença de evangélicos na Ampliada Nacional das CEBs, contribuindo para que florescesse cada vez mais esses laços de compreensão e colaboração nesse fecundo ecumenismo de base.

Foi-me pedido um breve relato da relação do Jether com o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – Cesep, outra dessas muitas famílias que ele ajudou a gestar e a se desenvolver. Considero o Cesep um filho muito especial do Jether, pois seguiu acompanhando-o muito de perto, desde o nascedouro, quando estava ainda em discussão seu projeto de fundação.

Durante os dez primeiros anos, a partir de 1982, foi seu vice-presidente; pelos dez anos seguintes, tornou-se presidente; e prossegue até hoje, depois que se aposentou de suas responsabilidades em muitas de suas outras famílias, como um dos integrantes do Conselho Superior. Nestes vinte e sete anos, tivemos a graça e o privilégio de contar com a presença, a colaboração e a orientação amiga, fiel e constante do Jether, com seu incentivo e apoio à caminhada do Cesep.

Ao arrastar, de Genebra para o Brasil, seu amigo uruguaio da Igreja Metodista, Julio de Santa Ana, sua esposa Violaine com os filhos, Fernando, Irene e Gonzalo, no início dos anos de 1980, forçou a transformarem em realidade o projeto daqueles que, no grupo de Correias (hoje Emaús), sonhavam com um centro de formação voltado ecumenicamente para a formação dos setores populares nas Igrejas e na sociedade, nos vários países da América Latina e do Caribe.

Jether foi assim o parteiro de uma criança que era desejada e promissora, mas cuja gravidez se prolongava para além do tempo, no ata-e-desata das muitas dificuldades para se encontrar e liberar as pessoas certas, suscitar apoios e consensos, encontrar local, financiamento e finalmente

dar forma, carne e osso a um empreendimento que nascia ambicioso com sua abrangência ecumênica, latino-americana e caribenha e sua vontade de seguir as trilhas e inspiração de Paulo Freire no compromisso com a educação popular.

A vontade e o entusiasmo pela proposta não pouparam seus idealizadores de longas e cansativas discussões para definir o caráter da nova instituição, ao mesmo tempo civil e independente, mas com estreitos laços de comunhão e serviço com as Igrejas; com vocação e projeto próprios, mas articulada e em rede com outros centros e instituições ecumênicas no continente latino-americano, procurando não duplicar serviços ou estabelecer concorrência; sediada em São Paulo, no Brasil, mas buscando abraçar toda a América Latina e o Caribe; ecumênica, em sua origem e propósitos, mas devendo lidar com a forte e majoritária presença católica na maioria dos países aos quais queria servir.

Jether foi fundamental para manter os laços com o mundo protestante e assegurar o caráter ecumênico da instituição, no seu espírito, na composição de seus órgãos de direção, na sua equipe executiva, nos seus assessores/as, no conteúdo dos seus programas e cursos. O dia-a-dia do Cesep foi entregue aos seus dois secretários-executivos – Julio de Santa Ana, como evangélico, e a mim, como católico –, mas Jether sentiu-se sempre como pai e por vezes avô, ou melhor dizendo, como parceiro da instituição que fizera nascer, com responsabilidades bem precisas no seu crescimento e fortalecimento. Contou sempre com o respeito, apreço e admiração de figuras como o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, que o arrola entre seus amigos, ou de presidentes da CNBB, como dom Aloísio Lorscheider, dom Ivo Lorscheiter e dom Luciano Mendes de Almeida, sempre atentos às suas propostas e opiniões no campo ecumênico, no trato das Igrejas entre si ou no campo de suas responsabilidades face aos desafios da realidade. Muitos textos, declarações e manifestos eclesiais, sociais e políticos que marcaram a vida de nossas igrejas e do País têm por detrás a discipulação do Jether, mas também sua insistência profética de que não podemos, como cristãos, ficar indiferentes à dor e aos sofrimentos humanos, nem às injustiças e desigualdades, nem fugir à responsabilidade em horas desafiadoras e decisivas.

Mesmo morando no Rio de Janeiro, nos vinte anos em que fez parte da Diretoria do Cesep, nunca faltou a uma reunião ou às assembléias gerais, estando pronto a representá-lo em assembleias como as do Conselho Latino-Americano de Igrejas – Clai ou do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs



no Brasil – Conic. Tinha um modo todo especial de corrigir alguma falha ou omissão nos trabalhos da equipe, apontando sempre um novo rumo que ajudasse a superá-los, sem dar a impressão de impor uma solução e sem humilhar ou desanimar as pessoas. Demonstrou sempre um especial carinho pela equipe executiva, não só em questões relativas ao trabalho, mas também à saúde, a situações familiares ou financeiras. Sabia encontrar sempre uma palavra de apreço pelo trabalho realizado e de incentivo para novas iniciativas. Suas sugestões vinham carregadas de sabedoria, sem qualquer traço de arrogância, ajudando a aclarar pontos obscuros, a superar conflitos e tensões e a manter viva a esperança.

Vale recordar o especial carinho do Jether para com o Curso de Verão, com o qual passou a colaborar de maneira entusiasmada e generosa, assumindo por muitos anos uma fala inicial sobre o ecumenismo, cuidadosamente preparada por escrito, a cada vez, sem repetir-se, mesmo abordando a mesma temática. Ali partilhou com as novas gerações toda sua experiência adquirida no chão de sua prática cristã, mas também nas grandes organizações ecumênicas regionais e internacionais; partilhou seu amor à igreja servidora dos pobres e pequenos, comprometida com a herança de Jesus e com sua tarefa de profecia e consolação.

Quando convidado a colaborar em algum evento do Cesep, Jether nunca foi daqueles que chegavam, davam seu recado e logo iam embora. Chegava de véspera, hospedando-se quase sempre na casa do Hans e da Tomiko, amigos de longa data, ou do casal Luiz Eduardo Wanderley e Mariangela ou ficando ainda, por vezes, no Convento dos Dominicanos, bem próximo à PUC de São Paulo, onde vem acontecendo o Curso de Verão há 22 anos. Terminada sua contribuição, prolongava sua estadia para ouvir algum assessor, percorrer as oficinas, interessar-se pelos trabalhos da secretaria ou da livraria do Cesep, indo cumprimentar as pessoas ou dar um dedo de prosa.

Seu companheirismo e a paixão pela Bíblia levaram-no a enfrentar longa e desconfortável viagem do Rio de Janeiro até a Diocese de Lins, no interior de São Paulo, para acudir ao Curso Bíblico Ecumênico, iniciativa conjunta do Cesep, do Instituto Teológico de Lins e da diocese. Ali, para quase mil pessoas levou sua mensagem com profundidade, leveza e entusiasmo acerca do compromisso ecumênico que deve presidir nossas Igrejas, além de ficar disponível nos intervalos para conversar, dirimir dúvidas, escutar as experiências das pessoas.

Cirurgião-dentista, com pós-graduação em sociologia da educação, professor universitário, não é raro que seja chamado de “Pastor Jether Ramalho”, pois, na verdade, fez do pastoreio de tantas comunidades, grupos e entidades a razão de ser de sua vida, na paixão pela Palavra de Deus, herdada do pai, ele sim pastor, e por sua vida pautada no Evangelho e no que Paulo chamava de preocupação e cuidado com todas as Igrejas.

Sempre foi fácil, prazeroso e enriquecedor trabalhar com o Jether, fosse em Jornadas Ecumênicas por ele organizadas, fosse em reuniões de revisão e planejamento da revista *Tempo e Presença*, fosse na assessoria aos Intereclesiais das CEBs.

Jether sabe escutar, mas também batalhar por suas ideias e propostas, sendo sempre leal companheiro e parceiro na hora de implementar as decisões tomadas, mesmo que não sejam aquelas de sua preferência inicial.

Todos nós do Cesep devemos ao Jether essa presença generosa e amiga que sempre ultrapassou as exigências formais e institucionais para se tornar a de um irmão e companheiro da mesma aventura e dos mesmos sonhos.

Pessoalmente só posso agradecer a Deus por tê-lo colocado em meu caminho como dom e bênção inestimáveis, junto com a Lucilia, sua fiel companheira de sessenta anos de amor, companheirismo e encanto mútuos.

Peço, de novo, licença, para reproduzir as palavras que lhes dediquei em suas bodas de ouro de casamento.

#### EVANGÉLICO TESTEMUNHO

*“Beati pedes apostolorum  
nuntiantium pacem,  
nuntiantium bonum.”*

Jether e Lucilia,  
pela vida enamorados,  
franciscanamente palmilhastes,  
caminhos de simplicidade,  
veredas de justiça,  
sendas de bondade.

Dos enviados,  
bem-aventurados os pés,  
que anunciam a paz,  
que anunciam o bem.

Na herança paterna,  
laicamente renovada,  
ecumenicamente vivenciada,  
prosseguiu Jether  
trilha de evangélico testemunho,  
no vasto mundo,  
na casa, na igreja,  
em Lucilia apoiado,  
na Palavra sustentado,  
na Oração transfigurado.

A casa, de crianças povoastes:  
José Ricardo, Luiz Augusto,  
Jair Felipe, Maria Judith;  
de noras a enfeitastes:  
Neide, Lisbeth e Bárbara;

e agora, com netos a coroastes:  
Emiliano, Tomás,  
André, Gabriel,  
Max e Carolina.

Na fé alicerçados,  
na fidelidade enraizados,  
livres avançastes,  
arrastando,  
congregando,  
consolando,  
alentando,  
sempre servindo,  
e a todos unindo.

Vinho bom,  
que ao envelhecer,  
rejuvenesce,  
prossiga o bíblico casal  
carregado de bênçãos,  
cheio de esperanças,  
preenche de promessas,  
e de vida transbordante.

Na amizade,  
gratidão,  
comunhão,  
admiração.

# Uma carta sobre Jether

*Carlos Mesters*

---

Biblista. Fundador do Centro de Estudos Bíblicos – Cebi. Um dos autores do Método de Leitura Popular da Bíblia

São Paulo 18 de maio de 2009

Caro amigo Ricardo,

Você me convidou para escrever umas poucas linhas a respeito de Jether, seu pai. Você me pediu para falar da amizade e, sobretudo, de como seu pai esteve presente no início da história do Cebi. Fico agradecido com o seu convite, pois Jether representa muito para todos nós do Cebi. Devemos muito a ele.

Vou falar só do início da história do Cebi. Mas, na verdade, Jether continua muito presente no Cebi, até hoje. Sua participação nas nossas reuniões sempre é animadora e muito amiga. Quando ele está presente, é como se o pai Abraão estivesse conosco. Ele irradia ecumenismo. Confirma e anima a gente. Ricardo, seu pai Jether é a pessoa mais ecumênica que eu conheço.

Vou tentar acionar minha memória, que não é das melhores, pois com frequência ela apresenta falhas. Qualquer engano ou esquecimento você e Jether vão me perdoar. São sobretudo quatro coisas misturadas entre si que lembro do início da fundação do Cebi, no fim dos anos setenta: as sugestões de Jether sobre a maneira de iniciar os cursos do Cebi; sua atuação decisiva na escolha do lugar ou da cidade para o funcionamento do secretariado do Cebi; sua presença ativa na parte da organização jurídica; e sua insistência em acentuar a dimensão ecumênica do Cebi.

De certo modo, o Cebi nasceu antes de nascer, pois antes de o Cebi existir já existia a leitura popular da Bíblia. No decorrer daqueles anos setenta, nas reflexões de um grupo chamado Emaús – de pastores, pastoras, padres, sociólogos, pastoralistas e outros que, junto com Jether, reuniam-se periodicamente em Petrópolis –, constatou-se o seguinte fenômeno: a gasolina

escondida que animava o povo das comunidades na sua resistência contra a ditadura era um tipo de leitura da Bíblia ligada à vida. Naquele tempo, grande parte da luta de tanta gente das Comunidades Eclesiais de Base em defesa dos direitos dos povos indígenas (Cimi), dos operários (CPO) e dos agricultores (CPT) era animada por uma determinada maneira de ler e de interpretar a Bíblia nas suas reuniões semanais. Aí o grupo Emaús (que naquele tempo ainda não tinha esse nome) refletiu o seguinte: se a leitura orante da Palavra de Deus tem essa força tão grande de animação e de resistência contra a opressão, então é muito importante e urgente que se faça um esforço para articular e organizar melhor essa leitura popular da Bíblia que o povo já está fazendo nas suas comunidades.

Pois é, Ricardo, foi dessa proposta nascida no grupo Emaús que o Cebi foi criado. Surgiu para aprofundar, articular, documentar, irradiar esse jeito popular de ler e interpretar a Bíblia e para estudar melhor o seu método.

Foi numa dessas reuniões que Jether, seu pai, dizia para mim: “Você deve ajudar nisso!” E eu dizia: “Mas como é que a gente faz isso?” Ele respondeu: “Você deve organizar encontros ou cursos de vários tipos. Por exemplo, um curso de capacitação que dura um mês em nível nacional. Um curso de formação de dez a quinze dias em nível regional. E cursos de animação na base em nível local de um fim de semana”.

Tudo isso foi discutido e assumido pelo grupo Emaús. A inspiração e o rumo inicial do Cebi nasceram aí. O primeiro curso de formação foi feito em Arrozal, centro de treinamento da Diocese de Volta Redonda. O primeiro curso de capacitação realizou-se no velho Convento do Carmo, do século XVII, em Angra dos Reis em novembro e dezembro de 1978.

A fundação oficial do Cebi foi feita na festa do profeta Elias, dia 20 de julho de 1979, em Angra dos Reis. Jether estava presente junto com sua mãe, dona Lucília. Existe até a foto que foi feita no fim da celebração na frente da Igreja do Carmo. Foi uma celebração bem simples, ecumênica, bonita, onde estavam representadas várias igrejas.

## 2.

Outro fato importante que lembro, relacionado com a organização inicial do Cebi, foi a escolha do lugar do secretariado. Onde localizar a sede do Cebi e como organizar o seu secretariado? A escolha do lugar também estava ligada à de determinadas pessoas que poderiam ser convidadas para ocupar a função de secretária. Nas conversas pensou-se em várias alterna-

tivas. O secretariado ou centro de irradiação poderia ser Angra dos Reis, no velho Convento do Carmo, ou no Rio de Janeiro. Foi sugerido também São Paulo, especificamente o Centro “Sedes Sapientiae” das irmãs Cônegas de Santo Agostinho.

Conversando com Jether, seu pai, decidimos os dois irmos a São Paulo para visitar e verificar de perto o Centro “Sedes Sapientiae”. Lembro que fomos de Ponte Aérea. Não me recordo mais o dia. Observamos tudo e conversamos longamente com as pessoas. Vimos que se tratava de um centro dinâmico com muitas e variadas atividades e com muita gente participando, bem no centro nervoso daquela imensa cidade cosmopolita. Refletindo e vendo de perto tudo o que lá se fazia e se organizava, Jether falou: “Acho que aqui em São Paulo é complexo demais. O Cebi apenas nasceu, ainda é criança. O lugar para ele crescer deve ser mais simples. Penso que Angra é melhor. É mais perto do lugar onde o povo se reúne e lê a Bíblia nas suas comunidades”. Daquela conversa nasceu a decisão de fixar a sede do Cebi em Angra dos Reis, Diocese de Volta Redonda, onde dom Waldyr era o bispo e dom Vital, o vigário episcopal. Os dois assumiram o Cebi, dando-lhe cobertura oficial. Coincidiu, providencialmente, que Eliseu Lopes e sua esposa Vera tinham saído da Diocese de Goiás. Jether conversou com Eliseu e sugeriu a ele que assumisse a função de secretário-executivo. Eliseu aceitou. Assim, com as sugestões e ajudas de Jether, o Cebi foi tomando sua forma.

Como já informei, no dia 20 de julho de 1979, festa do profeta Elias, em Angra dos Reis, foi feita a assembléia oficial da fundação do Cebi. Fui olhar o caderno em que eu anotava as coisas e encontrei o seguinte rascunho, escrito no dia 20 de julho de 1979, antes daquela reunião:

*O Cebi nasceu aos poucos, desde o fim de 1977. Em janeiro de 1978 foi jogada a semente no chão. Procurou-se uma sede, que será Angra. Realizaram-se já três cursos. Agora no dia 20 de julho (de 1979), ele nasce e será batizado e se constituirá como personalidade jurídica, tendo como presidente Waldyr, secretário Jether, tesoureiro Iranildes. O seu conselho fiscal é constituído por Vital, Zwinglio e Nuno. Como diretor foi eleito Carlos, como quadro de serviço: Eliseu Lopes seu secretário geral, Vera Magalhães, sua documentalista e seu secretário executivo Iranildes.*

Pela maneira de citar os nomes das pessoas, você vê que se trata de um rascunho. Waldyr é o dom Waldyr Calheiros, bispo de Volta Redonda.

Vital é o dom Vital Wilderink, vigário episcopal e então futuro bispo da nova diocese de Itaguaí-Angra dos Reis. Iranildes é o pastor Iranildes da Igreja Metodista de Angra dos Reis. Zwinglio é o pastor Zwinglio. Jether saberá lembrar a igreja da qual Zwinglio é membro. Nuno é o frei Nuno Alves que, na época, era o superior provincial dos frades carmelitas.

Encontrei ainda a pauta daquela assembléia de fundação realizada no dia 20 de julho em Angra dos Reis. Eis a lista dos assuntos a serem tratados:

- Ver o histórico do Cebi
- Ver o incremento do ecumenismo
- Ver o desenvolvimento da Raiz Local
- Ver os assuntos dos cursos e do re-encontros
- Ver a organização dos regionais
- Ver a divulgação de um relatório para os que já fizeram cursos
- Ver as tarefas de cada um
- Estabelecer a política geral do Cebi
- Fazer um esboço da programação até o ano de 1981
- Apresentar um balanço das atividades dos anos 1978 – 1979
- Ver o aspecto financeiro
- Ver quais são as pessoas que vão assinar o livro como membros ou sócios do Cebi
- Ver o contrato de comodato com o convento do Carmo
- Ver o andamento da cerimônia da fundação.

Eram muitos itens. Não lembro mais como foram tratados. Só lembro que a cerimônia de fundação foi feita durante uma celebração ecumênica, muito bonita, na Igreja do Carmo. A fotografia que você conhece, onde aparecem seu pai Jether e sua mãe Lucilia, foi feita na frente da Igreja depois da celebração.

### 3.

Outro ponto muito importante da atuação de Jether, seu pai, no início do Cebi foi que ele estava preocupado para que o Cebi fosse organizado como entidade jurídica. Jether estava ligado ao Cedi e queria que o Cebi estivesse vinculado com o pessoal daquela organização. Por isso, naquele dia 20 de julho, o Cebi assumiu a forma de entidade jurídica e, como tal, uma vez por ano, devíamos realizar uma assembleia oficial.

E nesse ponto Jether ajudou muito. Admiro até agora a disposição dele de, cada ano de novo, presidir as reuniões oficiais. Pois de todos nós só ele, Jether, entendia desse assunto. Eram reuniões formais, meio cansativas, mas que deviam ser feitas, e ele soube conduzir isso muito bem naqueles primeiros anos. Com a experiência que tinha, Jether dava conselhos e orientava a gente. Pois no começo o Cebi não tinha muita organização. Era como as doze tribos de Israel. Não havia organização central forte. Acho que isso foi até providencial, pois permitiu que as regiões se desenvolvessem autonomamente.

A ausência de uma organização central forte fez também com que o Cebi se tornasse maior que o Cebi. Você deve estar me perguntando: “Esse Cebi é uma organização meio estranha. Você acaba de dizer que o Cebi nasceu antes de nascer e agora me diz que ele é maior do que ele mesmo. Como é isso?”. Quero destacar o seguinte: Para alguém ser do Cebi não era necessário ele ter feito algum curso do Cebi. O que importava era ele ter a visão que o Cebi irradiava da Bíblia e o método que usava na interpretação da Bíblia. Nos vários regionais pelo Brasil afora, entraram várias pessoas que não tinham feito nenhum curso orientado pelo Cebi mas que já liam e interpretavam a Bíblia assim.

No começo, para ajudar a manter o rumo, aquilo que a gente fazia era um encontro mais amplo, uma vez por ano, quando juntos líamos um determinado livro da Bíblia. Lembro que as primeiras duas vezes lemos a Carta de Paulo aos Romanos e os Atos dos Apóstolos. Esses encontros iniciais se transformaram pouco a pouco nas assembléias do Cebi. As assembléias anuais e formais como entidade jurídica começaram a ser realizadas junto com esses encontros mais de estudo bíblico. Jether sempre nos ajudava e nos animava.

#### 4.

Finalmente, o quarto e último ponto – o mais curto aqui no escrito e o mais influente da atuação de Jether nos inícios do Cebi – era sua insistência em acentuar sempre a dimensão ecumênica do Cebi. Era como o frasco de perfume daquela senhora que ungiu Jesus. Perfume muito precioso num frasco bem pequeno, mas que encheu a casa toda com a sua fragrância. Nos outros três pontos que acabei de descrever já mencionei a atuação ecumênica de Jether. Em tudo o que ele fazia transparecia e irradiava essa forte dimensão ecumênica. Ele conversava com a gente sobre os encontros



de que participava no Conselho Mundial das Igrejas e em outras entidades ecumênicas e, assim, fazia a gente tornar-se cada vez mais ecumênica.

Ricardo, é isso o que me lembrei para partilhar com você a respeito da amizade e da atuação de seu pai no início da história do Cebi. Se eu pudesse sentar junto com ele e conversar sobre esses distantes inícios, certamente ele haveria de lembrar outras coisas e garanto que teria muitas observações e complementações a respeito das coisas que acabo de escrever nestas poucas páginas.

Um grande abraço para você e transmita o meu abraço para Jether, seu pai, e para Lucilia, sua mãe.

*Frei Carlos Mesters, carmelita*

# Jether, amigo, pai e irmão

*Tereza Cavalcanti*

---

Doutora em Teologia, professora de Pastoral Bíblica da PUC-RJ, assessora da Ampliada Nacional das CEBs e assessora do Cebi

Conheci Jether no 6º Encontro Intereclesial de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), em Trindade, Goiás, em 1986. Eu trabalhava como assessora, especialmente voltada para a participação das mulheres nesse encontro e nas CEBs de modo geral. Na época, dirigia o Programa “Mulher e Teologia”, do Iser (Instituto de Estudos da Religião). O Iser produziu um vídeo sobre aquele grande encontro, onde estiveram presentes cerca de 1.650 pessoas. Jether foi entrevistado em meio ao burburinho do encontro e, em sua fala, comparou o evento a um novo Pentecostes, uma explosão de alegria, fé e entusiasmo por parte dos presentes.

A partir daí nos encontramos em muitos momentos de preparação, coordenação e realização dos intereclesiais. Jether esteve presente em todos eles, com exceção do primeiro. Essa fidelidade e persistência refletem seu caráter e exprimem a coerência em relação aos ideais que se propõe.

Sempre se colocando numa posição de humildade, Jether tem uma disposição ao diálogo e uma paciência que não se encontram facilmente. Lembro-me de uma longa reunião com três bispos, alguns assessores padres e leigos e dois ou três representantes das bases das CEBs. Jether era o único assessor não-católico e tratava-se de uma questão muito católica, referente a detalhes da liturgia eucarística. Levamos algumas boas horas dialogando com um bispo mais apegado às rubricas litúrgicas e normas do Direito Canônico, até que ele se abrisse para a dimensão simbólica presente no sacramento e despertasse mais para o horizonte ecumênico. Jether teve uma postura de profundo respeito e longanimidade, esperando que os irmãos chegassem a uma conclusão que podia lhe parecer óbvia desde o início.

Mas não é só em momentos pontuais que se pode sentir o espírito ecumênico de nosso amigo. É ao longo de toda a trajetória como fundador e membro ativo do Cebi (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), como assessor do Cesep e das CEBs, como membro do Cedi e tantas outras ins-

tituições ecumênicas onde sua presença e palavra nos fazem sentir a brisa suave do Espírito soprando.

Como minha convivência com o amigo Jether tem sido mais relacionada com as CEBs e com o Cebi, vou trazer aqui a memória de alguns fatos e contribuições suas nesses dois espaços de sua atuação.

### Jether e o Cebi

Jether fez parte da equipe que fundou o Cebi em 1979. Sempre em companhia de sua esposa Lucilia, uniu-se a Frei Carlos Mesters, à Irmã Agostinha Vieira de Mello, Frei Betto, padre Orestes Stragliotto e reverendo Correia da Cunha para dar início àquele que seria um centro fértil de formação e publicações a serviço da Palavra de Deus no meio do povo.

Nestes 30 anos de crescimento e expansão do Cebi, Jether vem acompanhando cada passo, participando de encontros e assembleias, sempre atento à questão ecumênica e publicando artigos e reflexões. A tônica de seus escritos está expressa em uma de suas contribuições recentes, escrita para o *Jornal Mundo Jovem* e retomada no nº 256 da série *A Palavra na Vida*: “Ecumenismo, fonte de esperança”. Jether é, de fato, uma pessoa que oferece uma visão positiva e alegre da história e da realidade, ainda que esteja bem consciente das limitações e das dificuldades que todos enfrentamos. Entusiasmado com o progresso do ecumenismo entre os jovens, ele afirma: “O ecumenismo se expressa lindamente na base das igrejas e nos movimentos populares. Para enfrentar problemas comuns que afetam a vida das pessoas, como o desemprego, a falta de terra, as deficiências das condições sanitárias, as diversas formas de exclusão, etc., as diferenças esmaecem, e a solidariedade, a fraternidade e ao amor falam mais alto”<sup>1</sup>.

Duas fotos históricas reúnem pessoas que representam a alma do Cebi. Vale a pena trazê-las à memória (fotos na página 147).

Agora que estamos celebrando os 30 anos do Cebi, uma terceira foto deveria ser tirada, não acham?

### Jether e as CEBs

As Comunidades Eclesiais de Base têm sido uma experiência de Igreja com determinadas características que emergiram nos últimos 40 anos. Na realidade, elas abriram um espaço na Igreja Católica onde a Bíblia começou a

---

<sup>1</sup> Cf. “Ecumenismo, fonte de esperança”, em *Como um só povo*, Série *A Palavra na Vida*, n. 256, p.12.



Nas fotos, da esquerda para a direita: Jether e Lucilia Ramalho, Agostinha Vieira de Mello e Carlos Mesters

A primeira foto é de 20 de julho de 1979, durante a reunião de fundação do Cebi; a segunda é de outubro de 1999, durante a celebração dos 20 anos do Cebi, na Assembléia Nacional de Salvador



ser lida e colocada no chão da vida do povo mais pobre, com uma abertura para a participação de outras igrejas.

A “Carta às Comunidades”, escrita pelos participantes do 10º Encontro Intereclesial de CEBs em julho de 2000, diz que as CEBs “brotaram de duas vertentes que foram se entrelaçando e se completando: uma mais religiosa, por meio da reza do terço, dos grupos de reflexão, dos círculos bíblicos, das romarias; outra mais social, do engajamento nas lutas populares, no campo e na cidade”.

De fato, o que distingue hoje as CEBs de outras organizações e movimentos da Igreja é o seu caráter profético, isto é, a preocupação em denunciar injustiças e corrupção, em nome do Evangelho, a fim de que a Vida possa chegar a todos e todas em abundância (Jo 10,10). Ora, é esse aspecto da profecia que aproxima os cristãos de diferentes denominações, comprometidos com o Evangelho. Por isso Jether esclarece:

“O ecumenismo não se restringe em atender ao imperativo do Evangelho para a unidade cristã. Vai além. É uma afirmação da vocação para o testemunho e a missão comuns. É expressão de compromisso pela justiça, paz e construção de sociedades mais justas e igualitárias. A visão ecumênica inclui, portanto, a renovação da Igreja e do mundo à luz do Evangelho e do Reino de Deus. Diante de todas as ameaças à vida, afirma a esperança cristã de vida para todos”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Idem, p. 11.

Mantendo-se dentro dessa perspectiva, Jether participou ativamente em dez encontros intereclesiais de CEBs. Em entrevista gravada no 11º encontro, que ocorreu em Ipatinga, Minas Gerais (2005), ele relembrou a história dos intereclesiais<sup>3</sup>.

Sobre o 2º Intereclesial, em Vitória (1976), Jether observou que o encontro foi precedido de relatórios das comunidades, que eram lidos por assessores e suscitavam reflexões. O tema que emergiu com mais força foi o “lugar” das CEBs na Igreja, e a relação entre a cúpula e a base.

O 3º Intereclesial, em João Pessoa (1978), marcou, segundo Jether, “uma virada”, que ficou simbolizada na alteração dos horários do próprio evento, porque a maioria dos participantes eram gente da roça, que acorda cedo e não fazia sentido ficar esperando até as 8 horas para começarem as atividades. Então o início passou para as 7 horas da manhã: bispos e assessores tiveram que se adaptar... No mesmo sentido, houve deslocamentos no espaço do encontro, pois os bispos ocupavam lugar de destaque, enquanto um cacique que ficara junto ao povo disse que se sentia “no lugar errado” pois, como chefe de sua tribo, deveria estar ao lado dos bispos; assim, deslocou-se para junto deles e fez um longo discurso, falando de seu povo e sua história. Jether ressaltou a autoridade com que ele falou.

Outra “virada” no 3º Intereclesial foi a percepção de que o problema das CEBs não era tanto em relação à Igreja, mas sim à estrutura social: foi feita uma árvore simbolizando o capitalismo, cujos frutos eram a injustiça, a desigualdade, etc.

Para o 4º Intereclesial, em Itaici, São Paulo (1981), houve dificuldades na definição do local de sua realização devido à resistência de alguns bispos, mas a questão foi resolvida com a ajuda de dom Waldyr Calheiros. O tema que mais atraiu as atenções foi a política. Viu-se que os membros das CEBs atuavam em associações de moradores e nos sindicatos e que a participação em partidos políticos não devia transformar as CEBs em células partidárias, mas oferecer condições para uma análise crítica dos partidos e uma reflexão sobre o papel dos cristãos na política.

O 5º Encontro, em Canindé, Ceará (1983), teve como tema “CEBs, somente de uma nova sociedade”. Ali, Jether questionou: só as CEBs? Não! Há outros atores em outros espaços, como os movimentos camponeses,

---

<sup>3</sup> A entrevista, concedida à professora e assessora Ana Maria Tepedino, foi gravada em DVD por alunas da PUC-Rio.

os sindicatos, etc., que também estão sendo sementes de transformação social.

Sobre o 6º Intereclesial, em Trindade, Goiás (1986), Jether foi entrevistado no próprio local, como já vimos, ressaltando o aspecto pentecostal e celebrativo que ali se expressou. De fato, esse encontro, realizado logo após o assassinato do Pe. Josimo Tavares, foi marcado pela experiência do martírio e da luta pela terra, o que deu às celebrações um caráter de grito pela justiça e esperança na ressurreição.

O 7º Intereclesial, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro (1989), foi, na opinião de Jether, o mais ecumênico de todos, por vários motivos: realizou-se numa estrutura urbana densa e violenta, no entanto transcorreu num clima de paz; dom Mauro Morelli, o bispo anfitrião, convocou dez evangélicos para fazerem parte da Comissão Organizadora e, mais, chamou chefes de terreiros para participarem e estes foram tratados como ministros, ao lado de autoridades de outras religiões; na grande praça de Caxias foi realizada uma celebração que terminou com uma belíssima bênção de uma mulher, a Pastora Rosângela; por outro lado, o 7º Encontro teve como tema a América Latina e acolheu delegações dos países do nosso continente, retirando a ênfase só no Brasil. Finalmente, o que mais marcou o ecumenismo nesse intereclisial foi a hospedagem de protestantes em casas de famílias católicas e vice-versa. Um reflexo dessa experiência apareceu na seguinte síntese do nosso autor: “O ecumenismo é diálogo, é encontro, é comer junto, é conhecer a casa do outro, é festa, é descobrir a riqueza e o valor da identidade do outro, é amá-lo nas suas diferenças. É ser dócil ao sopro do Espírito, sem medo e com alegria”<sup>4</sup>.

O 8º Intereclesial, em Santa Maria, Rio Grande do Sul (1992), retirou o foco de temas de atrito – classes sociais, sindicatos – e abriu o horizonte para as culturas oprimidas. Porém, para Jether, em vez de afastar o conflito, resultou em algumas explosões: as mulheres protestaram contra a discriminação na Igreja e incluíram reivindicações no documento final, o que provocou dificuldades e cartas de protesto entre a hierarquia. Durante a apresentação das autoridades, foram nomeados os bispos, pastores e pastoras, mas alguém perguntou por que não foram chamados também as mães e os pais de santo. Houve um impasse, até porque o público aplaudiu, mas eles não foram chamados, nem os pajés, o que desencadeou alguns

---

<sup>4</sup> Idem, p. 12.

fortes protestos. Ao mesmo tempo, circulava por todo o ginásio onde se realizava a assembleia um barco simbólico do ecumenismo, conduzido por evangélicos...

Durante o 9º Encontro, em São Luís, Maranhão (1997), Jether notou que o perfil das religiões afro-brasileiras ficou em evidência, especialmente na grande celebração em praça pública, com 20 mil pessoas.

Do mesmo modo foi o 10º Intereclesial, em Ilhéus (2000), que comemorou os 20 séculos do cristianismo. Ali, o bispo anfitrião, dom Mauro Montagnoli, deu início ao encontro de mãos dadas com a mãe-de-santo, uma pastora e uma líder indígena.

Já no 11º Encontro, em Ipatinga, Minas Gerais (2005), Jether chamou atenção sobre o delicado momento ecumênico diante do novo papado. Alertou para o fenômeno da pentecostalização das igrejas, que dominavam a mídia e cresciam em número rapidamente. Comparou a situação com “um caleidoscópio que, além de fascinante, é de difícil entendimento”. E perguntou: “Por que o povo aceita sua mensagem? Essas Igrejas estão falando algo significativo que nós não falamos?”. Passando para o tema da política, ele advertiu: “Neste momento em que o Partido dos Trabalhadores chegou ao poder, e todo poder é desgastante, é preciso maturidade, não apenas apelos e respostas de sentimento”.

### Concluindo

Para mim, Jether é, antes de tudo, um amigo e um irmão na fé. É também, de certo modo, um pai, porque seu exemplo nos orienta em certas situações de vida e de desafios à própria fé. É muito difícil ter objetividade para escrever sobre alguém nessas condições...

Neste texto tentei ser objetiva e, se me permitem, vou falar agora com o coração: o que eu mais gosto no Jether são três qualidades. Primeiro, ele está sempre ao lado da Lucilia, sua companheira de todas as horas. Segundo, ele tem um bom humor permanente, que o leva a ver o lado positivo mesmo nos momentos difíceis e só perde a esportiva se o Botafogo perder feio ou se o PT trair a causa que o fez nascer. Terceiro: sem nenhuma sombra de dúvida, Jether é a pessoa mais ecumênica que conheci!

# Jether, uma pessoa fraterna e protagonista!

*Luiz Eduardo W. Wanderley*

---

Sociólogo, professor titular do Departamento de Sociologia da PUC-SP, coordenador do Núcleo de Estudos Latino-americanos no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, assessor do Cesep e sócio da ONG Ação Educativa

Agradeço a oportunidade de poder deixar gravados, numa publicação instigante, comentários sobre uma trajetória histórica de muitas convergências entre pessoas que se estimam. A ideia de publicar este livro, com anuência de pai e filho, foi bem feliz.

Desde logo, destaco um dado bastante conhecido: há que se ter um cuidado especial com a memória de quem já vivenciou dezenas de anos, pois ela pode olvidar muitos fatos e sempre acentua aqueles acontecimentos mais marcantes. Nesse sentido, enfatizo alguns desses momentos fecundos que forjaram as bases de uma rica e fraterna amizade; ciente de eventuais lacunas, peço desculpas a ele. O objetivo é o de revisitar o passado, ancorar-se nele, encontrar as raízes desse relacionamento, para desvendar o presente e projetar o futuro.

Um traço indelével desse percurso foi o encontro com o ecumenismo, do qual o Jether tem sido um protagonista ativo. O início dos processos que busco trazer estava centrado num outro tempo histórico. Em 1959, eu acabava de terminar minha graduação em Ciências Jurídicas e Sociais, na cidade de São Paulo. Inesperadamente, amigos da Juventude Universitária Católica – JUC, movimento do qual participava, me convidaram insistentemente para compor o quadro da equipe nacional dessa organização, que era sediada no Rio de Janeiro. Com muita incerteza e um tempo difícil de escolha, aceitei. Foi uma virada inesperada e que mudou completamente minha vida pessoal, minha identidade, minha visão de mundo. Em fins de 1959, esse jovem bacharel foi morar na antiga capital do nosso país, e nesse movimento descobri o que é ser companheiro e colaborador de outros personagens. A equipe nacional tinha por missão coordenar a JUC no âmbito de todo o território brasileiro e, por essa razão, devia viajar para diversos estados, conhecer equipes estaduais e locais, abrir horizontes que



extrapolavam minha experiência interiorana e paulistana. Naquela conjuntura aconteceu uma das minhas grandes transformações de vida, derivada do sentido dado por esse movimento, que se caracterizava por uma visão fecunda da religião, da existência católica, do compromisso social que o cristianismo exige.

Depois de dois anos no exercício das novas atividades, surgiu uma oportunidade inovadora, ou seja, compor os quadros do Movimento de Educação de Base – MEB. Formado por militantes oriundos da JUC e de outros setores da Ação Católica Especializada – ACE, bem como de integrantes de outras profissões mais ligadas à educação, passei a ocupar o cargo de coordenador do segmento voltado para a educação sindicalista rural, algo que crescia naqueles anos e teve uma ampliação notável. Para se ter ideia daquela conjuntura, uma avaliação de quem foram os agentes educadores e quais eram os objetivos específicos desse movimento pode ser encontrada numa ampla bibliografia (apenas como referência pessoal, ele foi objeto de estudo de minha tese de doutorado, a qual foi publicada no livro *Educar para Transformar – educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base* (Petrópolis: Vozes, 1984). Se na JUC minhas concepções e práticas sofreram uma mutação, no MEB ela foi ainda mais profunda; descobri as ricas concepções sobre o significado e sobre as metodologias no campo da educação popular (o termo educação de base tinha uma história expressiva e se inseria explicitamente no que se entendia naquela época como sendo uma efetiva educação popular); abri os olhos para o sindicalismo em geral e passei a ser um animador do sindicalismo rural; passei a conhecer protagonistas valiosos nos trabalhadores do campo, basicamente no campesinato; encontrei-me com um conjunto de experiências convergentes na esfera educativa, desenvolvidas por segmentos sociais vinculados ao pilar da cultura popular, na qual a figura de Paulo Freire começava a despontar.

Nesse universo, como já citado, deparei-me com mais uma iniciativa que me enriqueceu e trouxe frutos preciosos na minha trajetória seqüencial: o encontro com o ecumenismo. Um encontro marcado pela presença de futuros amigos fraternos que vinham de experiências semelhantes nos meios estudantis inseridos no âmbito protestante. Foram vários e cada um com sua riqueza e contribuição especiais. Cito dois que marcaram indelevelmente minhas relações sociais e atuação: Jether Ramalho e Waldo César. Sobre os meus contatos com o Waldo, deixei algo escrito por ocasião de seu falecimen-

to; como um marco daquela amizade, vale lembrar a nossa co-participação no lançamento e produção da revista *Paz e Terra*, da Editora Civilização Brasileira, e a realização de pesquisa conjunta na América Central.

Os primeiros passos da descoberta ecumênica vieram como fruto desse convívio com o Jether, com base na sua atuação de forma dedicada no Centro Ecumênico de Informação – CEI. Ali conheci pessoas do mundo protestante e participei de alguns eventos nessa área que fizeram luzir caminhos desconhecidos. Posteriormente, pelos convites que me fez e que conduziram a participar de dois eventos expressivos, promovidos por Isal em Piriápolis, no Uruguai e em El Tabo, no Chile.

Um pouco como resultado dessa presença, em companhia desses dois líderes em seus campos de atuação, e de familiares seus e de algumas famílias do mesmo âmbito religioso, fui convidado diversas vezes, quase sempre em feriados, para frequentar Pedra Sonora, sítio no caminho para Mauá. Lá convivemos momentos altamente aprazíveis, nadando numa piscina formada por água natural de rio que descia da serra, jogando cartas, voleibol e tênis de mesa, conversando sobre tudo. Um lugar e um tempo que trouxeram passos decisivos em nossa amizade.

Foi dessa época, também, uma viagem para o México, com ele, que fora convidado para um congresso, e com a Lucilia, esposa carinhosa e pessoa dedicada na solidariedade aos humildes e jovens, além de um jeito próprio de fazer coisas deliciosas na cozinha. Na cidade do México, visitamos lugares históricos e conhecemos o artesanato precioso daquela gente. Na sequência da viagem, tivemos oportunidade de passar alguns dias em Caracas, La Paz, Quito, Lima, Santiago do Chile. Além de conhecer essas realidades instigantes do continente latino-americano, a convivência com o casal selou uma amizade cuja intensidade amadureceu nos anos posteriores.

Voltando para São Paulo, houve um breve distanciamento, mas logo superado. Nessa “Paulicéia desvairada”, o reencontro se deu nas atividades realizadas pelo Centro Ecumênico de Informação e Documentação – Cedi. Ali, além das reuniões, dirigidas por Jether com disciplina e objetividade, houve uma proximidade com as publicações do Cedi, de natureza crítica e engajada.

Em toda essa trajetória, dois momentos foram preciosos e deixaram marcas indeléveis. Um deles veio da participação ativa de Jether no Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Educação Popular – Cesep, tanto como membro permanente e principalmente na sua gestão como

presidente na diretoria. Além de suas contribuições nas reflexões fecundas e nas sugestões pertinentes para as práticas, um marco derivava de sua personalidade e compromisso no campo do protestantismo clássico. Em todas as oportunidades em que ele se manifestou, durante sua presença atuante no Cesep, e em inúmeras contribuições que trazia em quaisquer atividades relacionadas às CEBs, com a militância no movimento Fé e Política, irrompeu a sua dedicação ao ecumenismo e a defesa da presença física de representantes protestantes nas equipes e nos eventos. No Cesep, por sua própria natureza ecumênica, tanto na diretoria e conselho consultivo quanto na indicação de pessoas para participarem de outras instituições religiosas e/ou de ações promovidas por elas, ele, de forma recorrente e persistente, defendeu (e defende) que pessoas do campo protestante fossem indicadas. Como se sabe, no geral, nos cursos e demais atividades desse Centro, algo que se repete nas CEBs e áreas afins, por motivos óbvios (o número limitado da presença do protestantismo tradicional na população brasileira, sem desconhecer o crescimento espetacular dos carismáticos, que está constatado nos dados estatísticos de várias fontes), o número deles é limitado. Ora, se o objetivo é o de fortalecer o ecumenismo, é claro que a presença de militantes protestantes é fundamental. Nessa perspectiva, ele tem conseguido que figuras expressivas façam parte desses quadros e tragam sua visão e experiências próprias.

O segundo espaço se deu e permanece no grupo de Emaús. Na atuação desse grupo, desde a origem centrada em sua constituição ecumênica, o Jether contribui com reflexões e sugestões, reconhecidas como relevantes, ponderadas, que abrem novos horizontes. Pela dinâmica do grupo, pela convivência nas reuniões periódicas, são expostas contribuições ecumênicas fecundas da parte de todos e em especial de outros membros de vinculação com o campo protestante, no cumprimento de toda a agenda estabelecida.

Outro setor significativo no qual ele tem uma atuação destacada é o das atividades das CEBs, que recebe desse grupo apoio e fortalecimento constantes, e no qual o Jether tem uma presença expressiva. Com fala segura, posições socioeconômicas, políticas e religiosas de grande densidade, objetivos explícitos, convivência harmoniosa com todas e todos, participação na liturgia católica sem restrições ou ambiguidades, ele marca uma trajetória reconhecidamente engajada, eficiente e valiosa.

Aproveito o ensejo para lhe agradecer, de todo o coração, sua amizade fraterna e partilha de um cristianismo vivo e humano.

# Ciência social e cidadania

*Gilberto Velho*

---

Professor titular e decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

Era 1965. Não tinha se completado ainda um ano do movimento militar apoiado por importantes setores da sociedade civil que derrubara o governo João Goulart. Para nós, jovens universitários, muitos egressos diretamente do curso secundário da época, tratava-se de um golpe que contrapúnhamos ao que era chamado, pelos vencedores, de revolução. Hoje fica mais claro que subestimava-se o descontentamento não só nas Forças Armadas como, sobretudo, em boa parte das camadas médias. Não eram só generais, latifundiários e alta burguesia que, aliados, conspiraram contra o governo. O medo das reformas anunciadas por João Goulart, tomadas de posição mais agressivas como as de Leonel Brizola, episódios que caracterizariam o desrespeito à hierarquia militar e a visão ameaçadora de Cuba de Fidel Castro e Guevara colocaram em pânico segmentos ponderáveis da sociedade brasileira, inclusive na imprensa. Realizavam-se as famosas marchas da família, que reuniram números expressivos de participantes manifestando-se contra o governo e seu programa de reformas. Em resumo, interesses e valores ameaçados por uma política socioeconômica, que se anunciava e dava alguns sinais de uma dimensão considerada esquerdizante, acabaram tendo como desfecho a ascensão de um governo militar, presidido pelo general, depois marechal, Castelo Branco.

A Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), onde ingressávamos, tinha sido particularmente visada na reação contra “o perigo esquerdista”. Assim, a nossa turma de primeiro ano de Ciências Sociais entrava em território parcialmente devastado com a saída involuntária, em alguns casos, e voluntária, em outros, de importantes figuras do corpo docente. Diversos alunos tinham sido afastados e mesmo expulsos. O diretório acadêmico fora dissolvido. Portanto, é importante que fique claro que sentíamos claramente que a instituição em que ingressávamos era objeto

de permanente vigilância por parte de órgãos de segurança. Infelizmente, é preciso recordar que, naquela época de denúncias, certos professores da FNFi desempenharam o lamentável papel de acusadores contra colegas e discípulos. Fomos alunos de alguns deles.

A nossa turma de primeiro ano deveria ter em torno de 40 estudantes, de variadas origens e procedências. Poucos se conheciam anteriormente. A tendência, inevitável, era que estes se aproximassem uns dos outros e fossem especialmente prudentes, para não dizer desconfiados, em relação a colegas que tinham dificuldade de classificar. Certamente, nesse processo, apareciam preconceitos de classe, etários e de cor, entre outros.

Entre nossos professores, a de sociologia era particularmente agressiva no seu discurso anticomunista. Diga-se de passagem que tinha uma curiosa percepção do que pudesse ser definido como comunismo ou esquerdismo em geral. Suas aulas concentravam-se em uma sociologia que, sob o ponto de vista dela, era não só mais correta cientificamente, mas que se opunha ideologicamente ao marxismo. Em pouco tempo, surgiram choques entre parte da turma e a docente que fazia questão de afirmar sua posição de vitoriosa em relação ao governo anterior e aos seus antigos colegas, destes alguns ainda presentes na instituição e que teriam uma orientação que ela julgava esquerdizante e subversiva.

Depois dos primeiros embates de que tive oportunidade de participar diretamente, como outros colegas, chamou-me a atenção a atuação firme e digna de enfrentamento à professora tão hostil por parte de um colega mais velho, com os seus quarenta e poucos anos, portanto, de idade bem mais avançada do que a média dos alunos, principalmente dos recém-egressos do curso secundário. Esse “senhor”, para nós, parecia mais distante porque também andava de terno e gravata, o que naquele lugar e naquele momento poderia provocar alguma suspeita. Ser mais velho e andar de terno e gravata certamente estabeleciam uma distância inicial em relação ao estilo dos jovens da época. Mas não foi só a mim que Jether Pereira Ramalho impressionou. Vários colegas perceberam que se tratava de uma pessoa educada, progressista, séria e confiável. Entramos em greve contra a professora, gerando uma das primeiras crises na FNFi depois da derrubada do governo Goulart. Alunos de outras turmas de séries mais avançadas vieram nos apoiar e estabeleceu-se um clima de confronto. O então diretor, em princípio, apoiava a docente. Não se tratava de uma mera diferença de opiniões, tão comum no meio universitário, mas de uma reação a um

estilo agressivo e autoritário de atuar na sala de aula, utilizando um tom acusatório contra qualquer aluno que se manifestasse de modo divergente em relação às posições sustentadas pela docente em questão. A acusação de subversivo tinha, na época, uma poderosa carga não só de desqualificação, mas de ameaça à própria integridade pessoal (ver VELHO, 1981, especialmente capítulo 3).

Entrar em greve em pleno regime militar não deixava de ser uma ousadia e fomos ameaçados, no mínimo, de reprovação, o que significaria um golpe sério nos projetos e planos de vida de boa parte da turma. Fomos socorridos por alguns professores, entre os quais se destacava a então catedrática de antropologia, Marina São Paulo de Vasconcellos, que não era, certamente, caracterizável como sendo de esquerda. Fora discípula e assistente de Arthur Ramos durante vários anos e o substituíra na cátedra, permanecendo nessa posição até o final da carreira. Outros docentes foram solidários, como Maria Stela Farias de Amorim, Moema Toscano e Rosélia Perissé. Houve a participação decisiva do professor Evaristo de Moraes Filho, catedrático de Direito do Trabalho da Faculdade Nacional de Direito e livre-docente de Sociologia da FNFfi. Ele assumiu a nossa turma e com o seu grande prestígio e competência garantiu que pudéssemos concluir aquela disciplina.

A greve durou alguns meses e nesse período formou-se um núcleo de colegas que atuava intensamente e que, assim, estabeleceram vínculos efetivos. Certamente, Jether Ramalho tornou-se um grande amigo meu e de minha namorada, na época, Yvonne Maggie Costa Ribeiro, com quem viria a me casar ainda na faculdade. Tornamo-nos muito amigos de sua família. Na realidade, era um dos alunos mais queridos da turma e desenvolveu laços de amizade com colegas de origem e estilos diversificados. Ele era protestante, dentista e morava em Bento Ribeiro, subúrbio do Rio de Janeiro. Tinha uma atuação teológica e política nas igrejas que frequentava e no Conselho Mundial de Igrejas. Seu ingresso no curso de Ciências Sociais reforçava o conhecimento que julgava necessário não só para a sua profissionalização mas para o exercício de cidadania. Demonstrava grande vocação para ciências sociais em geral. Foi sempre dedicado, responsável e competente nas tarefas que desempenhava. Mantinha a virtude da pontualidade, o que fazia com que eu e ele algumas vezes praticamente abríssimos as portas da FNFfi para participar de cursos relativamente esdrúxulos. Nossa condição de botafoguenses também nos aproximou.

Nesse período a Faculdade Nacional de Filosofia foi dissolvida e criou-se o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Foi instalado no prédio onde já funcionava o Instituto de Ciências Sociais, centro de pesquisa da própria Universidade, agora, Federal do Rio de Janeiro, anteriormente Universidade do Brasil. Foi ali que nos formamos. Em dezembro de 1968, decretou-se o famoso Ato Institucional nº 5, que radicalizou as posições mais conservadoras e repressivas do regime. Vários professores foram cassados e alguns chegaram a ser presos, como Marina São Paulo de Vasconcellos, Evaristo de Moraes Filho, Maria Yeda Linhares e Eulália Lobo. Nossa formatura ocorreu em 1968 no pior clima possível, mas começamos a lecionar no ano seguinte, convidados anteriormente por docentes agora perseguidos e cassados. Estes insistiram em que assumíssemos as cadeiras e as disciplinas, para evitar soluções piores. Jether, especificamente, foi indicado pelo professor Evaristo para lecionar sociologia.

Nessa época o Instituto foi ocupado por agentes dos órgãos de segurança, depois de o terem invadido, para capturar estudantes considerados subversivos. Uma série de incidentes tornou o ambiente ainda mais tenso e inseguro. Eu, Jether e outros docentes fomos chamados a depor em um Inquérito Policial Militar (IPM) e interrogados agressivamente por um coronel da Aeronáutica que nos ameaçava com demissão caso não denunciássemos uma lista de alunos que nos apresentou. Como nos negamos e resistimos a sua pressão, vivemos algum tempo sob essa ameaça que, afinal, não se concretizou.

Assim foi o início de nossa carreira docente. Jether lecionou durante muitos anos sociologia no IFCS e em faculdades particulares. Realizou pesquisas, participou de congressos e de diversas atividades acadêmicas. Tornou-se mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com concentração na área de sociologia. Publicou, pela Zahar Editores, em 1976, sua dissertação *Prática Educativa e Sociedade*, em que estudou colégios protestantes no Brasil. Além disso, no decorrer de sua carreira, coordenou livros e produziu vários artigos sobre temas diversificados, como Comunidades Eclesiais de Base, pastorais populares, migrações e sociologia da educação em geral.

Sua trajetória levou-o a mudar-se para a zona sul do Rio de Janeiro, onde ficava mais próximo de suas atividades profissionais que, além do ensino universitário, incluíam o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi). Registre-se, também, sua intensa circulação internacional a que,

além de sua condição de membro da Comissão “Igreja e Sociedade” do Conselho Mundial de Igrejas, somaram-se ainda cursos, pesquisas e assessorias nos Estados Unidos e em países da América Latina, como Bolívia, Uruguai e Argentina. No período do regime militar, sempre agindo com discrição, atuou decisivamente na ajuda e proteção de perseguidos políticos brasileiros e latino-americanos. Sem alarde, correu riscos e participou de iniciativas fundamentais em defesa dos direitos humanos e da cidadania.

Jether Ramalho sempre apresentou, desde que o conheci, um perfil aberto para leitura dos mais variados autores e linhas de reflexão. Preocupado que sempre foi com as condições de vida das camadas populares e, particularmente, com o drama e a dificuldade da educação, manteve-se atento ao ensino dos clássicos das Ciências Sociais. Há que se destacar sua permanente e saudável visão interdisciplinar. Embora fosse, claramente, um cidadão engajado na luta contra os regimes autoritários e portador de ideais progressistas, jamais assumiu posturas dogmáticas, militantes e intolerantes na sua atuação como professor e pesquisador. Sua curiosidade e abertura intelectuais foram e são notórias. Sempre foi universalista no sentido amplo da expressão. Seu ecumenismo e a vocação para o diálogo tornaram-no um dos melhores exemplos de intelectual democrata com quem convivi nestes quarenta e cinco anos.

## Bibliografia

- RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- VELHO, Gilberto. “Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea”. In *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.





# O personagem, o amigo querido, o pastor da esperança: Jether Pereira Ramalho

*Maria Helena Arrochellas*

---

Teóloga, educadora popular, coordenadora do Centro Alceu de Amoroso Lima para a Liberdade, editora do Boletim Rede de Cristãos de Classe Média. Secretária de Assistência Social do município de Petrópolis/RJ

À primeira vez que “encontrei” Jether foi em 1980 (minha descoberta que o mundo era maior do que meu quintal foi tardia), por intermédio de um livro de Rubem Alves, *Creio na Ressurreição e na Esperança*. Dedicado ao Jether, Rubem Alves inspiradamente assim escrevia: “*Ao pastor da esperança, Jether Ramalho*”. Fiquei marcada com a força desta nomeação: “pastor da esperança”. Passados tantos anos, tantas histórias vividas juntas, posso confirmar que Rubem Alves tinha razão: o título foi dado com toda propriedade!

Dizer algumas palavras sobre o Jether é algo instigador e, ao mesmo tempo, intimidador. Quais as múltiplas facetas enfocar deste amigo, irmão, comprometido até a alma com a melhoria da humanidade, do planeta? E depois, quantos amigos e amigas ilustres abordarão o mesmo tema, com mais propriedade e objetividade?

Os testemunhos são infinitos, e como não há espaço para todos os exemplos de generosidade, competência, compaixão, acolhida ao outro, de nosso querido, vou falar do Jether em três momentos fortes de nossa convivência.

O primeiro acontece dentro do Projeto “Flor e Canto – Encontros Ecu-  
mênicos de Formação” que envolve, há 17 anos, jovens das periferias de Petrópolis e da Baixada Fluminense no estudo da Bíblia, em linguagem popular e ecumênica. Reuniões preparatórias, entre equipes voluntárias de trabalho e assessores, são realizadas ao longo do ano para estudar o livro-tema do Antigo ou do Novo Testamento e, no início de cada ano, é realizado um grande encontro com cerca de 150 pessoas entre cursistas, equipes e assessores para refletir e partilhar esse estudo. Quando convidamos o Jether, e ele aceitou – aliás, é outra particularidade do nosso

Jether e sua sempre leal companheira Lucilia o dizer sempre “presente” ao serviço solicitado –, o grupo ficou um pouco assustado porque todos já tinham ouvido falar na grandeza de Jether Ramalho! Mas bastaram cinco minutos para sentirem que ali não estava só o intelectual, o palestrante cuja agenda é cheia de compromissos no Brasil e no exterior, com uma estupenda bagagem de vida, mas também, e principalmente, alguém que, com entusiasmo – olha aí outras imensas qualidades do nosso querido amigo: o entusiasmo e a alegria –, profundidade e muito conhecimento, vinha se juntar à família! E, desde então, ele e Lucilia cerram fileiras com o “Flor e Canto”, enfrentam estradas, são submetidos ao *fog* petropolitano, ao frio da serra, às chuvaradas sem fim, para dizerem “sim” à partilha da Palavra, ao serviço aos irmãos e irmãs!

Outro compromisso assumidíssimo é com a Rede de Cristãos. A Rede é composta por um grupo de cristãos, pertencentes a igrejas diversas, inseridos em várias regiões do País, trabalhando em múltiplos espaços institucionais e profissionais que se reúnem para pensar, à luz da sua fé, como está o cristianismo das classes médias e dos setores intermediários, nos quais eles estão situados. A Rede tem como instrumentos de partilha e serviço fóruns anuais, seminários semestrais, reuniões mensais para pautar a edição do *Boletim Rede*, que é um espaço da análise da conjuntura nacional e internacional na ótica do compromisso cristão. Jether, durante todos estes anos, é um dos baluartes de incentivo e ânimo. Não tenho notícia de nenhuma atividade sem a presença marcante do nosso personagem querido, em que suas sugestões não tenham sido plenamente aceitas! Ressalto que sua apaixonante “defesa” dos temas que propõe e seus autores, sem jamais se fechar a outras sugestões, é tão brilhante, que em 99% das vezes a aprovação do que ele indica é unânime! Nas reuniões mensais para discussão da pauta do mês do boletim, Jether sempre leva, já separadas e preparadas, ricas sugestões. Outra brilhante qualidade do nosso amigo: em tudo que assume, a preparação é sempre cuidadosa e a qualidade excepcional.

Mais uma atuação marcante do nosso personagem: no Grupo de Trabalho Alceu Amoroso Lima (GT), que reúne intelectuais para, à luz do pensamento de Alceu Amoroso Lima, promover debates e seminários sobre questões contemporâneas. Jether é o único evangélico do grupo de 27 pessoas, mas sua reflexão nessas horas é tão vibrante e brilhante que vale por um batalhão! O GT também escolhe, a cada ano, uma pessoa ou

uma entidade para receber o Prêmio Alceu Amoroso Lima nas categorias de “Direitos Humanos” e “Poesia e Liberdade”. Desde que o Jether entrou para o grupo, as sugestões dele foram sempre contempladas!

Agradeço a Deus por ter Jether e Lucilia como amigos tão queridos, referências fortes, pessoas maravilhosas, nas quais podemos confiar, com as quais estamos sempre aprendendo, que nos iluminam, que nos alegram. Com eles, podemos contar em todas as horas, nas certas e, sobretudo, nas incertas e desafiadoras!



# Jether Ramalho: melhor é ser ponte que ser ponto

*Edson Fernando de Almeida*

---

Pastor da Igreja Cristã de Ipanema e professor do Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro

“*Houve um homem, enviado por Deus, cujo nome era João*”. O facho de luz que a narrativa do último evangelho lança sobre a figura de João foi o que veio ao coração ao começar a descrever quem é para mim Jether Ramalho.

A semelhança com o Batista vai para além do fato de Jether, também como João, ser um *profeta*. Vai além também da semelhança com o Batista nesta vida de mel silvestre e arroz com feijão, despojada de quaisquer perfumarias que é a vida de Jether e Lucilia.

A analogia com João, o Batista, tem a ver sobretudo com a percepção desse *ser ponte* que é para mim Jether Ramalho. *Melhor é ser ponte que ser ponto*. Assim vejo Jether. Chega-se a ele. Aninha-se nele, mas jamais *fica-se* nele. Lembro-me da minha primeira visita ao casal bíblico Lucilia Sara e Jether Abraão, como bem disse Carlos Mesters, referindo-se aos Ramalho.

Era uma noite de quarta-feira, no início de 1992, e lá estava eu à mesa do casal bíblico. Jether era um mito para mim. Sua presença nos encontros de formação de quadros em profundidade, promovidos pelo Cedi e Cesep no final dos anos de 1980, era viva em minha memória. Um homem de fala mansa, grave, marejada de amor pelos pequenos da terra.

Inteligente, culto, profundamente crítico das quinquilharias de um cristianismo sem chão, sem cruz, sem substância. Reencontrei-o na condição de pastor da Igreja Cristã de Ipanema. Jether e Lucilia eram membros afetivos da Igreja – Lucilia era presidente do Centro de Recuperação Infantil, lugar/laboratório de experiências educacionais no qual se originou o projeto casulo da antiga LBA.

Quando via Jether adentrando o templo para o culto dominical, confesso que me sentia muito inseguro. Uma aguda dor no peito e o mal-estar

envolto na pergunta: “O que tenho a dizer para esse homem?”. O que essa leitura quase literal do texto bíblico, despida do auxílio das Ciências Sociais, podia acrescentar àquela mente tão alargada?

Ao final de um dos cultos, o casal gentilmente convidou-me para um jantar. Disse-me Jether que queria fazer algumas sugestões para o meu ministério na Igreja Cristã de Ipanema.

Pois bem, lá estava eu à mesa do casal Ramalho, numa quarta-feira nos inícios de 1992. Ali permiti-me pela primeira vez ser tocado por esse *ser ponte* que é Jether Ramalho. Apresentou-me uma série de textos, que iam desde as leituras mais contemporâneas da Bíblia, com ênfase no texto *Projetos de Esperança* (por ele organizado), até a teopoética de Rubem Alves. Num primeiro momento, assaltou-me um certo mal-estar, da ordem daqueles ressentimentos subliminares tão próprios dos pietismos desprovidos de verdadeira piedade. Pensei comigo: “o Jether deve achar muito ruim e fraco o que falo daquele púlpito.”

Uma única taça de vinho foi suficiente para colocar aqueles sentimentos menores e ao mesmo tempo profundamente verdadeiros no seu devido lugar: no baú de minhas inseguranças. O fato é que naquela noite conheci outro Jether. *Jether ponte*, um homem que ao abrir um pequeno livro da sua biblioteca, parecia abrir um caminho a trilhar, um horizonte a explorar.

Amei aquela noite. Lucilia resplandecia em sua doçura terna e firme. Senti-me em casa. E o privilégio de pastorear o casal, pela primeira vez, soou-me como graça, menos – mas não tão menos assim – como responsabilidade.

Naquela noite Jether me lançou ao encontro de figuras como o biblista Milton Schwantes. Lembro-me que os zigurates do capítulo 11 de Gênesis rondaram minhas reflexões bíblicas por um bom tempo. Jether me apresentou *sua ovelha mais querida*, Rubem Alves. Que amor por Rubem resplandecia naquele sorriso contido de Jether Ramalho! Que encantamento com a teopoética desse teólogo que de alguma maneira me fora pai sem que eu o soubesse.

Reconheci-me, vi-me em Rubem, pela *ponte* Jether Ramalho. E desde então um pequeno orgulho acrescentou-se à lista dos meus muitos pecados: ser pastor de Jether Ramalho, esse Pastor de Esperanças, como carinhosamente Rubem o chama.

A partir de então, a proximidade de Jether é sinônimo daquela angústia que joga pra cima, daquela ansiedade que põe a vida em movimento.

Jether sempre me pareceu tomado por uma certa ansiedade. Sua ansiedade, entretanto, não diz respeito à busca de preenchimento de alguma falta constitutiva, nem mesmo refere-se a um sofrimento por coisas que na utopia do profeta nunca acontecem. Sua ansiedade é a reação do corpo à exuberância e ao transbordamento de um amor do qual Jether é canal. Nele a vida circula e a ansiedade é semelhante à tensão do arco pronto a desferir a seta.

Jether e sua amada Lucilia são plenos dessa arte de amar, dessa capacidade de fazer a vida circular, de ser passagem, de ser luz que aponta para Luz. De *ser rio* cujas águas estão sempre em movimento, mais que *ser lago* de águas pacificadas. A ansiedade de Jether é a do estremecimento do amor que não se contém, que não se cabe, que quer transbordar.

Essas águas revoltas do amor que jorram em Jether me constrangeram a frequentar espaços que jamais quis nem imaginei: escrever textos, conhecer grupos ligados à Igreja e à teologia da libertação, expor pensamentos para além das paredes do templo em Ipanema... O amor do Jether pelo Deus da vida e o seu amor pelos pequenos da terra, impedidos da capacidade de dar pela estultícia dos que querem ter tudo, esse duplo amor de Jether sempre ridicularizou minha timidez.

“*Nada a temer senão o correr da luta, nada a fazer senão esquecer o medo*”. O verso da canção de Milton Nascimento é a expressão do que é deixar-se tocar pelas águas do amor que jorram em Jether Ramalho. Assim foi que conheci Maria Helena Arrochelas e o grupo de Emaús, gente de mãos calejadas e lindas no ser igreja com os pobres. Todos esses encontros se deram pela *ponte* Jether Ramalho.

A espiritualidade de Jether alimenta-se de muitas fontes, que vão desde a profunda influência exercida pelo pai, pastor da Igreja Congregacional, homem de bondade e grandeza profundas, até o envolvimento e militância do Pastor de Esperanças em diferentes vetores do movimento ecumênico desde os anos de 1950.

Mas saibam todos que o chão da espiritualidade de Jether sempre foi e continua a ser a igreja local. Uma vez por mês Jether e Lucilia visitam sua comunidade de origem, da qual são membros desde a infância, a Igreja Congregacional de Bento Ribeiro, para participarem da mesa eucarística. Levam a oferta, que é daquelas formas antigas pelas quais o protestante histórico expressa o amor que faz a riqueza circular.



Nos outros domingos, Jether e Lucilia estão na Igreja Cristã de Ipanema. Participam ativamente de todas as atividades da comunidade. Só alguma viagem ou algum quadro de adoecimento são capazes de tirar o casal da reunião de oração que quinzenalmente acontece na residência de uma das fundadoras da Igreja, dona Eunice Simões.

Não poucas vezes, Jether traz a reflexão bíblica da tarde. Um dos últimos temas do momento reflexivo dessa reunião que acontece há mais de 40 anos foi a oração do Pai Nosso. Jether dividiu comigo a exposição de cada uma das partes da oração de Nosso Senhor. Mesmo quando não tinha o compromisso da exposição dos tópicos, trazia a sua contribuição referindo-se sempre e principalmente ao livro *Pai Nosso*, do nosso Rubem Alves, ou o livro homônimo de Leonardo Boff.

O marido que adoeceu, a filha que perdeu o emprego, a criança que se acidentou, a família que desmoronou ante o mistério da morte. Os dramas universais da condição humana vão se perfilando ali naquele pequeno núcleo de oração. E lá está Jether com sua amada Lucilia enxugando lágrimas, repartindo alegrias, apontando superações.

Ali, no recôndito mais familiar da fé, o cidadão do mundo ecumênico, o expoente da igreja libertária, a grande ponte dos universos católico e protestante brasileiro, precisamente ali na oração da tarde, sob o calor das três horas da tarde, inundado pelos dramas e alegrias o viver comum, ali e dali Jether alimenta a fé que tem no Deus dos humildes.

Nas ocasiões especiais da vida da pequena igreja de Ipanema, a sabedoria de Jether é uma das fontes onde a comunidade vai se abastecer. O que pensa Jether sobre a relevância do cristianismo num mundo despedaçado pela cultura do simulacro, da aparência, do vazio? O que pensa Jether sobre o Pentecostes de ontem e de hoje? O que pensa Jether sobre o ser cristão hoje, esses tempos em que a possibilidade do fim deixou de ser o bastião dos apocalípsimos milenaristas e passou a ser ameaça cortante e certa no horizonte do desastre ecológico?

Não há um encontro da Igreja que Jether não seja o primeiro a ser consultado sobre a possibilidade da presença e participação. Para a Igreja Cristã de Ipanema, Jether é um João Batista, uma luz que aponta para a Luz. Talvez porque Jether fale para além desta poderosa, mas limitadíssima forma pela qual aprendemos a apreender o mundo que nos cerca e que somos, nossa pequena *razão ocidental*, que quer tudo medir. Jether fala ao coração. Satisfaz a *ratio*, mas a ultrapassa, jogando-nos em espaços que

o pensamento não chega, não alcança. Jether fala ao coração. Jether toca nosso *esprit de finesse*, como nos lembra Leonardo Boff, referindo-se ao contraponto proposto por Pascal ao *esprit de géometrie*.

Sua voz grave e de baixo volume que nos ambientes pouco silenciosos faz retorcer o nosso corpo em direção ao seu rosto; a forma pausada com que expõe seu pensamento; a doçura do amor que circunda seu corpo de poucos movimentos no púlpito... Em tudo, Jether lembra a figura do Bom Pastor. Não grita. Não soca o púlpito. Não se afirma pela negação do outro. Fala palavras despojadas de ressentimentos. É melhor dizer que Jether não prega, Jether apenas testemunha.

As mensagens de Jether são uma espécie de soerguimento, jamais uma queda, para usar a expressão de Erich Fromm. Mesmo o seu profetismo mais agudo, como aquele que aponta para os excluídos do corpo de Deus que é a vida, da dignidade mínima dessa existência que sempre pode ser melhor, mesmo quando toca a diabólica indiferença que nos anestesia, Jether, com sua voz aveludada e baixa, nos *ergue, nos levanta*. Jamais nos lança na lama.

Porque trata-se de uma *conversão* pelo amor, não pela culpa. É isso, assim vejo e ouço os sermões de Jether, que outra coisa não o são senão a sua própria vida posta em palavras. Por isso, como Jesus, Jether fala *como quem tem autoridade*. Autoridade, jamais autoritarismo. Firmeza, jamais rudez. Força, jamais violência. E o resultado é o convite à responsabilidade, jamais o patinar na culpa.

Era uma noite de quarta-feira de 2008. Convidei Jether, como faço todos os semestres, a ministrar uma aula sobre o movimento ecumênico para alunos e alunas da disciplina Missiologia e Evangelização, no Bennett, instituição de ensino da Igreja Metodista no Rio de Janeiro. Como sempre, acompanhado de sua linda Lucilia, Jether deu uma aula brilhante. Naquele dia ultrapassou um pouco o horário, já que insistira em explicitar melhor um dos tópicos de sua exposição a pedido de uma aluna.

Vi que os olhos de alguns alunos marejavam de lágrimas ao final da aula. Mais uma vez Jether fora aquilo que é o seu destino: *ser ponte*. Quebrara preconceitos, descerrara véus e cortinas de separação. Falara ao coração daqueles estudantes. Chegara a falar da vergonha que é a forma como o protestantismo ainda hoje olha os irmãos e irmãs que buscam o Sagrado pela via dos cultos afro-brasileiros. Falou da urgência do diálogo inter-religioso.

No dia seguinte, liguei para agradecer ao casal pela aula da noite anterior e Lucilia segredou que Jether ficara um pouco triste. Falara mais do que havia previsto, sobrando pouco tempo para as perguntas dos alunos e alunas. Pensei comigo: é sempre assim. Os profetas... sempre tensos, sempre achando que poderiam ter feito mais. Naquele caso específico, ter falado menos. Mal sabiam Jether e Lucilia o alvoroço do amor que haviam provocado nas hostes metodistas. Uma das alunas resumira o sentimento do grupo ao final da palestra: “Nunca assisti uma aula que tenha mexido tanto comigo nesses três anos de seminário!”.

Há muitos anos a Igreja Cristã de Ipanema vem fazendo coro com um conjunto de amigos e amigas de Jether que acham que o Pastor de Esperanças poderia formalmente receber esse título. No ano de 2008, a assembleia resolveu, por unanimidade, oferecer a Jether Ramalho a possibilidade da ordenação ao sagrado ministério da Palavra e dos Sacramentos, tornando-se um dos pastores da Igreja de Ipanema. Jether sempre foi chamado de pastor em muitos círculos ecumênicos brasileiros. E em sua Igreja, seja em Bento Ribeiro ou Ipanema, sempre se ouviu: “Lá vai o pastor Jether”.

Mas, Jether não aceitou. A razão, bem sabemos. Preferiu continuar sendo leigo como Jesus de Nazaré sempre foi. A Igreja conferiu-lhe o título presbítero emérito. *Presbiteros*, palavra grega para dizer ancião. Jether é um sábio ancião. Alguém que do alto de seus mais de oitenta anos sente que envelhece. O seu corpo enfraquecido e o volume de voz cada vez menor o dizem. Envelhece, Jether Ramalho, mas, como diz o poeta, silenciosamente *resplandece!*

Para terminar, será possível pensar Jether Ramalho sem essa ternura em pessoa cujo nome é Lucilia? A única coisa que me vem ao coração para falar desse milagre do amor que faz com que dois sejam um *sendo dois*, é a musica cantada pela Adriana Calcanhoto: futebol sem bola, Piu-piu sem frajola, assim é Jether sem Lucilia. Carro sem estrada, queijo sem goiabada, assim é Lucilia sem Jether.

Por último, uma palavrinha sobre o amor que Jether tem pelo texto bíblico. Há um conjunto de textos que são recorrentes em todas as reflexões do nosso presbítero. Desde Mt. 11, “*Graças te dou, ó Deus, porque ocultaste estas coisas aos grandes e as revelaste aos pequeninos...*”, passando pela oração sacerdotal “*Pai que eles sejam um, para que o mundo creia que tu me enviaste...*” até a cortante afirmação paulina: “*Portanto, meus irmãos, vejam bem quem são vocês: entre vocês não há muitos intelectuais, nem*

*muitos poderosos, nem muitos de alta sociedade. Mas, Deus escolheu o que é a loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é a fraqueza no mundo, para confundir o que é forte...”*.

Mas, o texto por excelência de Jether Ramalho é a promessa de Jesus de Nazaré, no final do evangelho de Mateus, que quase desfalece o coração do nosso sábio, mantendo-o firme nessa arte de perseverar na coexistência sem jamais capitular a qualquer forma de cinismo ou desespero: *“E eis que estarei convosco todos os dias, até o fim dos séculos”*. Esta promessa é o que sustentou, sustenta e sempre sustentará a vida do nosso sábio, Jether Pereira Ramalho.

Para sempre seja louvado o Deus de Jether e Lucilia! E que todos e todas que trazem em si um sinal de amor e humanidade digam: amém e amém.



# Jether Pereira Ramalho e a denominação congregacional

*Manoel Bernardino de Santana Filho*

---

Pastor e teólogo congregacional, professor do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro – STCRJ, do Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro – Setecerj e da Universidade Castelo Branco

Jether sempre foi congregacional. Seu pai, José Barbosa Ramalho, foi pastor de várias igrejas congregacionais, particularmente na zona oeste do Rio de Janeiro. Foi no meio congregacional que começou a entender o Evangelho e também a praticá-lo. Seu pai, desde cedo, passou a ter contato com pessoas de outras confissões denominacionais e com líderes como Erasmo Braga, Mathatias Gomes dos Santos e Francisco Antonio de Souza. Pode-se dizer que a experiência ecumênica originou-se da própria formação familiar. Essa experiência foi se consolidando de outra maneira. Sua mãe, dona Judith, era presbiteriana e seu pai de raiz congregacional. Jether, criança, acompanhou seu pai nas longas caminhadas para o trabalho evangelizador nos sertões cariocas. Acompanhou-o em muitos desses lugares, às vezes de canoa, da Pedra de Guaratiba para Sepetiba, para o culto da noite junto com presbíteros da Igreja da Pedra de Guaratiba. Nessas viagens, dormiam dentro do templo da Igreja de Sepetiba, porque a canoa tinha que retornar no dia seguinte, mas só pela manhã, pois não podia voltar à noite. Isso marcou sua vida, sua trajetória. Mais tarde (1925), seu pai foi convidado pela Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal para trabalhar como pastor em Portugal. Havia a necessidade de reorganizar as igrejas congregacionais naquele país.

A viagem foi em 3 de junho de 1925 no vapor Bagé do Lloyd Brasileiro e durou 19 dias. Jether ainda se emociona ao lembrar, ainda que vagamente, o dia do embarque do Rio de Janeiro para Lisboa. A Igreja Evangélica Fluminense alugou uma lancha que foi acompanhando o navio até a saída da Baía de Guanabara, e iam cantando o hino: “Deus vos guarde pelo Seu poder”, do hinário *Salmos e Hinos*.

Seu envolvimento direto com a denominação deu-se em idade muito jovem. Tanto que aos 23 anos de idade foi eleito presidente da Federação

de Jovens Congregacionais do Rio de Janeiro. O jornal *O Exemplo*, criado pelo reverendo Salustiano Pereira César e que teve o primeiro número lançado em 12 de abril de 1945, estampou na primeira página a fotografia de Jether Ramalho, com os dizeres: “jovem entusiasta, membro da Igreja Evangélica de Bento Ribeiro, que numa feliz escolha foi eleito presidente da federação dos jovens das igrejas congregacionais, pela Junta Geral da UIECCB” (União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil). A 1ª Convenção da Mocidade Evangélica Congregacional do Distrito Federal aconteceu entre os dias 9 e 15 de abril de 1945. Jether presidiu a Mesa Moderadora da Convenção e no culto de encerramento estava à Mesa tendo a seu lado o Dr. Remígio de Cerqueira Fernandes Braga e os pastores Manoel da Silveira Porto Filho, Antonio da Costa Montenegro, Salustiano Pereira César e Alfredo Pereira de Azevedo.

A partir daí começava uma nova etapa de sua vida. Era professor da classe de adolescentes na escola dominical da sua igreja e recebeu da Diretoria da denominação a incumbência de organizar a juventude das Igrejas Congregacionais, tanto em uniões locais como também em federações regionais. Ao mesmo tempo, começou a fazer parte de um grupo que havia no Rio de Janeiro chamado “Grupo de Confraternização das Mocidades Evangélicas”. Esse grupo se reunia uma vez por mês para confraternização, e Jether ficou encarregado de dar-lhe um formato.

Ao mesmo tempo que assumia a direção do trabalho da mocidade congregacional no então Distrito Federal, aproveitava as páginas de *O Exemplo* para se comunicar com a mocidade congregacional e também para divulgá-la entre outros grupos evangélicos. Com o tempo, o jornal começou a ganhar certo status porque era bem feito. O seu fundador deu abertura para que o periódico publicasse matérias ligadas aos congregacionais mas também a outros grupos cristãos. Jether começou a dar vôos maiores. A partir do bom andamento da organização do trabalho dos jovens congregacionais no Rio de Janeiro, a liderança da denominação passou a incentivá-lo a organizar federações de mocidade em todo o Brasil. Ele aceitou o desafio e partiu para os estados para entrar em contato diretamente com as lideranças jovens em diferentes regiões do País. Para isso tinha uma equipe que trabalhava com ele, como o pastor Theodoro José dos Santos, que era seu vice-presidente, Nilton Pinto Corrêa, Daso de Oliveira Coimbra, Esther Marques Monteiro, Lentina Alves Rangel Filha, Daniel Rangel Cabral, Samuel Mendes e Azael Leitão, entre outros.

Primeiro foi a Federação de São Paulo, depois a do Nordeste, Recife e do Centro-Oeste, em Goiás. Após a organização das federações regionais, era preciso criar um órgão central. Então foi organizada a Confederação das União de Mocidade das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. Em *O Exemplo* de dezembro de 1945 foi registrada, pela Direção da UIECBB, a nomeação de Jether para exercer o cargo de presidente da Confederação da Mocidade Cristã-Congregacional. Criou-se uma situação inusitada: primeiro foi nomeado presidente para então convocar e organizar o 1º Congresso da Mocidade que veio a acontecer entre os dias 22 a 25 de janeiro de 1947 em São José dos Campos, SP.

A partir do trabalho desenvolvido entre as mocidades congregacionais, Jether começou a envolver-se também com a Mocidade Evangélica do Brasil. Estava aos poucos consolidando sua visão ecumênica. Agora já não era só o presidente da mocidade congregacional, mas também participante do movimento das mocidades evangélicas do Brasil. Foi um dos delegados ao 2º Congresso da Mocidade Evangélica do Brasil, realizado na Igreja Metodista Central de São Paulo, de 18 a 23 de junho de 1946. Os jovens evangélicos eram pessoas com ideais; entre eles estavam Eldo Caldeira de Andrade e Waldo César. Jether juntou-se a eles com o objetivo de criar mecanismos para que as igrejas evangélicas participassem de movimentos em prol da alfabetização de jovens e adultos.

A partir de 1947 alguns artigos começaram a refletir mais essa consciência ecumênica e social. Ele escreveu sobre “O clamor da orfandade e a consciência denominacional” (nov/1947), em que afirmou que o Abrigo Evangélico, a tanto prometido, precisava começar a funcionar. O que ele pretendia dizer era que o evangelho pregado por alguns pastores não conduzia a ação real, a um compromisso solidário com os menos favorecidos. A denominação tinha, pelo menos de nome, um Abrigo para a infância desamparada e um lar para idosos, mas por enquanto era só uma intenção. Seus textos eram uma forma de cobrar atitudes e comprometimento com essa dura realidade.

Pastores insatisfeitos começaram a se queixar com as lideranças denominacionais. Historicamente o período coincidia com uma mudança de postura na denominação. Era uma época de intransigência doutrinária. Os seminários estavam passando por uma reformulação em seus currículos. Uma orientação mais fundamentalista estava se infiltrando no meio congregacional. Surgiam os “institutos bíblicos” em substituição aos seminários



com uma formação bíblica e humanista. Alguns pastores enviavam cartas violentíssimas de rejeição. Mas ele continuou a escrever. Veio a seguir “O evangelho que Robert Kalley pregava” (dez/1947), no qual retratou a forma cristã e social com que o Dr. Kalley exerceu o seu trabalho. Ao mesmo tempo em que pregava, aproveitava a condição de médico para prestar serviços à comunidade, cuidando de doentes do corpo e da alma. Seus artigos continuaram incomodando. Em “Não tenho para onde ir” (março/1948), levantou a questão dos aspectos sociais do Evangelho. Mostrou que não era possível separar a pregação do Evangelho e de um testemunho eficaz, lidando diretamente com o problema da pobreza e da desigualdade social. Porém, não era um idealista. Falava dos problemas sociais a partir de sua própria experiência. Como criança pobre, viveu essa problemática social. Mas, por conta de suas abordagens, recebeu críticas muito fortes.

Seus artigos em *O Exemplo* não só comunicavam pelo texto em si mas também por desenhos que retratavam pessoas abandonadas. Usava a primeira página do jornal. O pastor Calvino Lousada Leite, que era o líder da Igreja Congregacional de Bento Ribeiro nessa época, ficou do seu lado. Jether escrevia e denunciava a partir do que via. Os artigos eram resultado do seu olhar sobre o contexto: em uma coluna do jornal, com o título “Visitando nosso campo”, retratava a difícil situação dos pobres e marginalizados. Escrevia a partir de suas impressões sobre igrejas e congregações. Enfim, partia de fatos, de suas impressões dos lugares que visitava, seja em Salvaterra, Largo da Idéia, Cabuçu e vários outros lugares no interior do Rio de Janeiro e nos subúrbios cariocas. Depois ia para o jornal e escrevia. Jether propôs que houvesse um distintivo (logotipo) comum para as diversas mocidades evangélicas do Brasil. No artigo “Dois apelos e dois desafios” (fevereiro/1948) apresentou sua visão do trabalho que deveria ser implementado entre as mocidades evangélicas do País. Num de seus artigos afirmou: “Temos tido ocasião de ver e ouvir casos de órfãos e anciãos de nossas igrejas em completo desamparo. Eles não têm um lugar para onde ir. As casas de assistência social das denominações irmãs estão repletas com seus filhos necessitados. Como pode o mundo crer no Evangelho que pregamos, quando ele está vendo como somos falhos na sua completa execução? ‘Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o bronze que soa ou como o címbalo que retine’, já dizia São Paulo.”

Jether entrou nessa luta e desafiou modelos evangelísticos conservadores. Escreveu sobre o amparo aos órfãos mesmo antes de se inaugurar o Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba em 21 de abril de 1949, trabalho social entre os congregacionais que seu pai foi um dos idealizadores. Em agosto de 1948 saiu um número de *O Exemplo* junto com *Mocidade*, jornal dos jovens presbiterianos. A manchete do jornal dizia: “Somos Um!”. Sua visão ecumênica ia tomando fôlego e então foi substituído por Daso de Oliveira Coimbra nas eleições realizadas no congresso de Campina Grande. A gota d’água foi ter organizado um encontro de mocidades que ultrapassava as barreiras denominacionais. Juntou-se a seu colega Waldo César, da Igreja Presbiteriana, e realizaram um encontro de mocidades evangélicas – Congregacional e Presbiteriana – em Pernambuco. Os presbiterianos ficaram em Recife e os congregacionais em Campina Grande. Primeiro todos estavam juntos em Recife e o lema do encontro era “Para que todos sejam um”.

O ano de 1949 começou com muitos problemas para Jether, por conta da insistência na unidade dos cristãos. Ele mesmo começou a perceber as enormes dificuldades que tinha pela frente. A partir de 1949 já não era mais diretor de *O Exemplo*: foi substituído por Manoel da Silveira Porto filho, da Igreja Evangélica Campograndense. Começou a estar mais em contato com outras igrejas como a Metodista, onde o líder da juventude era William Schisler Filho, diretor da revista *Cruz de Malta*.

Tendo as portas, de certa forma, se fechado no que diz respeito ao trabalho entre os jovens, Jether se voltou para outro campo de trabalho: a questão social. Em 21 de abril de 1949 foi fundado o Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba. Junto com seu pai, lutou muito por essa instituição. Seus artigos inflamados pediam isso. Suas queixas diziam respeito à urgência da criação de um orfanato e um lar para os idosos. A compra do terreno para construção do orfanato deveu-se à tenacidade de pessoas como José Barbosa Ramalho (seu pai), José Alves Bahia, Ismael da Silva Jr., Abílio Augusto Biato e José Luis Fernandes Braga Jr. entre outros.

Desde o início, a família Ramalho esteve sempre envolvida com o Abrigo da Pedra. Jether foi diretor do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba, passou a dar assistência odontológica lá e seu irmão, Jair, prestava atendimento médico. Ajudou muitas pessoas, principalmente seminaristas do Instituto Bíblico da Pedra e também pessoas pobres de modo geral que eram atendidos por ele. Gastava parte do tempo para atender aqueles que não podiam pagar um tratamento. Foi um momento muito rico e o mais

desafiante também porque, além de falar da pobreza, começou a vivenciar o que escrevia. Como dentista de muito êxito, separou as segundas-feiras para os alunos e alunas do Instituto Bíblico da Pedra. Ele tratava a todos gratuitamente. Às vezes o Instituto mandava dez ou doze alunos e com isso evidentemente suas segundas-feiras ficavam praticamente tomadas.

Na denominação houve algumas pessoas que foram muito importantes para ele: o seu pai, em primeiro lugar; depois o reverendo Jonathas Tomás de Aquino, Manoel da Silveira Porto Filho, Francisco Antonio de Souza Filho, Ismael da Silva Junior e Remígio de Cerqueira Fernandes Braga. Eles formaram o seu caráter cristão. Jether aprendeu a ser ecumênico dentro de casa, no trabalho de seu pai junto às igrejas congregacionais, nas relações não-conflitivas entre um pai congregacional e uma mãe presbiteriana, nas relações de amizade com inúmeros amigos e colegas de vários grupos e confissões de fé, na Confederação Evangélica do Brasil, no grupo latino-americano, no grupo mundial, com a humildade de entender que o compromisso maior é com o Evangelho, é com o Reinado de Deus, que se manifesta de outras formas, e que as coisas menores vão sendo ultrapassadas pela própria existência, até chegar o momento que se está vivendo hoje.

Confessa que uma de suas frustrações é o fato de não ter feito com que as igrejas congregacionais, a denominação, não tivessem uma abertura ecumênica. Por conta disso, seu trabalho foi sempre menosprezado por aqueles que, em nome de um evangelho destituído de compromisso social, se colocaram na posição de juiz para rejeitar seu dedicado trabalho. A acusação mais comum era que havia se tornado comunista. Alguns missionários que eram do exterior olhavam-no como vendido a Moscou. Por causa dessas acusações perdeu todos os cargos que tinha na denominação.

Durante dez anos na Igreja Congregacional de Bento Ribeiro, pregava todos os meses aos segundos domingos. Preparava com dedicação seus esboços. Tinha o apoio de seu pai e dessa figura marcante que foi o reverendo Porto Filho. Este tinha uma mentalidade aberta, estava à frente de seu tempo. Foi também um homem incompreendido. Talvez Jether tenha falhado na metodologia, na forma de fazer as coisas, por conta do entusiasmo sem experiência. Mas suas ideias eram lúcidas. O que ele pregava na década de 1940 começou-se a praticar no Brasil e na América Latina em meados da década seguinte por meio da figura poderosa de Richard Shaull e de muitos outros, católicos e protestantes, que se posicionaram em favor de uma fé mais comprometida com os direitos humanos e a justiça social.

Nilton Pinto Corrêa publicou uma nota sobre Jether onde afirma: “Jether Pereira Ramalho será eternamente lembrado nos anais da nossa denominação pelos serviços prestados à Mocidade Cristã Congregacional do Brasil. Devemos à sua fibra de líder a organização de nossa mocidade, que hoje conta com uma Confederação, cinco federações regionais, um grande jornal, dois congressos nacionais realizados além de muitos outros congressos regionais. Compreendendo (embora não sendo compreendido) que o Reino de Deus vai além das fronteiras denominacionais. Jether tem grande anseio de confraternização interdenominacional, dando expressão aos seus sentimentos em notável colaboração ao Departamento de Mocidade da Confederação Evangélica do Brasil. A divulgação do Congresso de Oslo foi feita, em grande parte, sob seu planejamento e orientação” (*O Exemplo* – outubro/1948).

Há outra dimensão muito bonita na trajetória de Jether Ramalho. Apesar de tudo o que passou, não guardou mágoas e rancores; sempre amou a sua denominação e sempre fez questão de se apresentar como “Jether, o congregacional”. Em vários momentos de sua vida, quando homenageado por entidades, igrejas e instituições, por causa de sua luta pela igualdade entre os povos, me ligava pedindo para estar presente porque gostaria que sua denominação se fizesse representar. Sentia-se orgulhoso por isso. Por várias vezes passei pela experiência de me apresentar como congregacional e ouvir aqui e ali a expressão: “Você é da denominação do Jether?”. Continua membro da Igreja Evangélica Congregacional de Bento Ribeiro e fala de seus pastores com admiração e respeito. A partir dessa atitude mantém-se fiel aos princípios que nortearam sua vida, ou seja, o respeito pelo próximo, por suas ideias e formas de agir. Sempre buscou encontrar no outro aquilo que poderia ser bom para todos. Sempre respeitou os pentecostais porque afirma que eles nos obrigaram a repensar nossas práticas litúrgicas e nos desafiaram a promover não só a pedagogia cristã, o raciocínio lógico, mas também mostrar que a emoção é algo muito importante na vida das pessoas.



## **Ideias e publicações**



# *Organismos ecumênicos, igrejas e movimentos populares\**

## *I. Introdução*

A América Latina e o Caribe vivem momentos novos e desafiantes em sua conjuntura política e eclesial. Esses aspectos se configuram de forma mais explícita, com características dramáticas, nas últimas décadas. Tornaram-se mais transparentes: o custo social e os mecanismos perversos que motivaram a dívida externa, relacionando-a, entre outros fatores, com a injusta ordem econômica internacional; a agudização da recessão econômica com suas sofridas consequências para os setores populares; a acentuada dependência e a crescente transnacionalização das economias nacionais; o avanço do sistema capitalista no campo agrícola, que provoca violência e muda as relações sociais do trabalho; a deterioração do nível de vida de amplos segmentos sociais; além de outros aspectos que todos conhecem.

Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que, apesar dos duros golpes desfechados por diversos governos contra os movimentos populares, estes se recompuseram, amadureceram politicamente, ampliaram os níveis de luta abrangendo outros segmentos sociais. Nota-se a emergência, com mais clareza, do novo sujeito histórico que, certamente, será o protagonista principal da sociedade que se está gestando em nosso continente.

Na área das igrejas, também tivemos mudanças muito significativas no campo teológico e na prática pastoral, tanto entre as evangélicas como entre católicos. A opção pelos pobres, resultante da fidelidade evangélica, foi o eixo principal. Naturalmente esse compromisso com os setores populares trouxe muitas dificuldades para certos segmentos das igrejas, assim como

---

\* Documento preparatório para o Encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos – Mauricio López – “Construir a Esperança” (Conselho Latino-Americano de Igrejas – Clai), Quito, 19 a 23 de julho de 1988. Parte deste texto foi traduzido do espanhol por Miguel Ginard Arbona, a quem sou grato.



obrigou a elaboração de toda uma nova prática pastoral e questionamentos no campo da eclesiologia.

Também o aparecimento de novas expressões religiosas, com forte apego popular, tornou ainda mais complicado o campo eclesial. Algumas igrejas históricas, diante desse novo fenômeno, não conseguiram compreendê-lo, em toda a sua complexidade, e adaptaram interpretações simplistas que de nenhuma forma esgotaram ou mesmo encaminharam pistas de compreensão de tão importante movimento. É certo que, nos últimos anos, organismos ecumênicos, como o Clai e o Conic (do Brasil) realizaram sérios estudos sobre tais expressões religiosas avançando e amadurecendo reflexões sobre causas, objetivos e consequências desse fenômeno.

Naturalmente as modificações tão significativas nas áreas (eclesial e sociopolítica) onde o movimento ecumênico tem participação por meio de suas variadas expressões, acrescentaram outras questões e desafios, tanto para o movimento ecumênico como um todo quanto para as igrejas e organismos ecumênicos em particular.

Esse novo momento histórico está exigindo reflexão madura sobre as formas de relacionamento entre os organismos ecumênicos, igrejas e movimentos populares. É questão antiga, que tem sido alvo de amplas discussões, algumas vezes produtivas, complexas e tensas e que, atualmente, em nosso continente ganha contornos novos, extremamente desafiadores.

Dito questionamento é natural e fecundo. A dinâmica, o estilo e a pedagogia das diversas formas do movimento social não são necessariamente semelhantes já que respondem às características próprias de cada uma. Apesar da diversidade de perspectivas, há, entretanto, objetivos e compromissos comuns que ultrapassam diferenças, enriquecem a experiência ecumênica e fortalecem a luta pela unidade do povo e da Igreja.

Os organismos ecumênicos têm características peculiares e atuam em campos sociais diversos (operários, camponeses, jovens, formação de quadros, comunicação, reflexão bíblica e teológica, etc), o que possibilita o encontro com questões que são comuns às igrejas e às organizações populares, além dos desafios específicos inerentes às suas próprias propostas de ação.

Impõem-se ao presente trabalho certas limitações. Não se vai discutir o processo de formação e ação do movimento ecumênico e dos movimentos populares na América Latina e Caribe. Também não se avaliará a atuação

específica de determinados organismos ecumênicos, nem as características distintas que eles possuem. O documento pretende ser um esforço de sistematização dos principais questionamentos e desafios que aparecem, mais frequentemente, no relacionamento dos organismos ecumênicos entre si, com as igrejas e com os movimentos populares. Tornando-se mais transparente essa questão e definindo-se melhor o tipo de atuação de cada protagonista desse processo social, a eficácia da ação conjunta será aumentada e muitos desgastes, incompreensões e competitividades serão evitados.

Também é importante ressaltar que há certas limitações em referência aos organismos ecumênicos. Reporta-se somente àqueles que propõem prestar serviços às igrejas e estão comprometidos, de certa forma, com os interesses e as lutas dos movimentos populares. Refere-se também aos que já demonstraram, pela sua história, que não restringiram os seus objetivos às intenções programáticas, mas já realizaram uma comprovada prática, coerente com suas intenções teológicas e políticas.

## *II. Relacionamento entre organismos ecumênicos e igrejas*

Há muitos pontos convergentes entre os objetivos dos organismos ecumênicos, do tipo que se está tratando neste documento, e os das igrejas comprometidas e solidárias na luta dos empobrecidos. Assim sendo, é natural e mesmo imprescindível esse relacionamento. Dentro da perspectiva do movimento ecumênico, entendido no seu sentido mais amplo, não se pode compreender organismo ecumênico que não mantenha relações diretas ou indiretas com as instituições eclesiásticas. Nem sempre elas são fáceis e tranquilas. Criaram-se tensões e dificuldades originárias de certas atitudes de ambas as partes, que estão desaparecendo quando prevalece o sentido da caminhada comum e quando se possibilita o diálogo aberto, amplo e transparente entre elas. Com o intuito de sistematização serão apontados alguns pontos mais significativos que podem merecer discussões e reflexões mais profundas.

### *1. Autonomia e vinculação – independência e subordinação*

Talvez seja essa a questão principal presente em quase todas as atividades e relações entre organismos ecumênicos e instituições eclesiásticas. Ela tem sido alvo de discussões em grandes reuniões ecumênicas, inclusive de caráter mundial. O importante é que não se tomem as duas condições como antagônicas e irreconciliáveis – isso seria adotar uma perspectiva dicotômica,

a qual, seguramente, não é a melhor forma de se compreender qualquer processo social. Partindo-se da perspectiva dos organismos ecumênicos, constata-se que eles precisam saber conviver positivamente, de certa forma, com as duas situações, pois são condições essenciais para que seu trabalho seja plenamente significativo no campo eclesial.

A autonomia dos organismos ecumênicos é condição indispensável para garantir a sua liberdade de reflexão, de análise crítica, de assessoria, de serviço, isentos das injunções da política eclesiástica que podem assumir, muitas vezes, caráter repressivo e dificultador de avanços necessários. Entretanto, uma radical autonomia, sem o mínimo de vinculação com a dinâmica eclesial, sem levar em consideração a complexidade institucional das igrejas, acabaria por fazer com que as atividades dos organismos ecumênicos perdessem não só um dos referenciais básicos das suas atividades, a eclesial, mas ainda limitaria o seu campo de influência.

É também evidente que os organismos ecumênicos não poderão subordinar a sua dinâmica e a sua liberdade às características próprias da instituição igreja. Não podem transformar-se em simples departamentos eclesiásticos. Devem ter espaço livre para exercer, plenamente, seu carisma especial, seu ministério próprio. O estabelecimento desses limites, a compreensão da dialeticidade dessas relações, a superação de desnecessários confrontos nem sempre têm estado presentes em ambas as partes, quando se encontram em campos comuns de trabalho. Certamente isso poderá causar isolamentos, conflitos, desgastes, desconfianças, o que vai acarretar sérios prejuízos ao movimento ecumênico como um todo e impossibilitar contribuição mais eficiente aos movimentos populares.

## *2. A postura de “Igreja alternativa” ou a constituição de uma pastoral própria*

Como, muitas vezes, os organismos ecumênicos são espaços mais abertos e flexíveis, há tendência de algumas pessoas – em conflito ou marginalizadas nas suas igrejas – deles participarem tomando-os como uma espécie de igreja substituta ou alternativa. Evidentemente, isso não tem fundamento, nem se pode alimentar esse tipo de prática. Os organismos ecumênicos não são e não podem ser tomados como igrejas paralelas ou instituições paraeclesiásticas pois, além de não possuírem os fundamentos básicos das igrejas, não têm a prática eclesial que lhes é inerente. O decisivo é que esses centros ecumênicos não se entendam como substitutivos de igrejas,

e sim como colaboradores e grupos de serviço à própria prática eclesial comprometida com os pobres. Esse ponto deve ficar muito claro, pois assim serão evitadas tensões e desconfianças de competição, e os laços de entendimento serão fortalecidos.

Outro aspecto que deverá ser alvo de reflexão é a questão da pastoral. Em nosso continente, a pastoral é compreendida como a prática coletiva da comunidade eclesial diante de determinada realidade. Assim, as igrejas estabeleceram diversas nuances da grande pastoral evangelizadora, tais como a Pastoral da Terra, Pastoral Operária, Pastoral Indígena, etc. Os organismos ecumênicos são movimentos ou instituições de apoio, de serviços e de reflexões às pastorais das igrejas. Essa será colaboração preciosa, pois poderá possibilitar a visão ecumênica da pastoral, constituindo-se num forum salutar de crítica a elas, acrescentando outros aspectos da realidade que merecem ser alcançados.

A questão da pastoral, deve-se ressaltar, ainda não foi discutida com mais profundidade pelos organismos ecumênicos. Parece não haver ainda um consenso sobre o assunto. É conceito que só foi colocado nos últimos anos, especialmente para as igrejas evangélicas, quando se questionou a concepção antiga de pastoral que se restringia à ação do pastor, ampliando-se, agora, à prática coletiva eclesial de toda a comunidade. Uma franca e fundamentada discussão teológica sobre o tema poderá diminuir certos atritos e estabelecer, com clareza, as práticas próprias que cabem às igrejas e aos organismos ecumênicos. Esse é desafio que precisa ser enfrentado com urgência.

### *3. O processo de formação de quadros*

É necessário, natural e evidente que as igrejas possuam seus próprios programas de formação de quadros para participarem nos diversos setores de suas atividades. Existem seminários teológicos, institutos bíblicos, escolas de catequese, cursos para animadores de comunidade e muitos outros centros de formação que preparam os membros das igrejas para atuarem nas atividades inerentes às áreas pastorais e também para capacitá-los a fim de intervirem nos movimentos sociais.

Como decorrência natural da sua natureza eclesiástica e dentro da sua confessionalidade, essa formação pode apresentar certos limites ou acento hegemônico natural da perspectiva própria da instituição. Esses intervenientes, de certa forma, dificultam formação mais abrangente que

poderia ultrapassar as naturais limitações eclesiásticas e acrescentaria novos elementos para o crescimento da prática das igrejas. Nesse ponto, os organismos ecumênicos podem-se constituir em local privilegiado no processo de formação de quadros. Pela possibilidade de sua autonomia, congregando perspectivas confessionais diversas, pela diferenciação da formação dos seus assessores, pelo contato mais estrito com os movimentos populares, pela sua ecumenicidade, podem ser instrumentos capazes de enriquecer a formação oferecida pelas igrejas por intermédio das suas instituições próprias. Outro destaque é que podem propiciar, com mais liberdade, confronto positivo de práticas pastorais distintas e se constituírem em espaço livre de reflexão crítica dos seus propósitos e objetivos, oferecendo elementos de aprofundamento que apresentam parâmetros novos para questionar alguns fundamentos básicos orientadores dessas práticas de formação das igrejas.

Muitas vezes, programas de formação dos organismos ecumênicos são vistos com desconfiança pelas igrejas, as quais enxergam neles, não complementação do seu trabalho, mas intento de substituí-lo, e contam, constantemente, com mais recursos econômicos e com pessoal mais qualificado. Torna-se necessário vencer essa falsa interpretação, demonstrando, transparentemente, que não se trata de substituição dos programas das igrejas mas de sua suplementação e atualização, qualitativamente diferentes e absolutamente necessárias.

Uma questão fundamental para o nosso continente é a formação intensiva de quadros para as atividades no próprio movimento ecumênico, continental e mundial. Não se trata de uma estratégia para ocupar cargos de destaque e de poder, mas uma compreensão da importância desse serviço para as nossas igrejas e nossos países. Nesse ponto é preciso quebrar certas desconfianças que se colocam, muitas vezes, até mesmo pelas igrejas, com referência aos que são chamados a desempenhar tais trabalhos.

#### *4. Colaboração na proposta ecumênica*

As experiências ecumênicas se expressam em diversos níveis e por meio de variados movimentos e instituições. As igrejas, infelizmente não a maioria em nosso continente, têm procurado incentivar o movimento ecumênico, ainda que com êxito relativo. No campo católico, as iniciativas ainda são tímidas, principalmente no nível institucional. Muitas vezes, absorvidas pela dinâmica confessional, as igrejas não têm tido disponibilidade de

tempo e de recursos para um esforço mais concentrado e aguerrido no sentido de impulsionar o movimento ecumênico, buscando quebrar os preconceitos criados contra ele, alimentados principalmente pelas forças eclesiásticas conservadoras e reacionárias, quase sempre originárias de fora do Continente.

Os organismos ecumênicos têm também grandes responsabilidades nesse processo de desenvolvimento e ampliação da proposta ecumênica. De certa forma, podem mesmo se constituir em espaços privilegiados, pela sua própria constituição mais livre e pela sua pluralidade confessional. O incentivo do ecumenismo é, aliás, uma razão forte da legitimidade desses organismos. A busca de um aprofundamento e atualização da proposta ecumênica, as novas elaborações teológicas que ultrapassam os fundamentos confessionais, a redescoberta do poder ecumênico da Bíblia, a maior abrangência das análises sociopolíticas e econômicas, a facilidade de prática comum com diversas igrejas e movimentos populares proporcionaram aos organismos ecumênicos oportunidades excelentes de contribuição à unidade das igrejas.

O importante é se ter claro que o movimento ecumênico não é monopólio nem das igrejas, nem dos grupos ecumênicos. Não há exclusividades, nem porta-vozes oficiais do ecumenismo. Ele, pela sua própria natureza, ultrapassa os limites parciais dos seus componentes. No atual momento da América Latina e Caribe não se pode pensar num projeto ecumênico que não tenha um espírito abrangente. Há lugar para todos aqueles que estão comprometidos com essa caminhada. A questão da competitividade e a da pretensão hegemônica, quase ultrapassadas, evitarão desgastes e prejuízos desnecessários à causa comum.

Outro lado importante é a extensão do conceito de ecumenismo. As igrejas têm tido mais dificuldades em ultrapassar a concepção eclesial, quase sempre restrita às expressões cristãs. Hoje, exige-se que o ecumenismo seja mais que um diálogo fraterno entre as confissões evangélicas e católica romana, e ortodoxa. Há todo o desafio, em nosso continente, entre outras, das religiões de origem africana e indígena.

Também se tem avançado no chamado ecumenismo popular, na luta pela justiça e pela paz. Os organismos ecumênicos têm tido mais facilidade em aceitar essa concepção mais abrangente. Em muitos deles aparece fortemente a sensibilidade dos cristãos para as questões populares e sociais, o que não acontece, muitas vezes, na comunidade eclesial. O importante é se

chegar a compreender como dores das igrejas as dores do povo. A ideia do ecumenismo se associa intrinsecamente à busca da libertação e da unidade dos setores oprimidos do nosso continente. Esse ecumenismo popular brota das necessidades, das dores, do sofrimento e dos clamores populares. A luta pela terra, por melhores condições de saúde, pela dignidade de vida, etc., fizeram-se questões ecumênicas. Tornando-as confessionais essas lutas se enfraqueceriam. Na prática cotidiana as pessoas nelas envolvidas se descobrem irmãs. Descubrem que creem no mesmo Deus, que suas preces são muito semelhantes. Esse ecumenismo não dissolve, entretanto, as práticas confessionais. Pelo contrário, é um fermento rigoroso e de grande alcance para as igrejas. Uma das questões que se colocam é como ajudar as práticas ecumênicas e populares e reverterem para dentro das estruturas confessionais e principalmente para as congregações locais, quase sempre não-ecumênicas. Caso isso não aconteça, o movimento ecumênico não terá alcançado o desenvolvimento necessário. Organismos ecumênicos e igrejas podem juntos avaliar como dar esse passo adiante.

Na construção do projeto ecumênico para os próximos anos, igrejas e organismos ecumênicos têm que incentivar a complementaridade de suas perspectivas e estreitar a colaboração no espaço comum. Não se trata de algo fácil ou simples expressão retórica. Há fortes barreiras a serem derubadas, mas os sinais dos tempos estão impelindo os protagonistas do movimento ecumênico a se encontrarem e a trabalharem juntos.

##### *5. Contribuição à reflexão bíblico-teológica*

Este é um grande campo de enriquecimento mútuo entre centros ecumênicos e igrejas. Não se trata nem de duplicidade, nem de competitividade nesse campo. Os organismos ecumênicos, pela sua natureza, podem-se constituir em um fecundo fórum bíblico-teológico. Pela sua possibilidade de envolvimento mais livre com as questões populares, aprofundam, ecumenicamente, o significado que assume a fé e a doutrina na medida em que refletem bíblica e teologicamente as lutas e as dores do povo. Podem-se constituir em inspirações e em positivo questionamento às próprias elaborações da teologia clássica e confessional. São locais em que se ensaiam novos passos para a explicitação da fé cristã das pessoas que vivem a dinâmica social do nosso continente.

Na perspectiva da leitura e interpretação bíblica, as experiências vão demonstrando o quanto se tem avançado quando essa prática se efetua

ecumenicamente. Os centros bíblicos, as publicações em conjunto de diversas confissões sobre a interpretação da Bíblia, a apropriação da Bíblia pelo povo são sinais muito evidentes da riqueza inesgotável da colaboração ecumênica nesse campo de trabalho.

Essas constatações não querem indicar que se caminha para substituir o papel das igrejas na reflexão bíblico-teológica pelos organismos ecumênicos. De forma alguma. É questão fundamental para as igrejas o aprofundamento, o maior possível, com seus quadros, dos princípios da sua fé e da sua doutrina. A elas cabe o trabalho básico insubstituível e, inegavelmente, possuem já ampla estrutura para fazer isso em larga escala e com competência. Também é inquestionável que o acesso ao povo das igrejas se faz por intermédio das congregações locais, e isso é tarefa que cabe, primordialmente, às igrejas executarem.

O estágio, que em nosso continente o movimento ecumênico começa a desenvolver, leva à compreensão madura da riqueza da experiência que essa atuação conjunta está trazendo. O processo de aprofundamento da Teologia da Libertação, fruto da reflexão da prática pastoral popular, portanto da ação das igrejas, junto com o debate mais aberto e ecumênico efetuado nos organismos teológicos, é um belo exemplo concreto de quanto podemos avançar na colaboração, transparente e franca, entre igrejas e organismos ecumênicos. Tudo indica que, quando essas posições se tornam claras, tensões e desconfianças desaparecem.

#### *6. Os compromissos com os desafios*

Em nosso continente, é impossível não tomar posição diante da dramática situação por que passa a grande maioria dos nossos países. As igrejas são chamadas a participar, como protagonistas significativos, no confronto de posições que a conjuntura sociopolítica apresenta. Felizmente, setores significantes de nossas igrejas têm tido a coragem de se colocar decisivamente ao lado dos setores populares. Há outras, entretanto, que por diversas razões, ainda não compreenderam que é impossível a posição de neutralidade ou de não envolvimento nesse confronto em que se vive. Algumas têm sido cooptadas por intenções contrárias aos direitos do nosso povo por meio de bem articulados mecanismos ideológicos. Uma coisa, entretanto, está fora de dúvida: o peso político e social que as igrejas desempenham e irão desempenhar na construção da nova sociedade que está emergindo é bastante decisivo.



Os organismos ecumênicos também fazem parte desse processo e são agentes importantes dele. Portanto, movimentos populares, igrejas e organismos ecumênicos devem atuar unidos na causa comum. É preciso ficar claro que, apesar de confluentes, as atividades desses protagonistas conservam características próprias. Os movimentos populares, naturalmente, são a força-mestra e hegemônica do processo. As igrejas contam com as suas pastorais próprias, com uma presença física e direta nos diversos campos políticos da conjuntura (operários, camponeses, indígenas, etc) e com o prestígio, a força e a legitimidade da instituição eclesiástica. Aos organismos ecumênicos cabe a importante tarefa de apoiar e subsidiar a ação das igrejas e dos movimentos populares: de possibilitar uma reflexão crítica das práticas efetuadas, de enriquecê-las confrontando-as com outras experiências e de oferecer novas categorias referenciais para fazer avançar essas atividades. Geralmente, esses organismos possuem mais facilidade de contar com pessoal capacitado nas áreas das ciências sociais, não somente com sólida formação acadêmica, mas também com explícito compromisso social, o que favorece uma atividade de assessoramento. Deve-se ainda considerar que essas entidades ecumênicas têm, pela sua própria natureza, mais liberdade de ação, o que lhes possibilita atitudes mais rápidas e imediatas.

A questão do trabalho conjunto diante dos desafios sociais é uma das marcas do projeto ecumênico que se está delineando para os próximos anos. A compreensão da sua totalidade, onde há lugar e trabalho para todos, é sinal de amadurecimento necessário, onde não há lugar para competitividade, nem estéreis disputas de poder.

### *7. A desafiante questão da assessoria*

Alvo de muita discussão e questionamento é o papel de assessoria que os organismos se propõem a prestar às igrejas. Esse tema tem sido debatido, constantemente, nos últimos anos. Não é fácil estabelecer o exato limite da atuação dos assessores. Eles não substituem os sujeitos próprios da ação. Não são também simples legitimadores das pastorais. Torna-se impossível exigir deles uma imaginária posição de neutralidade. Devem ser capazes de levar os grupos a refletirem criticamente os próprios trabalhos. Isso, muitas vezes, incomoda certas autoridades eclesiásticas e mesmo estruturas de poder mais institucionalizadas. Por oferecer outras categorias de análise, oriundas de saber não próprio das igrejas, para julgamento e crítica das ações pastorais, muitas vezes produzem tensões e desgastes. É, entretanto,

trabalho indispensável, a ser exercido com liberdade, mas também com a profunda sensibilidade de respeito à autonomia dos movimentos populares e à dinâmica das pastorais.

O diálogo fecundo entre as ciências sociais e a teologia é serviço importante que os organismos ecumênicos podem prestar. Essa troca é fundamental, tanto para os agentes de pastoral como para os assessores com formação mais ligada às universidades. As tensões têm aparecido, mais frequentemente, quando os portadores das categorias científicas pensam poder esgotar, com seu saber, todo o complexo social onde as igrejas atuam, e encontrar motivações e legitimações em outras fontes, além da ciência e da política. Também a atitude contrária é prejudicial – tornando-se impossível a compreensão dessas práticas somente com os elementos da fé e com a leitura da Bíblia. A complementaridade de ambas as vertentes enriquecerá a prática e evitará disputas e pretensões sem sentido.

Há, também, uma gama enorme de serviços que os organismos ecumênicos prestam às igrejas, tais como publicações, documentação, produção de material pedagógico (audiovisual, por exemplo), seminários de debates sobre temas de interesses relevantes (dívida externa, reforma agrária, questão indígena, por exemplo), pesquisas, etc., que ampliam os fundamentos das pastorais.

A postura dos organismos ecumênicos, como órgãos de apoio, assessoria e serviço, torna-se absolutamente positiva, pois, dessa forma, suplementam e inspiram as práticas das igrejas, ganhando-lhes a confiança e ampliando, por sua vez, o poder de influência.

#### *8. Registro das práticas pastorais e elaboração de memórias*

Preocupação cada vez mais acentuada nos organismos ecumênicos é a do registro sistemático das práticas pastorais mais significativas e dos grandes eventos ecumênicos. É a constante valorização da história da eclesialidade do nosso continente. Pode-se mesmo afirmar que é um reescrever sobre a presença e a participação de grupos de cristãos na vida dos povos latino-americanos e caribenhos. Esse trabalho requer, além de certa independência, pessoal especializado, infraestrutura básica moderna (microfilmagens, computadores, etc), recursos financeiros, possibilidades de acesso a fontes diversas, contato com variadas experiências, etc. As igrejas, devido ao seu próprio ritmo e ao grande número de preocupações, muitas vezes não podem dedicar a esse tipo de trabalho os bastantes esforços que ele requer.

A elaboração dessas memórias é contribuição relevante para os departamentos de história e seminários teológicos das diversas confissões; elas servem como instrumentos eficazes de socialização de práticas pastorais, material de estudo e reflexão e documentação indispensável para o movimento ecumênico.

Está claro que não se trata de substituir os departamentos de história das igrejas, mas de alargar e enriquecer esse labor, o qual, ultimamente, está sendo mais incentivado no nosso continente.

Certamente haveria outras questões e desafios nesse relacionamento entre organismos ecumênicos e igrejas. Foram apontados alguns para abrir o diálogo que muito poderá colaborar para aproximação dos anseios da Igreja e do povo.

### *III. Organismos ecumênicos e movimentos populares*

Na desafiante conjuntura do nosso continente, onde, apesar de todas as dificuldades, a mobilização e a organização de amplos setores populares vão-se tornando mais densas e estruturadas, não se pode conceber que organismos que propugnam pela unidade do povo não estreitem, cada vez mais, suas relações com esses movimentos populares.

Há mesmo uma intenção de se fazer do espaço ecumênico um espaço popular, um lugar onde se expressam as aspirações, a vida, os avanços e os recuos dos setores populares. A afirmação extraída de um seminário informal sobre ecumenismo realizado na América Latina em 1984 explicita essa intenção claramente: “O movimento ecumênico aporta ao movimento popular duas dimensões, mais exatamente lhe devolve e lhe propõe, desde a prática evangélica e desde a experiência de fé, dois objetivos e dimensões consubstanciais ao projeto popular, sua vocação protagonista à UNIDADE E À UNIVERSALIDADE”.

Naturalmente a concretização dessa intenção não se faz sem tensões e equívocos produzidos, tanto pelas organizações ecumênicas como pelos movimentos populares. Tornar essas tensões transparentes, abrir amplo diálogo sobre elas e buscar caminhos para ultrapassá-las são exigências a que não se pode furtar na atual conjuntura latino-americana e caribenha. Para abrir a discussão serão apontados a seguir alguns desses desafios e questionamentos.

### *1. Direção e articulação dos movimentos populares*

Alguns organismos ecumênicos ou entidades de assessoria têm demonstrado, às vezes, a tentação de se constituírem em instância que pretende oferecer linhas de atuação e de articulação dos movimentos populares. Essa pretensão não encontra respaldo nem no projeto político novo que se está construindo, nem na própria dinâmica das lutas em que os movimentos populares estão envolvidos.

O ritmo, a pedagogia, as prioridades dos movimentos populares são basicamente decisões deles próprios. Não precisam de tutores, por mais bem intencionados que sejam. Não significa, entretanto, a dispensa da colaboração de outros atores comprometidos com suas lutas. O apoio, a reflexão crítica, a sistematização das experiências, as sínteses teóricas extraídas das suas práticas, a visão ecumênica do processo são elementos indispensáveis aos movimentos populares. Isso não significa, de forma alguma, o poder de direção ou a instância de articulação.

A correta compreensão dessas posições exige discernimento político de ambas as partes: dos movimentos populares e dos organismos ecumênicos. A questão torna-se ainda mais evidente quando se discutem aspectos mais globais do processo. A preservação da autonomia dos movimentos populares, a compreensão dos diversos ritmos dos segmentos sociais, a clarividência de entendimento das ênfases distintas priorizadas pelos variados componentes do mesmo processo vão proporcionar aos organismos ecumênicos uma posição, não de subordinação, mas de serviço e cumplicidade solidária com os movimentos populares.

### *2. Saber científico e saber popular*

Já se têm elaborado reflexões, quase exaustivas, sobre essa temática. Ultrapassou-se a concepção antiga de que o saber era privilégio de certa elite, que deveria transmiti-lo ao povo inculto e necessitado dessas informações. A questão que se coloca é como se fazer a aliança madura, sem subordinações, entre o indispensável saber acumulado pela academia e todo o saber, também inquestionável, que emerge da prática das organizações populares.

Os organismos ecumênicos possuem, pela sua composição e natureza, maior disponibilidade de pessoal portador de um saber acadêmico comprometido e a serviço das lutas populares. Essa dupla peculiaridade – saber e compromisso – possibilita a esses organismos se tornarem em um

dos espaços privilegiados de concretização dessa aliança. A discussão do chamado intelectual orgânico, difícil e complexa, aparece como algo a ser aprofundado, tanto do ponto de vista teórico como prático.

Os movimentos populares, mais densamente organizados e com perspectiva política amadurecida, têm reagido com intensidade, ultimamente, a certa tentativa de hegemonia dos considerados intelectuais no delineamento de sua estratégia de ação. Essa tensão poderá levar a uma radical posição basista que também não possibilitará avanços concretos no processo. A complementaridade das perspectivas será necessária para a eficácia da luta popular. Constitui-se, portanto, em um desafio, atual e permanente, estabelecer, de forma correta e transparente, os limites e os termos dessas relações.

### *3. A importância da documentação e das memórias*

No capítulo referente às igrejas comentou-se a importância desse serviço. Tratando-se da colaboração com os movimentos populares, ele cresce de importância e amplitude. Os organismos ecumênicos têm dedicado parte dos seus esforços à importante tarefa de acumular e sistematizar informações e interpretações sobre os diversos aspectos das conjunturas nacional e continental, assim como documentar as lutas e a história dos movimentos sociais. Muitos se estão instrumentalizando modernamente, com computadores, vídeos, etc, para, com mais rapidez e eficiência, processar e transmitir essas informações. Existe, sem dúvida, nesse campo, um grande acervo acumulado nas organizações ecumênicas.

Também, nos últimos anos, aumentou, em muito, a valorização da publicação das memórias dos movimentos sociais, assim como documentação que retrata a dinâmica e os objetivos das lutas operárias, camponesas, indígenas, etc. São notórias as publicações que denunciam fundamentalmente torturas, assassinatos no campo, invasões das terras indígenas e todos os aspectos relacionados às infringências dos direitos humanos. É incontestável o significado desses serviços que apresentam salto qualitativo impressionante nos últimos anos. Além do fornecimento cuidadoso de dados, oferecem-se elementos interpretativos que se têm transformado em instrumentos de luta para os setores populares. As matérias publicadas sobre a dívida externa podem ser um exemplo marcante, entre muitos, do valor que esse serviço está alcançando.

Há, entretanto, algumas questões de outro tipo que se estão colocando. Como dinamizar esse tão grande número de dados para que não se transforme num rico depósito inerte? Como aumentar o acesso dos movimentos populares a esse acervo? Como poderiam ser elaboradas as memórias dos movimentos sociais de forma a aumentarem a socialização dos seus próprios participantes em todas as etapas da produção? E como fazer chegar toda essa documentação, em linguagem fácil e acessível, às organizações populares? Como incentivar a compreensão dos movimentos sociais sobre a importância da documentação e da história das suas organizações? Perguntas como estas estão colocadas para os grupos ecumênicos, na medida em que aperfeiçoam seus serviços de documentação e ampliam seus órgãos de divulgação.

#### *4. Reflexão crítica das práticas sociais*

A dinâmica do movimento social, a rapidez das mudanças nas conjunturas nacionais, a crescente complexidade da realidade continental, a intrincada combinação e correlação de forças sociais estão exigindo atividades e decisões imediatas dos movimentos populares que, muitas vezes, não têm tido tempo e espaço suficientes para madura reflexão crítica de suas práticas. É mesmo comum encontrarem-se em situações de perplexidade diante de desafios e conjunturas tão diversas e singulares.

Nesses momentos, os organismos ecumênicos podem desempenhar tarefa imprescindível: facilitar espaço próprio para, com certo recuo, refletir criticamente as práticas populares que se vão desenvolvendo nessas conjunturas. Os assessores, realmente engajados e comprometidos com os movimentos populares, podem ser instrumentos úteis na sistematização e na avaliação dessas práticas. Certamente não cabe a eles atitude de avaliadores do movimento social, mas aliados na construção de uma visão mais totalizante do processo a fim de que os próprios movimentos populares possam definir melhor sua estratégia de luta.

#### *5. Formação de quadros*

O crescimento dos movimentos populares, as exigências de criação de uma série de novas estruturas (centrais sindicais, institutos de formação, novos sindicatos, movimentos camponeses e indígenas, exigências de participação política, etc.), o crítico momento socioeconômico que o Continente atravessa fizeram aumentar, de forma acelerada, a demanda de quadros

populares para atender a essa nova conjuntura, com o preparo necessário para enfrentar os novos desafios que o momento atual apresenta.

Conscientes da necessidade de ampliar os seus quadros e aperfeiçoar os já existentes, os movimentos populares passaram a desenvolver programas intensivos de formação, com a criação de estruturas e programas para atender tal finalidade. Esbarram então na deficiência de quadros formadores para completar os seus objetivos. Diante de tal questão, os organismos ecumênicos podem desempenhar papel importante, não só por meio de iniciativas próprias, mas abrindo disponibilidades do tempo dos seus assessores para atender às iniciativas dos movimentos populares. Discernimento e maturidade política dos organismos de apoio são exigidos para que compreendam que não são substitutos indispensáveis dos programas de formação dos movimentos populares, mas instâncias de apoio à consecução desses serviços.

#### *6. O difícil uso dos recursos*

Inegavelmente há maior acesso por parte dos organismos ecumênicos a fontes de recursos financeiros, principalmente os de ordem internacional. Sua institucionalização mais sólida, confiabilidade ante as agências de colaboração ligada às igrejas, maior competência técnica em elaborar programas e projetos, folha de serviços conquistada no decorrer de muitos anos, raio de ação atingindo ao mesmo tempo igrejas e movimentos populares lhes oferecem maiores possibilidades de conseguir recursos financeiros, contar com pessoal mais bem qualificado academicamente e dispor de boa infraestrutura de serviço. A conjunção desses elementos pode levar as entidades ecumênicas a se constituírem em fortes estruturas de poder. Naturalmente tal realidade pode conduzir a desvios e servir de instrumento de controle e manipulação. Também há o perigo de, em não havendo dependência de recursos provenientes dos próprios movimentos sociais nacionais, tais organizações terem tal autonomia na gestão dos seus recursos, que a participação dos sujeitos efetivos dos seus campos de atuação nas suas instâncias de decisão seja quase nula. Para evitar tal risco, os organismos ecumênicos precisam estar constantemente atentos e criar mecanismos a fim de evitar tal situação.

As exigências de um uso correto, sob todos os aspectos, dos recursos, de forma transparente, dá autoridade e legitimidade aos organismos ecumênicos. Não se pode transigir, em nenhum momento, nesse aspecto. Sem

tomar uma posição de falso moralismo e sem ingenuidade, a relação dos organismos ecumênicos com as agências financiadoras precisa ser discutida com maturidade política e realismo, para evitar dependência e criar sadios laços de colaboração.

Muitas vezes, movimentos e lideranças populares consideram os organismos ecumênicos como simples fontes repassadoras de recursos, sem entender a importância e o real significado do serviço que eles podem prestar ao movimento social. Essa mentalidade tem-se propagado em alguns setores e não facilita o frutífero trabalho comum. O perigo da instrumentalização, de uma parte ou de outra, precisa ser superado.

### *7. Aliança: movimentos populares e academia*

As extremadas posições basistas e intelectuais, que diferenciavam certos grupos populares e de serviços, vão sendo ultrapassadas pela própria dinâmica social. A maturidade crescente e a densidade de organização e de perspectiva política que vêm alcançando certos movimentos populares vão-lhes dando a natural hegemonia na condução do processo de luta por um novo projeto social. Isso, entretanto, não significa que a colaboração, e mesmo a aliança com os atores intelectuais comprometidos com a sua causa, possa ser dispensada. Pelo contrário, dita aliança é fator indispensável ao processo e alcança a categoria de aliados preferenciais. Os organismos ecumênicos podem ser o elo privilegiado entre as universidades, centros de pesquisas e os movimentos populares, porque, possuindo nos seus quadros elementos provenientes das academias científicas e teológicas com o seu saber comprometido e a serviço das causas populares, direcionam a pesquisa e a reflexão no sentido de subsidiar a ação dos movimentos populares. A transparência dessa situação colocará no devido lugar a relação justa que deverá ser alcançada nessa aliança, tão necessária e urgente.

### *8. Intercâmbio de experiências*

O movimento ecumênico tem acumulado experiências, no decorrer da sua história, de comprometimento com a justiça e com a paz, passando necessariamente pelo apoio aos movimentos populares. Pela sua própria natureza, tem possibilidade de ter visão mais global do processo social e das correlações internacionais. Pode-se constituir-se em canal inestimável de solidariedade e de intercâmbio. A sua infraestrutura e o conjunto de relações que estabelece facilitam-lhe essa tarefa. O uso adequado dessa situação de privilégio



e o favorecimento dos recursos que possui para os movimentos populares são desafios que estão presentes a cada momento. Na América Latina e no Caribe, os organismos ecumênicos devem-se tornar, cada vez mais, em um espaço, sem nenhuma pretensão de tutela, onde os movimentos populares possam com liberdade refletir suas práticas e estreitar os laços de unidade e solidariedade. O movimento ecumênico deve-se transformar num espaço popular, colaborando para se tornarem concretas dimensões fundamentais do projeto popular – a sua vocação à unidade e à universalidade. Proporcionando esse local de troca de experiências, ajuda a superar diferenças superficiais e ampliar o horizonte de luta, colocando-a em escala universal, sem desprezar as conjunturas locais e nacionais.

#### *IV. Relações entre os próprios organismos ecumênicos*

A conjuntura sociopolítico-econômica e eclesial do Continente está exigindo, atualmente outra postura por parte dos organismos ecumênicos comprometidos com os setores populares e com as igrejas. A articulada reação neoconservadora contra os avanços populares, que atinge também consideráveis setores eclesiais e usa grandes recursos pessoais e financeiros, além da instrumentalização dos meios massivos de comunicação social, desafia o movimento ecumênico para ação mais coordenada, com laços e mecanismos de solidariedade mais ágeis e eficazes.

Pode-se, entretanto, notar, como sinal de pujança do avanço do ecumenismo na América Latina Caribe, a existência e a consolidação de diversos órgãos ecumênicos que, com firme fundamentação teológica e comprovado compromisso social, adquiriram credibilidade e respeito entre as igrejas e movimentos populares. A existência e crescente importância do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) é um desses sinais mais evidentes.

Não se pode também ocultar que, apesar da maturidade que esses organismos vêm alcançando, há, nas próprias regiões onde atuam, certo isolamento entre eles e dificuldades para ações mais coordenadas. A nova etapa do projeto ecumênico, para a próxima década, está exigindo que se repense outro tipo de mecanismos de articulação dos organismos ecumênicos entre si.

##### *1. Convergência de objetivos comuns*

A prática ecumênica que se vem desenvolvendo nos últimos anos, enfrentando situações extremamente duras, políticas e eclesiais, foi decantando certos propósitos subalternos de ordem personalista ou de interesses grupais

existentes nos próprios organismos ecumênicos. As intenções superiores foram-se tornando mais claras e configuraram a hegemonia dos elevados propósitos que hoje se pode observar nesses organismos. São evidentes alguns pontos que balizam as atividades dessas entidades atualmente:

- a construção de uma nova sociedade passa, inevitavelmente, pelo estabelecimento de novas estruturas sociais que garantam a igualdade, a justiça e a paz;
- a solidariedade com os pobres e oprimidos exige ação mais articulada e estabelecimento de canais de comunicação mais ágeis;
- a concepção de ecumenismo alcançou outros níveis e não se pode constituir num simples diálogo entre igrejas ou entre cristãos. A compreensão do movimento ecumênico como espaço de serviço ao movimento popular exige que se passe da intencionalidade ou da elaboração programática para uma real renovação dos estilos de trabalho, das formas de organizações e dos conteúdos, para que se possa concretizar uma proposta ecumênica que corresponda ao avanço das forças populares. A consolidação desse compromisso modifica substancialmente a concepção e a prática ecumênicas, as quais ultrapassam os esforços pela unidade das igrejas e objetivam a unidade do povo, em última instância;
- a participação popular em todos os níveis de decisão, incluindo o eclesiástico, e a autonomia dos movimentos populares são pilas para a construção da democracia no Continente. Os organismos ecumênicos, de forma alguma, podem se erigir em seus articuladores ou coordenadores, mas devem estar a serviço da consolidação desse processo democrático;
- a integração dos países subdesenvolvidos para o enfrentamento comum das fortes articulações dominadoras dos centros de poder do Norte exige uma discussão política madura e profunda, sem falsos romantismos e com o conhecimento das grandes diferenças nacionais e regionais. Esse grau de discernimento político está possibilitando intercâmbios fecundos que permitem compreensão mais global do processo político que se vive;
- as novas concepções teológicas e a hermenêutica bíblica, a partir do lugar dos pobres e oprimidos, romperam preconceitos confessionais e possibilitaram bases comuns para atividades eclesiais e para alicerçar compromissos sociais;
- o enfrentamento da ofensiva dos grupos reacionários de direita, tanto no nível político como no religioso, assim como o desmascaramento

da ideologia neoconservadora, obrigam a esforços conjuntos e à ultrapassagem de certos preconceitos e receios de competição entre os organismos ecumênicos.

Naturalmente se poderiam agregar outros elementos de convergência, os quais variam de ênfase e de regiões, assim como da natureza específica dos próprios organismos ecumênicos. O objetivo principal deste estudo é abrir o debate para enriquecer a sistematização desse pensar e a construção de propostas básicas comuns.

## *2. Novas formas de colaboração*

Algumas experiências de articulação entre organismos ecumênicos que tiveram eficácia no passado estão atualmente ultrapassadas. Foram significativas em determinado momento histórico e agiram com autenticidade e realismo. Suas estruturas correspondiam às necessidades iniciais do movimento ecumênico e aos desafios da época. Com o intuito de provocar o debate que se faz necessário, atualmente, podem-se indicar algumas pistas que se estão experimentando de novas formas articuladoras:

### DIMINUIÇÃO DAS ESTRUTURAS BUROCRÁTICAS E DO PODER DE DECISÃO DAS ENTIDADES DE ARTICULAÇÃO ECUMÊNICA DE NÍVEL REGIONAL

Felizmente essa tendência vai ganhando força no Continente e as antigas estruturas vão-se despidendo do poder de manejo e de manipulação de fundos econômicos e do delineamento de orientação para grupos nacionais. O respeito e o incentivo à autonomia, tanto programática como financeira, dos grupos relacionados com essas atividades vão-se tornando uma constante e produzindo excelentes resultados.

### FORMAÇÃO DE ESPAÇOS DE ENCONTRO, DE INTERCÂMBIO E DE SOLIDARIEDADE

A tônica atual é de se propiciarem foros de debate e de discussão; espaços para avaliação coletiva tanto das práticas como das interpretações conjunturais; momentos de consolidação de formas novas e mais eficazes de intercâmbio; criação de redes que possibilitem atividades comuns e que alicercem laços de solidariedade; e realização de encontros e seminários nos quais se sistematizem práticas e se aprofundem reflexões teóricas. Esse novo estilo está exigindo estruturação muito mais leve e ágil, convivência aberta e transparente, que eliminem políticas pessoais e lutas pelo poder.

#### TRABALHO COMUM BASEADO EM TAREFAS CONCRETAS

As possibilidades de articulações atingem agora novo patamar de trabalho comum. Não se baseiam mais nas estruturas burocráticas ou em grandes assembleias. Esse novo estilo de colaboração passa a ser válido, também, para os organismos ecumênicos em sua atuação em nível nacional.

Para se quebrar o isolamento que ainda persiste entre organismos ecumênicos, com resquícios de competitividade, o encaminhamento que se está apresentando é a colaboração em práticas concretas, sobre temas comuns. Não se trata mais de propor cooperação com fundamentações abstratas, baseadas em princípios gerais ou na obrigação das boas relações. A conjuntura exige atividades determinadas com clareza política e teológica e construídas sobre práticas concretas, em torno de problemas comuns, tais como a questão da terra, da dívida externa, etc. O importante deixa de ser o fortalecimento dos nossos grupos ou de determinada articulação ecumênica, mas de objetivos dos movimentos populares e do avanço na busca da unidade das igrejas e do povo.

#### *3. Construção de uma visão de totalidade e de laços de solidariedade*

Um dos imperativos de melhor e mais estreito relacionamento entre os organismos ecumênicos nos âmbitos nacional e regional reside na possibilidade de enriquecimento da visão política da conjuntura que atualmente se vive. Hoje, cada vez mais, os mecanismos de dominação são de alcance internacional. As economias se transnacionalizaram, os meios de comunicação ultrapassaram fronteiras e a geopolítica possui estratégias amplas. Os organismos ecumênicos, pelas facilidades de encontro que as suas relações lhes permitem, podem, mediante análises conjuntas, ir construindo uma visão do processo político e eclesial com mais abrangência, intercambiando os resultados de suas pesquisas e reflexões e responsabilizando-se por compartilhar essa visão mais completa com os atores políticos com que estão comprometidos.

Também, esses organismos podem constituir-se em rede privilegiada de solidariedade continental. A infraestrutura que já possuem (algumas modernamente aparelhadas), os recursos financeiros e de pessoal de que dispõem, a considerável quantidade de órgãos de comunicação que utilizam, os acervos acumulados de informações, etc. colocados a serviço dos objetivos comuns, são instrumentos inestimáveis de transmissão efetiva de

solidariedade e possibilidades concretas de exercê-la. Não se pode conceber o isolamento dos organismos diante do momento político que se atravessa. A luta pelos direitos humanos e pela dignidade da vida é exemplo inquestionável da exigência da ecumenicidade nesse campo de atuação.

#### *4. Identidade dos grupos e transparência das relações*

A complexa dinâmica do processo social foi exigindo que os organismos ecumênicos se diferenciassem em suas ênfases, estilos de trabalho e campo político de atuação. Alguns têm programas amplos e outros se restringiram a certos segmentos sociais ou problemáticas específicas. Essa riqueza de variedades não necessita ser quebrada. O que se está superando é o espírito de concorrência e a pretensão da exclusividade de atuar num determinado setor social e eclesial. Afinal, a percepção de totalidade do processo faz com que esses limites sejam cada vez menos rígidos e que a problemática social seja cada vez mais comum a todos os setores oprimidos. A manutenção de identidade não pode significar nem isolamento, nem exclusivismo, mas competência e sensibilidade apurada para atuar com eficiência em determinado campo social.

O elemento básico para o estreitamento das relações é a transparência das atitudes e a clareza dos objetivos que se quer alcançar com essas relações. Comportamentos com motivações dúbias, acordos políticos que encobrem diferenças fundamentais, competição pelo poder, instrumentalização de relações pessoais, políticas e eclesiais, uso de outros recursos desse tipo, foram vencidos pela própria pequenez; atualmente, a franqueza, as explicitações das diversas perspectivas e a limpidez das relações estão abrindo caminho salutar nas relações ecumênicas.

O alargamento da colaboração, a complementação dos esforços, a perda da auto-suficiência, a busca de práticas concretas comuns correspondem à resposta madura que os organismos ecumênicos, em conjunto, podem dar ao novo sujeito histórico que emerge no nosso continente.

#### *V. Inter-relacionamento igrejas, organismos ecumênicos e movimentos populares*

Com as novas posturas de muitas igrejas, com a consolidação dos organismos ecumênicos e com o avanço dos movimentos populares, o inter-relacionamento dessas três forças, atualmente, parece ser o desafio maior, repleto de esperanças, que merece ser incentivado. É conjugação nova de

três importantes protagonistas sociais, com peculiaridades diversas, mas com objetivos comuns, alicerçados no compromisso de construção de uma nova sociedade, mais igualitária e justa.

A conjunção desses esforços poderá fazer avançar mais rapidamente o processo social. O encontro desses protagonistas se dá a cada passo nas suas práticas comuns. Há inter-relações inevitáveis e que podem ser extremamente enriquecedoras. O cuidado para não extrapolar a atuação de cada um desses grupos constitui-se em questionamento novo, que exige discernimento político de seus atores. Nos momentos de crises e de avanços dos movimentos sociais, tal cruzamento é local privilegiado para se mostrar o real sentido do movimento ecumênico.

A dinâmica da conjuntura social, que com certa rapidez apresenta situações diversas, exige constantes análises e avaliações por parte desses interlocutores, a fim de evitar extrapolações de seu agir que poderão causar desvios e desgastes. A relação estreita da vocação ecumênica e da vocação histórica do movimento popular não se equaciona com tanta facilidade. A busca da luta pela hegemonia do processo pode aparecer e é necessário se ter claro, sem cair em reducionismo, que o objetivo final da proposta ecumênica é a unidade dos movimentos populares e a eles é que cabe a condução do processo.

#### *VI. Uma palavra final*

Este documento tem como finalidade sistematizar, ainda que de forma incompleta, as questões e desafios que se apresentam ao movimento ecumênico no campo das inter-relações dos seus componentes principais. É material para abrir as discussões entre grupos participantes do Encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos, a realizar-se em Quito, de 19 a 23 de junho de 1988, sob o patrocínio do Clai. Considera-se que o seu único valor é o de abrir a discussão, para ser corrigido e ampliado, à luz da prática concreta de tantos grupos que serão protagonistas de evento ecumênico tão significativo.



# *As características pedagógicas dos colégios protestantes e as categorias ideológicas do liberalismo\**

*Essas ideias que correspondiam ao tipo de vida e de educação na América vinham marcadas do espírito protestante no que tem de essencial, e um de cujos traços característicos é um sentimento muito vivo da liberdade, livre exame, liberdade de consciência, de crítica e de discussão. Se a esse traço fundamental se acrescentar o do individualismo que lhe está intimamente ligado (e o protestantismo representa a concepção individualista do cristianismo), poder-se-á compreender melhor a força com que esses princípios lhes penetram suas concepções políticas e educacionais, dando-lhes o tom, o estilo e a direção que lhe são peculiares.*

Fernando de Azevedo, *Uma interpretação do Instituto Mackenzie* (São Paulo: Instituto Mackenzie, 1960)

## *Introdução*

As reflexões que se seguem são fruto de uma pesquisa sobre os colégios protestantes no Brasil, principalmente no período de 1870-1940, fase em que a prática educativa deles é considerada importante à educação brasileira. Os colégios pesquisados mais profundamente – Instituto Mackenzie, Colégio Batista do Rio de Janeiro e o Instituto Bennett de Ensino – eram provenientes das denominações históricas do protestantismo por representarem elas, no período, o esforço mais significativo de penetração e expansão dessa versão religiosa do cristianismo – o protestantismo – no Brasil.

O material pesquisado – estatutos das instituições, os catálogos e anuários, a organização curricular, a forma de distribuição das matérias escolares, discursos de diretores, artigos de professores, filosofia da edu-

---

\* Publicado na Revista *Cristianismo y Sociedad* (No 107, Buenos Aires, 1991) e extraído do livro *Prática Educativa e Sociedade* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976)



cação, ênfases pedagógicas, relação educação e religião, relatos históricos, jornais da época, entrevistas com diretores, professores e ex-alunos, etc – só alcançou significação plena na medida em que foi interpretado dentro de um marco de referência mais amplo do que o da prática educativa, isto é, quando encarados dentro da perspectiva da versão ideológica que representam: liberalismo e protestantismo norte-americano, no momento histórico estudado.

Assim sendo, comprova-se a hipótese de que somente é possível entender a prática educativa na sua totalidade no momento em que é relacionada também com a teoria global da sociedade da qual é parte. No caso específico deste estudo, tenta-se ainda mostrar, numa perspectiva dialética, a influência que uma determinada prática educativa *exerce sobre e recebe da* prática educativa já existente e da sociedade em que se instaura. As características da prática educativa dos colégios protestantes, quer ao nível de reflexão, quer ao de propósitos, são relacionadas, portanto, como os princípios básicos do liberalismo.

### *1. Os princípios educacionais*

a) Aparece claramente nos documentos examinados a fundamentação cristã, como base de princípios educacionais dos colégios protestantes. Ressalta-se também que esse fundamento cristão é entendido sob a perspectiva própria da Reforma, acrescida no caso em estudo das *nuances* do pietismo.

Mas como devem se expressar esses princípios cristãos se a versão ideológica na qual eles estão envolvidos não permite uma imposição de credo e apregoa a liberdade e consciência? Essa combinação de proselitismo e liberalismo trouxe uma série de ambiguidades e controvérsias para os responsáveis por esses colégios. Há necessidade de se utilizar o instrumento da educação como elemento auxiliar da evangelização e forma de aquisição de respeitabilidade (importante para um grupo minoritário), ao mesmo tempo em que a coerência da posição ideológica liberal não deve ser quebrada pois, entre outros objetivos, também é importante o de atrair aspectos da sociedade considerados destacados para receberem a nova influência de que o protestantismo é portador. De certa forma, essa questão é nova para os missionários e educadores norte-americanos. Provenientes de um tipo de sociedade liberal com maioria protestante, ainda não se haviam defrontado com os problemas próprios da atuação numa sociedade cuja

religião dominante não era o protestantismo e que era regida por um tipo de liberalismo natural de um estágio mais atrasado do capitalismo.

A forma de conciliar essas ambiguidades é apresentar a religião “como base de uma vida digna, útil e patriótica” por meio de um sólido testemunho de seus professores e diretores, como “exemplo vivo” de moral cristã protestante e de caráter firme.

Não há, portanto, um proselitismo declarado como intenção no discurso, mas uma preocupação constante de que os ideais do cristianismo sejam percebidos e inculcados. É certo que nem todos os diretores conseguem realizar essa síntese, esse “arranjo”, e há colégios nos quais, em determinados momentos, a expressão concreta da prática não representa exatamente a coerência exigida, pendendo mais para a ênfase evangelizadora ou para a posição liberal. O “caráter cristão” é o ponto máximo a ser obtido, sem, no entanto, ferir-se o princípio da liberdade de consciência.<sup>1</sup>

b) Assim sendo, o princípio da liberdade deve fundamentar toda a educação. Ele aparece expresso muito claramente em todas as formulações doutrinárias e se consubstancia em algumas práticas.

Esse conceito de liberdade muito ao estilo liberal (o que constitui a humanidade de um homem é ser livre da dependência da vontade dos outros homens) é vivamente apresentado – a liberdade religiosa, política, de crítica, de discussão. Naturalmente isso vai contrastar com qualquer educação mais rígida e inflexível que possa existir no País.

c) Decorrente – o que é natural – do sentido que se dá à liberdade, a educação se centra no indivíduo. Parte-se do princípio de que os indivíduos têm escolhido livremente o curso que os conduz à sua atual situação. Os destaques na escola, e principalmente na vida, são obtidos por aqueles que mais se “esforçam”, que têm “força de vontade” e possuem um bom caráter. A sociedade vai se aperfeiçoando na medida em que tem indivíduos livres e úteis; a educação é esse instrumento privilegiado.

No momento em que as escolas frisam o individualismo, formam homens livres e independentes, aptos para atuar como cidadãos e profissionais

<sup>1</sup> No estudo efetuado foi possível constatar que determinados diretores tinham uma preocupação maior com o papel evangelizador que os colégios poderiam desenvolver do que outros, os quais, mais liberais, acentuavam primordialmente a importância da tarefa educativa. Os provenientes da denominação batista eram os que geralmente ressaltavam mais o papel evangelizador.

eficientes na sociedade e salvos do autoritarismo. Se além do espírito individualista ainda se consegue o reforço do cristianismo, então os cidadãos se contrapõem não somente ao autoritarismo mas também ao materialismo.

Os textos que afirmam o individualismo como um dos princípios básicos da educação são abundantes, frequentes e provêm de todos os colégios estudados. Nesse ponto a coincidência dos dois sistemas de ideias (protestantismo e liberalismo) é perfeita: um representa a versão individualista do cristianismo e o outro se fundamenta no pressuposto de que o indivíduo é essencialmente proprietário de sua pessoa. Essa combinação produz uma forte base para a educação que se tenta introduzir no Brasil.

d) Conseqüentemente, dentro dessas formulações, a educação é o instrumento mais eficaz para se alcançar o considerado tipo de governo ideal – a democracia. Esta é o resultado de indivíduos livres, independentes, fisicamente sadios, instruídos, de caráter são e de moral forte. Não podem coexistir democracia e ignorância. Os colégios se propõem a ensinar e aplicar a democracia, dentro da concepção que possuem. O modelo é a democracia liberal norte-americana, o que está afirmado enfaticamente nos documentos. Duas linhas convergentes aparecem: a atuação democrática que se faz mediante uma correspondente responsabilidade individual e a que é conseguida pela formação sólida do caráter dos alunos, como é declarado nos documentos analisados. Em alguns colégios ainda se apresentam as igrejas evangélicas (batista principalmente) como o exemplo perfeito do regime democrático.

e) Para que esses princípios sejam aceitos como fundamentais, há necessidade de sua comprovação, da verificação de seus resultados. A preocupação com a *eficiência* do ensino é um dado permanente. Os colégios devem estar invariavelmente na busca de métodos que assegurem a eficiência de seu trabalho. Para isso, todas as horas e oportunidades devem ser aproveitadas. Para essa eficiência ser completa, a escola deve se preocupar com o desenvolvimento do “indivíduo todo”, nos seus aspectos físico, intelectual e normal.

Mas como medir essa eficiência? Por meio do *sucesso* pessoal dos alunos. Aqueles que alcançaram o sucesso, não mediante privilégios, mas pelo trabalho, esforço e caráter, vão constituir a “elite verdadeira” do País. Trata-se de um tipo de elite que, pelo menos implicitamente o discurso

dos colégios parece reconhecer como não existente no País e a qual eles se sentem fortemente responsáveis em criar.

A educação deve estar voltada então “para a vida”, para atividades *úteis* e práticas: “Para o indivíduo (a educação) consiste em dar-lhe a experiência mais completa no presente, para que no futuro sua vida seja cheia de alegria, na consciência do poder e da utilidade”<sup>2</sup>; “(...) no sentido de oferecer um curso que a preparasse (a mulher) para uma participação mais inteligente, mais eficaz e mais esclarecida”<sup>3</sup>; “a educação deve ser julgada não tanto pelo que o homem possui em conhecimentos, mas sim pelo que é e pelo que faz”<sup>4</sup>. O pragmatismo passa a ser, então, um dos fundamentos da educação, muito de acordo com a filosofia educacional de Dewey.

Torna-se, portanto, muito comum e até natural, dentro dessa perspectiva, o orgulho com que os colégios apontam como comprovação da *eficiência* do seu ensino o *sucesso individual* alcançado pelos seus alunos, que têm *êxito* na vida, medida por bons empregos e altos postos de poder.

f) Baseados numa moral cristã, que se fundamenta na responsabilidade pessoal, alicerçada nos princípios da liberdade que desenvolvem integralmente o indivíduo, a educação, sendo eficaz, dirigida para a vida, proporciona êxito e sucesso para os seus alunos. Dessa forma é possível construir uma sociedade na qual o autoritarismo, a ignorância e a ineficiência devem ser substituídos pela democracia, pela instrução popular e pela eficiência.

Esses elementos conjugados trazem o *progresso*, que se consegue *evolutivamente* por intermédio do aperfeiçoamento contínuo das instituições, dentro do respeito e da ordem. Os textos são claros a esse respeito: “Creem no *progresso social*, mediante a regeneração individual, na democracia pura, na liberdade de consciência, na separação entre a Igreja e o Estado (...)”<sup>5</sup>; e ainda: “Há dois grandes fins últimos da educação que compreendem todos os fins subsidiários ou próximos, a saber: a edificação de personalidades perfeitas e o aperfeiçoamento da ordem social”<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> L. T. Hites, “O Objetivo da Educação”, in Revista Educacional (Rio de Janeiro: Collegio Baptista, Ano I, Vol. 1, 1924), p. 9.

<sup>3</sup> Prospecto do Instituto Técnico do Colégio Bennett (Rio de Janeiro: 1946), p. 6.

<sup>4</sup> Prospecto do Instituto Mackenzie (São Paulo: 1956), p. 1.

<sup>5</sup> J. W. Shepard, “Aspirações Educacionais da América Latina”, in *O Jornal Baptista* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1/11/1929), p. 12.

<sup>6</sup> J. W. Shepard, “Caracter da Educação”, in *O Jornal Baptista* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 14/2/1929), p. 5.

Assim sendo, a educação, como instrumento da sociedade (que é apresentada como a soma dos seus indivíduos), alcança os seus fins na medida em que, proporcionando instrumentos eficientes de sucesso para os indivíduos (vistos numa perspectiva integral), possibilita a construção de uma sociedade livre na qual o progresso é uma constância, dentro de linha segura e evolutiva. As ideias de evolução, de mudanças, de transformações, de modernizações, com a elevação social dos indivíduos, dentro da ordem e da hierarquia, que sem entrar em choque com o conceito próprio de liberdade que adotam, são traços marcantes dos seus princípios básicos, conforme mostram os textos.

Sem maior esforço pode-se concluir, portanto, que os princípios educacionais dos colégios protestantes, no período estudado, são o reflexo das categorias ideológicas do liberalismo norte-americano do final do século XIX e das primeiras décadas do atual, como o ingrediente peculiar das ênfases pietistas do protestantismo das igrejas históricas que se implantam no Brasil, recebendo da sociedade nacional elementos que não desfiguram, entretanto, seus fundamentos originais.

## *2. Ênfases pedagógicas*

Esses princípios básicos naturalmente vão impregnar, dar o tom e o estilo das práticas pedagógicas. O importante, agora, é verificar como se representam na forma concreta do ensino e na organização curricular:

a) Dentro do princípio liberal de que a sociedade e os indivíduos vivem num constante processo de aperfeiçoamento, a prática pedagógica deve ser a mais aberta e flexível. Todos os colégios se apresentam disponíveis para romper com o dogmatismo, com o espírito de rotina, com técnicas tradicionais e indicam atitude constante de pesquisa na busca de novos métodos de ensino que possam ser aplicados na sociedade em que estão situados. Não se trata, portanto, de um simples transplante de métodos modernos, mas de uma atitude renovadora dentro das circunstâncias concretas de trabalho.

O que trazem já é, de certa forma, inovador para a sociedade em que se implantam, pois resulta de um estágio de capitalismo mais moderno. Dentro do princípio da “evolução da sociedade”, nada é tão estável e tão definitivo – principalmente nas técnicas de ensino – que não possa ser substituído. Essas técnicas devem estar sujeitas sempre a avaliações e pron-

tas a atender aos reclamos da sociedade global que se está modificando constantemente.<sup>7</sup>

Verifica-se a preocupação constante de inovação, de pioneirismo e, assim, a garantia da posição de vanguarda, na educação, dos colégios protestantes. “A filosofia da educação, orientada no sentido das mudanças e acompanhamento do processo acelerado do mundo em que vivemos, vem sofrendo revisões temporárias, capazes de indicar a melhor tomada de posição”.<sup>8</sup>

Isso se consubstancia imediatamente por meio da racionalização e flexibilidade dos currículos, da organização do calendário escolar, do estilo das aulas, da preparação do material didático, da abolição dos exames aparatosos, considerados instrumentos ridículos de propaganda, e da introdução do regime semestral de crédito, já desde o século passado.

Vale ressaltar como é apreciada, por alguns intelectuais brasileiros, a contribuição que os colégios e educadores trazem para a educação brasileira na modernização dos métodos de ensino. Assim se refere ao fato, Fernando de Azevedo:

“As escolas americanas, introduzidas no país, nos primórdios da República e em época em que a instrução ainda se achava em grande atraso, contribuíram notavelmente, em São Paulo, não só para a mudança de métodos como para a intensificação do ensino. Fundam os protestantes grandes colégios, como o Mackenzie em São Paulo, o Instituto Granbery em Juiz de Fora, o Instituto Gammon, também em Minas, e os ginásios Evangélicos da Bahia e Pernambuco: incentivam a literatura didática que se enriquece com trabalhos de primeira ordem, no seu tempo, como as gramáticas de Júlio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, a aritmética de Trajano, as obras de Otoniel Motal e os livros de leitura de Erasmo Braga, e colaboraram eficazmente na difusão do ensino popular, pelo sistema de escolas dominicais...”<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Nesse ponto ressaltam-se as diferenças como a prática educativa existente. É contrapor-se a uma educação que se alicerça em métodos fundados na tradição e nas garantias de uma experiência do passado, a uma outra que se caracteriza por uma revisão e modificações constantes de seus métodos, tendo a prática e as necessidades atuais da sociedade como seus marcos de referência.

<sup>8</sup> Instituto Bennett de Ensino, *Bennett 50 anos* (Rio de Janeiro: 1970), p. 24

<sup>9</sup> Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira* (São Paulo: Editora Melhoramentos, 1963), p. 265. Ver também Sérgio Buarque de Hollanda, *História Geral da Civilização Brasileira* (São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969); Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros* (Porto Alegre: Editora Globo, 1973); Cândido Procópio de Camargo, *Católicos, Protestantes e Espíritas* (Petrópolis: Editora Vozes, 1973).

Uma consciência inovadora – a busca de uma “escola sempre nova” – constituiu um dos característicos básicos do modelo pedagógico adotado.

b) À luz do princípio anterior – constante renovação – imediatamente tornou-se necessária a busca de um método mais racional de aprendizagem. E isso é coerente, na medida em que a “racionalidade para aumentar a eficiência” é fundamental na sociedade de origem desses educadores, que atravessa fase de expansão e intensa modernização.

Há oposição aos métodos tradicionais de memorização que são usados e introduz-se a aprendizagem por meio do desenvolvimento do raciocínio individual. O método a ser empregado deve ser intuitivo e lógico. “Procuramos desenvolver a inteligência, a fim de poder saber, em lugar de enchê-la com fórmulas fixas”.<sup>10</sup>

Os cursos procuram apresentar o seu programa de *forma integrada*, que não deve ser tratado como uma série de tanques independentes entre si e em que cada professor vai despejar o balde das suas informações”.<sup>11</sup> Sendo assim, a pedagogia usada é altamente “imbuída de espírito experimental, atenta aos indivíduos e às suas diferenças e sempre em busca – através de tentativas, malogros e sucessos – de técnicas novas para ajustar a educação às necessidades e aptidões individuais”<sup>12</sup>.

c) Muito de acordo com os princípios básicos que o inspiram, o modelo pedagógico dá ênfase à parte prática do ensino. A teoria nunca separada da prática; os laboratórios sempre bem equipados e modernos, abertos para o estudante *verificar* pessoalmente o que está sendo estudado; e o incentivo ao trabalho campal onde o aluno verifica os problemas das matérias apresentadas; são procedimentos normais nos colégios.

É outra concepção de educação, em que se procura quebrar o dualismo entre pensar e fazer, entre teoria e prática (muitas vezes pendendo mais para a prática), em contraste com a tendência existente. O caráter de seu ensino passa a ser utilitário, prático, “positivo”.

<sup>10</sup> Mackenzie College, *Annals* (São Paulo: 1904), p. 45.

<sup>11</sup> A busca da correlação das matérias e a verificação de sua utilidade para a vida são procedimentos habituais.

<sup>12</sup> Fernando de Azevedo, *Uma Interpretação do Instituto Mackenzie* (São Paulo: Instituto Mackenzie, 1960), pp. 9-10.

Os colégios se equipam para tornar o mais concreto possível o ensino, utilizando, às vezes, objetos fabricados nas próprias oficinas, que são preparadas especialmente para esse mister. As aulas de ciências e de todas as matérias experimentais recebem cuidados próprios e são alvos prioritários na formação do currículo.

A *experimentação* e a *verificabilidade* são partes essenciais do ensino, muito de acordo com a doutrina que os colégios representam. Há uma constante crítica aos demais, que se preocupam com estudos humanísticos e “bacharelescos”. Daí, talvez, um caminho para tentar explicar a questão que muitos levantam sobre o não-aparecimento na cultura brasileira, naquela época, de protestantes dedicados às artes, à filosofia, à ficção, mas de intelectuais dedicados à matemática, à gramática, à engenharia, etc.<sup>13</sup>

Mas essa ênfase na parte prática do ensino não tem apenas uma intenção acadêmica, está ligada à preocupação mais abrangente e duradoura, o preparo para a vida. O ideal da educação é construir um homem completo para a vida prática. Onde a eficiência e os resultados da educação se depois o aluno não sai preparado para obter *sucesso* e *conseguir* êxito na vida? A preparação não deve ser apenas para um sucesso provisório alcançado nos exames (mesmo quando realizados fora do colégio), mas para sua aprovação definitiva nos embates práticos da vida.

Isso manifesta-se no próprio elenco dos cursos oferecidos. Quando São Paulo passa a ser um produtor importante de café, no século passado, e o seu interior precisa ser aberto com ferrovias, estradas e construções, cria-se uma escola de engenheiros civis; quando o comércio externo cresce e surgem fábricas e grandes empresas exportadoras (já em 1890), formam-se técnicos em contabilidade; quando a economia internacional é dominada pelos ingleses e americanos, o ensino de língua inglesa é prioritário; quando a sociedade começa a tomar consciência de que as moças devem estar

---

<sup>13</sup> No estilo, características e ênfase das práticas educativas confessionais existentes na época, pode-se observar o confronto de duas posições: uma representando a de uma burguesia tradicional com resquícios de nobreza, fundamentalmente agrária ou agrária exportadora, onde a educação é voltada para a erudição, as etiquetas, a oratória, a literatura, a música erudita, tendo como língua básica estrangeira o francês; e outra que procura instrumentar uma pequena burguesia e classe média ascendente, mais dinâmicas, menos tradicionais, ligadas em parte ao comércio e à indústria nascente e a certos tipos de profissões liberais, como parcelas urbanas consideráveis, prática essa que dá ênfase ao ensino prático, às nascentes demandas da sociedade, à eficiência, medida pelo sucesso, ao trabalho e tendo como língua estrangeira básica o inglês. Representam duas posições e servem para instrumentar setores diversos do grupo dominante.



melhor preparadas para a vida, funda-se um instituto técnico; e assim por diante. O ensino não é “ornamento”, deve ser útil e prático.

Mas a abrangência dessa ênfase é ainda mais profunda – o importante é preparar para a vida – e isso ultrapassa o preparo para uma profissão. Deve ser formadora de hábitos e de atitudes que marquem a personalidade do aluno. Muito importante, e certamente coerente com os princípios da versão ideológica que representam, é a ênfase e a dignificação dadas ao trabalho manual. Não há privilegiados, nem exceções: o trabalho é parte integrante da prática pedagógica. Não se trata de preparar o aluno para um ofício, o que se deseja é formar uma concepção nova a respeito do trabalho. Ele viria despertar independência, atividade pessoal, hábitos de ordem e asseio, destreza, desenvolvimento físico, atenção, zelo, perseverança, enfim uma série de qualidades úteis para a vida prática.

Como esses colégios atingem filhos de famílias de classe média e da pequena burguesia ascendente, essa nova perspectiva do valor do trabalho é importante na formação de visão nova do mundo. Em todos os colégios isso é prática obrigatória, desde as séries primárias até os níveis superiores.

Claramente esse aspecto pedagógico vai encontrar explicação numa categoria ideológica mais ampla, na qual o trabalho é visto como uma vocação e constitui antes de mais nada a própria finalidade da vida; o *êxito* – sinal de aprovação da sociedade e de Deus – só pode ser obtido por meio dele, não resultado de privilégios e discriminações.

d) Mas o modelo pedagógico deve abranger outros aspectos da vida. A escola deve ser um sinal, um exemplo de como deve se constituir a sociedade.

Se os missionários e educadores norte-americanos fundadores dos colégios criticam fortemente os regimes autoritários e centralizadores, quer na esfera eclesiástica, que no Estado, como irão orientar a organização de seus colégios? Precisam demonstrar, nas ações concretas, na prática pedagógica, a verdade dos princípios que defendem. Estabelecem um sistema de disciplina não baseada na rigidez do autoritarismo, da “ordem final”, do paternalismo, mas uma organização fundada na colaboração, no princípio de liberdade e de compreensão mútua. Os diretores não são apresentados como inimigos e de quem se deva ter medo, ou autoridades “distantes”, mas como amigos, conselheiros e sempre disponíveis aos alunos. Os professores são apenas colaboradores mais experimentados e as normas de disciplina não são nem rígidas, nem numerosas. Tenta-se uma disciplina

mais racional e eficiente. Só há rigor com referência à quebra dos códigos de moral (elemento primordial para o protestante), pois a formação do caráter é finalidade primeira da educação. A autoconfiança é incentivada e a responsabilidade pessoal é princípio básico.

A escola deve ser um “treinamento para a democracia”, buscando-se todas as formas para se conseguir esse alvo. Admite-se a discussão nas classes; incentiva-se a formação de associações de alunos; convidam-se os pais para participarem do processo pedagógico; organizam-se as classes por meio de eleições; abre-se o colégio para reuniões com a comunidade, convidando-se pessoas estranhas para debates; ampliam-se as atividades extraclasse; respeitam-se as ideias contrárias; combate-se o nacionalismo jacobino em favor do cosmopolitismo e da fraternidade; e dá-se grande valor à honestidade individual.

Os alunos devem ser preparados para o exercício de uma efetiva cidadania (dentro do conceito liberal) ainda e essencialmente dentro da escola, já que a sociedade circundante supostamente o desprepara para tal posição, pois é dominada por uma elite oposta aos princípios defendidos por tais colégios. O modelo pedagógico, nas suas expressões concretas, espelha essa posição.

e) Para que o ensino seja eficiente precisa atingir o homem na sua totalidade. Não conseguirá seu objetivo se não cuidar de uma de suas partes importantes que é o seu físico.

“O corpo é a morada do espírito. É a oficina em que trabalha a alma, o instrumento de ela se serve para manifestar-se ao mundo material”. Daí deve ser cuidado, pois a eficiência física é um dos fins da educação. Há uma hierarquização nesses aspectos – a educação física é um meio para facilitar a cultura intelectual (necessária para um mundo racional), mas subordinada ao fim maior que é a formação do caráter.

É uma constante em todos os colégios a ênfase na educação física. Contratam-se professores especializados, incentivam-se competições, organizam-se clubes. Muitos novos esportes são introduzidos e os colégios orgulham-se do seu pioneirismo. O motivo mais profundo do interesse pela educação física reside, entretanto, no fato de que o ensino deve ser eficiente e preparar o homem para a vida prática. Essa preparação exige um desenvolvimento integral do indivíduo a partir de um corpo sadio e pronto para qualquer tipo de atividade. Isso é impossível conseguir-se com

peças fracas e enfermas. O esporte organizado é instrumento poderoso para desenvolver o espírito cooperativo, além de objeto de realização pessoal. É impressionante a “garra”, o empenho com que as equipes dos colégios protestantes entram numa competição. São educadas para vencer, para obter sucesso. Conseguir a vitória é confirmação da sua eficiência. São conhecidos em muitas cidades do país afora a técnica e os êxitos que essas equipes alcançam.

### 3. *Outros elementos importantes*

a) Retomando a colocação de que um dos princípios básicos é a fundamentação cristã do ensino, fica ainda a problemática da relação educação-religião, dentro de uma perspectiva liberal.

Reconhece-se que a religião é uma das bases para uma educação integral e que a instituição de ensino não pode desprezá-la. A ênfase deve ser dada no testemunho, para se obter “O temor a Deus e a fraternidade e amor para com os homens”. Como a formação do caráter, a construção de uma sólida moral e o estabelecimento de princípios éticos são básicos para o “sucesso verdadeiro” das pessoas, e como a religião é instrumento importante para isso, ela não pode ser relegada a plano secundário.

Também é uma incoerência, não só do ponto de vista liberal, mas ainda sob o prisma de ação estratégica de um grupo minoritário que deseja atrair para seu raio de influência elementos com outra formação religiosa, a imposição de um determinado ensino religioso. Todo o esforço dos colégios é dirigido a resolver a questão proposta pela tensão entre: não fazer proselitismo religioso (ponto básico do liberalismo) *versus* não deixar de tomar a religião como base de todas as práticas, inclusive a educativa (ponto básico do protestantismo).

A ênfase recai então sobre o testemunho e o exemplo, como forma de alcançar um objetivo de que não pode ser desprezado, mas que não pode ser imposto de forma explícita. Não se descarta a ideia de cristianizar por meio da educação, de acordo com a versão ideológica que se representa, mas isso deve ser obtido por métodos democráticos, respeitando os princípios de liberdade de consciência.

b) O outro aspecto relevante é que o relacionamento entre a educação e o Estado se baseia nos indivíduos, somente com pessoas instruídas ele pode formar-se democraticamente. Afirma-se em alguns textos que depende da

formulação do Estado o estabelecimento dos alvos da educação, já que esta é considerada um dos seus instrumentos mais eficientes.

O progresso da sociedade repousa nos indivíduos educados, e quando a educação se tiver estendido a todos os cidadãos, muitos males da sociedade estarão terminados. A ignorância é o pior inimigo do Estado democrático, provindo dela a pobreza, o crime e a intolerância, afirmam os documentos.

Mas não se trata somente de expandir a educação, a sua qualidade deve ser preocupação das democracias para que possa formar bons e úteis cidadãos e garantir o seu “evolutivo aperfeiçoamento”. Nos colégios protestantes esses princípios são dominantes – uma educação a serviço de uma democracia liberal e tomada como seu principal instrumento. Isso está representado na sua prática pedagógica como um todo e especificamente por meio dos ensinamentos de civismo, respeito às autoridades constituídas, apoio aos ideais republicanos, estabelecimento de associações cívico-militares, chegando em alguns casos – como o Mackenzie – a tomar posição em favor dos grupos constitucionistas da Revolução de 1932.

Propugna-se pelo Estado leigo, devendo-se respeitar fortemente as iniciativas dos grupos particulares (defesa da iniciativa privada). No princípio há certa resistência por parte dos colégios em subordinarem seus currículos à orientação do Estado, por julgarem-nos mais livres e flexíveis e dentro de uma perspectiva liberal mais ampla. Com o decorrer do tempo e com a própria modernização do Estado acabam sendo equiparados às normas oficiais.

c) O preparo do professor é uma preocupação permanente dos colégios protestantes. Se ele é uma das peças-chave da escola, não se pode admitir a improvisação e o aproveitamento precário de pessoas nesse setor. Repousa sobre o professor a maior responsabilidade na formação do aluno, não somente pelos seus ensinamentos, mas principalmente pelo seu exemplo.

Como um profissional, deve ser o melhor possível, para que o seu trabalho seja eficiente. Como não há muitos professores formados na perspectiva trazida pelos educadores norte-americanos, esses inicialmente ocupam os postos-chaves e tratam imediatamente de estabelecer cursos e proporcionar bolsas de estudos para a preparação de professores no Brasil e no exterior, a fim de garantir a continuidade e a eficiência do ensino.



## *Meio século de compromisso ecumênico\**

As iniciativas concretas em favor da paz, da justiça e da dignidade estiveram sempre presentes nestes 50 anos de testemunho da entidade mais representativa do ecumenismo no nosso tempo — o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Nesse envolvimento, igrejas e grupos cristãos expressaram de maneira abrangente o profundo significado de sua missão no mundo e ao mesmo tempo deram passos seguros em favor da unidade.

A promoção da paz tem sido aspecto fundamental no amplo ministério do CMI. Ela está presente na história do ecumenismo desde a sua mais remota origem. Nas mais diversas conferências e esforços que antecederam a institucionalização oficial do Conselho (1948), além das questões relacionadas com a fé, a doutrina e a vida das igrejas, a problemática sociopolítica e econômica da época exerceu influência decisiva na caminhada ecumênica. A dimensão política da existência humana nunca ficou ausente das preocupações e dos esforços pela unidade.

Na importante Conferência Missionária de Edimburgo (1910), as reais causas motivadoras da Primeira Guerra Mundial de 1914-18 não foram ignoradas pelos mais de mil delegados participantes desse tão significativo evento, marca do ecumenismo moderno. O Movimento Vida e Ação, em sua assembléia de Estocolmo (1925), não se omitiu em discutir os sinais denunciadores da grave crise econômica de 1929. A Conferência Mundial de Fé e Ordem (Edimburgo, 1937) e a 2ª Conferência de Vida e Ação (Oxford, 1937), que propuseram oficialmente a fundação do Conselho Mundial de Igrejas, viram suas propostas postergadas pela deflagração da Segunda Guerra Mundial.

---

\* Publicado na Revista *Tempo e Presença* nº 301, ano 20, Rio de Janeiro: Cedi, setembro/outubro de 1998, pp 10-13.

Somente em 1948, em Amsterdã, foi possível a fundação oficial do CMI. Quando o Ocidente procurava ainda reparar as consequências cruéis de uma guerra, na qual sobretudo os cristãos se mataram e se destruíram, já começavam a aparecer novas motivações para a divisão da comunidade humana, com a efervescência da chamada “guerra fria”. Consolidou-se nessa assembleia, que teve como tema “A desordem humana e o desígnio de Deus”, a convicção de que ser cristão exigia uma postura clara sobre as razões que separam os povos, as comunidades e as igrejas. Surgiu aí a adoção do conceito de “sociedade responsável” como um alvo a ser perseguido pelo Conselho Mundial de Igrejas. Dado importante a destacar é que nesse mesmo ano fortaleceu-se a instituição das Nações Unidas e aprovou-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

### *Grandes temas sociais*

Logo após a Assembleia de Amsterdã (1948), os países viveram com intensidade a divisão do mundo. O conflito entre capitalismo e socialismo recrudescceu, tornando-se mais agudo com a guerra da Coreia. Também tornaram-se evidentes nesse período o perigo do holocausto atômico e o desenvolvimento do macarthismo e do stalinismo.

Como uma das consequências da Segunda Guerra, a situação dos refugiados passou a ser um efetivo programa do CMI em estreita colaboração com a ONU. A participação do movimento ecumênico tornou-se fundamental. Criaram-se, em várias partes do mundo, escritórios e canais de atendimento às vítimas da guerra de qualquer parte do mundo, independentemente de país e de ideologia política.

Na década de 1950, quando o CMI realizou a 2ª Assembleia, estavam em pleno curso o processo de descolonização da África e os esforços para constituição de regimes democráticos, opostos às formas autoritárias de governo. Liberdade e justiça foram os dois pilares em que assentaram-se as propostas ecumênicas para o estabelecimento das sociedades políticas. Isso foi fundamental para toda a luta de independência das colônias africanas.

Nesse período de transição, no campo eclesial, ressaltou-se o decisivo papel dos leigos, pois concretizou-se a afirmação de que a unidade não deveria se manifestar somente no âmbito eclesiástico, mas também no campo da ação política, da justiça, da economia, no avanço social e no respeito às diversidades culturais. O compromisso com a democracia se

tornava explícito e abrangente. O lema teológico desse momento foi “Jesus Cristo — a esperança do mundo”.

### *Igreja e Sociedade*

Aprofundando o conceito de sociedade responsável, o movimento ecumênico avançou no sentido de que não se poderia restringir a sua atuação a uma simples indicação de princípios. Era imperativa uma ação mais concreta em nível local e aí ressaltava-se não apenas a importância das comunidades locais, mas principalmente da ação efetiva do laicato das igrejas. Destacou-se, nesse período (1961), a realização do Concílio Vaticano II, que reforçou a proposta de *aggiornamento* na Igreja Católica.

Fato decisivo para o CMI foi a realização da Conferência Mundial de Igreja e Sociedade (1966), com o tema “Os cristãos e a revolução técnica e social de nosso tempo”. Foi um excepcional foro em que as decisivas e grandes questões do campo social, político, econômico e cultural foram apresentadas às igrejas. Dessa conferência saíram as diretrizes para o movimento ecumênico na relação Igreja e Sociedade. Destaque-se nesse evento a participação latino-americana. A experiência do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (Isal), fundado em 1961 com sede em Montevidéu, e a publicação da importante revista *Cristianismo y Sociedad* (1963) contribuíram de forma significativa para fundamentar as implicações da relação fé e política.

### *Participação das Igrejas no Desenvolvimento*

Não bastavam as declarações de intenção de assembleias ecumênicas sobre a situação dos países subdesenvolvidos; era necessária uma efetiva participação das comunidades cristãs no processo de desenvolvimento, e isso significava uma solidariedade fundamental e explícita com os pobres. O conceito de desenvolvimento foi amplamente debatido e ampliado, não apenas como crescimento econômico, mas também como relações justas nos variados campos da sociedade com ampla participação popular nos diversos níveis de decisão. Dentro desses pressupostos, os projetos de desenvolvimento deveriam privilegiar a perspectiva dos pobres na sua concretização. Essa postura do CMI se fortalecia com a posição do papa João XXIII, que proclamou a opção preferencial pelos pobres, confirmada com Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio*.



Essa posição social do CMI teve grande repercussão no movimento ecumênico em quase todos os países. Além das inúmeras publicações de livros, revistas, folhetos em diversos idiomas, foram criadas redes de igrejas e organismos ecumênicos em todos os continentes, que se comprometeram com projetos concretos relacionados com desenvolvimento. Foi período de amplo e fecundo debate sobre a efetiva participação das igrejas no processo político e econômico dos países, principalmente os do chamado terceiro mundo. Debates se estendiam ao campo teológico (Teologia da Libertação), aos estudos bíblicos (leitura popular e participativa da Bíblia) e eclesiológico (participação do leigo e importância das congregações locais).

### *Luta contra o racismo*

Foi um dos mais polêmicos e impactantes programas do CMI. A denúncia dessa escandalosa expressão social do pecado humano e o desvelamento de sua incidência nas sociedades chamadas cristãs e até mesmo em algumas expressões eclesiásticas causaram forte impacto e questionamentos. Esse programa tornou efetivo, com coragem e ousadia, o apoio às propostas dos movimentos de libertação dos países africanos. Mais uma vez a sensibilidade social do ecumenismo foi comprovada, por se associar ao crescente movimento contra todas as formas de discriminação e ao fortalecimento do movimento negro. Essa atuação continua até hoje e tem-se estendido a todos os continentes, ampliando seu campo de atuação.

### *Educação Popular*

A revisão da metodologia da educação cristã como consequência das opções já tomadas — solidariedade com os pobres, apoio ao combate ao racismo, participação no desenvolvimento, perspectiva de uma educação libertadora para a justiça — possibilitou uma nova fase da educação cristã. Os grupos ecumênicos latino-americanos que já desenvolviam extenso programa intitulado Educação para a Justiça Social (EPJS) contribuíram efetivamente para dar forma e conteúdo a essa nova opção metodológica para a educação cristã.

Cabe destacar a contribuição de Paulo Freire aos programas do Conselho Mundial de Igrejas. Saindo do Chile, onde estava exilado, Paulo foi convidado a integrar o corpo de secretários-executivos da instituição que, a partir de sua metodologia, deu nova forma aos programas de educação. Exerceu com ampla liberdade suas atividades em cursos, palestras e experiências

concretas. Muitas igrejas evangélicas, grupos ecumênicos e universidades de diversos países receberam assessoria de Paulo Freire na reformulação dos seus programas educativos. Entre 1971 e 1980 o movimento ecumênico contou com a efetiva contribuição de tão destacado educador.

### *Direitos humanos*

A defesa dos direitos humanos tem sido compromisso marcante do Conselho Mundial de Igrejas. Desde a sua fundação, o ecumenismo relacionou a luta pela unidade com o profundo respeito à dignidade de vida. Difundiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos o mais amplamente possível, enriquecendo-a com textos bíblicos e moções de apoio de muitas igrejas. Mas o compromisso do CMI não ficou apenas no nível dos protestos contra a violação aos direitos políticos dos cidadãos. Relacionou as violações com as situações que impedem os esforços de construção de uma sociedade justa, participativa e democrática ou lhe são contrárias: o problema do militarismo, da corrida armamentista, do poderio monopolista das empresas transnacionais, da concentração de riquezas, das injustas condições reguladoras das dívidas externas, enfim de todas as formas de discriminação religiosa, cultural, social e econômica que impossibilitam o pleno gozo de uma existência digna de todos os seres humanos e são causadoras da violação dos seus direitos universais.

O CMI foi ainda mais além: incentivou e facilitou recursos para ações concretas em favor das vítimas das perseguições políticas, dos que sofreram torturas e daqueles que vivem em situações de desumanidade e humilhação. Em muitos países o CMI exerceu papel importante no apoio aos refugiados políticos e às vítimas de perseguição. Destaca-se, por exemplo, a atuação na América Latina, no período das ditaduras militares. Vidas foram salvas, pressões contra o autoritarismo e a prepotência produziram os seus efeitos, famílias foram amparadas material e espiritualmente e denúncias ganharam repercussão internacional. No Brasil, entre muitas outras ações, vale destacar o trabalho do grupo “Tortura Nunca Mais”, que recebeu fortemente o apoio e a cobertura do Conselho Mundial de Igrejas e da Arquidiocese de São Paulo.

### *Paz, Justiça e Integridade da Criação*

Na declaração final da Assembléia de Vancouver (1983), o CMI confirmou, mais uma vez, seu compromisso com a luta pela vida e contra os poderes

da morte. Repudiou os poderes que manipulam a vida das pessoas e aumentam a pobreza e a dor. Conclamou a uma nova ordem econômica e social em que o poder seja dividido e que a justiça e a solidariedade constituam seus fundamentos. Denunciou que a injustiça reinante, constante e opressora leva à violência. Condenou mais uma vez o armamentismo e a corrida nuclear.

Nesse conclave ficou ainda mais explícito o compromisso do CMI com a causa ecológica. Não apenas a defesa da vida humana, mas de toda a obra de Deus. O respeito à natureza é compromisso e preocupação imprescindível do ecumenismo. Uma rica elaboração bíblica e teológica dá fundamentação a esse compromisso. Os sinais dos tempos sempre fazem parte da agenda do Conselho Mundial de Igrejas.

### *Década Ecumênica das Mulheres*

As igrejas não podem desconhecer os anos de discriminação que as mulheres têm sofrido nas sociedades e nas igrejas. Hoje há todo um robusto movimento de caráter mundial para resgatar essa dívida social. O CMI elaborou um extenso programa de discussão, de estudos e de mudança de mentalidade com referência aos direitos da mulher. Durante toda uma década ocorreram atividades especiais enfocando essa questão.

### *Globalização e ética*

Hoje vivemos nova conjuntura mundial. O projeto neoliberal que se tem implantado em quase todos os países está produzindo crises sociais de amplitude nunca vista. O capital financeiro especulativo e predatório, com a sua atuação globalizadora, não respeita a soberania nacional, as diversidades culturais e os direitos dos pobres e excluídos. Uma perversa competitividade, o mercado como valor absoluto e a circulação sem regulamentação do capital financeiro são marcas de um novo momento. A pobreza aumenta, a violência cresce, a injustiça das relações se institucionaliza. Aliando-se a outros movimentos, o CMI se propõe a analisar a atual conjuntura sob o prisma da ética e da justiça. Em Harare, na Assembléia do Jubileu, o grave momento mundial vai ser examinado e julgado. As igrejas serão chamadas a se posicionar perante essa crise que não é somente econômica, mas de valores, com graves conseqüências para as nossas sociedades.

### *Partilha de recursos*

A prática da solidariedade é marca permanente do movimento ecumênico manifestando-se por meio de ações concretas. O Conselho tem se constituído em um eficiente instrumento para o exercício do compartilhar ecumênico de recursos, estimulando as igrejas e organizações a refletirem o verdadeiro sentido da diaconia. A cooperação financeira ecumênica por intermédio do CMI tem possibilitado o desenvolvimento de muitos projetos que lutam pela justiça, pela ajuda aos necessitados, pelo direito da sociedade, etc. Sem a colaboração do Conselho, muitas instituições em diversos países, inclusive o Brasil, não teriam desempenhado o papel importante que exerceram em momentos graves da sociedade. É significativo o montante de recursos financeiros canalizado pelos diversos departamentos da CMI. Nos momentos em que comunidades enfrentam situações de emergência provocadas por desastres naturais (terremotos, enchentes, secas, etc), assim como por razões de guerra, violências, epidemia, etc, sempre a diaconia ecumênica esteve presente.

Muitos outros aspectos do compromisso social do ecumenismo poderiam ser apresentados. Anotamos apenas alguns como indicadores da compreensão abrangente do CMI da missão do povo de Deus no mundo de hoje.

### *Linhas da ação social ecumênica*

O compromisso social do CMI, ao responder aos desafios sociais básicos do momento histórico, fundamenta-se em diretrizes que foram sendo construídas no decorrer destes 50 anos da sua intensa atividades. O reverendo Israel Batista, destacado estudioso do movimento ecumênico e que nas últimas décadas dirige importante serviço no CMI, resumiu os princípios dinamizadores que têm pautado a ação da instituição, num documento intitulado “Reverendo la história del CMI sin nostalgia”, da seguinte forma:

1. O pobre, o marginalizado, o oprimido são o lugar epistemológico, por excelência, da ação ecumênica. O CMI tem demonstrado uma sensibilidade intensa contra os poderes e os sistemas que os oprimem. Há uma vertente testemunhal profética anti-sistêmica de grande maturidade e riqueza no movimento ecumênico.
2. O posicionamento ecumênico ao interpretar a história sempre tem estado animado por uma visão utópica. É o desafio de sonhar com uma verdadeira *oikoumene* e afirmar que se pode ir adiante das crises que afetam o mundo habitado.

3. A Igreja não pode situar-se à margem ou distante da problemática do mundo. Ao contrário, deve confessar e incluir sua cota de responsabilidade.
4. Desde o início o CMI se constituiu em um sonho e uma visão. Essa esperança não se dá no abstrato, mas consubstancia-se em testemunhos vivos de participação ativa.
5. O tema do “pecado estrutural” torna-se mais evidente do que nunca. O espírito do CMI é de não conformar-se com os poderes deste mundo e proclamar o espírito do jubileu bíblico.

*“Buscai a Deus com a alegria da esperança”*

Em Harare, Zimbábue, em dezembro de 1998, será realizada a Oitava Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, a qual celebrará o jubileu de ouro. A temática a ser estudada é uma exortação a impugnar a cultura da indiferença, o egocentrismo e a violência. É uma proclamação da verdadeira razão da vida e reafirmação da esperança arraigada na fidelidade de Deus. Será um julgamento da atual situação do mundo, e como assembleia do Jubileu é um chamado às igrejas e ao mundo para a construção de uma sociedade da paz e da justiça.

## *Ecumenismo brotando da base\**

Nos últimos anos uma palavra que passou a ser comumente usada nos discursos da Igreja foi ecumenismo. Vista com desconfiança por muitos setores, tanto na Igreja Católica como nos meios evangélicos, foi, entretanto, transformando-se numa ideia que dificilmente poderia ser desconhecida nas atividades eclesiais. Interpretações as mais diversas foram sendo feitas ao que se convencionou chamar de espírito ecumênico. Para muitos, não passava de uma melhoria das relações entre as Igrejas, uma espécie de código de boas “relações humanas” entre as cúpulas eclesiásticas; para outros, seria uma fórmula um tanto protocolar de se evitar, diante de outras da sociedade, o escândalo da divisão entre os cristãos ou quem sabe uma fórmula para unidos enfrentarem os desafios de correntes de pensamento que questionavam o significado e a relevância do próprio cristianismo para o homem moderno urbano-industrial. É certo, entretanto, que para outros cristãos era algo muito sério e profundo – o Espírito do Senhor mostrava que as divisões e separações da Igreja de Cristo foram criações do próprio homem, em circunstâncias históricas muito distintas, e que, já ultrapassadas, são mantidas sem muito fundamento e que constituem empecilho para um compromisso mais ativo da Igreja no mundo de hoje.

Apesar da popularização da terminologia ecumênica, dos esforços de respeitáveis instituições eclesiais e do surgimento de algumas iniciativas de atividades em comum de diversos grupos cristãos, deve-se confessar que as práticas ecumênicas, até pouco tempo atrás, não ultrapassavam os setores de direção das Igrejas, da liderança eclesiástica, de grupos de teólogos e chegavam raramente às congregações locais ou aos grupos populares. Eram práticas religiosas somente do domínio de certos grupos sociais e

---

\* Publicado na Revista Sedoc, Volume 11 – 118. Petrópolis: Editora Vozes, jan/fev 1979, pp. 842-845.

resumiam-se a solenidades programadas oficialmente, às semanas de oração pela unidade, às clássicas cerimônias públicas (formaturas, casamentos, inaugurações, etc) e ultimamente a esforços sérios e mais profundos como a organização de um Concílio de Igrejas Cristãs do Brasil e uma Coordenadoria Ecumênica de Serviço.

Entretanto, com a opção cada vez mais clara e conseqüente de muitos setores da Igreja pelas classes populares, com os seus sofrimentos e com os seus direitos, o espírito ecumênico foi ganhando mais densidade e adquirindo novos significados. Era um ecumenismo que se efetuava pela coincidência dos esforços de pessoas e grupos que possuíam um compromisso comum; o encontro na caminhada do povo, no aprofundamento de uma Igreja engajada com os pobres e oprimidos, na sua luta de libertação e na construção de uma nova sociedade. Esse ecumenismo vivo, não planejado, vai surgindo e crescendo a cada dia nas diversas expressões de uma Igreja que aceita o desafio de estar junto com o povo. Pode-se constatar esse auspicioso fato em diversas Comissões Pastorais de Terra, na luta pelos Direitos Humanos, onde a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese) tem prestado relevantes serviços, na tarefa de integração de migrantes e agora nas Comunidades Eclesiais de Base.

### *Ecumenismo brotando do povo*

No último encontro das Comunidades Eclesiais de Base (julho de 1978, João Pessoa), evidências do amadurecimento da caminhada da Igreja foram se fazendo notar muito claramente. A presença dos companheiros evangélicos era considerada como natural decorrência do sentido evangélico da luta e do compromisso. Alguns aspectos desse espírito ecumênico merecem destaque.

#### *1. Uma problemática comum*

Uma das características básicas das CEBs é partir de uma conjugação de esforços diante dos problemas muito concretos com que o povo está se debruçando. A falta de transporte, os loteamentos clandestinos, a deficiência escolar, a injustiça dos salários, a expulsão dos trabalhadores da terra, o preço vil das colheitas atingem o povo de maneira geral. São fatos muito dramáticos, frutos da dura sobrevivência de cada dia. E esses problemas exigem soluções mais coletivas, dependem de lutas e esforços comuns. São ecumênicos, para os setores da sociedade onde se fazem notar. Nos diversos

depoimentos das CEBs ficou evidente que quando a temática de discussão e as ações práticas se centravam numa problemática comum – a luta pela justiça –, as divisões confessionais deixavam de ser entraves e todos se sentiam companheiros de uma mesma caminhada. De repente, descobriram que realmente eram irmãos não somente na fé, mas no sofrimento e na luta pelos seus direitos. E esse encontro solidificava seu companheirismo e solidariedade.

### *2. Reflexão em torno de um livro comum*

A redescoberta da força da Bíblia pelas Comunidades Eclesiais de Base tem deixado surpreendidos muitos setores evangélicos. Durante um longo período, a leitura e a reflexão dos evangelhos feitas pelo povo pareciam ser um monopólio dos protestantes. Em muitos lugares e por muito tempo os “crentes”, principalmente os pertencentes aos setores populares, eram até chamados de “Bíblias”. E eles se sentiam muito orgulhosos por esse apelido. Este era um ponto muito evidente das diferenciações entre os cristãos – a leitura e a reflexão bíblica feita diretamente pelo povo. As Comunidades Eclesiais de Base estão quebrando essas barreiras. A presença da reflexão bíblica é um dos elementos centrais da caminhada da Igreja. E não é uma reflexão feita no abstrato e que só vai servir para um mundo futuro. Está ligada e referenciada aos problemas da vida, do aqui e do agora. Sem perder também o seu sentido escatológico, a Bíblia é um instrumento poderoso da luta pela justiça e fundamentação indispensável para a fé e para o sentido da caminhada. Dois elementos poderosos se conjugam – uma fonte comum de inspiração e de lições, ligada a uma realidade socioeconômica comum. Não se pode escapar do surgimento de um real espírito ecumênico em tal situação e com tal tipo de prática.

### *3. A efetiva participação dos leigos*

Muitas vezes as dificuldades entre os grupos cristãos de efetuarem um esforço conjunto diante de uma problemática comum são colocadas por atitudes intransigentes e até certo ponto sectárias da parte do clero, tanto católico como protestante. E essa intolerância e incompreensão vão sendo alimentadas e transmitidas ao povo simples das Igrejas. Em vez de irmãos, transformam-se em adversários e concorrentes. Isso se verifica nos diversos grupos religiosos. Com a importância cada vez maior que os leigos vão tendo na pastoral popular, essa herança viciada vai se tornando menos evidente.



Os leigos vão descobrindo que os seus companheiros de trabalho, de lutas, de sofrimento, de exploração, são também, muitas vezes, seus irmãos na fé e na esperança, filhos do mesmo Pai e alimentados pelo mesmo Evangelho. As diferenças confessionais perdem sua extensão, os muros das divisões diminuem de tamanho, quando não são derrubados, e os elementos comuns crescem na sua força e na sua importância. O espetáculo de alegria e de confiança que foi observado no III Encontro das CEBs em João Pessoa, quando no plenário foi descoberto que um dos companheiros de caminhada que estava relatando era um operário evangélico, que participava natural e livremente de todas as celebrações, foi uma prova de que a barreira das divisões não se estava notando mais. O ecumenismo acontecia, sem estar programado.

#### *4. Um mesmo sentido do Evangelho*

O reconhecimento de que a aceitação do convite e da mensagem do Cristo significa uma clara e profunda opção pelos pobres, injustiçados e explorados, e que, no assumir esse desafio, não há lugar nem tempo para discussões estéreis, para divisões que perderam seu sentido histórico, e que na verdadeira ação pastoral popular os homens se encontram na caminhada do povo, são indicadores de que um verdadeiro espírito ecumênico vai brotando, alicerçado na própria experiência vital do Evangelho. O nome que se dê a essa nova consciência não importa, o que lhe dá significado e força é de que não é resultante de acordos formais, de negociações protocolares, mas é fruto de uma força que brota nas bases da Igreja e que certamente é alimentada pelo Espírito de Deus. As barreiras desaparecem, as diferenças entre o povo diminuem e a busca cheia de fé e de firmeza, ombro a ombro com aqueles que vivem uma mesma situação concreta, de um caminho que leve a uma sociedade mais justa e mais humana, prossegue com simplicidade e determinação. A luta pela justiça, então, ultrapassa o eclesial e é capaz de reconhecer como companheiros todos aqueles que estão verdadeiramente empenhados na causa comum.

Esse novo tipo de ecumenismo, que acontece na prática da pastoral popular, que brota no dia-a-dia do povo, que se define pelo encontro dos que têm um ideal comum, começa a se verificar nas Comunidades Eclesiais de Base. É certo que essas constatações não se verificam em todos os lugares e nem com a mesma intensidade em todos os grupos – seria um erro querer generalizar essas observações –, mas os sinais do Reino já se fazem sentir

em muitas experiências. O lema do III Encontro Eclesial representava bem esse processo – “Igreja – povo que se liberta”, e essa libertação, à medida que se aprofunda, vai alcançando novas dimensões e rompe todos os empecilhos que possam dificultar a marcha da Igreja no anúncio e na vivência de uma real evangelização.



## *Ecumenismo – fonte de esperança\**

O movimento ecumênico, sinal dos tempos atuais, uma das mais lindas e inspiradoras utopias do século XX, vai-se consolidando. Constitui-se fonte de esperança para todos os que buscam não somente a unidade das igrejas e dos cristãos, mas também a unidade dos povos, na luta pela dignidade plena da vida.

O movimento ecumênico gerou, em torno de si, posições diversas e até antagônicas. Surgiram grupos antiecumênicos que, apegados às suas confissões, receavam o encontro e o diálogo com outras idéias e posições. Outras acusações se fazem ao ecumenismo, desde o engajamento em determinados projetos políticos até a pretensão de ser megainstituição eclesiástica, uma superigreja.

Para grande parte do povo, o sentido do ecumenismo é altamente positivo, sinônimo de paz, solidariedade, fraternidade, de quebra de barreiras. Quase desconhecido poucas décadas atrás, o termo passou a ser usual em nossos dias. É uma compreensão, entretanto, mais efetiva que conceitual.

O termo incorpora, desde sua origem, dimensão secular, sociológica, cultural e geográfica, além de sentido religioso, teológico e eclesiástico. A raiz da palavra é grega. Vem do *oikoumene*, o “mundo habitado”. A palavra *oikoumene* passou a ser freqüente na literatura grega a partir do século IV a.C.

O termo aparece freqüentemente no Novo Testamento. Assim, pode-se encontrá-lo em Mateus, Marcos, abundantemente em Lucas, assim como em Romanos, Hebreus e Apocalipse. A palavra *oikoumene* na Bíblia é bastante inclusiva e refere-se às diversas dimensões da vida humana e não só ao aspecto religioso.

---

\* Publicado no livro *Identidades étnicas e religião*. Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social (UERJ) / Armazém das Letras, 2000.

A *oikoumene* é, entretanto, o lugar natural da missão cristã. O propósito de Deus é que a humanidade povoe uma *oikoumene* integrada pelo amor, governada pela justiça e estabelecida em paz. Jesus deu-se em sacrifício a todo esse mundo humano. Com a sua morte e ressurreição inaugura-se uma nova era. Nessa nova humanidade não há gregos ou troianos, escravos ou livres, cidadãos ou estrangeiros.

### *Uma história inspiradora*

O ecumenismo tem raízes mais remotas, não é de hoje. O impulso verificado no século atual resultou da confluência de grupos preocupados em testemunhar e dar respostas coerentes à oração de Jesus pela unidade dos cristãos.

Merece especial atenção o papel do movimento missionário dos séculos XIX e XX, que tomou consciência do que significa o escândalo de pregar o Evangelho, dando ênfase às diferenças teológicas e eclesásticas, surgidas das divisões históricas da Igreja. Era difícil para os países de tradições não-cristãs entender como os ensinamentos de Cristo correspondiam a versões tão diversas, apresentadas pelas distintas confissões cristãs. A busca de adeptos chegava, às vezes, a criar situações belicosas e violentas, e as denominações cristãs se tornaram intolerantes. Tal situação levou cristãos a um processo de diálogo e de entendimento sobre o verdadeiro sentido da missão evangelizadora.

O processo da história do movimento ecumênico se fez como se fossem rios afluentes. Resumidamente:

- *Conferência Missionária Internacional* (Edimburgo, Escócia, 1910). A América Latina, por não ser considerada campo de missão, e a Igreja Romana estiveram ausentes. A questão central discutiu a relação entre unidade e missão. Compreendeu-se que a missão cristã devia efetuar-se no mundo todo, desligada de projetos de dominação. Dessa confissão surgiu o Conselho Missionário Internacional.
- *Movimento Vida e Ação* (Estocolmo, Suécia, 1925). Aconteceu um repasse sobre as conseqüências da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A tragédia da guerra era bastante, mas foram cristãos que se mataram, que destruíram casas e templos e produziram miséria. Impunha-se uma ação comum, não isolada. Em Oxford, Inglaterra, 1937, realizou-se outra conferência decisiva para o movimento ecumênico. Os temas tratados foram: relação Igreja e Estado; luta pela democracia; e responsabilidade

pela justiça social. Aqui se propôs a criação de um Conselho Mundial de Igrejas.

- *Movimento Fé e Constituição* (Lausane, Suíça, 1925). As divisões se cristalizavam em tradições teológicas, organizações eclesiais e alimentavam divisões, impondo barreiras à ação do Espírito Santo. Tentou-se o diálogo franco nessa conferência sobre questões doutrinárias. Daqui se originou o Movimento de Fé e Constituição. Uma nova conferência em Edimburgo, Escócia (1937), reafirmou a intenção de constituir o Conselho Mundial de Igrejas. Nesse processo histórico ainda ocorreram as contribuições dos grupos preocupados com a educação cristã da infância e da juventude nas Escolas Dominicais, institutos bíblicos, etc. Outro elemento fundamental foram os movimentos de juventude, que em certos aspectos constituíram-se em vanguarda do movimento ecumênico. Deles saíram lideranças ecumênicas importantes, até mesmo secretários-gerais do próprio Conselho Mundial de Igrejas.

### *O Conselho Mundial de Igrejas (CMI)*

Como resultado desse processo, onde em tantos lugares movimentos distintos de cristãos sentiram a necessidade de construir, mais concreta e visivelmente, sinais da unidade cristã, nasce o Conselho Mundial de Igrejas. Devido à guerra, a primeira grande assembléia, prevista para 1942, somente foi possível em 1948 (Amsterdã, Holanda). Concretizou-se o sonho de 146 igrejas de diversas partes do mundo que, rompendo as barreiras de separação, assinaram uma confissão de fé comum, afirmando:

O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunidade de Igrejas que confessam ao Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo o testemunho das Escrituras e procuram responder juntas à sua vocação comum para a glória do Deus Único, Pai, Filho e Espírito Santo.

Desde o princípio, o CMI compreendeu que a causa da unidade não significava neutralidade frente às grandes questões mundiais, nem apenas o cultivo de boas relações entre igrejas. Tinha que ter ousadia de tomar partido pelos grandes valores evangélicos: de justiça, paz, libertação, amor e reconciliação, como sinais do Reino de Deus. Momento de destaque para o movimento ecumênico são as grandes assembléias e o contexto histórico em que cada uma delas acontece. Aliás, característica marcante do movimento ecumênico é a sua sensibilidade para os “sinais dos tempos”.

### *As grandes assembléias ecumênicas*

As Assembléias gerais do CMI têm sido inspiração e revitalização. Além da riqueza da fraternidade do povo de Deus, as celebrações verdadeiramente pentecostais são ocasião de reflexão da caminhada ecumênica frente aos novos desafios da conjuntura sociopolítica, assim como busca de respostas comuns às demandas que a prática eclesial apresenta.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial escandalizaram o mundo, e os cristãos se sensibilizaram para, com ousadia, dar testemunho concreto contra tanta insensatez. A guerra nuclear ameaçava a todos. Deu-se a 1ª Assembléia com o tema: “O Desígnio de Deus e a Desordem do Mundo” (Amsterdã, 1948).

“Jesus Cristo, a Esperança do Mundo”, nos tempos do macarthismo e do stalinismo, levou os cristãos (Evanston, Estados Unidos, 1954) a proclamarem: “O que une os cristãos é mais forte do que todas as forças que procuram separá-los”. No Terceiro Mundo, pela primeira vez (Nova Déli, Índia, 1961), reúnem-se as igrejas. “Jesus Cristo, a Luz do Mundo” é o tema. Nesse momento (início do Concílio Vaticano II), deu-se a incorporação das igrejas ortodoxas e a filiação maciça das do Terceiro Mundo, incluídas as pentecostais.

Em 1968 (Upsala, Suécia), a assembléia vive revoltas estudantis, guerras do Vietnã, revolta na Tchecoslováquia, governos ditatoriais e a aceleração de processos libertários no Terceiro Mundo. O tema: “Eis que Faço Novas Todas as Coisas”. Trunfos nessa reunião: “Luta contra o racismo” e incentivo à “Participação das Igrejas no Desenvolvimento”. A Ordem Econômica Internacional mostrava a sua cara perversa, e as diferenças entre os países pobres e ricos se tornavam mais evidentes. A 5ª Assembléia (Nairóbi, Quênia, África, 1975) apresentou o tema: “Jesus Cristo – Liberta e Une”. Das igrejas filiadas (286), 152 são do Terceiro Mundo. Questões: militarismo; força e a estratégia das empresas multinacionais; violações dos direitos humanos. O movimento ecumênico respondeu com atitudes de coerência frente à confissão de um Cristo que veio para que todos tenham uma vida digna.

Quando toda a humanidade tomou consciência de que a vida em todas as suas manifestações estava ameaçada, realizou-se a 6ª Assembléia (Vancouver, Canadá, 1983). O tema: “Jesus Cristo – a Vida do Mundo”. Nesse evento surgiu o grande chamamento ecumênico: “Justiça, Paz e Integridade da Criação”.

No redemoinho dos últimos acontecimentos que mudaram a face do mundo, no final do século, acontece a 7ª Assembléia (Canberra, Austrália, 1991). O tema, apropriadíssimo: “Vem, Espírito Santo, e Renova Toda a Criação”. A aceitação crescente do movimento ecumênico por parte das igrejas expressa-se nestes números: 317 igrejas, 150 países. O grande dinamismo das expressões religiosas populares, significado da missão cristã no contexto da pluralidade das culturas, e os desafios dos novos movimentos sociais das mulheres, dos negros, da ecologia, além de outras questões, indicaram mais alguns caminhos para o movimento ecumênico.

No auge da crise financeira internacional que assola muitos países, com o crescente aumento do desemprego, o profundo questionamento da teoria e da prática da chamada globalização, realizou-se a grande assembléia do jubileu em Harare, Zimbábue, em dezembro de 1998. “Buscai a Deus com a Alegria da Esperança” foi a inspiração dos participantes desse histórico encontro. No momento em que o sonho de milhões de pessoas terem uma vida melhor e mais digna torna-se cada vez mais distante, com a política de exclusão imperante no mundo de hoje, o movimento ecumênico conclama todos a se comprometerem com a alegria da esperança.

### *Além das grandes assembléias*

É preciso ressaltar que o movimento ecumênico não se restringe ao CMI e que este, por sua vez, não se reduz aos grandes momentos das assembléias mundiais. O processo é mais complexo e rico. Resoluções tomadas pelas igrejas se concretizam através de programas, que exigem, muitas vezes, estruturas institucionais, níveis de decisões, serviços de apoio. O perigo de a institucionalização frear o dinamismo e a criatividade do movimento ecumênico existe, mas a criação de certas estruturas para viabilizar o seu desenvolvimento é indispensável. No momento o CMI está numa fase de reestruturação interna: procura adaptá-la aos novos momentos em que vive. Também já se consolidou a compreensão de que o movimento ecumênico não é ação exclusiva das igrejas e de que as organizações ecumênicas e outros movimentos são fatores essenciais para o avanço dele.

### *A Igreja Católica Romana e o ecumenismo*

A maior abertura da Igreja Católica Romana para a questão ecumênica só se deu recentemente, mesmo assim com certas reticências, avanços e retrocessos. Há razões históricas, políticas e eclesiológicas para isso.



Até o pontificado de João XXIII, a posição hegemônica reinante era de desconfiança e mesmo de certa oposição aos movimentos de unidade não subordinados ao Vaticano.

Foi no Concílio Vaticano II (1961-1965) que a abertura da Igreja Católica Romana ao ecumenismo começou a concretizar-se com mais pujança em muitas partes do mundo. Na América Latina o impulso maior veio de Medellín (1968) em que o próprio espírito da conferência e as resoluções tomadas indicavam perspectiva ecumênica.

O mais importante documento do Vaticano sobre a questão é o “Decreto sobre o Ecumenismo” (*Unitatis Redintegratio*), que adota posição claramente ecumênica ao afirmar:

O Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja (...) [mesmo quando são muitas as comunhões cristãs separadas que] andam por caminhos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido. Esta divisão, sem dúvida, contradiz abertamente a vontade de Cristo e se constitui um escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura.

Por este decreto membros de outras igrejas cristãs romanas não-católicas são reconhecidos como irmãos do Senhor.

Apesar desse documento, têm-se verificado avanços e retrocessos no compromisso com o movimento ecumênico. No atual papado de João Paulo II, volta-se à reafirmação de que o centro da unidade cristã está representado pelo bispo de Roma, o que certamente dificulta avanço mais profundo do ecumenismo institucional.

Por diversas vezes quis-se que a Igreja Católica Romana participasse do Conselho Mundial de Igrejas, mas até hoje não foi possível. Tem havido colaboração em muitos eventos e comissões ecumênicas, mas uma integração orgânica ainda não se concretizou. O ecumenismo, porém, não se dá, felizmente, apenas de forma oficial e institucional. A dinâmica do processo ecumênico vai à frente das resoluções eclesiásticas. Assim tem-se dado, em muitos casos, na América Latina, e os exemplos são inúmeros e inspiradores. Além das práticas ecumênicas nas pastorais populares, o testemunho do que vem acontecendo nas Comunidades Eclesiais de Base, principalmente a partir de seus encontros intereclesiais, é confortador e desafiante. Há, entretanto, algumas questões na marcha ecumênica com a Igreja Católica Romana que ainda não estão resolvidas, entre elas a intercomunhão euca-

rística. Acredita-se, entretanto, que a força do Espírito e o dinamismo do processo ecumênico vão solucionar esses e outros impasses.

### *O ecumenismo avança, apesar de tudo*

No início do século o movimento ecumênico era preponderantemente um esforço das igrejas da Europa e da América do Norte e de caráter hegemonicamente protestante. A proposta foi-se enriquecendo com a participação das Igrejas Ortodoxa e Católica Romana. Tomou outro fôlego e adquiriu características novas quando as igrejas do Terceiro Mundo começaram a se integrar, propondo outro estilo e desafios. Hoje, pode-se afirmar que é um movimento mundial, da *oikoumene*.

Apareceram inicialmente muitas oposições, em especial de movimentos fundamentalistas, que, por meio de uma rica e bem orquestrada campanha, levaram algumas igrejas a se isolarem e perderem a riquíssima experiência da participação na comunhão universal. Foram assacadas várias intenções sobre o ecumenismo, depois destruídas por si mesmas.

Na América Latina e no Brasil é inegável o avanço do ecumenismo em suas diversas expressões. Não no ritmo que se desejava, o que é explicável pelos próprios antecedentes históricos das nossas igrejas. Há muitas e importantes organizações ecumênicas na América Latina, destacando-se atualmente o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai). No Brasil, o ecumenismo tem grande diversidade de representações, sendo que o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) é o que reúne participação oficial. Constata-se, entretanto, forte resistência ainda, tanto em algumas igrejas evangélicas como em alguns setores católico-romanos, por motivos como: falta de informações, insuficiente compreensão do sentido do ecumenismo, condições históricas da implantação das correntes cristãs, características próprias das pastorais católicas e protestantes e, possivelmente, a própria estruturação do movimento ecumênico. O importante é a constatação de que o processo social e a sensibilidade popular vão impulsionando o ecumenismo, ultrapassando barreiras que impedem a unidade do povo de Deus.

### *Abrangências e questões do ecumenismo*

Não existe, na realidade, um só projeto ecumênico na atualidade, assim como uma única concepção de ecumenismo. A proposta é muito rica e não se esgota em apenas uma perspectiva de expressão. O próprio avanço do

processo apresenta novos questionamentos, muitos ainda não equacionados. Julio de Santa Ana, em *Ecumenismo e Libertação* (Vozes, 1987), apresenta, de forma clara e com profundidade, quatro grandes propostas de unidade entre os cristãos: o projeto da Igreja Católica Romana; a existência das “famílias confessionais” e o projeto da Federação Luterana Mundial; o projeto do CMI: “para uma comunidade conciliar igrejas locais que seja base de um dialogo universal de culturas”; e o projeto ecumênico popular: “unidade para testemunhar o Reino de Deus”.

Nos últimos anos o conceito de ecumenismo sofreu também transformações, de modo a adequá-lo não só à nova conjuntura eclesial, mas também para responder aos anseios de grande parte do povo sofredor dos nossos países, que luta pela dignidade de vida. A prática ecumênica ampliou-se e diversificou-se, enriquecendo as anteriormente consagradas. O movimento ecumênico, nas primeiras décadas de sua afirmação, deu ênfase à inspiração e ao incentivo do diálogo e de atividades comuns entre as igrejas cristãs. Foram e continuam sendo ideais e compromissos absolutamente valiosos e indispensáveis. Não se pode negar, entretanto, que houve avanços consideráveis nessa caminhada ecumênica. O nível institucional do ecumenismo ainda precisa ser estimulado, pois muitos passos estão para ser dados. A existência para a unidade do Corpo de Cristo continua a clamar nos nossos dias e cada vez mais fortemente. Isso significa ir além do diálogo fraterno entre as lideranças das igrejas. Tem que ser aprofundado e ampliado, entretanto questões fundamentais da fé, como o batismo, os ministérios e a eucaristia, para ser vivido plenamente pelo povo das congregações locais. E mais: ultrapassar o sentido exclusivo das confissões particulares em plano secundário.

O ecumenismo não pode, entretanto, se circunscrever ao institucional e programado. É muito rico para ser enquadrado em normas e cânones, e se reduzir caso se restringisse a reuniões e programas, quer de igrejas quer de organizações ecumênicas.

No ecumenismo eclesiástico também estão ocorrendo processos não-institucionalizados de aproximação das igrejas e comunidades. E é muito mais amplo do que se imagina. Sem alardes e propaganda, acontece na vida rotineira das congregações locais.

Há outra expressão do ecumenismo na América Latina. É o chamado ecumenismo de base ou popular. Esse conceito ainda não está bem elaborado, pois a criatividade com que o povo pratica o ecumenismo confunde

sociólogos e teólogos. Exemplo maravilhoso é o que está acontecendo nas Comunidades Eclesiais de Base e nas pastorais populares. É ecumenismo não-programado e não-rotulado. Acontece no cotidiano da vida dos pobres e dos oprimidos. É o encontro daqueles que lutam pela sobrevivência, dos que trabalham pela justiça e, juntos, tentam superar a miséria e o desespero que invadem a grande maioria dos nossos países. É ecumenismo de resistência e de esperança. Une cristãos e não-cristãos na luta por uma vida plena e digna.

No momento atual, se apresenta outro grande desafio ecumênico, com a celebração dos 500 anos da chegada dos europeus ao Continente. Se uma das tarefas do ecumenismo é lutar contra todas as formas de discriminação e racismo, como se posicionar frente aos cultos afro e indígenas e às demais expressões religiosas existentes no mundo de hoje, que ganham cada vez mais força e significado? Essa questão está no centro do debate, e não há, ainda, nem consenso nem reflexão suficiente acumulada para uma conceituação conclusiva sobre essa expressão do movimento ecumênico. No ecumenismo oficial denomina-se diálogo inter-religioso, outros grupos consideram como ecumenismo cultural e ainda outros advogam a chegada da época da transconfessionalidade.

### *Aliados na esperança*

O ecumenismo é símbolo que desperta esperanças, quebra sectarismos e alimenta sonhos. É a utopia da unidade da Igreja e da unidade dos povos. Semente de liberdade, mudança de estilos de trabalho e abertura de corações. Símbolo que se transforma em práxis na construção de sinais do Reino e no atendimento da oração de Jesus: “que todos sejam um”.



## *Sinais de esperança e de justiça\**

*Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.*

Mateus 11:25

Um dos desenvolvimentos mais significativos nas últimas décadas foi o recente despertar e amadurecer da consciência política do povo. A população pobre do mundo conscientizou-se dos seus direitos e do papel que pode desempenhar como protagonista na construção de uma nova sociedade. Foi-se o tempo em que massas de pessoas passivas aceitavam como natural – ou determinada por forças transcendentais – a situação de miséria e opressão. Estamos, sem dúvida, vivendo um novo momento histórico. Todas as forças da sociedade estão sendo desafiadas a se definir diante da nova situação. Como na totalidade dos processos sociais intensos, não há espaço para meros espectadores. De um modo ou de outro, todos somos participantes do atual momento histórico.

O aparecimento de tantos regimes militares e totalitários durante a última década, especialmente em países do Terceiro Mundo, é um sinal de reação a esses movimentos populares emergentes. Tais regimes não têm a menor chance de sobreviver diante do despertar dos espoliados. Baseados na violência e na manutenção de sistemas exploradores, eles sabem que sua situação é insustentável. As pessoas comuns estão destinadas a desempenhar o papel de atores principais no novo projeto histórico que surge. Não é coincidência que formas autoritárias de opressão do Estado estejam presentes mais frequentemente em países onde a maioria da população é constituída de jovens e de pobres.

---

\* Publicado no livro *Signs of Hope and Justice*. Genebra, Suíça: World Council of Churches, 1979. Traduzido para o português por Eula Maciel Cockell.

A Igreja, como um componente importante dessa estrutura social, também está sendo chamada a tomar uma posição. Desde suas origens, ela sempre participou dos grandes movimentos de crise social. Às vezes colaborou para melhorar as condições humanas. Outras vezes – devemos reconhecer – tomou decisões erradas, favorecendo os opressores. Também é justo reconhecer que é impossível fazer afirmações generalizadas sobre a Igreja, como se ela sempre agisse de maneira monolítica. Em seu meio houve aqueles que, em momentos de equívoco, foram capazes de se colocar corajosamente do lado da justiça e dos oprimidos.

Na situação atual – quando os pobres e oprimidos levantam sua voz, organizam suas forças, conscientizam-se de serem explorados e de terem o direito de participar de todos os níveis de poder – a Igreja está sendo insistentemente desafiada a se comprometer profundamente com o povo comum, prestando serviço e solidariedade. Isso certamente significa sacrifícios e riscos, ambos sinais de fidelidade à sua missão. A Igreja não pode permanecer surda e muda aos sinais dos tempos. Deve permanecer sensível ao chamado de Deus, Senhor da história, Criador e protetor do povo. Deus hoje chama a Igreja, por intermédio da Bíblia e da luta por justiça dos oprimidos, a assumir a causa dos pobres.

Durante momentos tão desafiadores, quando as mudanças às vezes ocorrem de forma repentina e inesperada, e quando a paciência dos pobres parece estar chegando ao fim, as decisões já não podem ser adiadas indefinidamente por pretextos variados. Se não, há o risco de perder o significado da história e de ocupar um lugar equivocado, por omissão ou ambiguidade. Uma parte constante da história do povo de Deus é a capacidade de correr riscos, a coragem de penetrar no desconhecido pela fé, a confiança em um futuro indefinido. Felizmente a Igreja, em muitas partes do mundo, está assumindo os riscos de se transformar numa Igreja dos pobres e aceitar com alegria esses sinais de renovação.

É sempre assim. Quando a Igreja se instala confortavelmente dentro de seu contexto social; quando dá prioridade à sua institucionalização; quando se preocupa exclusivamente com suas próprias estruturas; quando aceita sua educação teológica como final e sua interpretação da Bíblia como definitiva; quando tudo isso acontece, os ventos do Espírito Santo surgem invariavelmente para arrancá-la de sua letargia e questionar suas posições fixas. Esses ventos agora parecem estar soprando intensamente por meio

do clamor e das exigências do povo. Ao aceitar esses desafios, a Igreja se conscientiza dos sinais evidentes de um novo Pentecostes.

Boas-novas vêm de muitas partes do mundo, falando sobre o envolvimento de setores da Igreja na luta dos pobres. Esses são sinais alvissareiros de esperança, indicando que o povo de Deus, fiel ao Evangelho, aceita, mais uma vez, o desafio dos tempos. Tais sinais de esperança só aparecem nas lutas do dia-a-dia. Substituem as boas intenções de meras formulações teóricas, éticas ou sociais. Só é possível anunciar um Cristo identificado com os pobres pela prática de solidariedade com os pobres. Isso requer renúncia, humildade, ações e posições claras.

Nessa luta por justiça, a Igreja está aprendendo que, a fim de entender plenamente o radicalismo maravilhoso proveniente da libertação dada por Cristo, precisa mudar a perspectiva na interpretação da realidade social, muitas vezes alterando sua posição e frequentemente tendo a coragem de perceber o desafio do momento histórico através dos olhos dos pobres. Isso, sem dúvida, levará a uma renovação profunda da Igreja. Por séculos, ela aceitou como correta, consciente ou inconscientemente, a visão dos opressores do mundo e de suas mudanças sociais. Hoje, ela é convidada a encarar o risco de olhar o mundo por um ângulo diferente.

De tal ângulo, pela perspectiva dos oprimidos, a participação do povo em todos os níveis da Igreja é um resultado natural dessa renovação. Os pobres são os portadores privilegiados da mensagem libertadora de Cristo e, por intermédio deles, todos os seres humanos podem ser alcançados. Isso não implica em que a mensagem de salvação seja exclusiva, mas que devemos ser receptivos e abertos, a fim de percebermos onde Deus está falando fortemente em nossas vidas.

Os pobres estão começando a sentir que são realmente a Igreja. Em muitos lugares, ela começa a parecer como seus próprios lares, sem pompa nem formalidades, onde a participação plena é considerada natural. Esse novo modo de ser da Igreja apaga a impressão frequente de que as pessoas são visitas nas igrejas, meros ouvintes daqueles que conhecem a verdade e que lhes concedem o privilégio de passar algumas horas com eles.

Esse não é um movimento de oposição à Igreja. É um esforço para renovar compromissos e estruturas que ficaram esquecidos e endurecidos. É também um convite para viver os valores e desafios da mensagem cristã de modo comunitário. É um chamado à reflexão, uma fonte profunda de inspiração, um chamado à identificação com os pobres, motivado pela fé.



É uma busca de novas estruturas de comunhão em que a participação dos mais fracos ocupa o lugar preponderante que lhes pertence. É a descoberta de um Deus vivo na humanidade sofredora. É o reconhecimento do fato de que a Igreja muitas vezes legitima as estruturas sociais iníquas que esmagam a pessoa humana e se beneficia delas.

O surgimento de uma nova forma de Igreja, fortemente baseada no Evangelho e nos pobres, não implica na existência de uma fórmula completa que seja ingenuamente perfeita, sem erros ou ambiguidades. Ela está em constante processo de renovação. Essa Igreja dos pobres é um grande sinal dessa renovação em nossa época. Não que um novo Deus esteja sendo descoberto, embora Ele sempre possa Se revelar de novas maneiras. Só Deus sabe os tempos e as estações, depende de nós estarmos sensíveis e humildemente abertos ao Seu chamado.

Outro sinal de renovação é a força que a Palavra de Deus está adquirindo nesse modo de ser Igreja. Os pobres e os humildes agora veem o Evangelho como seu próprio livro. Podem entender sua mensagem e ser inspirados por ela. Agora se aproximam de seus ensinamentos sem medo, sem complexo de inferioridade, sem tremer, assim tornando desnecessárias certas mediações.

Em muitos lugares, os pobres estão descobrindo a Bíblia. Com simplicidade, abertos ao que o texto inspira e comunica. Certamente isso às vezes questiona uma exegese bíblica resultante de uma disciplina acadêmica afastada da realidade deles. Mas quem pode duvidar de que tal leitura da Bíblia possa constituir um novo modo de Deus manifestar Sua presença e Sua vontade?

Dentro dessa Igreja que se renova, a Bíblia está se relacionando diretamente com as duras realidades nas quais o povo vive, enriquecida pelos laços fraternos profundos da comunidade dos pobres e inspirada pela força do próprio Evangelho. Esse novo aspecto que deve ser enfatizado é o “lugar” onde a Bíblia é lida. É de uma nova situação de cativo que a Bíblia está falando, dentro de uma luta intensa onde não existe mais uma dicotomia entre a fé e o viver diário. A leitura da Bíblia é para inspirar a peregrinação do povo aqui e agora, alimentando a fé. Carlos Mesters, que vive essa experiência no Brasil, escreveu: “As pessoas explicam a Bíblia com um novo olhar proveniente do ‘cativo’ no qual vivem e das lutas que mantêm. Em sua interpretação, a Bíblia trocou de lugar e está agora do lado dos oprimidos. Somos incapazes de ter o mesmo olhar de alegria,

gratidão, admiração e novidade no engajamento como aquele com que o povo lê a Bíblia. A Bíblia resulta numa peregrinação de libertação”.

Nas ricas experiências dessa Igreja dos pobres, o “lugar” no qual o texto é lido e interpretado é fundamental. Camponeses leem o Evangelho em condições de vida quase desesperadas, num mundo subdesenvolvido, miserável e sofrido. Operários leem em fábricas opressoras, de lutas sindicais, de greves, de fome. Indígenas leem de uma discriminação sofrida em todos os níveis de existência, numa luta diária pela sobrevivência. Mulheres leem no seu sofrimento diário em busca de alimento para os filhos, em condições precárias de moradia. Negros em alguns países leem na violência da discriminação que sofrem. Todos leem na esperança certa de que as coisas mudarão quando as estruturas malignas de dominação e exploração forem eliminadas. É lá que a mensagem do Evangelho se renova mais uma vez. A sua riqueza aparece ilimitada. O Espírito Santo está revelando coisas novas para os humildes e pequeninos e que são ocultas para os grandes e os sábios.

Isso não significa que a importância da exegese científica na interpretação da Bíblia deva ser minimizada. Porém, nessa situação de sofrimento e opressão, não basta saber como o texto surgiu e qual era seu significado original. É imperioso sentir a sua força no aqui-e-agora, num processo impregnado de esperança. O Espírito Santo está fazendo isso e está comunicando a sua mensagem para as pessoas comuns. É imperioso ir à raiz do texto, mas o povo também quer o fruto dessa árvore. A Bíblia deixa de ser apenas um instrumento de consolação ou um anúncio de um novo reino que virá depois da morte. Torna-se um instrumento dinâmico de luta, uma mensagem que fala intimamente das realidades concretas de um viver diário. O livro que era considerado tão difícil, entendido por uns poucos privilegiados e que discutia coisas distantes e abstratas se tornou contemporâneo e concreto. O povo se apossa da Bíblia com amor e simplicidade. Enriqueceu sua interpretação por meio da perspectiva dos pobres e oprimidos. Exemplos do impacto e da força dessa leitura do Evangelho são numerosos e profundamente tocantes.

Essa renovação também afetou a teologia. Nessa maneira de ser Igreja, teólogos estão sendo chamados a ter uma ligação concreta com essa Igreja do povo. Sem um engajamento real, é quase impossível fazer uma teologia relevante a essa peregrinação da Igreja. O Evangelho deve ser sentido do ponto de vista dos pobres. O teólogo precisa ter uma identificação real com

as duras realidades em que o povo vive. É necessário compreender que a religião do povo não é um subproduto da religião de grupos dominantes. Para as pessoas simples, a religião é um componente importante de suas vidas. É a entrada principal para sua consciência. Está profundamente enraizada em sua visão do mundo. É necessário ter sensibilidade e humildade para entender as formas culturais comuns em que a religião é vivida. Não são formas de segunda classe de religiosidade, nem manifestações degeneradas de uma forma erudita e pura de religião. Essa compreensão também é importante para práticas litúrgicas. Uma liturgia que vai contra a maneira habitual com que as pessoas vivem e celebram sua fé não pode ser imposta.

Outro sinal de esperança é o começo da quebra de barreiras que as igrejas cristãs ergueram entre si e o povo. As várias correntes de cristianismo tornaram-se muros que separam os seres humanos. Esforços ecumênicos em anos recentes contribuíram muito para diminuir tensões e abrir janelas. As experiências de uma Igreja solidária com os pobres estão realizando tais esforços. Essa Igreja está vivendo um ecumenismo não planejado. É um ecumenismo baseado nas lutas dos pobres e fortalecido pela convergência de esforços e opções comuns de pessoas e grupos que, mais uma vez, se engajaram com aquela Igreja solidária com os pobres e os oprimidos. Reúnem-se como participantes naturais nas lutas de libertação e na construção de uma sociedade nova e mais justa. Esse ecumenismo originado do povo consolida-se ao se basear em seus problemas e suas lutas, inspirado pelo estudo do Evangelho dentro de uma perspectiva da unidade e totalidade da mensagem de Cristo.

O processo de luta e renovação é cheio de esperança e alegria. Pode parecer um paradoxo que seja possível falar em alegria dentro de um contexto de tanto sofrimento e opressão. A esperança do Evangelho, porém, explica isso. Até os sinais tímidos de libertação revelados pelo Evangelho reforçam o entusiasmo e a vontade de lutar. É a alegria que se apossa dos pobres quando descobrem que são o povo favorito de Deus, quando sua dignidade é reconhecida por Aquele que lhes trouxe as boas-novas. É a alegria da peregrinação que conforta e alimenta o povo em seu esforço sofrido para a construção de um novo mundo. É a alegria sentida pelo povo quando se conscientiza de sua força e percebe que ele, sozinho, é o instrumento principal de sua libertação.

Essa forma de ser Igreja está surgindo por toda parte. Não é um privilégio dos países pobres em continentes subdesenvolvidos. Pode ser uma realidade para todos aqueles desejosos de assumir os riscos desse chamado de Deus e prontos para lutar contra as estruturas sociais malignas. Estas estão criando o maior escândalo de nossos tempos: o aumento de fome, miséria e opressão em um mundo de nações e grupos ricos, que gastam na indústria da morte o que tiram de tantos. A universalidade da Igreja se torna uma realidade nesse processo: todas as igrejas podem se tornar militantes pelo bem de justiça em seus próprios contextos locais. Só se pede que os olhos estejam abertos para ver essa planta em crescimento, que os ouvidos estejam sintonizados para ouvir os gritos corajosos dos povos e que decisões ousadas possam ser envolvidas nesse processo de libertação, conhecendo as alegrias e os riscos implicados.

Os sinais dessa renovação da Igreja são simples e humildes como seu Mestre e Senhor. Os que vivem essa experiência não são arrogantes. São, porém, inspiradores, corajosos e fortes. Eles apelam para a Igreja toda que se abra a tais sinais de renovação e arrependimento. Isso implica em um convite afetuoso para que igrejas em nações ricas e poderosas se tornem companheiras e irmãs nessas lutas. A vasta influência do Evangelho, o poder do Espírito Santo e o amor de Deus são ilimitados.

Tudo isso não se resume a algumas ideias ligadas a uma sociologia de religião ou a uma antropologia que superestima o povo. Não, esse é um processo que já existe. Muitos já morreram por ele. A galeria dos que deram a vida pela Igreja dos pobres já é bastante grande em todos os continentes e em todas as igrejas. Suas vidas e suas mortes não foram motivo de desânimo. Elas ainda atraem fortemente os que estão engajados no mesmo ideal. Existem aqueles que continuam presos e outros que são perseguidos e humilhados de todas as formas. Ainda outros arriscam suas vidas todos os dias nas lutas do povo e da Igreja. As palavras de Cristo certamente se dirigem a eles: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa” (Mateus 5:10,11).

Os sinais estão aumentando, a esperança está se fortalecendo e o convite está se tornando mais atraente e eloquente para todos que ousam esperar um dia viver com fidelidade o Evangelho que nos foi revelado por Cristo.



## *Algumas notas sobre duas perspectivas de pastoral popular: a das comunidades eclesiais de base e a dos grupos evangélicos pentecostais\**

Uma palavra inicial sobre a natureza deste trabalho. Não se trata de um artigo rigorosamente estruturado que tenha como intuito uma interpretação sociológica de práticas pastorais tão complexas. São apenas algumas notas de uma palestra apresentada num seminário do Iser (Instituto Superior de Estudos da Religião) sobre “Pentecostalismo e Mudança Social”. Alguns conceitos usados no trabalho deixam de ser explicitados pois já haviam sido alvo de discussões anteriores no próprio seminário.

O conceito de pastoral tem recebido novas conotações nos últimos tempos. Deixou de ser encarado por alguns grupos religiosos como simplesmente ação orientada ou executada pela liderança eclesiástica junto aos seus fiéis. Primeiro porque mudou-se a concepção de que a atividade da Igreja seria responsabilidade de clérigos ou dos seus escolhidos colaboradores e entendeu-se que deveria ser a atuação da comunidade em conjunto, visando a uma intervenção deliberada na realidade social. Em segundo lugar, ampliou-se o campo de influência da ação pastoral – a responsabilidade ultrapassou a “comunidade e os interesses dos fiéis” e estendeu-se a um compromisso com a comunidade total e especialmente com as camadas populares. Não se pode dizer que essa compreensão seja comum em todos os setores da Igreja, nem no grupo católico, nem nos diversos grupos evangélicos. Também não se pode confundir a ação pastoral com qualquer tipo de ação social, pois a pastoral atua com dois marcos referenciais: o da fé, expressa no Evangelho, e o da realidade social.

Gustavo Gutierrez, em seu trabalho “Linhas Pastorais da Igreja na América Latina”(ver suplemento do CEI, nº 11), distingue quatro opções pastorais que de certa forma coexistem no Continente. São uma Pastoral

---

\* Publicado no *Caderno do Iser*, nº 6, “O pentecostalismo”. Rio de Janeiro: Iser, março de 1977.

da Cristandade, uma Pastoral da Nova Cristandade, uma Pastoral da Madureza na Fé e uma Pastoral Profética. Afirmar que no momento a mais importante é a última, fruto não só das reflexões do Concílio Vaticano II e de Medellín, mas de todo um repensar da ação da Igreja no mundo. A maior preocupação é com o povo que está fora da Instituição Igreja reorientando a pastoral em função deles. A pastoral profética se esforça por tirar todas as consequências da afirmação da salvação universal que o Evangelho traz e a intenção de viver, de forma radical e coerente, as exigências sociais do Evangelho. Trata-se, sem dúvida, de uma linha pastoral de busca; as suas realizações ainda são escassas e muito de seu avanço no plano da ação é feito experimentalmente, estando, no plano teológico, com fundamentação mais definida.

Não se pode, portanto, em qualquer análise da ação da Igreja, tomá-la como se fosse um bloco monolítico. Isso seria um equívoco muito primário e um desconhecimento total do sistema de relações existente entre as instituições que compõem uma sociedade. Mais grave ainda seria pensar-se que as diversas perspectivas ideológicas, as leituras diferentes de realidade não penetrassem e mesmo dividissem os agentes sociais que pertencem à Igreja. As divisões e contradições da sociedade representam-se, materialmente, nas diversas instituições que estruturam e organizam as relações sociais, e a Igreja, de forma alguma, poderia estar infensa a esse fato, que se manifesta de forma objetiva e evidente nas suas ações, atitudes e declarações. Estão aí os fatos para comprovar isso.

### *A atuação da Igreja junto às camadas populares*

Parece que nos últimos anos setores da Igreja descobriram que o seu trabalho relevante seria junto às camadas populares da sociedade. Passou-se por todo um período de reavaliação de métodos e pedagogias, e, através de análises mais sérias ou por simples intuição, a busca do povo veio a se constituir como a grande preocupação de grupos católicos e evangélicos. Verificaram-se, entretanto, métodos, objetivos e resultados bastante diferentes na formulação, pelos diversos grupos religiosos, das suas pastorais populares.

No Brasil, sem dúvida, a Igreja é uma das mais importantes instituições promotoras de trabalhos populares, principalmente as chamadas de educação de base. Estes estão incluídos na chamada ação pastoral e vêm atingindo vastos setores das camadas populares.

Como a Igreja é elemento muito significativo na formação do universo simbólico do povo, torna-se necessário que sejam melhor caracterizadas as práticas pastorais dos diversos grupos que atuam no meio popular. Naturalmente muitas expressões dessa preocupação poderiam ser analisadas, mas as mais significativas são: no meio católico as Comunidades Eclesiais de Base, e no meio evangélico os Grupos Pentecostais.

Não é objetivo deste trabalho fazer uma análise exaustiva dos dois grupos apontados, pois exigiria pesquisa profunda e muito mais elaboração. Nestas rápidas notas pretende-se simplesmente mostrar algumas características mais evidentes dessas pastorais e referi-las ao tema do relacionamento da Igreja com o processo de mudança social. Também não cabe discutir neste momento o conceito de mudança social, o que exigiria trabalho com outro tipo de formulação.

#### *A. As Comunidades Eclesiais de Base*

A atuação organizada mais importante ou pelo menos mais volumosa da Igreja Católica junto às camadas populares é representada pelas milhares de Comunidades de Base criadas nos últimos 10 anos no Brasil. Não se apresentam de maneira uniforme, nem com a mesma perspectiva de atuação em todos os lugares. São bastante variadas, mas com forte característica comum: opção prioritária de trabalho nos meios populares.

Uma experiência recente como a das Comunidades Eclesiais de Base oferece um leque muito largo de características e possibilidades ainda pouco definidas que irão sendo clareadas ao longo do tempo, coincidentes umas, contraditórias outras. Nada pode assegurar, com antecedência, que a práxis irá taxativamente eliminar as contradições, mas, como é comum em todo o processo social, superar umas e fortalecer outras.

Sua fase ainda iniciante, bem distinta em cada uma das localidades, só permite análises provisórias, dando conta de aspectos e questões com pesos relativos e variáveis, a cada momento e em cada lugar. De forma bem sucinta poderíamos, entretanto, tentar extrair das experiências das Comunidades Eclesiais de Base mais expressivas, conscientes e duradouras alguns pontos essenciais, com as ressalvas anteriormente apresentadas:

1. A prática da participação popular – É, sem dúvida, um passo muito grande na direção do povo. A participação popular nessas experiências é requerida em diversos níveis:



- na reflexão bíblica e teológica, que deixa de sair pronta de “cima”, da palavra do padre “transmissor da verdade”;
- na organização material da Igreja com distribuição de tarefas da paróquia, que deixa de ser propriedade exclusiva do clero ou de seus ajudantes mais próximos;
- na participação em algumas das funções do padre, compartilhando de alguma forma no ministério sacerdotal e gozando do seu prestígio;
- na participação da escolha e no assumir ações desenvolvidas na comunidade global, na esfera do trabalho e das necessidades da população local.

A prática da participação precisa, entretanto, ser analisada em suas diversas perspectivas. Imediatamente algumas questões poderiam ser apontadas: uma participação de concordância? Uma participação crítica? Uma participação na consulta feita pelo padre ou pelos dirigentes para “legitimar” ou “dar base” às decisões tomadas pela direção?

Alguns problemas têm surgido com a maior participação popular na estrutura da Igreja Católica. Em sua ambiguidade, a Igreja ainda se constitui como proporcionadora de status em vastas camadas populares. Essas novas estruturas eclesiais podem-se tornar um meio de realização das aspirações de ascensão social dos indivíduos. Os novos agentes de pastoral de origem popular e leigos podem passar a adotar linguagem e atitudes próprias da hierarquia da Igreja, desprezando suas raízes culturais e considerando-se superiores aos seus companheiros de classe.

2. A opção pelas camadas populares – Esta é outra dimensão importante das Comunidades Eclesiais de Base. Estar com a maioria pobre da população é considerado fundamental em qualquer tempo, para uma instituição que deseje influenciar na sociedade e que vai exigir muito mais do que uma simples atitude ingênua ou emocional de “estar com o povo”. Imediatamente vem a pergunta – para quê?

Parece que as Comunidades de Base começam a tomar consciência, pelo menos algumas, dos riscos e responsabilidades que isso significa. Têm havido esforços para não se “usar” o povo, nem instrumentalizá-lo para a Igreja. Nem ser mais uma organização para o povo, mas antes ser o próprio povo em atuação consciente e própria. Pretende ser uma Igreja que nasce do povo. Observa-se que o conceito “povo” é bastante difuso e que as reais causas da sua problemática nem sempre são bem detectadas.

Apesar disso tomam-se como prioritários os problemas e interesses das camadas populares. Reveste-se de uma preocupação de encaminhar o trabalho pastoral numa perspectiva de solução dos problemas da comunidade fugindo da perspectiva assistencialista.

3. A redescoberta do Evangelho – É impressionante a importância e ênfase que se dá ao estudo da Bíblia e principalmente aos ensinamentos dos Evangelhos. Seria difícil pensar-se 20 anos atrás grupos católicos, principalmente populares, fazendo sozinhos estudos da Bíblia. Estes pareciam ser monopólio, ou de padres, ou de grupos protestantes.

O ganho maior, entretanto, parece ser “ligar o Evangelho com a vida”, que se pode encontrar presente em vários depoimentos das Comunidades Eclesiais de Base: “Nós passamos a entender que a Igreja somos nós mesmos; nós, quando procuramos a melhoria das nossas condições, da nossa comunidade, do povo, enfim”. O fato de serem discutidos na Igreja os problemas concretos da comunidade já é um passo fértil e mobilizador de participação popular, mas o elemento que se quer ressaltar é o “refletir bíblico colado à vida”.

A inserção do Evangelho na vida se concretiza, portanto, na ação dos cristãos na sociedade, junto com outras pessoas de seu meio. Isto se observa tanto na ação individual de solidariedade com um amigo, um vizinho, um companheiro de trabalho, como, e sobretudo, na ação social de um conjunto de pessoas com interesses comuns atuando na comunidade para transformá-la.

No magnífico trabalho do Frei Carlos Mesters – *Flor sem defesa. Ler o Evangelho na Vida* (Revista Sedoc – nº 95 – Petrópolis, Vozes, out. 76) – sobre essa característica das Comunidades Eclesiais de Base lê-se: “Bíblia e vida estão ligadas na visão que o povo tem. Abrindo a Bíblia, querem encontrar nela as coisas da vida, e na vida querem encontrar as coisas da Bíblia. Espontaneamente, a Bíblia é usada por eles como imagem, símbolo ou espelho daquilo que acontece com eles. Chegam ao ponto de quase confundir as duas coisas e dizer: ‘A Bíblia da gente é a vida da gente’.

“Nem sempre conseguem concretizar essa ligação entre Bíblia e vida. Chegam a fazer ligações arbitrárias, sem fundamento nem na letra da Bíblia nem na realidade que hoje vivemos. Mas isso não impede nem anula a intuição profunda, presente em todo o uso que o povo faz da Bíblia: a Bíblia tem a ver com a vida”.

4. Análise da realidade – Questão bastante complexa é esta que consta como preocupação das Comunidades Eclesiais de Base – a análise da realidade social. Alguns relatórios por nós examinados diziam: “tem-se como base a história do povo da região e como objetivo levar os grupos a desenvolverem seu senso crítico, tomarem conhecimento da realidade, se capacitarem para analisá-la e se tornarem sujeitos de mudança social”; entretanto outros dizem: “ainda não se chega a descobrir as causas da opressão social. Não há uma pedagogia que permita ao povo tal análise”.

O que se quer ressaltar é a novidade de que a ação pastoral popular toma como um dos seus elementos básicos fazer com que o povo analise e compreenda a realidade em que vive. Parece ser esse um passo qualitativo significativo dentro da ação da Igreja, na perspectiva de seu relacionamento com a mudança social.

A sua compreensão do real ainda carece, contudo, de certos critérios de ordem científica. Geralmente são utilizados isoladamente alguns conceitos científicos dando-lhes uma certa conotação evangélica, humanista, parecendo que isso é suficiente para orientar uma prática e definir o sentido da ação pastoral frente à problemática social.

5. Interesses da comunidade ou interesses da Igreja? – Este é um aspecto ainda não muito claro. Serão as Comunidades de Base apenas mais um recurso pedagógico da Igreja para se chegar ao povo? Essa nova forma teria suas motivações principais no número mais reduzido de padres, na distância criada entre a Igreja e a grande massa da população nos diversos níveis sociais, na separação entre a prática tradicional da Igreja e a vida prática da população? Ou realmente significam compromisso consciente com a problemática popular, com os seus interesses, com um assumir os caminhos do povo e com ele marchar na solução de seus problemas?

Num artigo de J. B. Libânio em que estuda as Comunidades Eclesiais de Base, intitulado “Uma comunidade que se redefine” (Sedoc n° 95, Petrópolis, Vozes, out. 76), encontra-se: “É uma Igreja profundamente voltada para a problemática dos homens que a constituem e que a cercam. Interessante notar que a consciência psicossocial de solidariedade nos problemas e na sua solução não se distingue na prática de ser Igreja. O elemento mais direto e explicitamente teológico cede lugar para o aspecto experiencial de ser grupo a serviço das necessidades imediatas que afligem os irmãos da comunidade. O acento cai sobre o aspecto comunitário”.

Naturalmente a experiência das Comunidades Eclesiais de Base ainda é muito recente e diversificada para se extraírem conclusões e respostas mais definitivas.

6. Localização das Comunidades Eclesiais de Base – As experiências mais duradouras e numerosas têm se localizado nas zonas rurais e nas periferias das cidades. Os centros urbanos não têm mostrado grande receptividade a esse tipo de ação. Por não ser objetivo desse trabalho, deixamos de avaliar as razões dessa preferência geográfica; nos restringimos apenas a constatar-la.

### *B. As comunidades pentecostais*

Inegavelmente, entre os grupos evangélicos aqueles que possuem reais bases populares são os chamados pentecostais. As denominações, comumente chamadas históricas, além de não terem apresentado crescimento significativo na última década, principalmente, comparando-se com o aumento demográfico do País, têm se radicado nos estratos médios da população, e nos casos em que chegam a atingir pequenas parcelas dos setores populares, estas são incorporadas a uma comunidade onde predominam valores, padrões de comportamento e todo o sistema de representações típicos de classe média.

As comunidades pentecostais, cujo crescimento nos últimos anos já fez com que se constituíssem na maior parte da versão de cristianismo chamado evangélico, são realmente as que exercem ação pastoral popular mais significativa.

Novamente necessita-se fazer duas observações importantes. Assim como nas Comunidades Eclesiais de Base torna-se impossível uma generalização da análise, também nos grupos pentecostais essa dificuldade se apresenta mais evidente. A facilidade com que se dividem e formam novos grupos autônomos, a influência decisiva das lideranças que imprimem fortemente suas marcas na comunidade, além de outros fatores, dificultam de certa forma uma caracterização mais ampla. Entretanto, não se pode negar a recorrência de certas características, a constante presença de certas ênfases e um determinado sentido da ação que podem possibilitar a indicação de um quadro geral, próprio das comunidades pentecostais. Outra observação é a que diz respeito ao conceito de ação pastoral. Apesar da liderança forte expressada pelo pastor local e seus prepostos provenientes dos setores

populares, observa-se que a comunidade, como um todo, assume responsabilidades e sente-se comprometida com a ação da Igreja.

O que nos interessa agora é verificar as características básicas desse tipo de ação pastoral popular, tomando ainda como marco de referência o tema do relacionamento da Igreja com a mudança social.

1. A prática da participação popular – Este é um elemento básico nas comunidades pentecostais. A congregação como um todo tem participação ativa nos programas da comunidade eclesial. Cria-se um verdadeiro espírito de solidariedade e de companheirismo entre os irmãos. Trata-se, sem dúvida, de uma prática de organização popular muito intensa e eficaz. Os canais de expressão do povo são permitidos e estimulados; e isso verifica-se nos testemunhos, nos cânticos (muitos de autoria do próprio povo), no uso de instrumentos musicais tipicamente populares, nas pregações onde o leigo tem pleno acesso, nas orações comunitárias, nas assembleias administrativas, etc.

É importante que se verifique com mais profundidade o sentido dessa participação. Em primeiro lugar, trata-se quase sempre de uma prática participatória limitada aos assuntos próprios do grupo religioso. É uma comunidade que dá ênfase principal aos seus interesses específicos ou dos seus membros em particular. Não há preocupação maior com uma política participatória que extravase suas portas. Em segundo lugar, é uma participação mais de concordância, já que essas comunidades aparentemente democráticas estão, na realidade, quase sempre sob regime de natureza autoritária, na dependência de uma liderança forte que se legitima especialmente pelo uso dos seus carismas. Não é estimulada a participação dos fiéis nos órgãos de expressão comunitária mais amplos como sindicatos, clubes, centros de vizinhos, já que muitas vezes são vistos como coisas “do mundo” que devem ser até evitadas. Mas como o próprio acesso participatório cria certas condições dinâmicas imprevisíveis, têm-se encontrado certos grupos pentecostais envolvidos em reivindicações populares mais amplas e participação de alguns de seus membros nos órgãos de representação popular.

2. A opção pelas camadas populares – Não se trata de resultado de uma opção decorrente de uma concepção de ação pastoral, que possa levar o povo a tomar consciência das causas de sua situação e seja levado a atuar

sobre a realidade social com o intuito de modificá-la. O estilo e o conteúdo da mensagem, os apelos emocionais, o interesse e as promessas de resolução de problemas cruciais do povo, a valorização e o uso dos símbolos populares vão encontrando receptividade em amplas camadas populares, que, não dispondo de outras formas de expressão e não vendo caminhos para a solução de seus problemas, aceitam a proposta pentecostal como a resposta adequada às suas necessidades. As comunidades pentecostais também se constituem em formas de ascensão social individual e podem representar estruturas substitutas onde esse desejo de mobilidade possa se expressar, quando os canais da comunidade global, por razões estruturais, se encontram bloqueados para essas pessoas ou grupos. Assim, os postos que trazem prestígio, que significam poder e autoridade, são exercidos na comunidade religiosa por aqueles que são oprimidos e relegados a funções consideradas inferiores na estrutura social ampla.

Outro aspecto saliente é que a comunidade pentecostal, quase sempre, retira ou pelo menos diminui bastante a participação dos seus fiéis nos movimentos populares. A conversão ao pentecostalismo significa, na maioria dos casos, a perda dessas pessoas para lutas mais amplas.

Como a ênfase da ação pastoral recai no indivíduo, toma-se como base para a melhoria da sociedade a maior aceitação pessoal da mensagem e dos padrões éticos pentecostais.

3. Evangelho e vida – A leitura e interpretação da Bíblia e principalmente dos Evangelhos, é também elemento central nas comunidades pentecostais. Ela está também estreitamente relacionada com a vida dos seus membros. O seu estudo, a sua leitura e a prática dos seus ensinamentos são bastante constantes e difundidos. Não se pode pensar em uma comunidade pentecostal onde não esteja presente a Bíblia. A atuação do Espírito Santo é tomada como um dos pontos centrais de fé e de doutrina. O acesso e a interpretação dos textos bíblicos não são privilégios nem do pastor, nem dos dirigentes principais da comunidade.

O Evangelho é usado principalmente no sentido de conversão e novos adeptos que, aceitando a mensagem de salvação pessoal, virão fortalecer a comunidade eclesial. A Bíblia indica e o Espírito Santo outorga certos dons especiais e determinadas pessoas que através de atos milagrosos resolvem problemas do povo, sempre individualmente, quer da natureza material, quer espiritual.

Como a preocupação maior não é com a estrutura social e sim com o indivíduo, a mensagem profética não alcança o mesmo dinamismo e preocupação como a de outros grupos. Segundo a interpretação que fazem do Evangelho, a solução para a problemática social não pode ser encontrada pelos homens, nem se vai dar neste mundo.

A política é quase sempre tomada como algo indesejável do mundo, mas dela faz-se uso para interesses explícitos do grupo eclesial (favores que se alcançam para a Igreja) ou para interesses individuais dos seus membros. É comum nos momentos eleitorais a opção religiosa predominar sobre a opção política.

4. A análise da realidade – Não se tem observado preocupação nesse tipo de reflexão, mesmo na forma incipiente como se constatou em algumas Comunidades Eclesiais de Base. Dentro da “teologia” pentecostal isso é bem lógico e compreensível. O que caracteriza a realidade social (o mundo) é o pecado que se manifesta nos indivíduos, principalmente através de seus princípios morais e do seu comportamento ético. O importante é atacarem-se as manifestações da realidade nesse nível de prática e conseqüentemente os problemas detectados serão os vícios, a desonestidade, a prostituição, os jogos, os prazeres do corpo, as doenças, etc. Eles são fruto de “ação demoníaca”, e somente a “ação divina” será capaz de solucioná-los.

Não há, portanto, razões para análises estruturais com finalidade de orientar a ação pastoral. A problemática aparece para eles clara e concretamente e as soluções, como são simplificadas ao nível do indivíduo, vão encontrar caminhos, quase sempre, extra-oficiais. Não se exclui, entretanto, o uso dos instrumentos criados pela sociedade para solução de certos problemas. Recorre-se a eles quando necessário, mas com a convicção de que as soluções mais definitivas não se encontram neste mundo, nem são obtidas através da ação humana (“somente o poder de Deus é que resolve a problemática do mundo”). O processo de reificação é, portanto, muito forte e serve como explicação para questões difíceis que exigem soluções mais profundas. A alienação da problemática social como um todo estruturado, nos seus níveis sociopolítico-econômicos, é uma natural conseqüência do sentido que a ação pastoral tem nas comunidades pentecostais.

5. O fortalecimento do grupo – A preocupação maior da ação pastoral é o fortalecimento do grupo religioso e não a mudança da realidade social,

como um todo. Sendo um grupo minoritário e mais voltado sobre si mesmo, o proselitismo passa a ser naturalmente sua intenção principal. Isto se faz sentir de muitas formas: pela mensagem da palavra (o Evangelho), pelo testemunho de vida e, muito fortemente, pelo uso de dons milagrosos, especialmente o da cura de enfermidades. Fundamentado nessas ênfases tem alcançado grande receptividade em populações carentes, e o seu crescimento tem impressionado a todos os estudiosos da religiosidade popular.

6. Localização – Os grupos pentecostais têm encontrado maior aceitação nos centros urbanos, principalmente nos bairros periféricos. Começaram a penetrar recentemente nas zonas rurais, nos pontos de maior densidade demográfica.

### *C. Elementos comparativos e observações provisórias*

À luz dos elementos indicados anteriormente, podemos extrair algumas observações:

a) A ação pastoral popular católica tem na prática participatória um dos seus elementos característicos básicos, o mesmo acontecendo com as comunidades pentecostais. O sentido dessa participação é, entretanto, bem diverso. Enquanto nas Comunidades Eclesiais de Base ela visa ao preparo e ao incentivo para a participação, não só no grupo eclesial, mas principalmente no grupo maior; nas comunidades pentecostais, além de se circunscreverem quase sempre ao seu grupo específico, não têm significado necessariamente a construção de estruturas que rompam com o autoritarismo ou outras formas verticais de poder.

Também não se pode idealizar a participação popular nas Comunidades Eclesiais de Base com uma atitude que leve até às últimas conseqüências uma prática democrática. Poder-se-ia discutir se se trata de uma “participação de concordância” ou se é uma participação crítica, consciente e que atinge os reais centros de decisão. É, sem dúvida, entretanto, um dado muito significativo essa disponibilidade de se correr o risco, sempre salutar, de se reconhecer o direito do povo de participar na solução dos seus problemas.

b) Ambas as pastorais visam a uma intervenção na realidade social. Enquanto uma tenta apontar e localizar – ainda que de forma precária e simplista – as injustiças sociais na forma de estruturação da comunidade,



a outra tende a uma ótica individualista, vê os males da sociedade como resultado do pecado individual. A dimensão socioeconômica está presente na mensagem católica, dando-se ênfase ao seu relacionamento com a prática evangélica, sendo que a ação pentecostal é essencialmente espiritualista e individualista, não dando destaque aos fatores estruturais.

c) Também na opção pelos pobres observa-se uma perspectiva diversa. Para a pastoral católica ela é fruto de uma opção deliberada, ainda que nem sempre profundamente discutida e elaborada, tomando-se como fundamental, entretanto, a idéia de que a participação popular é importante para se conseguirem as mudanças sociais. Nos grupos pentecostais, a adesão popular se faz por um tipo de proposta. Privilegiam-se os elementos emocionais e prometem-se soluções para necessidades imediatas e vitais das camadas pobres. As soluções prometidas apresentam-se como rápidas e eficazes com a utilização quase sempre de recursos extra-sociais, e encontram espaço aberto para a sua receptividade e implantação, dada a situação carente das camadas populares.

d) Com referência à interpretação do Evangelho também vamos encontrar significativas diferenças. Nas Comunidades Eclesiais de Base ele vai ser visto como o marco de referência da fé para uma ação libertadora, que libertando todos e servindo de base para denúncia de situações injustas atende às necessidades de cada um, no momento em que atinge a todos. Passa a ter um sentido muito concreto, também para o “aqui e agora” e não somente para o “além e depois”. Não dissocia a vida das pessoas. Como essas comunidades estão na sua maioria na zona rural, aparece o Evangelho ligado às questões muito concretas como a posse da terra, a opressão policial, a falta de salários, a pobreza. Nos grupos pentecostais, o Evangelho é interpretado maiormente numa perspectiva individualista e espiritualista. O tema básico é a conversão das almas e a busca maior é a obtenção dos dons espirituais. Através deles encontra-se o poder para a solução de problemas materiais, tais como a cura de doenças, as dificuldades como o emprego e os desajustes familiares.

e) A preocupação da análise da realidade que aparece de forma incipiente nas Comunidades Eclesiais de Base não constitui problema para os pentecostais,

já que está arraigado o conceito de “que o mundo está sob o domínio do maligno e que será libertado por Jesus na sua segunda vinda”.

Olhando as duas modalidades de ação pastoral no seu conjunto, ressaltando-se ainda uma vez mais a dificuldade de se fazerem generalizações na análise de fenômenos tão complexos e a limitação que o uso de uma metodologia tipológica produza, poder-se-iam extrair algumas hipóteses. Frente a um processo de mudança social, o sentido da ação pastoral das comunidades pentecostais constitui-se, na maioria dos casos, em motivo de afastamento das camadas populares em assumir uma participação mais direta nos movimentos de luta pela busca de melhores condições sociais. Colocando a problemática da sociedade em termos de pecados pessoais e questões morais, e buscando as soluções desses problemas em forças extra-sociais, elas podem ser motivo de alienação e retardamento de uma participação popular conjunta e crítica no processo político-social. Entretanto, em alguns casos, como são forte motivação de mobilização popular, podem vir a se constituir com uma dependência ainda muito estreita de sua liderança, em grupos aliados do povo no seu longo, sofrido e demorado caminho de libertação.

As Comunidades Eclesiais de Base, com uma visão mais estrutural da realidade, com interpretação da ação evangélica com um sentido mais comunitário, com atenção voltada para o não-fechamento em torno de si mesmo, com nítida preocupação de ampliar a pastoral para seus aspectos sociopolítico-econômicos, tem entretanto apresentado melhores condições de colaborar na aceleração dos processos de mudança social onde a participação popular seja considerada como elemento indispensável e decisivo.



## *Há outros companheiros nesta caminhada\**

A presença e o envolvimento das Comunidades Eclesiais de Base, seja na vida da Igreja, seja na realidade social do Brasil, são indiscutíveis. Também indiscutível é que essa presença e envolvimento crescem e se aprofundam cada vez mais. Entretanto, à medida que cresce e se aprofunda tal presença, se percebem novos marcos desse mesmo processo.

A temática e o nível de discussão observados no Quarto Encontro vão indicando um grau de compreensão da complexidade da conjuntura socio-política e econômica e uma sensibilidade para as diversas facetas que impressionam os mais argutos pesquisadores e desapontam aqueles, na Igreja e fora dela, que veem nas CEBs um ajuntamento de ingênuos e incautos que podem servir facilmente de massa de manobra para qualquer grupo político. Essa última posição, que determinada imprensa tanto explora, denota pelo menos duas coisas: um amplo desconhecimento da caminhada das CEBs e uma clara posição elitista e paternalista de que o povo não sabe dos perigos que corre quando se compromete numa luta social, e que, portanto, precisa de “protetores sábios e entendidos”.

Aqueles que têm acompanhado de perto os quatro grandes acontecimentos que foram os encontros intereclesiais notaram, com facilidade, o avanço que se tem feito e as estacas que foram sendo fincadas. Ninguém pode mais duvidar da forte e simples definição eclesial que as CEBs possuem sem complicações desnecessárias. As CEBs se afirmam no discurso e na prática, coerentemente, como expressões da Igreja. Está marcado também, de forma inconfundível, que a força do seu projeto de ação é inspirada no evangelho de Jesus, com todas as implicações e riscos que o desafio do

---

\* Reflexões sobre o Quarto Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base em Canindé, Ceará, 1983.

Reino de Deus apresenta. Está claro, ainda, que a presença da hierarquia da Igreja é sempre bem-vinda para o povo, à proporção que se comprometa cada vez mais com os seus problemas e se identifique com a sua luta. As CEBs não são um movimento de rebeldia ou de oposição à Igreja ou a seus pastores. A sua visão é mais ampla e profunda – volta-se contra uma ordem social injusta e pecaminosa, contra aqueles que a sustentam, e se propõe a colaborar na construção de uma sociedade na qual os sinais do Reino se tornem mais visíveis. Também, uma inicial e justa desconfiança para com aqueles que, não pertencendo existencialmente aos setores populares, a eles se aliam na luta, vai sendo ultrapassada, à medida que as CEBs se solidificam e o povo vai ganhando mais confiança na sua própria organização e na sua interpretação da realidade social.

Nesse Quarto Encontro novos elementos foram indicando maiores perspectivas das atividades das CEBs. Queremos, apenas, ressaltar alguns, os quais denotam que se ampliou a sua compreensão do processo em que estão envolvidas.

### *1. Relacionamento com outros grupos populares*

Por motivos históricos, durante os últimos anos a Igreja foi um local privilegiado onde os setores populares se reuniam e se organizavam. Outras formas de expressão popular, mais densas e combativas, haviam sido caladas pela repressão, temporariamente. Mas o processo social tem maior dinamismo do que muitas vezes se pensa, e a sabedoria e as necessidades do povo encontram formas organizatórias novas, que se tornam evidentes quando menos se espera. Assim aconteceu no Brasil, nos últimos três anos. Quando muitos pensavam que as organizações populares estavam sob seguro controle ou liquidadas, eis que surgem, como cogumelos, em todos os pontos do País. Movimentos de bairro, comissões de fábrica, lutas reivindicatórias no campo e na cidade, oposições sindicais, trabalhos coletivos e um sem-número de expressões populares vão surpreender aqueles que desconfiam do povo e não acreditam na sua sabedoria. Com o desenvolvimento desses grupos populares, a perspectiva política foi-se tornando mais transparente e as propostas partidárias se tornaram presentes.

Neste momento, as CEBs se deparam com uma nova questão. Agora não são mais como que exclusivas no campo da participação e da organização popular; aparecem novos grupos, não-eclesiais, comprometidos no mesmo processo de luta. Como encarar essa nova conjuntura social?

Para algumas CEBs, não foi um passo tão fácil. Houve certa perplexidade e desconfiança; afinal, poderiam ser “concorrentes” que estavam disputando o mesmo espaço social. Muitas dessas iniciativas haviam germinado dentro das próprias CEBs e agora requeriam autonomia e asas próprias.

As discussões do Quarto Encontro enfrentaram essa nova temática, que foi colocada de forma desafiadora para as CEBs nestes últimos três anos. E as questões eram: Como se relacionar numa atitude de colaboração, apoio e serviço com as organizações populares nos bairros, no trabalho e na política? Como manter com elas uma atitude positiva e crítica, aberta e firme, identificando-se com a luta sem perder sua identidade própria?

Os debates e as experiências concretas demonstraram maturidade impressionante, como o reconhecimento de que no processo social existem atores diversos; de que o povo não tem uma receita única de forma de organização; de que há campos especiais de atividade (bairro, trabalho, partido político, etc); de que devem se completar na busca do alvo maior que é o projeto de uma nova sociedade. Observou-se, também, que a relação fé e política se faz de forma concreta e natural entre o povo, que possui uma forma de pensar mais totalizante e menos dividida do que muitos agentes de pastoral. É certo que a questão partidária ainda necessita de mais discussão e experiência para ser mais bem aceita, levando-se em conta toda uma trajetória secular de deturpação que os partidos políticos tiveram na história do Brasil.

Uma constatação foi unânime: há outros companheiros nessa caminhada de libertação e com eles teremos de andar juntos.

## *2. Não somos únicos, nem temos o monopólio da caminhada*

Outro passo avante foi o reconhecimento de que as CEBs, por mais fortes e numerosas que sejam, e a própria Igreja, por mais comprometida e consciente que possa estar da luta dos setores populares, não têm o direito de, por si mesmas, se arvorarem como condutoras do processo político. A ideia de um partido político das CEBs não tinha nenhum sentido e um projeto político cristão não conseguia eco. O importante era apoiar e incentivar a organização autônoma dos trabalhadores, com todas as suas nuances e questionamentos, para que eles mesmos viessem a construir seu projeto político. Os componentes das CEBs estariam presentes nas lutas, como cristãos sim, mas como membros da classe trabalhadora, lado a lado com seus companheiros.

As CEBs, pela sua força, pela sua presença em todo o território nacional, não reivindicariam para si, como um bloco (que na verdade não são), a hegemonia das lutas populares. Não estariam fora delas, mas participariam dos movimentos populares de forma consciente, crítica e democrática. Muitos dos seus integrantes ocupam cargos de liderança em outras organizações populares (sindicatos, associações de moradores, partidos, etc) e lá estariam na condição de trabalhadores, comprometidos com a luta do seu povo e da sua classe.

Esse passo adiante indica outra conquista: a consciência de que os membros das CEBs são companheiros de caminhada e não pretendem ter o monopólio do processo de libertação. O fruto da unidade é o processo popular e os passos são marcados pelas suas conquistas.

### *3. Há outros cristãos também no caminho*

Outra atitude de maturidade no Quarto Encontro foi o reconhecimento de que há outros grupos cristãos na mesma estrada. Em muitos depoimentos apareceu a referência de que alguns evangélicos (infelizmente não muitos) também estavam na jornada. Reconheciam o crescimento das chamadas igrejas pentecostais nas periferias das cidades e nas áreas rurais e alguns trabalhos conjuntos com certas igrejas protestantes históricas (metodistas, luteranas, etc), mas considerava-se ainda a aproximação e a colaboração com eles de muita debilidade.

As questões se colocavam de forma simples e clara: o Cristo, Senhor e Salvador era o mesmo; a Bíblia, que tanta força e inspiração fornece, não é propriedade privada de nenhum grupo; as necessidades concretas da vida são as mesmas; então, por que não um esforço mais ecumênico?

Certamente um ecumenismo que ultrapasse as relações formais entre as igrejas, que não seja algo que venha programado de cima para baixo, que não se restrinja a reuniões solenes das hierarquias, mas que seja o encontro de todos aqueles que lutam pela justiça e pela paz.

A constatação era fácil e cristalina. Os problemas que atingem o povo são na essência ecumênicos – fome, desemprego, injustiças, doenças, falta de condução, etc –, não excluem os que professam determinada fé ou ideologia política. Nas lutas concretas, nas greves, nas reivindicações dos bairros, o povo se encontra e se une. Fazem um verdadeiro ecumenismo.

As CEBs começam a refletir o papel que lhes cabe no movimento ecumênico. O avanço na compreensão do Evangelho aumenta a sua res-

ponsabilidade para com os outros grupos de cristãos. É delas que deve partir a iniciativa de aproximação, como grupo majoritário e mais rico de experiências. O seu isolamento ou mesmo rechaço a outros movimentos, como o das igrejas evangélicas, podem retardar o processo popular – e isso é uma negação da sua proposta de libertação.

Uma preocupação constante e uma sensibilidade maior se fizeram sentir no Quarto Encontro: Onde estão os nossos irmãos evangélicos? Por que tão poucos nesse acontecimento tão rico de espiritualidade e fé? O que nos está desunindo e como derrubar o muro da separação que criaram entre nós? Será que não temos percebido que algumas de nossas atitudes podem ter contribuído para aumentar as distâncias e não para unir os esforços? Estas questões apareceram nos grupos, ficaram no plenário, mas não chegaram a um aprofundamento maior. Afloraram, incomodaram a muitos e todos verificaram, na prática, que também há outros cristãos nessa caminhada e que isso tem que ser reconhecido.

O Quarto Encontro foi na realidade uma festa pentecostal, uma celebração rica do Espírito Santo, que agiu com liberdade e intensamente, quebrando barreiras, ampliando visões, enchendo os corações de esperança e selando compromissos irreversíveis de uma igreja que é povo, povo que se junta ao povo, que se organiza para um projeto de libertação tal que una todos aqueles que lutam pela justiça na construção de um homem novo, de um mundo novo.





## *O papel dos “malditos da terra”\**

Vivemos, sem dúvida, dias muito desafiantes. Em todas as conversas, no noticiário dos poderosos meios de comunicação social, nas famílias, escolas e igrejas comenta-se, preocupadamente, a profunda crise social que atravessamos. Mas crise não é, necessariamente, algo negativo. Pode significar, realmente, uma encruzilhada. Um momento em que se precisa tomar uma decisão. Fazer opções. Construir uma nova síntese. Iniciar um novo processo. E isso não é fácil.

As crises questionam, muitas vezes, certos valores já adquiridos, sedimentados, interiorizados. Colocam em discussão algumas legitimidades. A que atualmente vivemos apresenta, entretanto, certas singularidades. Nos grandes momentos críticos da história a agenda das discussões, a faceta indicadora dos questionamentos sempre foi colocada pelos povos dos países mais ricos e poderosos do mundo. Isso ocorreu, por exemplo, na Reforma Protestante, na Revolução Francesa e no surto industrial da Europa.

No atual momento histórico temos, contudo, um quadro diferente. São os países pobres, “os malditos da terra” – para usar uma expressão de Frantz Fanon –, as pequenas “republiquetas de bananas” que estão desafiando valores e conceitos já tidos como conquistados e, de certa forma, impostos pelos setores dominantes dos países chamados desenvolvidos. O que está causando perplexidade é que esse questionamento oriundo dos pequenos está atingindo profundamente a sociedade global. Vai ao cerne das questões. E apresenta também aspectos muito inovadores.

Grande parte das propostas totais da sociedade, tanto no campo social, político e econômico quanto no eclesial, parecem estar sofrendo questionamentos muito profundos posto que não correspondem mais às exigências

---

\* *Revista do Centro de Elaboração de Material da IECLB, São Leopoldo, Ano VIII, No 1, 1986 (Ano Internacional da Paz).*

das novas situações. Trabalha-se na construção de outras alternativas mais significativas. E naturalmente essas tentativas vão se constituir em elementos geradores de crise para o que já está estabelecido. Velhas formas resistem, enquanto podem, ao surgimento de novas ideias. E lutam, tenazmente, para conservar suas posições, usando de todos os instrumentos que estejam ao alcance, mesmo aqueles que, por questões de princípio, condenavam claramente.

Não é, porventura, a isso que estamos assistindo, estarecidos e revoltados nos dias atuais? Vejamos no campo dos modelos de sociedade. Uma grande questão aos países ricos está sendo colocada pela Nicarágua. Um pequeno país, de menos de 3 milhões de habitantes, com 50% da população abaixo dos 15 anos, produtor de banana, café e algodão, pobre e pequenino, constitui-se em ameaça ao grande império do mundo de hoje, os Estados Unidos da América do Norte. A administração Reagan considera-a como uma real ameaça ao seu país e, quebrando todos os sedimentados conceitos do Direito Internacional, toma medidas arbitrárias e violentas que produzem revoltas e espanto em todos aqueles que ainda acreditam na justiça e na paz. Mas, por que a Nicarágua é ameaça ao gigante do Norte? Simplesmente porque representa e indica uma alternativa aos grandes modelos políticos do mundo de hoje. E isso a coloca como o elemento central da chamada crise centro-americana.

E se esse modelo for bem-sucedido? E se o planejamento econômico norteado pela lógica das majorias der resultado positivo, resolvendo os problemas básicos da população? E se possibilitar a construção de uma verdadeira democracia, que não se caracterize somente por eleições diretas mas proporcione plena participação popular e venha a se constituir em uma sociedade aberta, pluralista e democrática? Como deixar de ter êxito um modelo independente, que não esteja sujeito às normas, determinações e jugo dos grandes interesses do poderoso vizinho do norte? Naturalmente, essa alternativa passa a ser vista como ameaça, como estímulo a outras possibilidades, e na visão dos dominadores precisa ser derrotada urgentemente. Para isso, todos os recursos passam a ser considerados como válidos.

No campo eclesial, fenômeno semelhante também ganha força. E, coincidentemente, também tem origem no Terceiro Mundo. Nos últimos vinte anos vão surgindo ênfases distintas na prática pastoral, com novas formas de ser Igreja. E essa caminhada das Igrejas vai exigindo, concomitantemente, novo pensar teológico, nova exegese bíblica. Começa então a ganhar corpo

e consistência o que se denomina Teologia da Libertação. Não constitui um produto acabado, pronto para ser consumido; antes, caracteriza-se por ser processo dinâmico de reflexão teológica da prática e dos questionamentos de uma igreja comprometida com o Evangelho e com os pobres. Não foi uma teologia elaborada nas grandes bibliotecas e academias de afamados centros teológicos dos países ricos. Não possui, possivelmente, o clássico rigor científico aprofundado conhecimento linguístico. É fruto da experiência dos pobres das igrejas dos países subdesenvolvidos. O seu centro mais poderoso localiza-se na América Latina.

Essa alternativa teológica e essa nova forma de Igreja amedrontam as estabelecidas e seculares estruturas do Vaticano. Tamanha ousadia desses pobres e ignorantes campos eclesiásticos não pode ser tolerada. Deve ser tratada com rigor e com atos de poder. Essas vozes insólitas devem ser caladas. Precisa-se abortar, com rigor e rapidez, o surgimento dessa alternativa. E mais uma vez aqueles que amam a paz e a justiça observam estarrecidos uma ofensiva de violência e autoritarismo contra aqueles que procuram viver e refletir as situações concretas do seu povo, dentro de uma perspectiva evangélica e motivados pelo seu compromisso com o Cristo.

Ainda no campo eclesial, desafiando as tradicionais igrejas evangélicas, vemos o aparecimento de um forte protestantismo eminentemente popular. Nas periferias das cidades, nas favelas e mocambos, nos pontos de ruas das mais pobres zonas rurais, surgem, como cogumelos, as mais variadas formas de igrejas chamadas pentecostais. Todas com presença majoritária das camadas mais pobres de nossa população. Seus pastores não têm instrução acadêmica, sua liturgia é desordenada e barulhenta, seus hinos ferem os finos ouvidos, tanto na métrica como na música, o culto é demorado e sem ordem, e as interpretações bíblicas fazem corar qualquer exegeta medianamente preparado. Há também, sem dúvida, alguns aproveitadores que iludem a fé desse povo simples para sua própria promoção, auferindo, inclusive, lucros materiais. Mas por que o nosso povo pobre aceita sua mensagem e estilo de trabalho? Não é possível desconhecer esse fenômeno, nem depreciá-lo, estigmatizando-o como sendo de seitas inferiores e desprezíveis. Estas, no fundo, questionam velhas fórmulas acabadas, sabedorias sedimentadas e apontam para a necessidade da busca de elementos novos no campo do protestantismo. Sem dúvida, estão causando desconforto para estruturas que tiveram amplo significado em determinado momento histórico e sob situações conjunturais diversas. O espírito da Reforma está

exigindo novos momentos para as igrejas protestantes e abertura para se entenderem novas propostas.

No campo político também notam-se novos aspectos característicos da crise que vivemos. Hoje não se concebe mais o poder como fruto do acordo entre elites privilegiadas. Entra em cena novo protagonista: os movimentos populares. Levanta sua cabeça e sua voz. Sem pedir licença começa a conquistar espaços e direito de interferir nas grandes questões da sociedade. E os poderosos não sabem o que fazer com esse intrigante personagem. Sempre estiveram acostumados a resolver os problemas a partir de sua ótica. Como compartilhar e até se sujeitar a um novo poder que vai tomando força e coragem, que tem outros interesses e outra visão de mundo? Não é possível para nenhum analista político pensar em uma nova sociedade sem levar em conta a participação popular em todos os níveis de decisão. É ingrediente novo que está influenciando nas sociedades de hoje e até mesmo nas nossas igrejas. Temos que confessar que ainda não sabemos trabalhar com essa nova alternativa. Ela questiona profundamente nossas estruturas, nosso conceito de poder e de sabedoria e vai, naturalmente, produzir crises e questionamentos. Mais uma vez, a origem da crise e a pauta das questões vão situar-se nos países e nos povos subdesenvolvidos.

Poderíamos ir refletindo e apresentando outros exemplos dessa crise que desafia a tradicional ética cristã. A limitação deste artigo não nos permite aprofundar mais o tema. Cremos que as pistas indicadas nos dão ideia da singularidade e profundidade do momento que vivemos. Quando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil escolheu o lema “Por Jesus Cristo, paz e justiça”, ela teve a sensibilidade para as características da crise que vivemos. Partindo da perspectiva do Cristo, como poderíamos entender a paz? Certamente ela não se conservaria apenas quando os “poderosos” da terra assinassem, em Genebra, tratado de uso das armas atômicas. Nem ainda quando os governos fortes fizeram acordo sobre suas zonas de influência. Nem mesmo quando, no mundo, as chamadas guerras convencionais deixassem de ter cara pública. Para nós, os cristãos, a paz é algo muito mais profundo e duradouro. Vai ao fundo das relações entre os homens e com Deus. Lembremos a expressão do apóstolo Paulo aos Efésios quando afirma: “Ele (Jesus Cristo) é nossa paz”, pois foi capaz de derrubar o muro da separação entre os homens. Aí se está construindo uma paz verdadeira. Fica a pergunta: Como estamos cooperando com Ele nesse plano de paz? Aumentando os muros de separação que já são fortes

e poderosos em nossa sociedade, com as barreiras de classes sociais, cor, sexo, raça e religião, ou lutando por uma sociedade mais igualitária, fraterna e democrática? Temos tido coragem de entrar nessa luta, que assume formas muito concretas no nosso viver diário, em nosso Brasil? A busca da verdadeira paz, aquela que o Senhor nos ensinou, nos vai colocar no centro da crise dos nossos dias. E, como indivíduos e como Igreja, não podemos nos omitir a esse chamado.

Mas a paz não pode existir sem a prática da justiça. É dissociação impensável. Nunca seria a paz de Jesus Cristo. Também a justiça está exigindo um aprofundamento maior em nossos dias e em nossa terra. Ela não se manifestará somente com o aperfeiçoamento das normas jurídicas ou com a elaboração de uma nova constituição. Não poderá se resumir às relações individuais, terá de enfrentar a forma de estruturação da sociedade. E nada é mais injusto do que as relações sociais estabelecidas no Brasil. A comprovação dessa afirmativa está ao alcance dos nossos olhos, no campo e na cidade. Mas, para nós os cristãos, a justiça está intimamente ligada à construção do Reino de Deus. E Jesus foi muito claro nesse ponto. Basta recordar duas proposições básicas: “Buscai, primeiramente, o Reino de Deus e sua justiça” e “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus...”. Esses mandamentos se constituem em permanentes e atualizadíssimos desafios para as igrejas no Brasil. Respondendo-os, como se propõem, as igrejas luteranas estarão sendo, mais uma vez, fiéis ao chamado daquele que veio trazer a paz com justiça.



## *A marcha silenciosa dos pobres em busca de trabalho: migrações na América Latina e a participação da igreja\**

Os deslocamentos populacionais constituem um fenômeno de extraordinária importância na atual conjuntura da América Latina. Efetuados de forma massiva e desordenada, são indicadores da situação socioeconômica do Continente. Podem ser observados, em maior ou menor escala, em todas as regiões, apresentando algumas características semelhantes e certas variações, em virtude de diversidade cultural de sua população e da própria formação social concreta onde se situam.

As migrações são elementos denunciadores da necessidade de um processo global de mudança social e não podem ser separados para sua compreensão dos aspectos históricos e estruturais presentes na formação dos países latino-americanos.

Não são apenas deslocamentos ocasionais ou temporários; constituem-se em processo contínuo que já foi denominado como “a marcha silenciosa dos pobres em busca de trabalho”. A grande quantidade de pessoas que abandonam a sua comunidade na procura de melhores condições de vida faz com que o fenômeno se torne ainda mais complexo e exija soluções de caráter mais profundo e permanente, abrangendo diversos níveis de organização da sociedade.

As migrações na América Latina exigem, portanto, para sua compreensão, a perspectiva de análise que ultrapasse a simples descrição do fenômeno e que penetre nas suas verdadeiras causas.

Os reflexos das migrações fazem-se sentir de forma dramática e desumana, não só no campo como nas cidades. É carga de sofrimento difícil de ser imaginada e desafio permanente a governos, igrejas, grupos políticos, etc. a que tomem posição frente a problema social tão sério e urgente. Não

---

\* Publicado na revista *Migraciones*. Ginebra: Comisión Social para Migrantes (Cosomi), 1977.



serão, sem dúvida, suficientes as soluções de caráter assistencialista ou superficiais para enfrentar a problemática do desemprego e subemprego, da exploração da força de trabalho, da urbanização caótica com todas as suas conseqüências, da crescente marginalidade, etc., fatos intimamente relacionados com o fenômeno das migrações.

A complexidade do processo migratório e a magnitude de suas relações não devem se constituir, entretanto, em motivo para que igrejas e grupos ecumênicos se omitam no enfrentamento desse problema, ainda mais quando ele se refere a grandes setores populares da América Latina.

### *O estudo das migrações*

Uma revisão da bibliografia sobre migrações na América Latina vai mostrar o crescente interesse de órgãos de governo, universidades, centros de pesquisas, grupos religiosos, entidades internacionais, cientistas sociais em compreender de forma mais abrangente os deslocamentos populacionais.

Somente a Clacso – Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, num levantamento bibliográfico realizado em 1972, catalogou 1.556 estudos sobre migrações, sem falar de outros estudos iniciados após o levantamento efetuado (caso de alguns que estão se realizando atualmente no Brasil, Peru, Bolívia e México).

Na América Central destaca-se o programa de 4 anos de pesquisa: “População, desenvolvimento rural e migrações internas em Centroamérica”, parte do Programa Centroamericano de Ciências Sociais, que, terminando no corrente ano de 1977, está em condições de oferecer elementos muito concretos para compreensão do fenômeno nos diversos países da América Central.

Uma revisão mais atenta desses estudos, no entanto, vai mostrar que partindo de perspectivas diferentes, e conseqüentemente privilegiando determinadas facetas do fenômeno, esses trabalhos vão apresentar conclusões distintas e interpretações de maior ou menor grau de abrangência.

Algumas investigações abordam principalmente a questão da medição mais precisa das correntes migratórias, consistindo a tarefa mais árdua em refinar as técnicas estatísticas com intuito de isolar o fenômeno para melhor descrevê-lo. Para tanto são usados censos demográficos ou são elaboradas pesquisas especializadas, que por sua vez podem ser tantas quantos os interesses distintos existentes entre os investigadores.

Outros estudos se situam ao nível da explicação psicossocial e têm como objetivo descobrir no nível psicológico e conjunto de motivos que operam na decisão de migrar, de forma consciente ou inconsciente.

Numerosos trabalhos abordam as migrações dentro de um quadro mais amplo, privilegiando o estudo da transformação da força do trabalho e relacionando os deslocamentos populacionais com as modificações das características do sistema produtivo.

Alguns desses estudos se definem pelo enfoque histórico-estrutural e discutem o problema dentro da formação do sistema capitalista da América Latina, dependente e atrasado, sendo os movimentos migratórios uma das conseqüências da própria forma de estruturação da sociedade.

### *Desafio das migrações*

O desafio das migrações, a revelação da forma tão evidente da sua faceta de sofrimentos e injustiças, tem obrigado alguns setores da sociedade a se envolverem com a problemática. Observa-se quase sempre que, embora algumas vezes sejam esforços motivados por intenções humanitárias, falta a muitos desses projetos uma visão mais profunda do fenômeno com que estão envolvidos.

Poderíamos citar, como exemplo, a tentativa de estabelecimento de uma política migratória por parte de alguns governos latino-americanos que tem dado ênfase ao assistencialismo e principalmente ao aproveitamento dessa mão-de-obra barata disponível no processo de produção econômica, cujos frutos maiores não estão dirigidos aos trabalhadores; ou simplesmente um enfoque antinatalista nos programas populacionais, influenciados por grupos e interesses estrangeiros que, esquecendo-se totalmente dos aspectos fundamentais do problema, vêm no alto índice da natalidade as causas fundamentais do subdesenvolvimento.

Além disso, observam-se outras formas de atuação, na maioria de origem governamental, como a criação de hospedarias de migrantes ou construções de albergues, que, por não estarem dentro de uma compreensão mais adequada do fenômeno, acabam se reduzindo também a meras práticas assistencialistas.

Por outro lado, há outras expressões de serviço nesse campo, que apesar de conscientes de que não terão condições de equacionar o problema na sua totalidade, encaminham a sua prática no sentido de possibilitar a formação da consciência do migrante, mostrando as razões maiores de sua situação,

assim como os direitos que devem reivindicar. Poderíamos indicar como exemplo os projetos do “Serviço de Integração do Migrante” – SIM, em Feira de Santana, Bahia, Brasil, o trabalho com “los espaldas mojadas” na cidade de Juarez, México, o trabalho com migrantes paraguaios na Argentina, o serviço de assistência jurídica ao camponês, em Guayaquil, Equador, e pouco mais.

Resumindo, constata-se que a complexidade e o vulto do problema fazem com que as expressões de serviço sejam apenas sinais da presença de forças da sociedade interessadas em atuar no processo migratório, com intenções as mais diversas e quase sempre sem uma clara compreensão, não só do significado do próprio processo, mas como do próprio trabalho que executam.

### *A presença da Igreja*

Em muitos países da América Latina a Igreja nos últimos anos tem se constituído numa das raras vozes a favor dos oprimidos e injustiçados. Setores da Igreja têm tido a coragem, às vezes com risco da própria vida de seus membros, de denunciar as injustas estruturas da sociedade, suas diversas formas de exploração e reivindicam estruturas políticas mais democráticas, expressões legítimas dos anseios populares.

Em geral, as atitudes assumidas por alguns setores da Igreja são de caráter imediatista e dentro de uma perspectiva assistencialista. Isto se dá, principalmente, por duas razões: em primeiro lugar pela posição oficial da instituição eclesiástica como tal e, num segundo momento, em função da visão pouco adequada que, mesmo os setores avançados, tem da problemática, isto é: sabe-se da existência do problema, mas tanto a informação como as atitudes exercidas não representam uma posição plenamente consciente do fenômeno.

Há problemas na América Latina, como o dos direitos humanos, a falta de liberdade, a superexploração do trabalhador, as condições de violência e sofrimento com que as migrações se fazem, que obrigam a Igreja a tomar posição frente a essas situações concretas tão desafiantes. Ainda mais a magnitude dos problemas torna insignificantes os pronunciamentos e as presenças isoladas de grupos eclesiásticos – somente a expressão ecumênica toma sentido. E não há como escapar a tais desafios – ou é a omissão, tomando assim o lado das forças de exploração ou é o compromisso muitas vezes tímido, com os que são vítimas das estruturas de dominação existentes.

Também no campo das migrações, segundo a perspectiva de alguns de seus setores, a Igreja não pode deixar de se comprometer. Não que ela tenha condições de resolver ou mesmo equacionar a problemática migratória. Esta ultrapassa seu poder e sua competência. Considera-se, entretanto, que essas condições não são justificativas suficientes para que a Igreja não se envolva nesse processo social e na denúncia de suas causas e conseqüências.

O problema das migrações atinge principalmente as camadas populares, com as quais a Igreja deve manter seu principal compromisso. Por imposições bíblico-teológicas, onde está o injustiçado, o trabalhador explorado, o indígena expulso de sua terra, as crianças famintas e as mães desnutridas – expressões que podem ser visualizadas no migrante da América Latina – aí terão que estar a voz e a presença da Igreja.

Há um trabalho muito grande a ser feito nesse campo – desde uma compreensão mais correta do fenômeno, a construção de canais de informação e denúncia, a formação de quadros de agentes de pastoral, até a inserção concreta da Igreja em projetos de trabalho de base, que não se constituam expressões isoladas, mas que, numa ação coordenada, signifiquem sinais de solidariedade aos migrantes.

### *Um programa básico para as Igrejas*

No processo de construção de uma sociedade mais justa é necessário incentivar, assessorar e possibilitar a participação da Igreja e grupos ecumênicos no processo migratório da América Latina, com presença nos diversos níveis em que se situa a problemática.

- a) Como decorrência do objetivo central o programa se propõe a colaborar para uma mais completa interpretação do processo, para divulgação de suas causas e conseqüências, para denunciar as condições em que as migrações se efetuam e para demonstrar possibilidades concretas de atuação. Desta forma o programa extrapola o âmbito das Igrejas e grupos ecumênicos e passa também a ser uma significativa contribuição a outros setores da sociedade, inclusive os governamentais, para um melhor equacionamento do problema.
- b) E ainda, o que é mais importante, o programa também objetiva proporcionar condições para que os próprios migrantes tomem consciência do processo em que estão envolvidos e que participem ativamente na busca de sua solução.

### *Conhecimento teórico do fenômeno*

Esses objetivos podem ser assim desdobrados:

- a) Recolher, analisar e avaliar os estudos e pesquisas sobre migrações já efetuados na América Latina, com o intuito de verificar as diversas perspectivas com que o fenômeno é abordado.
- b) Apresentar interpretação do fenômeno da migração na América Latina, de forma que possa ser entendido em todas as suas implicações, destinada essa interpretação primordialmente às Igrejas e grupos ecumênicos, usando para isso determinados trabalhos científicos já existentes e complementando-os quando necessário.
- c) Criar canais para fazer chegar periodicamente ao conhecimento dos grupos ecumênicos e liderança das Igrejas os estudos mais significativos já elaborados no campo das migrações, a fim de lhes possibilitar um conhecimento teórico que possa servir de subsídio para a ação.
- d) Oferecer instrumental de análise de realidade social, principalmente aquele onde o fenômeno migratório se faz sentir mais fortemente para que possa ser compreendido numa perspectiva de totalidade, evitando-se interpretações simplistas e superficiais.
- e) Estimular a reflexão bíblico-teológica sobre as migrações, com o intuito de fundamentar no nível da fé as ações das Igrejas e dos grupos ecumênicos, colaborando para a elaboração ou aperfeiçoamento de uma “pastoral das migrações”.

### *Formação e informação = elementos pedagógicos*

- a) Traduzir para uma linguagem mais acessível aos agentes de pastoral, padres, pastores e participantes de projetos locais, os resultados das pesquisas e estudos mais importantes sobre as migrações na América Latina, divulgando-os para que possam ser aproveitados pelos diversos grupos comprometidos no fenômeno.
- b) Nível pedagógico ou informativo. Excelentes oportunidades de serviço abrem-se nesse setor de trabalho. É impressionante a falta de informação que os grupos ecumênicos e a Igreja demonstram sobre o problema migratório.

Os estudos e pesquisas, quer pela sua linguagem, quer pela sua circulação restrita, não atingem a todos os que deveriam se preocupar com a problemática migratória. Há uma barreira que precisa ser quebrada entre o trabalho intelectual e a prática concreta a que ele se refere.

Os próprios cientistas que têm estudado o fenômeno migratório indicam de forma enfática a necessidade que encontram de divulgar as conclusões a que têm chegado. Estudos interessantes ficam empilhados nos arquivos das Universidades onde uns poucos tomam conhecimento de sua existência. O programa que está sendo proposto pode se constituir num canal de aproveitamento desse labor científico e ainda se encarregar da divulgação de fatos concretos relacionados com o fenômeno migratório.

A prática tem demonstrado que pesquisas e estudos muitas vezes importantes e bem feitos não são totalmente aproveitados, devido não só à falta de comunicação de sua existência, mas ainda por estarem redigidos de tal forma que só uma pequena parcela de estudiosos, em geral exclusivamente ligados à vida acadêmica, podem deles se utilizar. A prática teórica deixa assim de atingir sua finalidade, pois devendo ser reflexo de ações concretas, não estabelece, nesse caso, canais de retorno dessas elaborações aos próprios participantes dos processos que serviram de base ao seu trabalho científico.

Há necessidade de “popularizar” o saber científico, num esforço que deixe de ser apenas um “saber-conhecimento”, de domínio de poucos, e venha a se transformar em um “saber-instrumento” que possa ser apropriado por muitos.

- a) Apresentar às Igrejas, grupos ecumênicos e outros setores da sociedade, periodicamente, fatos concretos relacionados com o fenômeno migratório, retirados da imprensa diária ou de outros canais de comunicação social, com o intuito de ir formando uma consciência crítica sobre as suas verdadeiras causas e contribuindo para denunciar as injustiças que neles se representam.
- b) Divulgar constantemente, de forma clara e de fácil compreensão, os novos aspectos e condições que o fenômeno migratório vai apresentando, assim como a interpretação da política migratória que vem sendo elaborada nos diversos países da América Latina.
- c) Divulgar experiências concretas de trabalho no campo migratório, com o intuito de proporcionar intercâmbio entre seus agentes e estimular a elaboração de novos projetos de base.
- d) Incentivar as Assembléias Episcopais e Concílios de Igrejas para que estudem o fenômeno migratório, oferecendo para tanto material informativo, elementos de interpretação do fenômeno, sempre com o cuidado

de que esse material seja apresentado de maneira didática e de fácil compreensão.

- e) Estimular a elaboração e distribuir estudos bíblicos e reflexões teológicas particularmente relacionadas com o processo migratório latino-americano.
- f) Manter intercâmbio com programas semelhantes que estejam sendo executados em outros continentes.

### *Projetos concretos de trabalho*

- a) Estimular a criação, através dos grupos ecumênicos das Igrejas, de projetos concretos de trabalho no campo das migrações, fundamentados numa perspectiva de interpretação estrutural do fenômeno e nos dados da realidade social onde vão se implantar. Esses projetos devem levar também em conta as experiências já existentes, avaliá-las, a fim de tornar mais eficaz a sua prática.
- b) Assessorar os referidos projetos para que possam cumprir a sua finalidade e tornarem-se os instrumentos de formação de consciência das camadas populares.
- c) Possibilitar o intercâmbio entre os diversos projetos da nossa região, com o intuito de aprofundar as experiências e ampliar a compreensão do serviço. Isto pode evitar o isolamento dos projetos e coloca-os dentro de marcos referenciais mais amplos que o programa venha a adotar.
- d) Criar cursos de formação de agentes de pastoral, dirigentes e participantes de projetos que atuem ou venham a atuar no campo migratório, com os objetivos de proporcionar acesso a instrumental científico de análise do fenômeno, de busca e aperfeiçoamento de métodos de trabalho que tornem mais eficientes seus projetos de ação.





Este livro foi impresso pela  
Editora Oikos

Titagem de 500 exemplares

Capa impressa em cartão  
supremos 250g/m<sup>2</sup> e miolo  
em papel pólen 80g/m<sup>2</sup>

Tipos utilizados  
Sabon e Boton

Impresso em março de 2010

Jether, amigo querido: Voc se lembra...?

Ah! Esse verbo lembrar... É com ele que a amizade se faz. Os amigos são aqueles que tm memórias a compartilhar. Jesus sabia disso. Tanto assim que, ao distribuir o pão e o vinho, disse que aquilo deveria ser feito em memória de mim.

A memória fi o lugar onde o tempo que se perdeu espera. Espera o qu? Espera ser trazido de novo  vida pela magia da lembrança. Lembrar fi viver de novo a vida que espera. Por isso a lembrança fi sempre acompanhada ou de riso ou de sorriso. É o espanto da ressurreição.

---

RUBEM ALVES

Não se pode pensar e escrever sobre Jether Ramalho e sua companheira inseparável Lucilia sem se lembrar de figuras bblicas. Tal fi a densidade da impregnação do espirito bblico em sua vida. V-lo falar e opinar sobre o curso do mundo e das Igrejas nos remete aos sábios do Primeiro Testamento. Mas fi na figura do ancilo sábio que ele nos faz pensar. O ancilo chegou  sabedoria não tanto pela idade mas pelo aprendizado que fez ao longo da vida, vida sempre filtrada pela Palavra da Revelação. Então se entende a força de convencimento e a irradiação que suas palavras ganham.

---

LEONARDO BOFF

De maneira concreta, penso no vifs que o ecumenismo conseguiu dar ao cristianismo e a outros movimentos religiosos. (...) O espirito ecumnico foi iluminando progressivamente as conscicias, levando-as a adotar atitudes que afirmam a importncia de os seres de nosso planeta se encontrarem, dialogarem e formarem comunidades nas quais, apesar de suas diferenças, seja possvel forjar relações que ajudem a sua convivcia e o seu entendimento.

---

JULIO DE SANTA ANA



Jether, amigo querido: Voc se lembra...?

Ah! Esse verbo lembrar... É com ele que a amizade se faz. Os amigos são aqueles que tm memórias a compartilhar. Jesus sabia disso. Tanto assim que, ao distribuir o pão e o vinho, disse que aquilo deveria ser feito em memória de mim.

A memória fi o lugar onde o tempo que se perdeu espera. Espera o qu? Espera ser trazido de novo  vida pela magia da lembrança. Lembrar fi viver de novo a vida que espera. Por isso a lembrança fi sempre acompanhada ou de riso ou de sorriso. É o espanto da ressurreio.

---

RUBEM ALVES

Não se pode pensar e escrever sobre Jether Ramalho e sua companheira inseparável Lucilia sem se lembrar de figuras bblicas. Tal fi a densidade da impregnao do espirito bblico em sua vida. V-lo falar e opinar sobre o curso do mundo e das Igrejas nos remete aos sábios do Primeiro Testamento. Mas fi na figura do anco sábio que ele nos faz pensar. O anco chegou  sabedoria não tanto pela idade mas pelo aprendizado que fez ao longo da vida, vida sempre filtrada pela Palavra da Revelao. Então se entende a força de convencimento e a irradiao que suas palavras ganham.

---

LEONARDO BOFF

De maneira concreta, penso no vifs que o ecumenismo conseguiu dar ao cristianismo e a outros movimentos religiosos. (...) O espirito ecumnico foi iluminando progressivamente as conscicias, levando-as a adotar atitudes que afirmam a importncia de os seres de nosso planeta se encontrarem, dialogarem e formarem comunidades nas quais, apesar de suas diferenças, seja possvel forjar relaes que ajudem a sua convivcia e o seu entendimento.

---

JULIO DE SANTA ANA

ISBN 978-65-5974-014-7

